STEVE CORBETT
BRIAN FIKKERT

PREFÁCIO DE
DAVID PLATT

COMO ENFRENTAR A POBREZA
SEM MACHUCAR
O POBRE... E A SI MESMO



Quando ajudar machuca

Ao longo de quinze anos, eu trabalhei ao lado de outros cristãos em esforços para efetivamente abordar a pobreza em nosso próprio país e no exterior. Posso honestamente relatar que *Quando ajudar machuca* é o melhor livro que já vi sobre esse tópico. Embora acessível para iniciantes, é rico com insights para veteranos também. Com sólida exegese bíblica, envolvendo histórias da linha de frente e conselhos práticos e descomplicados, Corbett e Fikkert oferecem a sabedoria desesperadamente necessária na igreja atual. O livro trará desconforto a muitos leitores: revela formas prejudiciais e antibíblicas realizadas por congregações para ajudar os pobres em suas comunidades locais e em missões de curto prazo no exterior. Mas rapidamente oferece esperança na forma de novas estratégias, plausíveis e viáveis, que compreendem melhor a dignidade e a promessa daqueles que se encontram materialmente pobres. Este livro merece o primeiro lugar na lista de leitura de todo cristão que quer seguir a Jesus de maneira genuína e mutuamente transformando o amor ao próximo.

- Amy L. Sherman, *Doutora, Membro Sênior e Diretora - Instituto Sagamore Centro de Fé em Comunidades; autora de Restorers of Hope*

Que oportunidade os evangélicos têm de fazer diferença em nosso mundo através da igreja, enquanto nos movemos mais profundamente no terceiro milênio! Corbett e Fikkert construíram sobre o crescente impulso do testemunho holístico que está abrangendo nosso país e globo. Dado seus trabalhos a nível nacional e internacional, tanto pessoalmente como através do *Chalmers Center*, Corbett e Fikkert são eminentemente qualificados e posicionados para motivar cidadãos do reino em uma jornada centrada em Cristo e abrangente, que pagará

enormes dividendos para pessoas empobrecidas e para cristãos em nosso mundo quebrado. Quando ajudar machuca vai ajudar os feridos - e a nós também.

- Dr. Ronald J. Sider, *Presidente - Evangélicos em Ação Social; Professor de Teologia - Ministério Holístico e Políticas Públicas; Seminário Teológico Palmers, autor de Rich Christians in Age of Hunger*

Desde as primeiras páginas, onde os autores prontamente e humildemente confessam como haviam “falhado” em seus próprios esforços para enfrentar a pobreza, até os últimos capítulos em que sua vasta experiência e sabedoria vinda das ruas são mostradas tão prestativamente, este é um livro que maravilhosamente combina o pensamento reflexivo com ferramentas práticas. Como jornalista, aprecio as habilidades narrativas e descritivas dos autores. Como um homem da igreja, aprecio o zelo para enraizar todas as estratégias na instituição que Deus tem ordenado trazer sobre seus objetivos. Nenhum doador deve investir mais um dólar em qualquer tipo de ajuda humanitária antes de digerir a última página deste importante livro.

- Joel Belz, *Fundador e escritor - World Magazine*

Steve Corbett e Brian Fikkert são zelosos para se certificar de que honremos o evangelho, não apenas em palavra, mas também em ação, cuidando “do menor destes”, como Cristo instruiu. Mas como pode uma igreja local fazer a diferença, e como cristãos podem individualmente refletir significativamente a graça de Cristo, quando as disparidades de riqueza e poder em nosso mundo são tão grandes? E como nós mostramos o cuidado material sem ser carregado em um evangelho social desprovido de prioridades espirituais? *Quando ajudar machuca* explora princípios bíblicos em

termos de situações da vida real, para oferecer uma ajuda autêntica e respostas cheias de graça para tais perguntas.

- Dr. Bryan Chapell, *Presidente - Seminário Teológico Covenant*

Corbett e Fikkert preenchem algumas lacunas importantes em nosso pensamento e ação sobre a pobreza como cristãos. Igrejas na América do Norte acharão isto uma maneira útil de educar congregações e depois motivá-las para a ação, tanto globalmente quanto em suas vizinhanças. Uma estrutura bíblica para pensar sobre a pobreza é apresentada de forma envolvente. Mais importante, os autores mudam a conversa das necessidades dos pobres para um chamado a construir sobre o que eles já possuem - corações e mentes dispostos que precisam apenas de uma oportunidade. O livro conclui com um convincente apelo para apoiar os ministérios de pequeno porte - Bryant L. Myers, *Doutor, Professor de Desenvolvimento Internacinal na Escola de Estudos Interculturais - Seminário Teológico Fuller*

Steve e Brian tocaram a campainha - um toque de clarim para repensar como aplicamos o evangelho a um mundo arruinado. *Quando ajudar machuca* estabelece os princípios e práticas para transformar nossas boas intenções em uma mudança genuína e duradoura. Eu não poderia recomendar este livro mais intensamente.

- Stephan J. Bauman, *Vice-Presidente Sênior de Programas - World Magazine*

Vivemos numa época em que se tornou popular ser um ativista dos pobres. Mas antes de nós todos corrermos para a África para “fazer alguma coisa”, este livro é uma leitura obrigatória! O impacto de boas intenções desinformadas levam a consequências não intencionais que podem ser prejudiciais para todos os envolvidos.

Este livro ajudará a todos nós - igrejas, agências missionárias, organizações cristãs de ajuda e desenvolvimento e doadores - a estabelecer a base correta para o nosso ministério ao “menor destes” e para a igreja fazer este trabalho como Deus planejou.

- Daryl Heald, *Vice Presidente Sênior - Fundação Maclellan*

Corbett e Fikkert fizeram um trabalho magistral que integra *insights* das Escrituras, pesquisa científica social e prática de desenvolvimento comunitário para dar aos leitores estratégias adequadas, práticas e eficientes ao se equipar pessoas para produzirem um ministério mais eficaz em direção aos pobres. Neste excelente livro, você descobrirá novas maneiras de abordar missões de curto prazo (que realmente ajudam os pobres, ao invés de prejudicá-los), bem como novas formas de prover capacitação econômica a longo prazo para os pobres, tanto na América do Norte, como em todo o mundo. *Quando ajudar machuca* deve ser leitura obrigatória para todos os líderes eclesiásticos, acadêmicos e membros da igreja.

- Dr. Steven L. Childers, *Presidente e CEO Advanced Global Church; Professor associado de teologia prática - Seminário Teológico Reformado, Orlando*

Este é um livro que todo líder da igreja deveria ler. Leva a igreja além dos comuns ministérios paliativos para ministérios que realmente fazem a diferença na vida das pessoas que eles procuram servir. Por tempo demais a igreja na América manteve as pessoas em um modo de ajuda através de suas boas e intencionadas tentativas de assistência. Ao ler este livro, os líderes podem ajudar suas igrejas a passarem da ajuda para a recuperação e o desenvolvimento. Eu enfaticamente recomendo este livro!

- Dr. L. Jean White, *Coordenador de Ministérios da Igreja e Comunidade, Grupo de Evangelicalismo Ministerial, Conselho Missionário Norte-Americano*

Quando ajudar machuca oferece uma mensagem oportuna à igreja norte-americana, que ser bem-intencionado e bem dotado de recursos, e até amplamente generoso, não significa que tudo esteja bem! Conforme igrejas e indivíduos norte-americanos se movem cada vez mais para colocar a mão na massa com comunidades e igrejas no mundo em desenvolvimento, haverá uma tendência natural em direção à criação de relações assimétricas em que contrapartes do Sul Global não são vistas como iguais e parceiros com talentos, recursos e fundos inestimáveis. Como dois homens que desenvolveram sua comunicação ao longo de muitos anos de engajamento holístico com comunidades do mundo em desenvovimento, Steve e Brian fornecem um robusto corretivo, crível e humilde, para esta dinâmica que não é saudável nem bíblica. Este livro é uma leitura obrigatória para qualquer cristão que espera ser globalmente consciente, biblicamente fundamentado e cuidadosamente engajado na ajuda humanitária e no desenvolvimento internacional.

- Paul Park, *Diretor Executivo - First Fruit, Inc.*

Quando ajudar machuca é o livro mais importante para a igreja ler à medida que ela procura servir aos pobres de maneira que a mudança seja permanente. Corbett e Fikkert definem biblicamente a pobreza, destacam o motivo de iniciativas passadas nem sempre corresponderem às expectativas e fornecem maneiras práticas de estender o Reino de Deus no interior das cidades, até os confins

da terra.

- Peter Greer, *Presidente - HOPE International*

Tornando-se cada vez mais conscientes da pobreza no mundo, a igreja norte-americana está respondendo e ministrando aos pobres em números sem precedentes. Mas isso é mais fácil dito do que feito, a pobreza é um problema complexo. Boas intenções não são suficientes, pois suposições erradas podem resultar em estratégias que causam danos consideráveis. Se as igrejas realmente quiserem ajudar, este livro é uma leitura obrigatória. Apresenta uma base biblicamente estruturada para entender a pobreza e sua mitigação. Os princípios e estratégias ajudarão a igreja a construir um ministério efetivo para um mundo ferido, tanto em casa quanto no exterior.

- Dr. Paul Kooistra, *Diretor executivo - Mission to the World*

Globalização, imigração e suburbanização estão trazendo novas oportunidades para ministrar aos pobres à porta da frente de muitas igrejas norte-americanas. Não devemos repetir os erros do passado fugindo daqueles a quem Jesus ama tão profundamente. Pelo contrário, devemos aprender a andar com nossos novos vizinhos em relacionamentos altamente transformadores. Não há uma rota simples para o sucesso, mas este livro fornece uma bússola maravilhosa para guiar nossos passos. Eu recomendo para qualquer igreja que queira ser “o corpo” para o mundo fora de suas portas.

- Jim Bland, *Diretor Executivo - Mission to North America*

Quando ajudar machuca é um recurso importante para cristãos interessados em ver a vida das pessoas sendo transformadas de uma forma que vai além do paternalismo e abraçar uma

abordagem cristã e integral para amar o próximo. Steve Corbett e Brian Fikkert compartilham *insights* que ajudarão aqueles de nós que cuidam dos pobres a entender que nossa própria fragilidade pode ser nosso maior trunfo em nossa busca de sermos curadores feridos em um mundo desesperado por esperança.

- Noel Castellanos, *CEO - Associação de Desenvolvimento da Comunidade Cristã*

Corbett e Fikkert fornecem aos leitores um exame introdutório, porém realista, do problema da pobreza. Evitando uma mentalidade de “nós” versus “eles”, reconhecendo a fragilidade em pessoas pobres e ricas, os autores encorajam os evangélicos a se envolverem em missões biblicamente baseadas e focadas no reino, que evitam uma resposta “tamanho único” para a pobreza local e global. De suas alturas elevadas na *Lookout Mountain*, Corbett e Fikkert usam uma linguagem simples e direta, sem oferecer soluções simplistas. Eles observam o fenômeno relativamente novo da mudança da pobreza dos centros urbanos para os subúrbios e sugerem estratégias eficazes e atuais, como ministérios sustentáveis, pesquisa apreciativa, mapeamento de ativos e desenvolvimento de ministérios de pequeno porte.

- Rev. Phil Olson, *Pastor - Curch on the Mall, Encontro Plymouth, PA; Funcionário afiliado - Evangélicos pela Ação Social; Co-autor - Igrejas que fizeram a diferença: alcançando sua comunidade com boas novas e boas obras*

Confesso me irritar quando leio algo – como *Quando ajudar machuca* – que me faz reconsiderar meus métodos e ministério, mas geralmente sou grato quando me ajuda a ser mais efetivo no serviço ao Senhor. Os autores lutam com a ambivalência que

surge do desespero das pessoas pobres em todo o mundo e os frequentes esforços trôpegos daqueles de nós que tentam ajudá-los. As pessoas pobres precisam de ajuda, mas qual é a melhor maneira de ajudá-las e como evitar que elas sejam prejudicadas? Essas são as questões em jogo.

Este livro tem histórias maravilhosas que ilustram o dilema enfrentado por aqueles que fariam bem. Pode ser uma pílula amarga de engolir ao, tendo investido em uma causa digna, ouvir que os resultados causaram danos às pessoas que você queria abençoar. Por favor, veja este livro como um incentivo para fazer as coisas certas e não como uma condenação do motivo sincero de alguém para ajudar os necessitados.

Embora os autores sejam homens com educação, conhecimento e experiência, eles confessam suas próprias lutas na aplicação desses princípios. Como alguém pobre que tem trabalhado todos os seus anos no ministério para ajudar os pobres, encorajo-o a ler e ponderar os princípios de *Quando ajudar machuca*.

- Randy Nabors - *Pastor da New City Fellowship, Chattanooga, Tennessee, Igreja Presbiteriana na América*

Quando ajudar machuca: como enfrentar a pobreza sem machucar o pobre... e a si mesmo

© 2019 Editora 371

www.doisdedosdeteologia.com Este livro foi publicado nos Estados Unidos por Moody Publishers, 820 N. LaSalle Blvd., Chicago, IL 60610, com o título *When Helping Hurts*, direitos autorais © 2009, 2012 por Steve Corbett e Brian Fikkert. Tradução autorizada. Todos os direitos reservados.

Editor Yago Martins

Tradutora

Ana Staut

Preparador
João Guilherme Anjos
Capista
Barbara L. Vasconcelos
Diagramador

Le Magicien

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C789q

Corbett, Steve

Quando ajudar machuca: como enfrentar a pobreza sem machucar o pobre... e a si mesmo / Steve Corbett e Brian Fikkert ; tradução Ana Staut. — Brasília: Editora 371, 2019.

304 p. ; 16x23 cm.

Tradução de: “When helping hurts: how to alleviate poverty without hurting the poor... and yourself”.

Inclui bibliografias.

ISBN: 978-85-52900-18-4

1.Teologia prática – Caridade cristã. 2.Pobreza. 3.Cristianismo e Sociedade. I.Título. II.Fikkert, Brian (coaut.) III.Staut, Ana (trad.)

CDU 27-468

Índice para Catálogo Sistemático:

1. Cristandade: Teologia prática: Caridade cristã 27-468

Bibliotecário responsável:

Jônathas Rafael Camacho Teixeira dos Santos (CRB-1/2951)

Nenhum trecho desta obra poderá ser reproduzido ou transmitido por quaisquer meios existentes sem autorização prévia, por escrito.

STEVE CORBETT E BRIAN FIKKERT

Quando ajudar machuca:
COMO ENFRENTAR A POBREZA SEM MACHUCAR O POBRE... E A SI MESMO

DOIS DEDOS DE TEOLOGIA
BRASÍLIA - DF
2019

Sumário

Prefácio à edição de 2009
Prefácio à edição de 2012
Prefácio à edição brasileira
Prólogo
Exercício inicial
Introdução
Parte 1: Conceitos fundamentais para ajudar sem machucar
Por que Jesus veio à Terra?
Qual é o problema?
E nós já estamos lá?
Parte 2: Princípios gerais para ajudar sem machucar
Nem toda pobreza é igualmente criada
Dê-me seus cansados, seus pobres e seus ativos
McDesenvolvimento: mais de 2.5 bilhões de pessoas não servidas
Parte 3: Estratégias práticas para ajudar sem machucar
Realizando missões de curta duração sem feridas a longo prazo
Sim, em seu quintal
Até os confins da Terra
Parte 4: Começando a ajudar sem machucar
Com licença, você tem um trocado?
Em seus lugares, preparados, vão!
Uma palavra final: o passo mais importante
Apêndice: O processo organizacional comunitário nos Estados Unidos
Observações finais
Agradecimentos

Notas

Prefácio à edição de 2009

Você já fez alguma coisa para ajudar os pobres? Não se passaram muitos anos desde que a maioria dos evangélicos norte-americanos teriam respondido *não* a esta questão. Deixe-me explicar.

Eu cresci como o filho de um meeiro na zona rural do Mississippi, onde experienciei o racismo violento e a pobreza opressiva desde o dia em que nasci. Eu deixei o Mississippi à procura de uma vida melhor. Mas Jesus Cristo tomou conta de mim e em 1960 Ele me chamou para voltar ao Mississippi para ajudar o meu povo. Logo em seguida, comecei o Ministério Voz do Calvário para tratar das necessidades espirituais, físicas e sociais dos pobres. Muitos cristãos evangélicos estavam desconfiados de mim naqueles dias. Minha preocupação pelos pobres e pela justiça social fez com que muitos evangélicos suspeitassem que eu era teologicamente liberal. Eu nunca entendi essas pessoas. Eu nunca questionei que a Bíblia fosse totalmente verdadeira. Na verdade, eu realmente acreditava em passagens como Mateus 25.31-46 e 1João 3.17-18.

Os evangélicos percorreram um longo caminho desde aqueles dias. Muitos agora concordam que como seguidores de Jesus Cristo devemos mostrar compaixão pelos pobres. De fato, há uma boa chance de você ter se voluntariado em uma sopa comunitária (sopão), doado para um banco de alimentos ou participado de uma viagem missionária de curta duração a um país pobre. No mínimo, você colocou dinheiro no local de ofertas, dinheiro que foi então usado para apoiar o abrigo de desabrigados local ou um missionário que trabalha em uma clínica de AIDS na África.

Embora não estejamos fazendo sequer perto do suficiente, muitos de nós evangélicos estão agora fazendo alguma coisa. Esta é uma boa notícia, mas nos leva à minha segunda pergunta.

Você já fez alguma coisa para prejudicar as pessoas pobres? A maioria provavelmente responderia *não* a esta pergunta, mas a realidade é que você pode ter feito dano considerável para as pessoas pobres no próprio processo de tentar ajudá-los. O governo federal cometeu esse erro por décadas. Programas de bem-estar bem-intencionados penalizaram o trabalho, enfraqueceram as famílias e criaram dependência. O governo feriu as mesmas pessoas que estava tentando ajudar. Infelizmente, o mesmo é verdade para muitos ministérios cristãos atualmente. Ao focar nos sintomas e não na doença estrutural, muitas vezes estamos machucando os mesmos indivíduos que tentamos ajudar. Surpreendentemente, também estamos nos machucando no processo. Como seguidores de Jesus Cristo, precisamos simplesmente fazer melhor.

Eu dediquei a maior parte da minha vida a ajudar os cristãos a ministrar efetivamente aos pobres. O livro a seguir baseia-se nessa tradição de uma maneira profunda. Os autores combinam a teologia consistente, uma pesquisa sólida, princípios fundamentais e estratégias comprovadas para prepará-lo para um ministério transformacional entre “o menor deles”, tanto em casa quanto no mundo. Mas seria um erro pensar que o poder deste livro está nas ferramentas e técnicas que apresenta. Em vez disso, a mensagem central deste livro é que precisamos da pessoa de Jesus Cristo para transformar, não apenas os pobres, mas também nós mesmos.

Por isso, peço que leia este livro não apenas com a sua

mente, mas também com seu coração. Medite nas passagens da Bíblia. Reflita sobre as questões e exercícios. Ore para que o Espírito Santo te quebrante e te transforme. E depois não seja apenas um ouvinte da Palavra, mas um praticante. Pergunte a Deus o que você e sua igreja podem fazer para realmente ajudar os pobres sem machucá-los... ou a si mesmos.

Dr. John Perkins Fundador e presidente emérito Associação Cristã de Desenvolvimento Comunitário

Prefácio à edição de 2012

Nós vivemos em um mundo de necessidades espirituais e físicas urgentes.

Quase três bilhões de pessoas estão vivendo com menos de dois dólares por dia, e mais de um bilhão deles vivem em pobreza extrema. Elas estão morrendo de fome em favelas, sendo vendidas como escravas, se tornando órfãs devido à AIDS e morrendo de doenças evitáveis. Alguns deles são nossos irmãos e irmãs, enquanto outros nunca ouviram falar de Cristo.

Então, o que devemos fazer? À luz da enorme necessidade no mundo e em vista da preocupação misericordiosa de Deus pelos pobres, como nós que estamos na igreja responderemos? Esta questão forma a base para as páginas que estão por vir. Steve Corbett e Brian Fikkert realizaram uma tarefa gigantesca neste livro, e eu louvo a Deus pelo modo que eles fizeram isso.

Eles começam com a Palavra de Deus, que é onde devemos começar. Um livro cheio de pensamentos práticos e dicas econômicas seria em vão fora da verdade eterna. Este livro está saturado com as Escrituras enquanto os autores continuamente fundamentam suas afirmações na autoridade de Deus. Eles lidam com a diminuição da pobreza através das lentes da história redentora, e ao fazê-lo, eles corretamente exaltam Cristo como o supremo curador de todo coração humano, seja rico ou pobre.

Os autores fluem da Palavra de Deus para o povo de Deus, especificamente a igreja local. A convicção (que eu compartilho) de que a igreja local tem um papel único a desempenhar na diminuição da pobreza afeta tudo o que eles escrevem. Em um sentido real, eles estão escrevendo para a igreja e pela igreja; eles

querem ver as igrejas locais realizarem os mandamentos de Cristo de maneiras graciosas ao pobre, boas para o povo de Deus e glorificando o nome de Deus.

Mas este livro não se estagna nas esferas teológica e teórica. Ele se move maravilhosamente da verdade atemporal para a aplicação contemporânea. Enquanto você lê, não aprenderá apenas sobre os problemas no mundo; você vai descobrir como a pobreza no mundo pode realmente ser endereçada. No processo de leitura de estudos de caso, explorando questões críticas e analisando eventos atuais, você vai perceber que Deus deu a você - e à sua igreja - uma oportunidade única de ser parte de Seu plano global para tornar Sua grande misericórdia conhecida em sua comunidade e em todas as nações.

Por todas essas razões (e mais), este livro é virtuosamente obrigatório para todos os membros da nossa igreja que estão intencionalmente engajados com os pobres aqui e ao redor do mundo. Eu não posso recomendá-lo o suficiente para quem é apaixonado por espalhar e mostrar o amor de Cristo ao “menor destes.”

Simplificando, eu nunca li um livro melhor sobre realisticamente servir aos pobres, e oro para que Deus use esta nova edição para equipar seu povo a realizar Seus propósitos em um mundo de necessidade espiritual e física urgente para a glória de Seu grande nome.

David Platt
Pastor
Igreja em *Brook Hills, Birmingham, AL*
Autor de *Radical: Taking Back Your Faith from the American Dream*

Prefácio à edição brasileira

Minha primeira viagem para fora dos Estados Unidos foi no verão de 1987, quando eu tinha apenas 23 anos de idade. Eu viajei para o Rio de Janeiro e então peguei um trem direto para Assunção, Paraguai, onde eu passei dois meses entrevistando agricultores pobres como parte dos meus estudos de Ph.D. em desenvolvimento econômico. No ano seguinte, eu retornei ao Brasil e vivi durante quatro meses nos arredores do Rio de Janeiro enquanto participava de outro projeto de pesquisa relacionado a pobreza rural. “Olá, americano. Botafogo ou Flamengo?”

Durante aquele período, eu tive a oportunidade de viajar por boa parte do país. Eu curti as experiências de caminhar pelas praias de Salvador, de pescar piranha na Amazônia, de visitar os monumentos em Brasília e de caminhar pelas ruas de Porto Alegre. O Brasil é um lindo país, com algumas das pessoas mais amáveis do mundo. Eu tive um tempo maravilhoso aí fazendo amigos que têm sido para toda a vida.

Mas há outro lado do Brasil. Enquanto eu estava aproveitando o melhor que o Brasil tinha a oferecer, outros estavam vivendo miseravelmente nas lotadas favelas do Rio ou esboçando uma existência em pequenos lotes no sertão. Como um jovem cristão, essa disparidade me assombrou. E ainda me assombra.

O que eu poderia fazer para ajudar de verdade? Como Deus poderia me usar para servir? Muito embora eu tivesse aproveitado meus estudos de doutorado, minhas experiências no Brasil me deixaram com uma sensação negativa de que a economia estava se esquecendo de algum ponto. E o sentimento não foi embora.

Eu completei meu programa de doutorado e, em 1993, eu

assumi um posto como professor assistente de economia em uma prestigiosa universidade. Embora eu tenha achado meu trabalho significativo, eu continuei a sentir que algo estava faltando. A forma como economistas concebiam os seres humanos era simplesmente inconsistente com a revelação bíblica, e eu sabia que isso estava levando a abordagens equivocadas do enfrentamento da pobreza.

Eu tive mais perguntas que respostas, então Deus trouxe Steve Cobertt para a minha vida. Steve tem vivido e trabalhado entre pessoas pobres por décadas em seu trabalho com uma grande organização cristã de assistência e desenvolvimento. Através da mentoria de Steve do restante da equipe do Chalmers Center no Covenant College (www.chalmers.org), lentamente eu aprendi mais sobre uma estrutura bíblica de pensamento acerca da natureza da pobreza e sobre princípios para mudanças efetivas e duradouras.

Em 2009, Steve e eu tivemos o privilégio de apresentar algumas dessas ideias no livro que escrevemos juntos: *Quando ajudar machuca: como enfrentar a pobreza sem machucar o pobre... e a si mesmo*. Deus usou esse livro de formas mais variadas do que nós poderíamos sequer imaginar, equipando igrejas e ministérios cristãos ao redor do mundo para ministrar as boas novas do evangelho de Jesus Cristo de forma mais efetiva.

Agora, mais de trinta anos desde quando eu pisei no Rio de Janeiro pela primeira vez, a versão brasileira de *Quando ajudar machuca* está sendo lançado. Deus tem sido muito bom, usando brasileiros e tantas outras pessoas para me ensinar e me encorajar pelo caminho. Obrigado, Brasil, por sua participação na minha jornada de aprendizado. Que Deus use este pequeno livro

para compartilhar de volta com vocês um pouco das coisas que eu tenho aprendido ao longo do caminho.

Soli Deo Gloria

Brian Fikkert
Fundador e Presidente do *Chalmers Center*
Covenant College

Prólogo

O norte-americano médio goza de um padrão de vida que tem sido inimaginável durante a maior parte da história humana. Enquanto isso, 40% dos habitantes da terra batalham em um existência com menos de dois dólares por dia. E de guetos do centro da cidade à zona rural de Appalachia, a pobreza continua a causar dor, perda e desespero no próprio continente norte-americano. De fato, a disparidade econômica e social entre os que têm e os que não têm está em ascensão, tanto dentro dos Estados Unidos quanto entre os Estados Unidos e grande parte do mundo (África, Ásia e América Latina).

Se você é um cristão norte-americano, a realidade da vasta riqueza da nossa sociedade te apresenta uma enorme responsabilidade, pois em todas as Escrituras, o povo de Deus é ordenado a mostrar compaixão pelos pobres. De fato, fazer isso é simplesmente parte de nossa descrição de trabalho como seguidores de Jesus Cristo (Mat. 25.31-46). Considerando que o chamado bíblico para cuidar dos pobres transcende tempo e lugar, passagens como 1João 3.17 devem pesar particularmente nas mentes e corações dos cristãos norte-americanos: “Se alguém tem posses materiais e vê seu irmão necessitado, mas não tem pena dele, como pode o amor de Deus estar nele?”

É claro que não existe uma receita “tamanho único” de como cada cristão deve responder a esse mandato bíblico. Alguns são chamados a buscar a diminuição da pobreza como carreira enquanto outros são chamados a fazê-lo como voluntários. Alguns são chamados a se envolver em ministérios práticos e relacionais, enquanto outros são melhores para apoiar os trabalhadores da

linha de frente por meio de doações financeiras, orações e outros tipos de suporte. Cada cristão tem um conjunto único de dons, chamados e responsabilidades que influenciam o escopo e a maneira para cumprir o mandato bíblico de ajudar os pobres.

Além disso, o contexto institucional influencia grandemente tanto o tipo quanto escala de vários esforços na diminuição da pobreza. Alguns cristãos são chamados para trabalhar a nível governamental, procurando promover a justiça para os pobres através de políticas públicas. Outros são chamados para trabalhar no mundo dos negócios, onde podem fornecer oportunidades de trabalho para os desempregados. Muitos cristãos trabalham com igrejas ou ministérios paraeclesiásticos, permitindo-lhes comunicar abertamente o amor de Jesus Cristo através de palavras e ações. E alguns cristãos simplesmente ministram como indivíduos, atravessando a rua para ajudar um vizinho em necessidade.

Finalmente, nenhum setor isolado pode diminuir a pobreza por conta própria. Como todos os seres humanos, os pobres têm uma necessidade variada de aspectos físicos, emocionais, sociais e espirituais. Por isso, intervenções apropriadas para pessoas pobres incluem setores como desenvolvimento econômico, saúde, educação, agricultura, formação *etc.*

Em resumo, embora todos os cristãos tenham a responsabilidade de ajudar os pobres, há uma enorme diversidade na maneira que cada cristão deve cumprir este mandato bíblico.

O escopo deste livro

Como um livro pode lidar com toda essa diversidade? Todos os cristãos norte-americanos têm uma coisa em comum: cada um de nós é chamado a participar da vida de uma igreja local. Embora essa participação possa ser em liderança ou adesão, cada um de nós é responsável por participar em algum nível em ajudar nossa congregação a ser tudo o que as Escrituras a chamam para ser, incluindo o cumprimento do mandato bíblico para cuidar dos pobres.

Além disso, acreditamos que a igreja local tem um papel único a desempenhar na diminuição da pobreza, e estamos muito satisfeitos em ver o recente ressurgimento, baseado na igreja, do ministério holístico para os pobres dentro do nosso país e no exterior. Ao mesmo tempo, ficamos tristes quando vemos igrejas usando estratégias de diminuição da pobreza que são baseadas em pressupostos antibíblicos sobre a natureza da pobreza e que violam as metodologias de “melhorias práticas” desenvolvidas por teóricos e profissionais ao longo de muitas décadas.

Por todas essas razões, este livro enfoca maneiras apropriadas para uma congregação norte-americana - e seus missionários - para participar da redução da pobreza no país e no exterior, levando em conta a missão ordenada por Deus à igreja e sua típica capacidade organizacional. Entretanto, os conceitos, princípios e intervenções descritos neste livro são aplicáveis para uma ampla gama de cenários. Em particular, organizações sem fins lucrativos e indivíduos descobrirão que os princípios e estratégias descritos neste livro são facilmente transferíveis aos seus ministérios.

A parte 1 deste livro lança as bases para todos os esforços da redução da pobreza através da discussão da natureza fundamental da miséria e depois extraindo algumas implicações iniciais. A parte 2 constrói sobre essa base, discutindo três questões-chave que devem ser consideradas na concepção e implementação de qualquer estratégia de diminuição da pobreza. A parte 3 aplica todos esses conceitos ao “desenvolvimento econômico”, um conjunto de estratégias destinadas a reduzir a pobreza através do aumento da renda e riqueza das pessoas. A parte 4, que é nova para a segunda edição, descreve as etapas que podem ser tomadas para começar a aplicar os princípios do livro em uma variedade de contextos.

Novas características da segunda edição

Somos profundamente gratos a Deus por todas as maneiras pelas quais Ele usou a primeira edição deste livro para equipar Seu povo para um ministério mais efetivo. Pela graça de Deus e somente ela, recebemos relatos de todo o mundo que Deus está mudando os paradigmas das igrejas e ministérios, ajudando-os a caminhar de formas mais poderosas com pessoas que são pobres. Nós louvamos a Deus por isso, e nós damos glória a Ele e somente a Ele.

Infelizmente, também ouvimos alguns leitores da primeira edição dizer que não têm certeza do que fazer a seguir. Eles querem “ajudar sem machucar”, mas não sabem como começar. Alguns até disseram que se sentem um pouco paralisados; tão preocupados em talvez prejudicar e machucar, que estão com medo de fazer qualquer coisa. E em alguns casos raros, mas perturbadores, alguns usaram a primeira edição para argumentar - erroneamente - que nada deve ser feito para ajudar os pobres, pois todos os esforços são suscetíveis ao erro.

Por isso, queremos dizer o mais alto e claramente possível: MEXA-SE! Acreditamos que a coexistência da pobreza agonizante e a riqueza sem precedentes - mesmo dentro da família da fé - é uma afronta ao evangelho. Veja, o que está em jogo não é apenas o bem-estar das pessoas pobres – mesmo sendo de grande importância - mas sim a própria autenticidade do testemunho da igreja do poder transformador do reino de Deus. A igreja norte-americana deve ter um profundo senso de urgência em nos oferecer “em nome dos famintos e satisfazer as necessidades dos oprimidos” (Isaías 58.10).

Dito isso, boas intenções não são suficientes. É possível ferir as pessoas pobres e a nós mesmos no processo de tentar ajudá-los. Mas não deixe que essa verdade te paralise. Leia este livro e outros recursos, estude, aprenda, ore, arrependa-se, tente fazer algo, avalie e depois se arrependa novamente. E então confie que um Deus soberano é mais do que capaz de tomar nossos atos fracos e transformá-los em algo que Ele possa usar para a Sua glória.

Em resumo, nossa mensagem para você é: quadriplique seus esforços para ajudar os pobres e o faça imediatamente. Apenas considere fazer as coisas de maneira diferente do que fez no passado.

Porque o nosso desejo é desencadear e equipar e não paralisar. Escrevemos esta segunda edição adicionando a parte 4 para permitir que você comece abordagens mais eficazes para a redução da pobreza. Embora seja impossível fornecer um caminho “de tamanho único” para o sucesso, é nossa oração que a parte 4 forneça aos leitores princípios, recursos e etapas suficientes para se movimentar na direção certa.

Também fizemos algumas pequenas alterações nos capítulos originais da primeira edição, sendo a mais notável uma discussão ampliada no capítulo 3 do papel da visão de mundo na formação dos pensamentos e ações dos norte-americanos.

Como utilizar este livro

Queremos que este livro seja usado por Deus para afetar seu coração, sua mente e suas ações. Esse impacto é menos provável de acontecer se você simplesmente ler rapidamente. Para esse fim, incluímos o seguinte: questões do pré-capítulo chamadas *Pensamentos iniciais*, pós-capítulo, *Questões para reflexão e exercícios*, e vários exercícios mais longos. É muito importante que você tome o tempo para, em espírito de oração e com ponderação, completar todas essas perguntas e exercícios, pois eles são parte integral do engajamento com o material e da aplicação para sua própria vida. O livro é apropriado tanto para o estudo individual quanto em grupo. Os grupos podem incluir aulas da escola dominical, pequenos grupos, funcionários ou encontros de equipes ministeriais *etc.*

Se usado em um ambiente de grupo, é importante que o facilitador forneça tempo adequado para discussão, pois há um enorme poder em ter pessoas lidando com questões e problemas em conjunto. Os participantes devem ler o capítulo e completar as perguntas e exercícios designados antes da reunião, e a maioria do tempo juntos deve ser gasto discutindo as perguntas e exercícios para cada capítulo. É extremamente importante que o facilitador crie uma atmosfera segura para que os participantes sintam-se confortáveis para compartilhar suas ideias, fraquezas, perguntas e preocupações.

Abaixo, sugerimos formatos para as reuniões de grupo, incluindo o tempo que deve ser atribuído a cada componente. No entanto, os minutos alocados abaixo são apenas uma sugestão, e o facilitador do grupo deve adaptar o tempo para se adequar ao

contexto e às necessidades do grupo em particular.
Sugerimos o seguinte formato para a primeira reunião:

- Para evitar influenciar as respostas das pessoas, não inicie a reunião com uma introdução ao conteúdo do livro.
- Imediatamente divida o grupo em subgrupos de aproximadamente cinco pessoas cada e peça aos subgrupos que concluam o *exercício de abertura* sobre o tsunami que precede a introdução. Os subgrupos devem anotar seus planos, idealmente em grandes cartazes (25 minutos).
- Peça aos subgrupos que compartilhem seus planos para a viagem à Indonésia com o grupo maior. O facilitador deve coletar os planos escritos de cada subgrupo, mantendo-os todos em um lugar seguro para que possam ser reexaminados durante o *Exercício estendido: Indonésia reconsiderada* no final do capítulo 6 (15 minutos).
- O facilitador deve pedir ao grupo que complete a introdução e o capítulo 1 antes da próxima reunião, incluindo o pré-capítulo *Pensamentos iniciais* e o pós-capítulo *Questões para reflexão e exercícios* para o capítulo 1.

Para todas as reuniões posteriores, sugerimos o seguinte formato:

- Os membros do grupo devem comparecer à reunião tendo lido o capítulo daquela semana e completado o pré-capítulo *Pensamentos iniciais* e o pós-capítulo *Questões para reflexão e exercícios*.
- O facilitador deve pedir aos membros do grupo que

compartilhem as respostas que escreveram aos *pensamentos Iniciais* antes de ler o capítulo (5 minutos).

- O facilitador deve então pedir aos membros do grupo para resumir os principais pontos do capítulo, esclarecendo ideias e preenchendo todos os pontos-chave que o grupo não mencionar (10 a 15 minutos).
- O facilitador deve então conduzir uma discussão sobre o pós-capítulo *Questões para reflexão e exercícios* (25 a 30 minutos).

A única exceção a esse padrão ocorre no capítulo 6, em que o *Exercício estendido: Indonésia reconsiderada* no final do capítulo requer tempo adicional. Por isso, sugerimos que você programe duas reuniões para o capítulo 6, a fim de haver tempo suficiente para a discussão deste exercício.

Recursos adicionais

Este livro é apenas uma introdução a alguns problemas muito complexos. Ao longo do texto e das notas, encaminhamos você para livros, artigos, sites e organizações adicionais que podem ajudá-lo a se aprofundar. Além disso, o Chalmers Center for Economic Development do Covenant College, ao qual somos afiliados, oferece recursos adicionais e oportunidades de aprendizado relacionadas a todos os tópicos apresentados neste livro. Visite www.chalmers.org.

Sobre as histórias

Até onde sabemos, todas as histórias incluídas neste livro são completamente verdadeiras. As únicas exceções são as histórias que são “baseadas em um ou mais eventos reais”, mas em que alguns detalhes foram adicionados para ilustrar vários pontos (Mary nas páginas 87–89, Creekside Community Church nas páginas 91–93, Grace Fellowship Church nas páginas 258–260 e Parkview Fellowship nas páginas 283–284).

Os nomes de indivíduos, igrejas e organizações nas histórias foram alterados para proteger sua identidade, a menos que esses nomes tenham sido previamente revelados em outras publicações das quais as histórias foram tiradas.

EXERCÍCIO DE ABERTURA

Considere o seguinte cenário:

Um tsunami que atingiu a Indonésia em dezembro de 2004 acabou com muitos dos pequenos negócios. Essas pequenas empresas são de propriedade de pessoas pobres e servem como sua principal fonte de renda. A maioria das lojas, equipamentos, materiais e estoques foram destruídos. Quatro meses após o tsunami, sua igreja decidiu enviar uma equipe para ajudar no reinício dessas pequenas empresas.

Discuta as seguintes perguntas em grupos de aproximadamente cinco pessoas. Se você estiver lendo este livro individualmente, considere estas questões sozinho.

O que você fará para planejar e se preparar para a sua viagem?
Quais recursos você trará consigo?
Quem você escolherá da sua igreja para fazer esta viagem?
O que sua equipe fará quando chegar lá?
Quais serão os componentes específicos do seu ministério?
Como você implementará cada componente?

Por favor, anote suas respostas a essas perguntas e guarde-as em um local seguro. Você será solicitado a refletir sobre suas respostas mais adiante.

Introdução

MZUNGU

A fumaça se ergueu do chão e foi direto para mim (Brian), de pé a poucos metros de distância. Enquanto a fumaça das ervas queimadas do feiticeiro penetrava em minhas narinas, eu me perguntava: *Se os demônios saem quando as ervas são queimadas, isso significa que estão na fumaça?*

Eu cresci como um filho de pastor em uma vila rural de Wisconsin, que consistia de mil e duzentos imigrantes holandeses de quarta geração. Eu tenho sido um membro de igrejas presbiterianas teologicamente conservadoras durante toda a minha vida. Portanto, sou compreensivelmente um pouco fraco em minha demonologia. *O que acontece se eu inalar?* Pensando que isso era absurdo, mas não querendo arriscar, tampei meu nariz o mais discretamente que pude e orei pela proteção de Deus.

Essa foi a segunda semana de uma aula de treinamento para pequenos empresários realizada na St Luke Church, no coração de uma favela em Kampala, a capital de Uganda. A classe consistia de refugiados que tinham fugido do sofrimento indescritível da guerra civil no norte e estavam tentando ganhar a vida vendendo roupas usadas, secando peixes ou fazendo carvão. Eu estava em uma licença sabática da minha faculdade e estava morando em Uganda por cinco meses com minha esposa e três filhos.

Elizabeth, a diretora do ministério de mulheres de uma importante denominação de Uganda, havia gentilmente concordado em me ajudar a testar o currículo biblicamente

baseado de treinamento para pequenas empresas que eu estava escrevendo, então nos aventurávamos nessa favela toda segunda-feira. O plano era que Elizabeth traduzisse minhas lições e ministrasse as aulas. Eu observaria as sessões e administraria questionários de acompanhamento. Mas agora, de alguma forma, havíamos mudado de dólares e centavos para demônios e fumaça. Foi assim que tudo aconteceu...

Elizabeth começou a aula de hoje perguntando: “Deus fez alguma coisa em suas vidas como resultado da lição da semana passada?” Uma senhora robusta levantou a mão e disse: “Eu sou uma feiticeira. Depois da aula da semana passada, voltei à igreja pela primeira vez em vinte anos. O que eu faço agora?”

Elizabeth ordenou-lhe firmemente: “Vá e pegue suas ervas e remédios, e vamos queimá-los bem aqui no chão da igreja!”

Depois de correr para casa, a feiticeira marchou para frente Saint Luke’s Church e deixou cair sua bolsa de ervas no chão. Ela então confessou seus pecados publicamente. “Eu tenho um demônio vivendo dentro de mim que bebe 50.000 xelins ugandeses [aproximadamente R$ 108,00] de álcool por dia. Eu o alimento através dos lucros do meu negócio de feitiçaria. Minha especialidade é manter os maridos fiéis às esposas. Eu vendo essas ervas para mulheres e as instruo a esfregá-las nas partes íntimas de seus corpos. Quando as mulheres estão com seus maridos, as ervas passam para os corpos dos maridos, e isso faz com que eles permaneçam fiéis. Alguns dos meus melhores clientes estão nesta igreja. Mas eu quero abandonar minha feitiçaria e me tornar uma seguidora de Jesus Cristo”.

Abandonar seus negócios não foi um pequeno sacrifício, já que seus lucros eram altos para os padrões das favelas. De fato, o

valor do álcool que ela consumia *todos os dias* era maior do que a renda *mensal* do refugiado médio sentado na plateia.

Elizabeth acendeu um fósforo e colocou-o no saco de ervas. “Os demônios partirão se queimarmos as ervas”, disse ela. Elizabeth então começou a orar. Com sua voz estridente, olhar penetrante e dedo apontado, Elizabeth ordenou aos demônios que deixassem a feiticeira em paz. A Bíblia diz que os demônios têm medo de Jesus. Eu acho que eles também podem ter tido medo do olhar feroz no rosto de Elizabeth!

Quando Elizabeth terminou de orar, ela abraçou a feiticeira e disse: “De agora em diante, seu nome será ‘Grace’”. Foi um evento dramático, mas o drama ainda não havia acabado.

Uma nova crise

Nas cinco semanas seguintes, Grace não perdeu uma aula. Seu rosto ficou mais brilhante, ela sorria regularmente e parecia estar em paz. Grace deu testemunho regular das maneiras que Deus estava transformando sua vida. Só o Senhor sabe com certeza, mas eu espero ver Grace no céu algum dia.

Mas então, certa semana Grace estava ausente. “Onde está a feiticeira hoje?”, perguntei. Ainda estávamos todos lutando para nos lembrar em chamá-la de “Grace”. Um murmúrio percorreu o grupo de setenta e cinco refugiados. Finalmente, o líder dos refugiados falou: “Uma das senhoras diz que a feiticeira está doente. Talvez alguém devesse visitá-la para se certificar de que ela está bem”.

Elizabeth e eu saímos imediatamente da igreja e fizemos uma árdua busca pela favela para encontrar a casa de Grace. Enquanto nosso guia nos levava para dentro da favela, nós cuidadosamente passamos por pequenos riachos que fluíam entre os barracos, rios cheios de esgoto humano, todos os tipos de lixo e um misterioso lodo verde. Passamos por crianças cobertas de feridas. Passamos por grupos de homens apostando enquanto bebiam a bebida local e inalavam fumaça através de longos tubos. Poucos “mzungus” (pessoas brancas) se aventuram nessas partes, e com minha altura de 1,85 m, eu era um motivo de conversas ambulante mesmo na minha própria cultura. Ao longo do caminho, as crianças gritaram “Mzungu!” e correram para tocar minha pele de cor estranha e puxar os pelos dos meus braços.

Depois de uma caminhada de dez minutos, entramos no barraco de um cômodo de Grace. Ela estava deitada em uma

esteira no chão de terra, se contorcendo em agonia. Um prato com alguns pedaços de comida coberta de pulgas era a única outra coisa no lugar. Grace não conseguia levantar a cabeça e mal conseguia sussurrar. Elizabeth se inclinou e chegou perto para tentar entender as palavras fracas de Grace. Elizabeth, em seguida, levantou-se e explicou a situação para mim.

Grace havia desenvolvido amigdalite. Por ser pobre e portar HIV, o hospital local se recusou a tratá-la. Desesperada por alívio, Grace pagou seu vizinho para cortar suas amídalas com uma faca de cozinha. *Estamos nas próprias entranhas do inferno*, pensei comigo mesmo.

Elizabeth me pediu para orar, então eu liderei todos nós em algum tipo de oração presbiteriana conservadora para ex-feiticeiros com HIV que viviam em favelas lotadas e que faziam com que seus vizinhos cortassem suas amídalas com facas de cozinha.

Elizabeth e eu começamos a caminhar de volta para a Saint Luke's Church, onde a classe de refugiados ainda estava reunida. "Temo que ela morra de uma infecção. Podemos conseguir penicilina?", perguntei, sentindo-me impotente.

"Sim, podemos, mas precisamos de 15.000 xelins de Uganda, cerca de oito dólares dos EUA", disse Elizabeth. Eu imediatamente enfiei a mão no bolso e entreguei a Elizabeth o dinheiro. Não voltei à igreja naquele dia, pois meu táxi estava me esperando na estrada principal e o sol estava se pondo. Eu queria sair de lá antes do anoitecer. Elizabeth e seu motorista foram até a farmácia mais próxima e compraram a penicilina para Grace.

Uma semana depois, mal pude acreditar em meus olhos quando Grace entrou pela porta da igreja para a próxima sessão

da turma de treinamento para pequenas empresas. Ela parecia melhor do que nunca. Acredito que Elizabeth e eu provavelmente salvamos a vida de Grace com a penicilina naquele dia.

Sobre uma revisão complementar

Duas semanas depois, minha família e eu embarcamos em um avião para retornar aos Estados Unidos. Foi um ano sabático notável, e minha adrenalina ainda estava bombando. Nós fomos usados por Deus para trazer uma feiticeira para Cristo! E então nós tivemos a chance de salvar a vida dela! Totalmente incrível!

Mas quando a adrenalina começou a diminuir, a parte analítica de minha personalidade começou a se manifestar. Revisei toda a situação na favela, pensando em cada um dos personagens e instituições e nos papéis que desempenharam nesses eventos dramáticos.

Havia a Saint Luke's Church e seu fiel pastor, tentando lançar luz na escuridão com uma congregação cheia de refugiados extremamente pobres. O pastor estava sempre acolhendo, e era muito favorável às aulas de treinamento para pequenas empresas, embora eu não ache que ele tenha frequentado nenhuma delas. Ele veio para a cerimônia de formatura, uma cerimônia em que os refugiados inundaram toda a minha família com todos os tipos de presentes que eles não podiam pagar. Ele sentiu meu desconforto com isso e sussurrou em meu ouvido: "Não se sinta mal. Tome seus presentes com alegria. É assim que eles demonstram seu amor por você". Ele sempre agradecia a Elizabeth e a mim toda vez que nos via.

Havia os refugiados na classe dos pequenos negócios, a grande maioria dos quais eram mulheres. Cada um deles sofreu uma perda enorme nas mãos do Exército de Resistência do Senhor (LRA), [sigla para o nome em inglês] um grupo rebelde que aterrorizava as aldeias no norte de Uganda por mais de vinte anos.

O LRA é famoso por sequestrar crianças, usando os meninos como soldados e as meninas como escravas sexuais. Como parte de um processo de lavagem cerebral, as crianças sequestradas são frequentemente forçadas a matar ou torturar seus pais, parentes ou colegas. Cortar membros, orelhas, lábios e narizes é um procedimento padrão para o LRA. Infelizmente, o povo de Kampala não acolheu os refugiados de braços abertos, muitas vezes discriminando-os por serem de uma tribo “inferior”.

Havia a feiticeira curandeira, que era ao mesmo tempo reverenciada e desprezada. Por um lado, as mulheres locais cobiçavam seu poder e pagavam um preço considerável por seus serviços. Por outro lado, ela era notória por irromper em uma raiva violenta quando estava bêbada. Os moradores das favelas frequentemente a subjugavam durante essas explosões, batendo nela, e seu corpo ficava machucado e marcado como resultado. Ao abandonar sua feitiçaria, ela estava aceitando uma queda substancial na renda e se deixando vulnerável a qualquer inimigo que tivesse adquirido como resultado de seu estilo de vida anterior.

Havia Elizabeth, que era realmente a figura chave em tudo o que havia acontecido. Dez anos antes, ela tinha sido fundamental para começar a Saint Luke’s Church, mas ela agora ocupava uma posição de prestígio na sede de sua denominação. Elizabeth era da mesma tribo que os refugiados, e ela mesma havia perdido amigos e parentes para o LRA. Os refugiados a adoravam, mas seu nível superior de educação, renda de classe média e carreira de sucesso faziam dela uma intrusa na comunidade. Como eu, ela deixava a favela todas as noites de segunda-feira quando a aula terminava e dirigia para uma bela casa.

Finalmente, havia eu, o mzungu, e tudo o que essa palavra representa: dinheiro, poder, dinheiro, educação, dinheiro, superioridade e dinheiro.

De repente, eu me senti mal, e a comissária de bordo nem tinha trazido a comida ainda. Sim, Elizabeth e eu levamos a feiticeira a Cristo e salvamos sua vida. Mas, de repente, percebi que poderíamos ter causado uma enorme quantidade de danos no processo - prejudicado a Saint Luke's Church e seu pastor, prejudicado os refugiados na classe dos pequenos empresários e até prejudicado a própria Grace. Repreendi-me por violar vários princípios básicos da solução para a pobreza, princípios que regularmente ensino aos outros. Mas esta não foi a primeira vez que eu havia cometido um erro. De fato, havia feito coisas mais estúpidas em minhas tentativas de ajudar os pobres, algumas das quais serão compartilhados mais adiante neste livro.

O que eu fiz errado? Como eu poderia ter ferido os pobres no processo de tentar ajudá-los? Não podemos responder a essas perguntas em uma frase de efeito, que é a razão pela qual estamos escrevendo este livro. Depois de estabelecermos algumas bases, retornaremos ao caso da feiticeira em um capítulo posterior.

Por que escrevemos este livro

Meu co-autor e eu passamos a maior parte da nossa vida adulta tentando aprender como melhorar a vida das pessoas pobres. Steve trabalhou por muitos anos com uma grande agência cristã de ajuda e desenvolvimento, atuando em funções que iam desde o desenvolvedor comunitário de base até o diretor do país, até o serviço na equipe de gerenciamento global. Eu tomei o caminho acadêmico, gastando meu tempo como um pesquisador e um professor. Há cerca de dez anos nossas vidas convergiram quando começamos a trabalhar juntos no Chalmers Center for Economic Development do Covenant College, uma iniciativa de pesquisa e treinamento que visa equipar igrejas em todo o mundo para atender às necessidades econômicas e espirituais de pessoas de baixa renda. Também ensinamos juntos em um curso de graduação em Desenvolvimento Comunitário no Covenant College, um programa de graduação que tenta preparar jovens cristãos para fazer a diferença na vida das pessoas de baixa renda nos Estados Unidos e ao redor do mundo.

Steve e eu ainda temos muito a aprender, pois os problemas da pobreza continuam a nos confundir. Além disso, não fazemos de conta que o material deste livro seja exclusivamente nosso. Além do mais, as páginas seguintes são simplesmente uma maneira de sintetizar e organizar as ideias de muitos outros em uma estrutura que audiências em diversos cenários têm considerado útil. Somos profundamente gratos a muitos autores, pesquisadores e profissionais que produziram uma vasta gama de princípios, recursos e ferramentas para nós usarmos. Esperamos que este livro ajude - de alguma maneira - a tornar suas ideias e

ferramentas mais acessíveis para os outros.

Salvo indicação em contrário, o “eu” neste livro refere-se a mim, Brian, pois eu efetivamente escrevi quase tudo; no entanto, Steve desempenhou um papel crucial neste livro. Nos últimos sete anos, Steve ajudou-me e ao resto da equipe do *Chalmers Center* a entender e aplicar muitos dos conceitos deste livro ao nosso trabalho, servindo como um tremendo mentor para toda a nossa equipe. Além disso, Steve participou do planejamento do conteúdo do livro e revisou cuidadosamente cada palavra.

Escrevemos este livro com grande entusiasmo sobre o interesse renovado em ajudar pessoas de baixa renda, que é tão aparente entre os cristãos norte-americanos. Enquanto o materialismo, o egocentrismo e a complacência continuarem a atormentar todos nós, não se pode negar o aumento da preocupação social entre os evangélicos norte-americanos nas últimas duas décadas. Talvez não haja melhor ilustração dessa tendência do que a explosão do movimento missionário de curto prazo, que em grande parte se concentrou em ministrar aos pobres no próprio país e no exterior.

Mas nosso entusiasmo sobre esses desenvolvimentos é seriamente temperado por duas convicções. Primeiro, os cristãos norte-americanos simplesmente não estão fazendo o suficiente. Nós somos as pessoas mais ricas que já caminharam pela face da terra. Ponto. No entanto, a maioria de nós vive como se não houvesse nada terrivelmente errado no mundo. Participamos dos jogos de futebol de nossos filhos, seguimos nossas carreiras e passamos férias na praia, enquanto 40% dos habitantes do mundo lutam apenas para comer todos os dias. E em nossos próprios quintais, os sem-teto, aqueles que residem em guetos e uma onda

de imigrantes vivem em um mundo fora da dominação econômica e social dos Estados Unidos. Nós não precisamos necessariamente nos sentir culpados por nossa riqueza. Mas precisamos nos levantar todas as manhãs com uma profunda sensação de que algo está terrivelmente errado com o mundo e ansiarmos por fazer algo a respeito. Simplesmente não há anseio e esforço suficiente.

Em segundo lugar, muitos observadores, incluindo Steve e eu, acreditam que quando os cristãos norte-americanos *tentam* solucionar a pobreza, os métodos usados frequentemente causam danos consideráveis, tanto para os materialmente pobres quanto para os materialmente não-pobres. Nossa preocupação não é apenas que esses métodos estão desperdiçando recursos humanos, espirituais, financeiros e organizacionais, mas que esses métodos estão, na verdade, exacerbando os próprios problemas que estão tentando resolver.

Felizmente, há esperança, porque Deus está no trabalho. Renovando nosso compromisso, ajustando nossos métodos e nos arrependendo diariamente, nós, cristãos norte-americanos, podemos desempenhar um papel poderoso na diminuição da pobreza no nosso país e no exterior. É nossa oração que Deus use as páginas seguintes para desempenhar um pequeno papel em ajudar a igreja de Jesus Cristo a aumentar tanto o nível quanto a eficácia de nossos esforços para ministrar a um mundo machucado.

Parte 1

Conceitos fundamentais para ajudar sem machucar

Pensamentos iniciais

Por favor, escreva respostas curtas
(uma frase cada) para as seguintes questões: 1. Por que Jesus veio à Terra?

2. Por qual pecado(s) específico(s) a Israel do Antigo Testamento foi enviada ao cativeiro? Não diga apenas “desobediência”. Seja específico. Por exemplo: “Os israelitas estavam constantemente roubando bancos”.

3. Qual é a tarefa primária da igreja?

Capítulo 1

Por que Jesus veio à Terra?

Por que Jesus veio à Terra?[1] A maioria dos cristãos tem uma resposta pronta para essa pergunta. No entanto, existem diferenças sutis na forma como os cristãos pensam sobre essa questão mais básica, e essas pequenas diferenças podem ter consequências dramáticas para todos os esforços, incluindo como a igreja responde ao sofrimento dos pobres. Vamos examinar como o próprio Jesus entendeu sua missão.

O ministério terreno de Jesus começou num dia de sábado em uma sinagoga de Nazaré. Semana após semana, os judeus reuniam-se nesta sinagoga para adorarem sob o jugo ríspido do Império Romano. Conscientes da profecia do Antigo Testamento, esses adoradores ansiavam que Deus enviasse o prometido Messias que restauraria o reino a Israel, reinando no trono de Davi para sempre. Mas séculos haviam se passado sem o Messias, e os romanos estavam no comando. Esperança provavelmente estava em falta. É nesse contexto que o filho de um carpinteiro, daquela mesma cidade, se levantou e recebeu um pergaminho do profeta Isaías.

> Desdobrando-o, ele encontrou o lugar onde está escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar a liberdade para os prisioneiros e recuperar a visão dos cegos, libertar os oprimidos, proclamar o ano do favor do Senhor” Os olhos de todos na sinagoga estavam firmados sobre ele, e ele começou dizendo a eles: “Hoje se cumpriu a escritura que vocês acabaram de ouvir”. (Lc 4.17–21).
>
> Deve ter dado um arrepio na espinha dos adoradores naquele

dia. Isaías havia profetizado que um rei estava vindo, que iria conduzir um reino diferente de tudo que o mundo já tinha visto. Será que as profecias de Isaías estavam prestes a se tornar realidade? Poderia realmente ser que um reino cujo domínio aumentaria sem fim estava prestes a começar (Is 9.7)? Seria realmente possível que justiça, paz e retidão estivessem prestes a se estabelecer para sempre? Será que esse rei realmente traria cura para o solo ressequido, as mãos fracas, os joelhos trêmulos, os corações temerosos, os cegos, os surdos, os aleijados, os mudos, os quebrantados de coração, os cativos e as almas pecaminosas, e proclamariam o ano de jubileu para os pobres (Is 35.1-6; 53.5; 61.1-2)? A resposta de Jesus a todas essas perguntas foi um retumbante "sim", declarando: "*Hoje* se cumpriu a escritura que vocês acabaram de ouvir".

No mesmo capítulo, Jesus resumiu seu ministério da seguinte forma: "Preciso pregar as boas novas do *reino de Deus* também às outras cidades, porque é por isso que fui enviado" (Lc 4.43, grifo do autor). A missão de Jesus era e é pregar as boas novas do reino de Deus, para dizer a todos: "Eu sou o Rei dos reis e Senhor dos senhores, e estou usando o meu poder para consertar tudo que o pecado arruinou". Como o pastor e teólogo Tim Keller declara: "O reino é a renovação do mundo inteiro através da entrada de forças sobrenaturais. Quando as coisas são trazidas de volta sob o domínio e autoridade de Cristo, elas são restauradas à saúde, beleza e liberdade".[2]

Claro que há tanto um "agora" quanto um "ainda não" para o reino. A plena manifestação do reino não ocorrerá até que haja um novo céu e uma nova terra. Só então toda lágrima será apagada dos nossos olhos (Ap 21.4). Mas há dois mil anos, Jesus afirmou

claramente que há um “agora” no reino, dizendo: “se cumpriu a escritura que vocês acabaram de ouvir” (Lc 4.21).

Uma resposta completa para a questão

Pedimos a milhares de cristãos evangélicos em numerosos contextos essa pergunta básica - por que Jesus veio a Terra? - e a grande maioria das pessoas diz algo como: “Jesus veio para morrer na cruz e nos salvar de nossos pecados para podermos ir para o céu. Embora essa resposta seja verdadeira, a mensagem de Jesus é ainda mais abrangente e grandiosamente épica do que isso: “O reino dos céus está próximo. Eu sou o rei que está trazendo cura para todo o cosmos. Se - e somente se - você se arrepender e acreditar em mim, um dia desfrutará de todos os muitos benefícios que o meu reino traz”.

Compare a resposta da maioria dos evangélicos com a seguinte passagem referente à natureza e obra de Jesus Cristo: Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito sobre toda a criação. Pois por ele todas as coisas foram criadas: coisas no céu e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos ou poderes ou governantes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele todas as coisas se mantêm juntas. E ele é a cabeça do corpo, a igreja; ele é o começo e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo ele possa ter a supremacia. Porque Deus se agradou de ter toda a sua plenitude nele e, através dele, reconciliar consigo todas as coisas, seja na terra, seja nas coisas celestiais, fazendo a paz pelo seu sangue, derramando-se na cruz. (Cl 1.15-20).

Nessa passagem, Jesus Cristo é descrito como o Criador, Sustentador e Reconciliador de *tudo*. Sim, Jesus morreu pelas

nossas almas, mas Ele também morreu para reconciliar - isto é, para estabelecer um relacionamento correto - tudo o que Ele criou. Isso é o que cantamos todos os anos nas canções de Natal: “Ele vem para fazer suas bênçãos conhecidas, até que a maldição seja encontrada”. A maldição é de alcance cósmico, trazendo decadência, quebrantamento e morte a cada partícula do universo. Mas como Rei dos reis e Senhor dos senhores, Jesus está fazendo todas as coisas novas! Esta é a boa nova do evangelho.

Quando tinha três anos de idade, minha filha Anna inclinou a cabeça uma noite e orou: “Querido Jesus, por favor, volte logo, porque temos muitos ‘dodóis’, e eles doem.” Eu fiquei engasgado ao ouvi-la, pois ela havia capturado a essência da cura abrangente do reino e ansiava que essa cura acontecesse com ela. Ela estava orando - em uma língua de três anos - “Venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10). Sim, venha depressa, Senhor Jesus, pois temos muitos dodóis e eles realmente doem.

Jesus é realmente o Messias?

Jesus afirmou ser o rei prometido, mas como sabemos que suas afirmações eram verdadeiras? Essa pergunta deixou todos perplexos, desde os leprosos dos dias de Jesus até as maiores mentes do século 21. Mas é um tanto surpreendente que no final de sua vida, o próprio João Batista ainda estivesse incerto sobre a autenticidade de Jesus. João passara toda a sua carreira comendo gafanhotos e mel silvestre, vestindo roupas estranhas, andando pelo deserto e pregando a todos que Jesus era o prometido Messias, o rei que reinaria no trono de Davi. Mas agora João encontrou-se na prisão de Herodes prestes a ter sua cabeça cortada. Ele provavelmente estava pensando: *se Jesus é realmente o Messias, certamente Ele iniciaria o golpe contra o Rei Herodes antes que eu, seu ministro das relações exteriores, fosse executado!* Mas não houve tentativa de golpe, e John, compreensivelmente, desenvolveu alguma dúvida.

Então, João enviou dois de seus discípulos para perguntar a Jesus: “Você é quem deveria vir, ou devemos esperar outra pessoa?” (Lc 7.19). Há tantas maneiras com que Jesus poderia ter respondido a essa pergunta. Ele poderia ter apontado que Seu nascimento em Belém, da linhagem de Davi, era consistente com as profecias sobre o Messias. Ou Jesus poderia ter se referido ao seu conhecimento notável das Escrituras e às suas habilidades de ensino incomparáveis. Ou Jesus poderia ter lembrado a João que ambos haviam testemunhado o Espírito Santo descendo sobre Jesus na forma de uma pomba, e ouvido Deus Pai dizer: “Este é o meu Filho a quem amo; com ele estou satisfeito” (Mateus 3.17). Se este último evento não conseguiu convencer João, parece que

nada poderia! Mas Jesus escolheu não apontar para nenhum desses sinais. João já estava ciente disso e aparentemente precisava de algo mais para confortá-lo. Então Jesus disse: Volte e relate a João o que você viu e ouviu: Os cegos recebem visão, os coxos andam, aqueles que têm lepra são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e as boas novas são pregadas aos pobres. Bendito é o homem que não cai por causa de mim. (Lc 7.22–23).

Em essência, Jesus estava dizendo a João: "João, você não correu a corrida em vão. Eu sou o Messias prometido. E você pode ter certeza por causa do que seus discípulos estão *me ouvindo dizer e me vendo fazer*. Eu estou pregando as boas novas do reino *e* estou mostrando as boas novas do reino, assim como Isaías disse que eu faria".

Quão inútil teria sido se Jesus tivesse usado apenas palavras e não ações para declarar o reino. Imagine ler a história em Lucas 18.35–43 sobre o mendigo cego que estava sentado na beira da estrada. Ouvindo que Jesus estava passando, ele chamou: "Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim!" E se Jesus tivesse dito: "Eu sou o cumprimento de todas as profecias. Eu sou o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Eu tenho todo o poder no céu e na terra. Eu poderia te curar hoje da sua cegueira, mas eu só me importo com a sua alma. Acredite em mim"? Quem teria acreditado que Jesus era o rei prometido se não tivesse dado nenhuma evidência para provar isso? Como Pedro declarou no Pentecoste: "Homens de Israel, ouçam isto: Jesus de Nazaré foi um homem aprovado por Deus através de milagres, maravilhas e sinais, que Deus fez entre vocês através dele, como vocês mesmos sabem" (At 2.22). As ações de Jesus foram essenciais para provar que Ele

era verdadeiramente o Messias prometido. Jesus pregou as boas novas do reino e mostrou as boas novas do reino.

O que Jesus faria?

Em seu livro *The Las Days: A Son's Story of Sin and Segregation at the Dawn of the New South* [Os últimos dias: A história do pecado e da segregação de um filho no amanhecer do Novo Sul], Charles Marsh descreve seu crescimento em Laurel, Mississippi, durante a década de 1960. As tensões raciais eram altas, pois o governo federal tentava acabar com a segregação. Trabalhadores dos direitos civis, muitos dos quais vieram do norte, colocaram-se na região, procurando acabar com séculos de discriminação contra os negros. O pai de Charles era o conhecido pastor da Primeira Igreja Batista em Laurel e foi um pilar da comunidade. Amado por sua notável pregação e vida piedosa, o reverendo Marsh era para seus paroquianos o modelo cristão.

Também morando em Laurel, Mississippi, estava Sam Bowers, o Mago Imperial dos Cavaleiros Brancos da Ku Klux Klan do Mississippi, que aterrorizava os negros em toda a região. Bowers era suspeito de tramar pelo menos nove assassinatos de negros e trabalhadores ligados aos direitos civis, setenta e cinco atentados a bomba contra igrejas de negros e numerosos espancamentos e agressões físicas.

Como o reverendo Marsh, o modelo cristão, respondeu a essa situação? Charles explica:

> Não há dúvida de que meu pai odiava a Klan quando pensava sobre eles. No fundo do seu coração, ele considerava a escravidão um pecado, racismos como os da Alemanha ou da África do Sul, uma ofensa à fé, e ele me ensinou tanto em pronunciamentos ocasionais sobre a história do sul quanto nas

tarefas de casa. “Não há justificativa para o que fizemos ao negro. Foi uma maldade e estávamos errados.” No entanto, a obra do Senhor está em outro lugar. “Seja fiel na frequência à igreja, pois a sua presença pode, ao menos, mostrar que você está do lado de Deus quando suas portas estiverem abertas”, ele aconselhou no boletim da igreja. Claro, encher os bancos da igreja é uma das fantasias de qualquer ministro - há sempre o desejo de crescer, crescer e crescer. Mas as parcelas diárias do Mississippi queimando, a pobreza esmagadora dos habitantes negros da cidade, os rituais de supremacia branca, o cheiro de terror que impregnava as ruas como o fedor de *Masonite*, não apareciam em seus sermões ou em nossas conversas de mesa de jantar ou nos diálogos da igreja. Estes eram, para um bom pregador batista como ele, um assunto de política, tendo pouco ou nada a ver com a geografia espiritual da jornada de um peregrino ao paraíso. Aborrecimentos indesejados? Sim. Evidências tristes de nossas falhas humanas? Certamente. Mas tudo isso seria retificado em algum futuro escatológico - “quando todos chegarmos ao céu, que dia de regozijo será”.[3]

Como muitos cristãos naquela época e agora, o cristianismo do reverendo Marsh enfatizou corretamente a devoção pessoal, mas falhou em conseguir abraçar a preocupação social que deveria emanar de uma perspectiva do reino. Ele acreditava que o cristianismo consistia em manter a alma pura, evitando o álcool, as drogas e a impureza sexual, e ajudando os outros a manterem suas almas puras também. Havia pouco “agora” do reino para o reverendo Marsh, além da salvação de almas.

De fato, para muitos cristãos, Tiago 1.27 diz: “A religião que Deus, nosso Pai, aceita como pura e perfeita é esta: ... guardar a si mesmo da poluição do mundo”. De alguma forma, muitas vezes negligenciamos a frase de que a religião pura e sem falhas inclui “olhar para os órfãos e as viúvas em sua aflição”.

Enquanto o reverendo Marsh pregava devoção pessoal e a esperança do céu, os negros estavam sendo linchados no Mississipi através da conspiração de Sam Bowers. Menos dramático, mas ainda mais difundido, era todo o sistema social, político e econômico projetado para manter os negros em seu lugar. O que o rei Jesus faria nessa situação? Ele iria simplesmente evangelizar os negros, dizendo: “Eu ouvi seus gritos de socorro, mas sua situação terrena não é motivo de preocupação para mim. Acredite em mim e eu transportarei sua alma para o céu algum dia. Enquanto isso, abstenha-se de álcool, drogas e impureza sexual”? É assim que Jesus respondeu ao mendigo cego que implorou por misericórdia?

O reverendo Marsh estava sob enorme pressão. Ele verdadeiramente temia perder o emprego e expor sua família ao perigo de sofrer fisicamente caso se manifestasse contra a Ku Klux Klan. Além disso, suas lentes teológicas estavam mais sintonizadas com questões de devoção pessoal do que “buscando justiça e encorajando os oprimidos” (Is 1.17). Por todas essas razões, o reverendo Marsh concentrou sua atenção e suas energias não na luta contra a Ku Klux Klan mas na falta de piedade pessoal e descrença de alguns dos trabalhadores de direitos civis. Isso culminou em sua escrita de um famoso sermão “A Tristeza de Selma”, em que ele criticou os defensores dos direitos civis, chamando-os de “rebeldes sujos“, “malucos imorais”

e “carregadores de cartazes degenerados” que eram hipócritas por não acreditarem em Deus.[4]

Em certo sentido, o reverendo Marsh estava certo. Muitos dos manifestantes dos direitos civis ansiavam pela paz, justiça e retidão do reino, mas não queriam dobrar o joelho ao próprio Rei, o que é um pré-requisito para aproveitar todos os benefícios do reino. Em contraste, o reverendo Marsh abraçou o rei Jesus, mas ele não entendeu a plenitude do reino de Cristo e suas implicações para as injustiças em sua comunidade. Tanto o reverendo Marsh quanto os defensores dos direitos civis estavam errados, mas de maneiras diferentes. Reverendo Marsh procurou o rei sem o reino. Os trabalhadores dos direitos civis procuraram o reino sem o rei. A igreja precisa de uma perspectiva do reino centrada em Cristo, totalmente circundada, para responder corretamente a pergunta: “O que Jesus faria?”

Qual a tarefa da igreja?

A tarefa do povo de Deus está enraizada na missão de Cristo. Simplesmente declarado, Jesus pregou as boas novas do reino em palavras e ações, então a igreja deve fazer o mesmo. E como vimos, Jesus particularmente se deliciou em espalhar as boas novas entre os feridos, os fracos e os pobres. Por isso, não é de surpreender que, ao longo da história, o povo de Deus tenha sido ordenado a seguir os passos do rei em lugares de fragilidade.

No Antigo Testamento, o povo escolhido de Deus, a nação de Israel, deveria apontar para o futuro Rei, prefigurando o que ele seria (Mt 5.17; Jo 5.37-39, 45-46; Cl 2.16-17). Israel foi para ser uma prévia da próxima atração: o rei Jesus. Como qualquer prévia, Israel deveria dar aos espectadores uma ideia de como seria o evento principal e fazer os espectadores quererem ver o evento principal. Quando as pessoas olhavam para Israel, eles deveriam dizer para si mesmos: “Uau! Essas pessoas são realmente diferentes. Eu não vejo a hora conhecer o rei deles. Ele deve realmente ser algo especial”. Portanto, uma vez que o rei Jesus traria boas novas para os pobres, não é de surpreender que Deus quisesse que Israel cuidasse dos pobres também.

De fato, Deus deu a Moisés numerosos mandamentos instruindo Israel a cuidar dos pobres. O sábado garantiu um dia de descanso para o escravo e o estrangeiro (Ex 23.10-12). O ano sabático cancelou dívidas para os israelitas, permitiu que os pobres colhessem dos campos e libertasse os escravos, assim como equipou os escravos para serem produtivos (Dt. 15.1-18). O ano do jubileu enfatizou a liberdade; libertou escravos e devolveu a terra a seus donos originais (Lv 25.8-55). Outras leis sobre a

dívida, o dízimo e a coleta garantiram que os pobres fossem cuidados em cada dia do ano (Lv 25.35–38; Dt. 14.28–29; Lv 19.9–10). Os mandamentos eram tão extensos que foram projetados para alcançar o objetivo final de erradicar a pobreza entre o povo de Deus: “Não deve haver pobres entre vocês”, declarou Deus (Dt 15.4).

Infelizmente, Israel não cumpriu sua tarefa. Ela era uma péssima prévia da próxima atração, e Deus enviou Seu povo escolhido para o exílio como resultado. Por que pecados específicos foi Israel enviado ao cativeiro? Considere os seguintes trechos de passagens em Isaías em que Deus está acusando Israel por seus pecados e prometendo mandá-lo para o exílio. O que você percebe quando lê estas passagens?

> Ouça a palavra do Senhor, seus governantes de Sodoma; escutem a lei do nosso Deus, vocês de Gomorra! “A variedade de vossos sacrifícios - o que são para mim?” Diz o Senhor. “Eu tenho mais do que suficiente de sacrifícios, de carneiros e a gordura de animais gordos; Não tenho prazer no sangue de touros, cordeiros e cabras. Quando você vem para aparecer diante de mim, quem perguntou isso de você, esse atropelo dos meus tribunais? Pare de trazer ofertas sem sentido! Seu incenso é detestável para mim. Novas Luas, Sábados e convocações - não posso suportar suas reuniões maléficas... Pare de fazer mal, aprenda a fazer o certo! Busque justiça, encoraje os oprimidos. Defenda a causa do órfão, defenda o caso da viúva. (Is 1.10–13, 16b –17).
>
> Grite em voz alta, não se contenha. Levante sua voz como uma trombeta. Declare ao meu povo sua rebelião e à casa de

Jacó seus pecados. Porque dia após dia me procuram; eles parecem ansiosos para conhecer meus caminhos, como se fossem uma nação que faz o que é certo e que não abandonou os mandamentos de seu Deus. Eles me pedem decisões justas e parecem ansiosos para que Deus chegue perto deles. “Por que jejuamos”, dizem eles, “e você não viu isso? Por que nos humilhamos e você não percebeu?”... É este o tipo de jejum que escolhi, apenas um dia para um homem se humilhar? É apenas para inclinar a cabeça como uma vara e por se deitar em panos de saco e cinzas? É isso que você chama de jejum, um dia aceitável para o Senhor? Não é este o tipo de jejum que escolhi: libertar as cadeias da injustiça e desatar as cordas do jugo, libertar os oprimidos e quebrar todo jugo? Não é para compartilhar sua comida com os famintos e para fornecer abrigo ao pobre viajante - quando você vê o nu, para vesti-lo e não se afastar de sua própria carne e sangue? Então a sua luz irromperá como a aurora e a sua cura aparecerá rapidamente; então sua justiça irá adiante de você, e a glória do Senhor será sua retaguarda. Então você vai ligar e o Senhor responderá; você gritará por socorro, e ele dirá: Aqui estou eu. Se você acabar com o jugo da opressão, com o dedo apontador e a fala maliciosa, e se você gastar em benefício dos famintos e satisfazer as necessidades dos oprimidos então sua luz se elevará na escuridão e sua noite se tornará como o meio-dia. (Is 58.1–3, 5–10).

Por que Israel foi enviado ao cativeiro? Muitos de nós temos uma imagem em nossa mente de que os israelitas saiam de suas camas todas as manhãs e corriam para o santuário mais próximo

para adorar ídolos. De fato, numerosas passagens do Antigo Testamento indicam que a idolatria era um problema em Israel. Mas essas passagens dão uma visão mais ampla. Aqui, Israel parece ser caracterizado pela devoção pessoal e pelas expressões exteriores da religião formal: adorando, oferecendo sacrifícios, celebrando feriados religiosos, jejuando e orando. Traduza isso para a era moderna, e poderíamos dizer que essas pessoas estavam frequentando fielmente a igreja todos os domingos, participando de reuniões de oração no meio da semana, indo ao retiro anual da igreja e cantando músicas de louvor contemporâneo. Mas Deus estava enojado deles, chegando a chamá-los de Sodoma e Gomorra!

Por que Deus estava tão descontente? Ambas as passagens enfatizam que Deus estava furioso com o fracasso de Israel em cuidar dos pobres e oprimidos. Ele queria que seu povo "soltasse as correntes da injustiça" e não apenas fosse à igreja no domingo. Ele queria que seu povo "vestisse o nu" e não apenas participasse de reuniões de oração no meio da semana. Ele queria que seu povo "gastasse a si mesmo em nome dos famintos" e não apenas cantasse música de louvor.

A piedade pessoal e a adoração formal são essenciais para a vida cristã, mas devem levar a vidas que "ajam com justiça e amem com misericórdia" (Mq 6.8).

No Novo Testamento, o povo de Deus, a igreja, é mais do que apenas uma prévia do rei Jesus. A igreja é o corpo, a noiva e a plenitude de Jesus Cristo (Ef 1.18–23; 4.7–13; 5.32). Quando as pessoas olham para a igreja, elas devem ver a própria personificação de Jesus! Quando as pessoas olham para a igreja, elas devem ver Aquele que declarou - em palavras e atos ao

leproso, ao coxo e ao pobre - que seu reino está trazendo cura a cada partícula do universo.

De fato, vemos isso desde o início do ministério da igreja. Quando Jesus enviou Seus doze discípulos pela primeira vez, lemos: “Ele os enviou para pregar o reino de Deus e curar os enfermos” (Lc 9.2). Mais tarde, Jesus enviou setenta e dois outros, ordenando-lhes: “Cure os doentes que estão lá e diga-lhes: ‘O reino de Deus está perto de você’” (Lc 10.9). A mensagem era o reino de Deus e deveria ser comunicada tanto em palavras quanto em ações.

E na primeira passagem relativa à reunião da igreja, lemos: “Não havia pessoas necessitadas entre eles” (At 4.34). O teólogo Dennis Johnson explica que Lucas, o autor de Atos, está repetindo intencionalmente a linguagem que vimos anteriormente em Deuteronômio 15.4, na qual Deus disse a Israel: “Não deve haver pobres entre vocês”[5] Lucas está indicando que, enquanto Israel falhou em cuidar dos pobres e foi enviado ao cativeiro, o povo de Deus foi restaurado e agora está incorporando o Rei Jesus e seu reino, um reino no qual não há pobreza (Ap 21.1-4). De fato, em todo o Novo Testamento, o cuidado dos pobres é uma preocupação vital da igreja (Mt 25.31-46; At 6.1-7; Gl 2.1-10; 6.10; Tg 1.27). Talvez nenhuma passagem declare mais sucintamente do que 1João 3.16–18:

> É assim que sabemos o que é amor: Jesus Cristo deu a vida por nós. E devemos dar a vida pelos nossos irmãos. Se alguém tem posses materiais e vê seu irmão em necessidade, mas não tem pena dele, como pode o amor de Deus estar nele? Queridos filhos, não amemos com palavras ou língua, mas com ações e com verdade.

Os ensinamentos da Bíblia devem permear o coração dos cristãos norte-americanos [e brasileiros].[6] Seja como for, somos as pessoas mais ricas que já andaram no planeta Terra. Além disso, em nenhum momento da história houve maior disparidade econômica no mundo do que atualmente.

Historiadores econômicos descobriram que, durante a maior parte da história da humanidade, houve pouco crescimento econômico e desigualdade econômica relativamente baixa. Como resultado, por volta de 1820, após milhares de anos de desenvolvimento humano, a renda média por pessoa nos países mais ricos era apenas cerca de quatro vezes maior do que a renda média por pessoa nos países mais pobres.[7] Em seguida, a Revolução Industrial chegou, causando um crescimento econômico sem precedentes em alguns países, mas deixando o resto do mundo para trás. Como resultado, enquanto o americano médio vive com mais de noventa dólares por dia,[8] aproximadamente um bilhão de pessoas vivem com menos de um dólar por dia e 2,6 bilhões - 40% da população mundial - vivem com menos de dois dólares por dia.[9] Se o povo de Deus, tanto no Antigo como no Novo Testamentos, deveriam se preocupar com os pobres durante eras de relativa igualdade econômica, o que devemos concluir sobre o desejo de Deus para a igreja brasileira hoje?[10] “Se alguém tem bens materiais e vê seu irmão em necessidade, mas não tem pena dele, como pode o amor de Deus estar nele?”

Qual é a tarefa da igreja? Devemos encarnar Jesus Cristo fazendo o que ele fez e o que ele continua a fazer através de nós: declarar - usando palavras e atos - que Jesus é o Rei dos reis e

Senhor dos senhores, que está trazendo um reino de virtudes, justiça, e paz. E a igreja precisa fazer isso onde Jesus fez isso, entre os cegos, os aleijados, os doentes e os marginalizados e os pobres.

Um exército de marginalizados

Dado o foco do ministério de Jesus, realizado através de seu corpo, não é de surpreender que Tiago faça a seguinte observação sobre a igreja primitiva: “Escute, meus queridos irmãos: Deus não escolheu os que são pobres aos olhos do mundo, para ser rico em fé e herdar o reino que prometeu aos que o amam?” (Tg 2.5). Da mesma forma, Paulo, sendo bastante enfático em relação a esse assunto, em sua carta à muito desagradável igreja de Corinto, quando ele diz: Irmãos, pensem no que você era quando foi chamado. Não muitos de vocês foram sábios para os padrões humanos; muitos não foram influentes; muitos não eram de nascimento nobre. Mas Deus escolheu as coisas tolas do mundo para envergonhar os sábios; Deus escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar os fortes. Ele escolheu as coisas humildes deste mundo e as coisas desprezadas - e as coisas que não são - para anular as coisas que são, para que ninguém se glorie diante dele (1Co 1.26-29).

Comentando sobre essas passagens, Mark Gornik, um teólogo, pastor e desenvolvedor da comunidade nos Estados Unidos, diz: “Aqui, tanto Tiago quanto Paulo, é uma testemunha central extraída de toda a Escritura: Deus soberanamente escolheu trabalhar no mundo, começando com os fracos que estão do lado de ’fora‘, não os poderosos que estão do lado de ‘dentro’”.[11]

A alegação aqui não é que os pobres são inerentemente mais justos ou santificados do que os ricos. Não há lugar na Bíblia que indique que a pobreza é um estado desejável ou que as coisas materiais são más. De fato, a riqueza é vista como um presente de Deus. O ponto é simplesmente que, para sua própria glória, Deus

escolheu revelar seu reino no lugar onde o mundo, em todo o seu orgulho, menos esperaria, entre os tolos, os fracos, os humildes e os desprezados. É realmente estranho colocar os pobres no centro de uma estratégia para expandir um reino, mas a história indica que essa estratégia não convencional foi realmente bem-sucedida. O sociólogo Rodney Stark documenta que o envolvimento da igreja primitiva com pessoas que sofrem foi crucial para seu crescimento explosivo. As cidades do Império Romano eram caracterizadas por falta de saneamento, água contaminada, alta densidade populacional, esgoto a céu aberto, ruas imundas, fedor inacreditável, crime desenfreado, prédios em colapso e frequentes doenças e pragas. “A expectativa de vida ao nascer era de menos de trinta anos - e provavelmente substancialmente menor.”[12] A única maneira de as cidades evitarem o despovoamento completo da mortalidade era que houvesse um influxo constante de imigrantes, uma situação muito fluida que contribuiu para o caos urbano, comportamento depravado e instabilidade social.

Em vez de fugir dessas fossas urbanas, a igreja primitiva encontrou nicho lá. Stark explica que o conceito cristão de amor auto sacrificial dos outros, emanando do amor de Deus por eles, era um conceito revolucionário para a mente pagã, que via a extensão da misericórdia como um ato emocional a ser evitado por pessoas racionais. Assim, o paganismo não forneceu nenhum fundamento ético para justificar o cuidado com os doentes e os necessitados que estavam sendo pisoteados pelas abundantes massas urbanas. Em contraste, Stark observa:

> O cristianismo revitalizou a vida nas cidades greco-romanas, fornecendo novas normas e novos tipos de relações sociais capazes de lidar com muitos problemas urbanos urgentes.

> Para cidades cheias de desabrigados e empobrecidos, o cristianismo oferecia caridade e esperança. Para cidades cheias de recém-chegados e estranhos, o cristianismo oferecia uma base imediata para conexões. Para as cidades cheias de órfãos e viúvas, o cristianismo forneceu um novo e ampliado senso de família. Para cidades dilaceradas pela violência e conflitos étnicos, o cristianismo ofereceu uma nova base para a solidariedade social. E para as cidades que enfrentam epidemias, incêndios e terremotos, o cristianismo oferece serviços de enfermagem eficazes.[13]

A estratégia do reino de Deus de ministrar para e entre o sofrimento era tão poderosa que outros reis tomaram nota. No quarto século d.C, o imperador romano Juliano tentou lançar instituições de caridade pagãs para competir com as instituições de caridade cristãs de grande sucesso que atraíam muitos convertidos. Escrevendo a um sacerdote pagão, Juliano reclamou: “Os ímpios galileus [ou seja, os cristãos] apoiam não apenas seus pobres, mas também os nossos, todos podem ver que nosso povo não tem nossa ajuda”.[14]

Enquanto o cristianismo se expandia pelo mundo romano, os pobres nos locais urbanos estavam no centro do palco do drama. E o mesmo é verdade hoje. O historiador Philip Jenkins documenta que o cristianismo está experimentando um crescimento explosivo na África, América Latina e partes da Ásia, regiões do mundo frequentemente chamadas de “Mundo Majoritário”. Por exemplo, em 2025, em termos de número de adeptos, a África terá substituído Europa e Estados Unidos como o centro do cristianismo. Em 2050, só Uganda deverá ter mais

cristãos do que os quatro ou cinco maiores países europeus juntos. E como a igreja primitiva, o crescimento da igreja no Mundo Majoritário está ocorrendo principalmente com os pobres no centro do palco. Jenkins observa: “As novas denominações de maior sucesso direcionam sua mensagem diretamente para os que não têm, ou melhor, para os que não têm nada”.[15]

A Grande Reversão

A ideia de que a igreja deveria estar na linha de frente do ministério para os pobres não é um conceito novo no contexto norte-americano. Como numerosos estudiosos notaram, antes do século 20, os cristãos evangélicos tiveram um grande papel em ministrar às necessidades físicas e espirituais dos pobres.[16] No entanto, tudo isso mudou no início do século 20, quando os evangélicos lutaram contra os teologicamente liberais sobre os princípios fundamentais do cristianismo. Os evangélicos interpretaram o crescente movimento do evangelho social, que parecia equiparar todos os esforços humanitários com a introdução do reino de Cristo, como parte da tendência teológica geral da nação. À medida que os evangélicos tentavam se distanciar do movimento do evangelho social, acabaram se retirando em larga escala das linhas de frente da redução da pobreza. Esse afastamento dos pobres foi tão dramático que os historiadores da igreja se referem à era de 1900-1930 como a "Grande Reversão" na abordagem da igreja evangélica aos problemas sociais.[17]

É importante notar que a Grande Reversão precedeu a ascensão do estado de bem-estar nos Estados Unidos. A Guerra à Pobreza de Lyndon Johnson não ocorreu até a década de 1960, e até mesmo as políticas relativamente modestas do *New Deal* de Franklin D. Roosevelt não foram lançadas até a década de 1930. Em suma, a retirada da igreja evangélica da luta contra a pobreza foi fundamentalmente devido a mudanças na teologia e não - como muitos afirmaram - a programas governamentais que afastaram a igreja do ministério para os pobres. Embora o

surgimento de programas governamentais possa ter exacerbado a retração da igreja, eles não foram a causa principal. A teologia importa, e a igreja precisa redescobrir uma perspectiva do reino centrada em Cristo e inteiramente coerente.

Uma tarefa importante, mas não uma tarefa exclusiva

Mesmo que a Bíblia ensine que a igreja local deve cuidar das necessidades espirituais e físicas dos pobres, a Bíblia não indica que apenas a igreja local deve cuidar dos pobres. Há evidência nas Escrituras de que mesmo em sociedades simples, indivíduos (Mt 25.31-46), famílias (1 Tm 5.8) e até governos (Dn 4.27; Sl 72) têm responsabilidades para com o pobre. Naturalmente, nas sociedades altamente complexas de hoje, uma ampla gama de ministérios paraeclesiásticos são capazes de ministrar também aos pobres. Enquanto ministérios nunca devem realizar tarefas que são exclusivamente dadas à igreja - por exemplo, a administração dos sacramentos - as Escrituras indicam que o cuidado dos pobres não é uma tarefa exclusiva da igreja.

Assim, enquanto a igreja deve cuidar dos pobres, a Bíblia dá aos cristãos alguma liberdade em decidir a extensão e a maneira pela qual a igreja local deveria fazer isso, direta ou indiretamente. Às vezes, a igreja local pode sentir que é sábio possuir e operar um ministério para os pobres sob a visão direta de sua liderança. Em outras situações, a igreja local pode achar que seria mais sensato ministrar indiretamente, iniciando ou apoiando um ministério paraeclesiástico, ou simplesmente encorajando indivíduos a alcançar os pobres. A sabedoria deve ser usada para determinar o melhor curso de ação em cada situação. No entanto, sempre que o povo de Deus escolher ministrar fora da supervisão direta da igreja local, eles devem sempre procurar ser parceiros da igreja local, que tem autoridade dada por Deus sobre a vida espiritual das pessoas.

O que Laurel, no Mississippi, e Kigali, em Ruanda, têm em comum?

Eu acabara de apresentar grande parte do material deste capítulo para uma audiência na África. Um homem africano muito alto e musculoso na plateia se aproximou de mim com lágrimas nos olhos. Ele disse: “Isto não é o que os missionários nos ensinaram. Eles nos disseram apenas para fazer evangelismo para salvar as almas das pessoas. Mas você está dizendo que Jesus se preocupa com toda a criação e que Ele quer que ministremos aos corpos e almas das pessoas. Eu não posso discutir com as passagens da Bíblia que você citou. Mas agora como devo me sentir sobre os missionários? Eles são meus heróis”. Ele estava visivelmente abalado.

“Eu não sou digno de carregar as sandálias daqueles missionários”, assegurei-lhe. “Eles empacotaram seus caixões nos navios que os trouxeram para a África, e muitos deles foram martirizados por causa do evangelho. Eles são dignos de sua mais alta admiração. Mas, como todos nós, eles tinham algumas fraquezas”.

Infelizmente, a experiência deste homem não foi única. A Grande Reversão moldou as estratégias de missão da igreja norte-americana desde o final do século 19. Muitas vezes, sem uma avaliação das implicações abrangentes do reino de Deus, muitos missionários se concentraram no evangelismo para salvar as almas das pessoas, mas às vezes negligenciaram “fazer discípulos de todas as nações”. Os convertidos precisam ser treinados em uma cosmovisão bíblica que compreenda as implicações do senhorio de Cristo para toda a vida e que busque

responder à pergunta: Se Cristo é Senhor de tudo, como fazemos agricultura, negócios, governo, família, arte etc., para a glória de Deus?

A falha em incluir este elemento de “toda a vida” no evangelho tem sido devastador no Mundo Majoritário. Talvez não haja melhor exemplo disso do que Ruanda. Apesar do fato de que 80% dos ruandeses afirmaram ser cristãos, uma sangrenta guerra civil eclodiu em 1994, na qual a maioria hutu conduziu um brutal genocídio contra a minoria tutsi e os hutus moderados. Ao longo de um período de três meses, estima-se que 800.000 pessoas foram abatidas, a grande maioria delas tutsis.

Como isso pode acontecer? Em seu livro *Changing the Mind of Missions: Where Have We Gone Wrong?* [Mudando a concepção de missões: onde nós erramos?], os missiólogos James Engle e William Dyrness explicam que a resposta está no fato de a igreja de Ruanda falhar em aplicar uma cosmovisão bíblica, uma perspectiva do reino a toda a vida. Para a maioria dos ruandeses, o cristianismo era “pouco mais do que um verniz superficial e privatizado em um estilo de vida secular caracterizado por valores animistas, antigo ódio e guerra tribais... A igreja estava em silêncio sobre questões críticas de vida e morte, quanto à dignidade e o valor de cada pessoa feita à imagem de Deus”.[18] Em outras palavras, a igreja em Ruanda carecia de uma perspectiva centrada em Cristo, totalmente coerente e, consequentemente, não estava equipada para cumprir a Grande Comissão “discipulando a nação”.

Então, o que Laurel, no Mississippi, e Kigali, em Ruanda, têm em comum? Duas coisas.

Primeiro, ambas as igrejas não entendiam completamente as implicações de por que Jesus veio à Terra. Como resultado, o que

foi ensinado no púlpito na manhã de domingo não teve o impacto que o evangelho deveria ter na vida das pessoas de segunda a sábado.

Segundo, apesar dos fracassos de seu povo, o Rei Jesus trouxe sua cura para as igrejas em ambos os lugares. Com o tempo, o Reverendo Marsh chegou a uma compreensão mais completa das implicações do evangelho, eventualmente pregando um sermão intitulado *Amazing Grace for Every Race* (Maravilhosa graça para todas as raças) e tomando uma posição pública contra o racismo. E hoje, as igrejas em Ruanda estão ajudando os hutus e os tutsis a se reconciliarem uns com os outros. A cura do reino não pode ser detida. E anunciar essas boas novas - esse evangelho do reino - é a razão pela qual Jesus Cristo veio à Terra.

Questões para reflexão e exercícios

Por favor, escreva suas respostas para as seguintes perguntas:

1. Reflita sobre sua resposta à pergunta no início deste capítulo: por que Jesus veio à Terra? Como sua resposta a essa pergunta moldou a maneira como você vive sua vida? Como você pode viver uma vida que reflita mais plenamente uma perspectiva centrada em Cristo e no reino? Seja específico.
2. Você sabia antes de ler este capítulo que uma das razões pelas quais Israel foi enviado para o cativeiro foi sua incapacidade de cuidar dos pobres? Se não, por que não? O que a ignorância da igreja norte-americana sobre a causa do cativeiro sugere sobre a maneira como está lendo as Escrituras?
3. Reflita sobre como sua igreja responde à pergunta: qual é a principal tarefa da igreja? A resposta da sua igreja a essa pergunta pode não estar explícita. Assim, você pode ter que discernir a resposta implícita da sua igreja a essa questão, pensando sobre as mensagens do púlpito, os tipos de ministérios realizados e a maneira como esses ministérios são conduzidos. Como sua igreja pode refletir mais plenamente uma teologia do reino centrada em Cristo em seus ministérios? Seja específico.
4. Quando as pessoas pobres olham para sua igreja, de que maneira elas veem a corporificação de Jesus Cristo e a compreensível cura de seu reino? O que mais sua igreja poderia estar fazendo?
5. Relacione três coisas específicas que você tentará fazer

como resultado deste capítulo. Ore para que Deus te dê forças para ser fiel em fazer essas coisas.

Pensamentos iniciais

Tome alguns minutos para responder à seguinte pergunta:

O que é pobreza? Faça uma lista de palavras que vêm à sua mente quando você pensa em pobreza.

Capítulo 2

Qual é o problema?

Os pobres falam sobre a pobreza

No final da Segunda Guerra Mundial, os Aliados criaram o Banco Mundial para financiar a reconstrução da Europa devastada pela guerra. Os esforços do Banco Mundial foram notavelmente bem-sucedidos e as economias europeias tiveram o crescimento mais rápido de sua história. Dado esse sucesso, o Banco Mundial tentou uma abordagem semelhante para ajudar os países de baixa renda: emprestando-lhes dinheiro em termos generosos para promover o crescimento econômico e a redução da pobreza. Os resultados foram pouco louváveis. O despejar de capital funcionou para reconstruir países como a França, mas pouco ajudou em lugares como a Índia. Na superfície, os problemas em ambos os lugares pareciam iguais - pobreza e fome, refugiados, falta de infra-estrutura, serviços sociais inadequados e economias anêmicas, mas algo era diferente no Mundo Majoritário.

Resolver o problema da pobreza continuou a confundir o Banco Mundial, que permaneceu sendo a principal instituição do setor público tentando reduzir a pobreza em países de baixa renda. Assim, durante os anos 1990, depois de décadas de resultados muito mistos, o Banco Mundial tentou uma nova abordagem. Consultou-se “os verdadeiros especialistas em pobreza, os próprios pobres”,[1] perguntando a mais de sessenta mil pobres de sessenta países de baixa renda a questão básica: o que é pobreza? Os resultados deste estudo foram publicados em uma

série de três volumes de livros, chamado *Voices of the Poor* [Vozes dos pobres]. Abaixo está uma pequena amostra das palavras que os pobres usaram para descrever sua própria situação:

> Para uma pessoa pobre tudo é terrível - doença, humilhação, vergonha. Somos aleijados; temos medo de tudo; nós dependemos de todos. Ninguém precisa de nós. Nós somos como lixo do qual todo mundo quer se livrar.[2]
> – Moldávia

> Quando eu não tenho nenhuma [comida para trazer para minha família], eu pego emprestado, principalmente de vizinhos e amigos. Eu me sinto envergonhado diante dos meus filhos quando não tenho nada para ajudar a alimentar minha família. Eu não estou bem quando estou desempregado. É terrível.[3]
> - Guiné-Bissau

> Nos últimos dois anos, não celebramos feriados com outras pessoas. Não podemos nos dar ao luxo de convidar ninguém para a nossa casa e nos sentimos desconfortáveis em visitar os outros sem levar um presente. A falta de contato é depressiva, cria um sentimento constante de infelicidade e uma sensação de baixa autoestima.[4]
> – Letônia

> Quando se é pobre, não se tem voz em público, você se sente inferior. Não se tem comida, então há fome em sua casa; sem roupas e sem progresso em sua família.[5]

– Uganda

[Os pobres têm] um sentimento de impotência e uma incapacidade de se fazerem ouvir.[6]
– Camarões

Sua fome nunca é satisfeita, sua sede nunca se apaga; você nunca pode dormir até não estar mais cansado.[7]
– Senegal

Se você estiver com fome, estará sempre com fome; se você é pobre, você sempre será pobre.[8]
– Vietnã

O que determina a pobreza ou o bem-estar? O destino do povo indígena é ser pobre.[9]
– Equador

O que não se deve faltar é ovelha, o que não se pode viver sem é comida.[10]
– China

Por favor, dedique alguns minutos para listar algumas palavras-chave ou frases que você vê nas citações listadas acima. Você vê alguma diferença entre como descreveu a pobreza no início deste capítulo e como os pobres descrevem sua própria pobreza? Existe alguma coisa que te surpreenda?

Realizamos o exercício anterior em dezenas de igrejas norte-americanas de classe média a alta, predominantemente

caucasianas. Na grande maioria dos casos, essas audiências descrevem a pobreza de forma diferente da que os pobres dos países de baixa renda o fazem. Embora os pobres mencionem a falta de coisas materiais, eles tendem a descrever sua condição em termos muito mais psicológicos e sociais do que o público geral. As pessoas pobres costumam falar em termos de vergonha, inferioridade, impotência, humilhação, medo, desesperança, depressão, isolamento social e falta de voz. As audiências norte-americanas tendem a enfatizar a falta de coisas materiais como alimento, dinheiro, água potável, remédios, moradia *etc.* Como será discutido mais adiante, esse descompasso entre as percepções de pobreza de muitos estrangeiros e as percepções das próprias pessoas pobres pode ter consequências devastadoras para os esforços da diminuição da pobreza.

Como os pobres nos Estados Unidos descrevem sua própria pobreza? Embora não pareça haver nenhum estudo comparável à pesquisa do Banco Mundial, muitos observadores notaram características semelhantes de pobreza no contexto norte-americano. Por exemplo, considere Cornel West, um estudioso negro, quando ele resume o que muitos estão dizendo agora sobre a pobreza de gueto[29] nos Estados Unidos: A questão mais básica agora enfrentada pela população negra dos Estados Unidos [é]: *uma ameaça niilista à sua própria existência*. Essa ameaça não é simplesmente uma questão de relativa privação econômica e impotência política - embora o bem-estar econômico e a influência política sejam requisitos para um progresso significativo. É principalmente uma questão de falar com o profundo senso de depressão psicológica, inutilidade pessoal e desespero social tão difundido entre a população negra dos Estados Unidos.[11]

Semelhante ao Mundo Majoritário, enquanto há uma dimensão material para a pobreza no gueto negro, há também uma perda de significado, propósito e esperança que desempenha um papel importante na pobreza nos Estados Unidos. O problema vai muito além da dimensão material, então as soluções devem ir além do material também.

A distinção é mais que acadêmica

Definir a pobreza não é simplesmente um exercício acadêmico, pois a forma como definimos a pobreza - implícita ou explicitamente - desempenha um papel importante na determinação das soluções que usamos em nossas tentativas para reduzir essa pobreza.

Quando uma pessoa doente vai ao médico, o médico pode cometer dois erros cruciais: (1) Tratar os sintomas em vez da doença subjacente; (2) Errar o diagnóstico da doença subjacente e prescrever o medicamento incorreto. Qualquer um desses erros fará com que o paciente não melhore e, possivelmente, piore. O mesmo acontece quando trabalhamos com pessoas pobres. Se tratarmos apenas os sintomas ou se diagnosticarmos mal o problema subjacente, não melhoraremos a situação deles, e poderemos realmente piorar a vida deles. E como veremos mais adiante, podemos nos machucar no processo.

A Tabela 2.1 ilustra como diferentes diagnósticos das causas da pobreza levam a diferentes estratégias de sua diminuição. Por exemplo, durante a década inicial após a Segunda Guerra Mundial, o Banco Mundial acreditava que a causa da pobreza era primariamente a falta de recursos materiais - a última linha da tabela 2.1 - por isso despejou dinheiro na Europa e no Mundo Majoritário. A estratégia funcionou na primeira, mas não na segunda. Por quê? O problema fundamental no Mundo Majoritário não foi a falta de recursos materiais. O Banco Mundial diagnosticou erroneamente a doença e aplicou o remédio errado.

Se acreditarmos que a causa primária da pobreza é...	Então iremos primariamente tentar...
A falta de conhecimento	Educar os pobres
Opressão por pessoas poderosas	Trabalhar pela justiça social
Os pecados pessoais dos pobres	Evangelizar e discipular os pobres
A falta de recursos materiais	Oferecer recursos materiais

Tabela 2.1

Da mesma forma, considere o caso familiar da pessoa que vem à sua igreja pedindo ajuda para pagar uma conta de luz. Superficialmente, parece que o problema dessa pessoa é a última linha da tabela 2.1, a falta de recursos materiais, e muitas igrejas respondem dando a essa pessoa dinheiro suficiente para pagar a conta de luz. Mas e se o problema fundamental dessa pessoa for não ter autodisciplina para manter um emprego estável? Simplesmente dar dinheiro a essa pessoa é tratar os sintomas em vez da doença e permitir que ela continue com sua falta de autodisciplina. Neste caso, o presente em dinheiro machuca mais que ajuda, e seria melhor não fazer nada do que dar este apoio. Mesmo! Em vez disso, uma solução melhor - e muito mais valiosa - seria a sua igreja desenvolver um relacionamento com essa pessoa, um relacionamento que diz: “Estamos aqui para caminhar com você e ajudá-lo a usar seus dons e habilidades para evitar esta situação no futuro. Deixe-nos entrar em sua vida e deixe-nos trabalhar com você para determinar a razão pela qual você está nessa situação”.

Infelizmente, os sintomas das pessoas pobres parecem os mesmos em todo o mundo: eles não têm coisas materiais “suficientes”.[12] No entanto, as doenças subjacentes a esses sintomas nem sempre são muito aparentes e podem diferir de

pessoa para pessoa. Um processo de tentativa e erro pode ser necessário antes que um diagnóstico adequado possa ser alcançado. Como todos nós, os pobres não estão plenamente conscientes de tudo que está afetando suas vidas e, como todos nós, os pobres nem sempre são completamente honestos consigo mesmos ou com os outros. E mesmo depois de um diagnóstico sólido, pode levar anos para ajudar as pessoas a superar seus problemas. Provavelmente haverá muitos altos e baixos no relacionamento. Tudo soa muito demorado, e é. “Se vocês *se doarem* em favor dos famintos e satisfazem as necessidades dos oprimidos, então a sua luz se levantará na escuridão, e a sua noite se tornará como o meio-dia” (Isaías 58.10, grifo do autor). “Doar a si mesmo” muitas vezes envolve mais do que apoiar uma pessoa pobre, algo que pode muito bem machucar mais que ajudar.

Um diagnóstico sólido é absolutamente crítico para ajudar as pessoas pobres sem machucá-las. Mas como podemos diagnosticar uma doença tão complexa? A sabedoria divina é necessária. Embora a Bíblia não seja um manual sobre a diminuição da pobreza, ela nos dá insights valiosos sobre a natureza dos seres humanos, da história, da cultura e de Deus para nos apontar na direção certa. Assim, no restante deste capítulo e no próximo, nós fundamentamos nossa compreensão da pobreza e sua solução na grande narrativa da Bíblia: a criação, a queda e a redenção. Reconhecemos que parte do material nesses dois capítulos é um pouco abstrato. Aguente aí! Não vai doer muito. Por projeto, o livro se move da teoria para a prática. Precisamos estabelecer uma base teórica sólida se quisermos construir esforços bem-sucedidos de diminuição da pobreza.

Pobreza: uma estrutura bíblica

No princípio

Bryant Myers, um importante pensador do desenvolvimento cristão, argumenta que, para diagnosticar corretamente a doença da pobreza, devemos considerar a natureza fundamental da realidade, começando com o Criador dessa realidade. Myers nota que o Deus trino é inerentemente um ser relacional, existindo como três-em-um desde toda a eternidade. Feitos à imagem de Deus, os seres humanos também são inerentemente relacionais. Myers explica que antes da Queda, Deus estabeleceu quatro relacionamentos fundantes para cada pessoa: um relacionamento com Deus, consigo mesmo, com os outros e com o resto de criação (veja figura 2.1).[13] Esses relacionamentos são tijolos para toda a vida. Quando eles estão funcionando adequadamente, os seres humanos experimentam a plenitude da vida que Deus planejou, porque estamos sendo o que Deus nos criou para sermos. *Em particular, para nossos propósitos, quando esses relacionamentos estão funcionando adequadamente, as pessoas são capazes de cumprir seus chamados de glorificar a Deus, trabalhando e apoiando a si mesmos e suas famílias com o fruto desse trabalho*.



Figura 2.1

Adaptado de Bryant L. Myers, *Walking with the Poor: Principles and Practices of Transformational Development* [Caminhando com os pobres: princípios e práticas do desenvolvimento transformacional] (Maryknoll, N.Y .: Orbis Books, 1999), p. 27.

Note que a vida humana não é toda uma disputa! Deus projetou seres humanos para serem uma coisa certa e para operar de certa maneira em todos esses relacionamentos:

- **Relacionamento com Deus:** Este é o nosso principal relacionamento, os outros três relacionamentos fluindo para fora deste. O Catecismo Menor de Westminster ensina que o propósito primário dos seres humanos é "glorificar a Deus e gozá-lo para sempre". Esse é o nosso *chamado*, a razão última pela qual fomos criados. Fomos criados para servir e louvar nosso Criador através de nossos pensamentos, palavras e ações. Quando fazemos isso, experimentamos a presença de Deus como nosso Pai celestial e vivemos em um relacionamento íntimo e alegre com ele como seus filhos.
- **Relacionamento com o Eu:** As pessoas únicas, criadas à imagem de Deus e, portanto, possuem valor e dignidade inerentes. Embora devamos lembrar que não somos Deus, temos o alto *chamado* de refletir o ser de Deus, tornando-

nos superiores ao resto da criação.

- **Relacionamento com os outros:** Deus nos criou para viver em relacionamento amoroso uns com os outros. Nós não somos ilhas! Somos feitos para nos conhecermos, amar uns aos outros e encorajar uns aos outros a usar os dons que Deus deu a cada um de nós para cumprir nossos *chamados*.
- **Relacionamento com o resto da Criação:** O "mandato cultural" de Gênesis 1.28–30 ensina que Deus nos criou para sermos mordomos, pessoas que compreendem, protegem, subjugam e administram o mundo que Deus criou para preservá-lo e produzir recompensas. Note que Deus fez o mundo "perfeito", mas o deixou "incompleto". Isto significa que embora o mundo tenha sido criado para ser sem defeito, Deus chamou os seres humanos para interagirem com a criação, para tornarem possibilidades em realidades, e para serem capazes de sustentar-nos através dos frutos da nossa mordomia.

As setas apontadas dos seres humanos para o que está à sua volta na figura 2.1 destacam que essas relações fundamentais são os tijolos de toda a vida. O modo como os humanos criam cultura - incluindo sistemas econômicos, sociais, políticos e religiosos - reflete nossos compromissos básicos com Deus, com o eu, com os outros e com o resto da criação. Por exemplo, como William Wilberforce via os "outros" como criados à imagem de Deus, dedicou sua vida como político à proibição do tráfico de escravos na Inglaterra, no início do século 19. Wilberforce moldou o sistema político de uma maneira que refletia seu compromisso fundamental de amar outros seres humanos, inclusive os africanos. E o mesmo

acontece com todos os outros aspectos da cultura. Os sistemas que os humanos criam, incluindo instituições formais (governos, escolas, empresas, igrejas etc.) e normas culturais (papeis de gênero, atitudes em relação ao tempo e trabalho, entendimento de autoridade etc.) refletem a natureza de nossos relacionamentos fundamentais com Deus, conosco mesmos, com os outros e com o resto da criação.

Mas a cultura reflete mais do que apenas a expressão do esforço humano. Considere novamente Colossenses 1.16–17: “Porque por ele [Jesus] *todas as coisas* foram criadas; coisas no céu e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos ou poderes ou governantes ou autoridades; *todas as coisas* foram criadas por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas e nele todas as coisas se mantêm juntas” (grifo do autor). Note nesta passagem que Cristo é o Criador e Sustentador de mais do que apenas o mundo material. Sua mão criativa e sustentadora se estende a “todas as coisas”. Esse sustento continua, mesmo em um mundo caído. Por isso, Cristo está ativamente engajado em sustentar os sistemas econômicos, sociais, políticos e religiosos nos quais os humanos vivem. Há certamente um verdadeiro mistério aqui, mas o ponto central da Escritura é claro: à medida que os humanos se envolvem em atividades culturais, eles estão desfazendo uma criação que Cristo criou, sustenta e, como veremos mais adiante, redime.

Como a figura 2.1 ilustra, as setas que conectam o indivíduo aos sistemas apontam nos dois sentidos. As pessoas afetam os sistemas e os sistemas afetam as pessoas. Por exemplo, grande parte de nossas vidas é gasta trabalhando em organizações que desempenham um papel enorme na moldagem de nossas

autoimagens, nossos relacionamentos com colegas de trabalho, os meios pelos quais administramos a criação e o cenário em que respondemos a Deus e no qual Ele responde a nós. E essas organizações operam no contexto de sistemas locais, nacionais e globais, caracterizados por fluxos rápidos de informações, capital e tecnologia, que afetam enormemente o escopo e a natureza de suas operações.

Mais do que nunca, as organizações em que trabalhamos são moldadas por eventos do outro lado do mundo. Por exemplo, à medida que as políticas econômicas da China surgem, toda a economia global é afetada. Assim, o contexto em que nos relacionamos com Deus, o eu, os outros e o resto da criação é influenciado por ações do governo chinês!

Para que serve isso, afinal?

A importância da doutrina da criação se tornará mais evidente à medida que o livro avança, mas vamos analisar algumas implicações agora:

- As quatro relações principais destacam o fato de que os seres humanos são multifacetados, o que implica que os esforços da diminuição da pobreza também devem ser multifacetados. Se reduzirmos os seres humanos a serem simplesmente físicos - como o pensamento ocidental está propenso a fazer -, nossos esforços para solucionar a pobreza tendem a se concentrar em soluções materiais. Mas se nos lembrarmos de que os seres humanos são seres espirituais, sociais, psicológicos e físicos, nossos

esforços de reduzir da pobreza serão mais integrais em seu projeto e execução.

- A terra é importante, assim como girafas, mananciais, famílias, escolas, música, plantações, governos e empresas. Devemos nos envolver com toda a criação, incluindo a cultura, pois o nosso Criador está profundamente envolvido com ela.
- Nossa predisposição básica em relação às comunidades pobres - incluindo suas pessoas, organizações, instituições e cultura - deve incluir a noção de que elas são parte do bom mundo que Cristo criou e está sustentando. Eles não são apenas sujeira e entulho (se você está se perguntando sobre os efeitos do pecado, espere até a próxima seção).
- Nós não estamos trazendo Cristo para as comunidades pobres. Ele tem sido ativo nessas comunidades desde a criação do mundo, sustentando-as “por sua palavra poderosa” (Hb 1.3). Por isso, uma parte significativa do trabalho em comunidades pobres envolve descobrir e apreciar o que Deus tem feito lá por muito tempo! Isso deve nos dar um senso de humildade e admiração ao entrarmos nas comunidades pobres, pois parte do que vemos reflete a própria mão de Deus. É claro, os moradores dessas comunidades podem não reconhecer que Deus está trabalhando. Na verdade, eles podem nem saber quem é Deus. Assim, parte da nossa tarefa pode incluir a apresentação de quem é Deus à comunidade e ajudá-los a apreciar tudo o que ele tem feito por eles desde a criação do mundo. Voltaremos a essa questão no capítulo 6.
-

A Queda realmente aconteceu

Obviamente, a grande história das Escrituras não termina com a criação. Adão e Eva desobedeceram a Deus e seus corações ficaram escuros. O relato de Gênesis registra que todos os quatro relacionamentos de Adão e Eva se tornaram imediatamente distorcidos: seu relacionamento com Deus foi danificado, pois sua intimidade com Ele foi substituída por medo; seu relacionamento com o eu foi arruinado, já que Adão e Eva desenvolveram um sentimento de vergonha; seu relacionamento com os outros foi quebrado, na medida em que Adão rapidamente culpou Eva por seus pecados; e sua relação com o resto da criação tornou-se distorcida, pois Deus amaldiçoou o terreno e o processo de procriar.

Além disso, como a figura 2.2 ilustra, porque as quatro relações são os alicerces de toda a atividade humana, os efeitos da queda se manifestam nos sistemas econômicos, sociais, religiosos e políticos que os seres humanos criaram ao longo da história. Por exemplo, não amando os “outros” como deveriam, os políticos aprovaram leis institucionalizando a escravidão e a discriminação racial. E não se importando com o “restante da criação”, às vezes os acionistas permitiram que suas empresas poluíssem o meio ambiente. Os sistemas estão quebrados, refletindo os relacionamentos quebrados dos humanos. Além disso, além das naturezas e comportamentos humanos pecaminosos, Satanás e suas legiões estão trabalhando, causando estragos tanto nos indivíduos quanto nos sistemas.

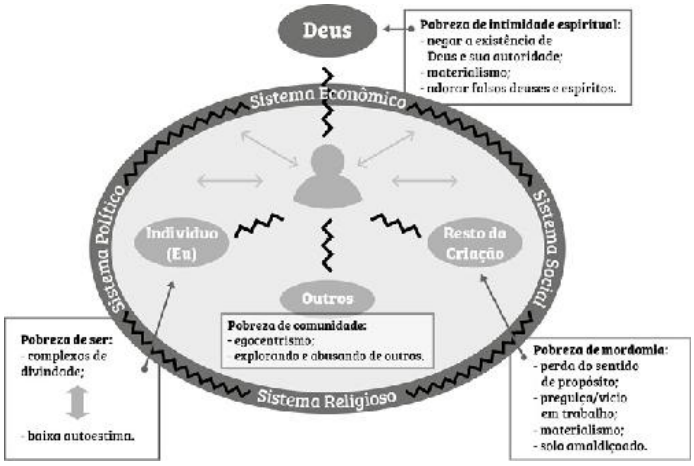


Figura 2.2

Adaptado de Bryant L. Myers, *Walking with the Poor: Principles and Practices of Transformational Development* [Caminhando com os pobres: princípios e práticas do desenvolvimento transformacional) (Maryknoll, N.Y .: Orbis Books, 1999), p. 27.

Essas considerações levam à descrição de Myers da natureza fundamental da pobreza:[14]

A pobreza é o resultado de relacionamentos que não funcionam, que não são justos, que não são para a vida, que não são harmoniosos ou agradáveis. A pobreza é a ausência de shalom em todos os seus significados.

Embora a definição de Myers aponte corretamente para os efeitos abrangentes da queda, é importante lembrar que nem os seres humanos nem os sistemas que eles criam são tão ruins quanto poderiam ser. Cristo continua a “manter todas as coisas juntas” e a “sustentar todas as coisas por sua poderosa palavra”. Assim, enquanto a boa criação - incluindo os indivíduos e os sistemas que eles criam - é profundamente distorcida, ela retém parte de sua bondade inerente. As flores ainda são bonitas. O

sorriso de um bebê traz alegria a todos que o veem. As pessoas geralmente são gentis umas com as outras. Os governos constroem estradas que nos permitem circular melhor. As empresas muitas vezes pagam a seus trabalhadores salários decentes. E tanto os indivíduos quanto as comunidades pobres continuam exibindo dons e habilidades dados por Deus.

Quem são os pobres?

Pare e pense: se a pobreza está enraizada no enfraquecimento das relações fundacionais, então quem são os pobres?

Devido à natureza abrangente da Queda, todo ser humano é pobre no sentido de não experimentar aqueles quatro relacionamentos da maneira que Deus pretendia. Como ilustra a Figura 2.2, todo ser humano está sofrendo de uma pobreza de intimidade espiritual, pobreza de ser, pobreza de comunidade e pobreza de mordomia. Somos todos simplesmente incapazes de ser o que Deus nos criou para ser e somos incapazes de experimentar a plenitude de alegria que Deus projetou para esses relacionamentos. A cada minuto desde a Queda, cada ser humano é o proverbial “pino quadrado em um buraco redondo”. Nós não encaixamos direito porque fomos moldados para outra coisa.

Para algumas pessoas, o rompimento nesses relacionamentos fundacionais resulta em pobreza material, isto é, não terem dinheiro suficiente para suprir as necessidades básicas de si mesmo e de suas famílias. Por exemplo, considere Mary, que mora em uma favela no oeste do Quênia. Sendo mulher numa sociedade dominada por homens, Mary foi submetida à poligamia,

ao abuso físico e verbal do marido, a menos anos de escolaridade do que os homens e a todo um sistema cultural que diz que ela é inferior. Como resultado, Mary tem uma pobreza de ser e não tem confiança para procurar emprego, levando a uma pobreza material.

Desesperada, Mary decide ser autônoma, mas precisa de um empréstimo para iniciar seu negócio. Infelizmente, a pobreza de sua comunidade é horrível, e o agiota local explora Mary, cobrando uma taxa de juros de 300% sobre seu empréstimo de vinte e cinco dólares, contribuindo para a pobreza material de Mary. Não tendo outras opções, Mary pega o dinheiro emprestado do agiota e começa um negócio de vender carvão caseiro no mercado local, junto com centenas de outros iguais a ela. O mercado está saturado de vendedores de carvão, o que mantém os preços muito baixos. Mas nunca ocorre a Mary vender outra coisa, porque ela não entende que lhe foi dada a criatividade e a capacidade de dominar a criação. Em outras palavras, sua pobreza de mordomia a coloca em um negócio não lucrativo, contribuindo ainda mais para sua pobreza material. Frustrada com toda a sua situação, Mary vai ao curandeiro tradicional (feiticeiro) pedindo ajuda, manifestando sua pobreza de intimidade espiritual com o verdadeiro Deus. O curador diz a Mary que sua vida difícil é resultado de espíritos ancestrais raivosos que precisam ser apaziguados pelo sacrifício de um touro, um sacrifício que custa a Mary uma quantia substancial de dinheiro e contribui ainda mais para sua pobreza material. Mary está sofrendo por não ter renda suficiente, mas seus problemas não podem ser resolvidos dando-lhe mais dinheiro ou outros recursos materiais, pois tais coisas são insuficientes para curar o enfraquecimento de seus quatro

relacionamentos fundacionais.

O enfraquecimento de Mary se manifestou na pobreza material, mas para outras pessoas os efeitos desses relacionamentos quebrados se manifestam de maneiras diferentes. Por exemplo, durante a maior parte da minha vida tenho lutado com tendências de trabalhar em demasia, refletindo uma pobreza de mordomia, um relacionamento rompido com o resto da criação. Em vez de ver o trabalho como simplesmente uma das arenas em que devo glorificar a Deus, há momentos em que fiz de meu trabalho meu deus, e tentei encontrar todo o meu significado, propósito e valor em ser produtivo. Não é assim que Deus projetou o relacionamento dos humanos com o resto da criação. É claro que é improvável que eu experimente pobreza material, já que meu alto nível de produtividade geralmente coloca comida na minha mesa; no entanto, às vezes minha pobreza de mordomia teve sérias consequências, incluindo relações tensas com familiares e amigos, doenças físicas e emocionais resultantes do estresse e fraqueza espiritual decorrente de um tempo inadequado para uma vida devocional significativa.

A Queda realmente aconteceu, e está causando caos em todas as nossas vidas. Estamos todos quebrados, apenas de maneiras diferentes.

Quando ajudar machuca

Uma das principais premissas deste livro é que *até que abracemos nossa fraqueza* mútua*, nosso trabalho com pessoas de baixa renda provavelmente fará muito mais mal do que bem*. Como

discutido anteriormente, pesquisas de todo o mundo descobriram que a vergonha - uma “pobreza de ser” - é uma parte importante da fraqueza que as pessoas de baixa renda experimentam em seu relacionamento com elas mesmas. Em vez de verem a si mesmos como criados à imagem de Deus, as pessoas de baixa renda geralmente sentem que são inferiores aos outros. Isso pode paralisar os pobres de tomar iniciativas e aproveitar as oportunidades para melhorar sua situação, prendendo-os, assim, na pobreza material.

Ao mesmo tempo, os economicamente ricos - incluindo a maioria dos leitores deste livro - também sofrem com a pobreza de ser. Em particular, o ativista Jayakumar Christian[15] argumenta que os economicamente ricos frequentemente têm “complexos de ivindade”, um senso sutil e inconsciente de superioridade no qual eles acreditam ter alcançado sua riqueza através de seus próprios esforços e que foram ungidos para decidir o que é melhor para pessoas de baixa renda, que eles consideram inferiores a si mesmas.[16]

Poucos de nós estão conscientes de ter um complexo de divindade, o que é parte do problema. Muitas vezes somos enganados por Satanás e por nossas naturezas pecaminosas. Por exemplo, considere isto: por que você quer ajudar os pobres? Realmente pense nisso. O que verdadeiramente te motiva? Você realmente ama pessoas pobres e quer servi-las? Ou você tem outros motivos? Confesso a você que parte do que me motiva a ajudar os pobres é a minha necessidade de realizar algo que vale a pena com a minha vida, ser uma pessoa importante, sentir que busquei uma causa nobre... ser um pouco como Deus. Isso faz eu me sentir bem em usar meu treinamento em economia para

“salvar” pessoas pobres. E no processo às vezes eu involuntariamente reduzo pessoas pobres a objetos que uso para satisfazer minha própria necessidade de realizar algo. É uma verdade muito feia, e me dói admitir isso, mas “quando quero fazer o bem, o mal está bem ali comigo” (Rm 7.21).

E agora chegamos a um ponto muito central: *um dos maiores problemas em muitos esforços de redução da pobreza é que seu desenho e implementação exacerbam a pobreza de ser dos economicamente ricos - seus complexos de divindade - e a pobreza de ser dos economicamente pobres - seus sentimentos de inferioridade e vergonha*. O modo como agimos em relação aos economicamente pobres comunica frequentemente - embora não intencionalmente - que somos superiores e eles são inferiores. No processo, ferimos os pobres e a nós mesmos. E aqui está o ponto: essa dinâmica provavelmente será particularmente forte sempre que os cristãos norte-americanos [e brasileiros] de classe média e alta tentam ajudar os pobres, dada a tendência desses cristãos a uma perspectiva ocidental materialista da natureza da pobreza.

Este ponto pode ser ilustrado com a história da Creekside Community Church, uma congregação predominantemente caucasiana, composta por jovens profissionais urbanos no centro de uma cidade norte-americana. Estando no espírito do Natal, a Creekside Community Church decidiu entrar em contato com os moradores negros de um conjunto habitacional próximo, marcado por altas taxas de desemprego, violência doméstica, abuso de drogas e álcool e gravidez na adolescência. Alguns membros do Creekside expressaram certo desdém pelos moradores do projeto, e todos os membros estavam com medo de se aventurar lá dentro. Mas o pastor Johnson insistiu que Jesus cuidava dos moradores

desse conjunto habitacional e que o Natal era o momento perfeito para mostrar sua compaixão.

Mas o que eles poderiam fazer para ajudar? Acreditando que a pobreza é basicamente uma falta de recursos materiais - a última linha na tabela 2.1 -, os membros da Creekside Community Church decidiram abordar essa pobreza comprando presentes de Natal para as crianças no projeto habitacional. Os membros da igreja iam de porta em porta cantando músicas natalinas e entregando brinquedos embrulhados para as crianças em cada apartamento. Embora tenha sido estranho no início, os membros da *Creekside* foram movidos pelos grandes sorrisos nos rostos das crianças e foram encorajados pela calorosa recepção das mães. De fato, a congregação se sentiu tão bem com a alegria que eles proporcionaram que decidiram expandir o ministério, entregando cestas de doces na Páscoa e perus no Dia de Ação de Graças.

Infelizmente, depois de vários anos, o pastor Johnson percebeu que estava lutando para encontrar voluntários suficientes para entregar os presentes aos moradores do conjunto habitacional. Na assembleia, ele perguntou aos membros por que seu entusiasmo estava diminuindo, mas era difícil obter uma resposta clara. Finalmente, um membro falou: “Pastor, estamos cansados de tentar ajudar essas pessoas. Nós temos trazido coisas para eles há vários anos, mas a situação deles nunca melhora. Eles apenas ficam lá na mesma situação ano após ano. Você já notou que não há homens nos apartamentos quando entregamos os brinquedos? As moradoras são todas mães solteiras que continuam a ter bebês para receber cheques assistenciais cada vez maiores. Elas não merecem a nossa ajuda.

Na realidade, havia uma razão diferente para haver poucos homens nos apartamentos quando os brinquedos eram entregues. Muitas vezes, quando os pais das crianças ouviam as canções de Natal do lado de fora de suas portas da frente e viam os presentes para os filhos chegando, sentiam-se envergonhados e corriam pelas portas traseiras de seus apartamentos. Por uma série de razões, homens negros de baixa renda às vezes lutam para encontrar e manter empregos. Isso muitas vezes contribui para um profundo sentimento de vergonha e inadequação, que dificulta ainda mais a candidatura a empregos. A última coisa que esses pais precisavam era de um grupo de brancos de classe média a alta que oferecessem presentes de Natal para seus filhos, presentes que eles mesmos não podiam se dar ao luxo de comprar. Ao tentar solucionar a pobreza material através da oferta desses presentes, a Creekside Community Church aumentou a pobreza de "ser" desses pais. Ironicamente, isso provavelmente tornou os pais ainda menos capazes de se candidatar a um emprego, exacerbando assim a pobreza material que Creekside estava tentando resolver!

Além de ferir os moradores do conjunto habitacional, os membros da Creekside Community Church se machucaram. No início, os membros desenvolveram um sutil sentimento de orgulho por estarem ajudando os moradores do conjunto através de seus atos de gentileza. Mais tarde, quando observaram o fracasso dos moradores em melhorar sua situação, o desprezo dos membros por eles aumentou. O que é frequentemente chamado de "fadiga da compaixão" então se instalou quando os membros da igreja se tornaram menos dispostos a ajudar os moradores de baixa renda. Como resultado, a pobreza de ser aumentada para os membros

da igreja. Além disso, a pobreza da comunidade aumentou para todos os envolvidos, uma vez que o abismo entre os membros da igreja e os residentes do conjunto habitacional aumentou como resultado desse projeto.

Nossos esforços para ajudar os pobres podem prejudicá-los e a nós mesmos. De fato, como essa história ilustra, muitas vezes a igreja norte-americana se encontra presa na seguinte equação:

Definição material de pobreza + Complexo de divindade dos materialmente não pobres + Sentimentos de inferioridade dos materialmente pobres = Dano aos materialmente pobres e não pobres

O que pode ser feito para sair dessa equação? Mudar o primeiro termo nesta equação requer uma compreensão revisada da natureza da pobreza. Os cristãos brasileiros precisam superar o materialismo da cultura ocidental e enxergar a pobreza em termos mais relacionais. Alterar o segundo termo nesta equação requer arrependimento contínuo. Requer que os cristãos brasileiros compreendam nosso estado corrompido e abracem a mensagem da cruz de maneira profunda e profunda, dizendo a nós mesmos todos os dias: “Eu não estou bem; e você não está bem; mas Jesus pode consertar a ambos”. E quando fazemos isso, Deus pode nos usar para mudar o terceiro termo nesta equação. Ao mostrar às pessoas de baixa renda através de nossas palavras, nossas ações e, mais importante, nossos ouvidos que são pessoas com dons e habilidades únicas, podemos ser parte da recuperação de seu senso de dignidade, até mesmo enquanto nos recuperamos de nosso senso de orgulho.

Arrependendo-se do evangelho da prosperidade

Certo domingo, eu estava andando com um membro da equipe através de uma das maiores favelas da África, a enorme favela de Kibera, em Nairóbi, no Quênia. As condições eram simplesmente desumanas. As pessoas viviam em barracos construídos com caixas de papelão. Cheiros desagradáveis jorravam de valas abertas, carregando excremento humano e animal. Tive dificuldade em manter o equilíbrio, pois sempre escorregava em substâncias marrons que eu esperava que fosse lama, mas temia ser outra coisa. As crianças apanhavam lixeiras à procura de algo de valor. Conforme nos aprofundávamos cada vez mais na favela, minha sensação de desespero aumentava. *Este lugar é completamente esquecido por Deus*, pensei comigo mesmo.

Então, para meu espanto, ali mesmo entre o estrume, ouvi o som de um hino familiar. *Deve haver missionários ocidentais conduzindo um culto ao ar livre aqui*, pensei comigo mesmo. Quando viramos a esquina, meus olhos focaram no barraco de onde a música gritou. Todos os domingos, trinta moradores de favelas se amontoavam nesse "santuário" de três por sete metros para adorar o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. A igreja era feita de caixas de papelão que tinham sido abertas e grampeadas com tachas. Não era bonito, mas era uma igreja, uma igreja composta de algumas das pessoas mais pobres do mundo.

Quando chegamos à igreja, fui imediatamente convidado a pregar o sermão. Como bom presbiteriano, rapidamente tomei algumas notas sobre a soberania de Deus e ansiava por ensinar a essa congregação as doutrinas históricas da Reforma. Mas antes

do sermão começar, o culto incluía um tempo de partilha e oração. Eu escutei quando algumas das pessoas mais pobres do planeta clamaram a Deus: “Jeová Jireh, por favor, cure meu filho, pois ele está ficando cego”; “Senhor misericordioso, por favor, me proteja quando eu for para casa hoje, pois meu marido sempre me bate”; “Rei soberano, por favor, dê aos meus filhos comida suficiente hoje, pois eles estão com fome”.

Ao ouvir essas pessoas orando para poder viver mais um dia, pensei em meu amplo salário, minha apólice de seguro de vida, minha apólice de seguro de saúde, meus dois carros, minha casa *etc.* Percebi que não confiava verdadeiramente na soberania de Deus em uma base diária, tendo amortecedores suficientes para me proteger da maioria dos choques econômicos. Percebi que quando essas pessoas falam a quarta petição da oração do Senhor - *nos dê hoje o pão de cada dia*, suas mentes não vagam como a minha tantas vezes o faz. Percebi que, embora eu tenha instrução e treinamento suficientes para proferir um sermão sobre a soberania de Deus sem pensar duas vezes, esses moradores das favelas confiavam na soberania de Deus apenas para sobreviver durante o dia. E percebi que essas pessoas tinham uma intimidade muito mais profunda com Deus do que eu provavelmente jamais terei em toda a minha vida.

***

Surpreendentemente, como essa história ilustra, para muitos de nós, norte-americanos [e brasileiros], o primeiro passo para superar nossos complexos ivindade é nos arrependermos do evangelho da prosperidade. Em sua essência, o evangelho da prosperidade ensina que Deus recompensa níveis crescentes de

fé com maiores quantidades de riqueza. Quando declarado desta forma, o evangelho da prosperidade é fácil de rejeitar em uma série de fundamentos bíblicos. Tome o caso do apóstolo Paulo, por exemplo. Ele teve uma fé grandiosa e viveu uma vida santa, mas era um naufragado, espancado, apedrejado, nu e pobre.

Pense nisso. Se alguém ousa me sugerir que os pobres são pobres porque são menos espirituais do que o restante de nós - que é o que ensina o evangelho da prosperidade, sou rápido em repreendê-los. Eu imediatamente afirmo que os pobres podem ser pobres devido a injustiças cometidas contra eles. No entanto, apesar de tudo isso, eu ainda estava impressionado em ver pessoas nesta favela queniana que eram simultaneamente tão espiritualmente fortes e tão devastadoramente pobres. Bem ali nas entranhas do inferno estava essa igreja queniana, cheia de gigantes espirituais que lutavam apenas para comer todos os dias. Isso me chocou. Em certo nível, assumi implicitamente que minha superioridade econômica caminha de mãos dadas com minha superioridade espiritual. Isto não é nada senão a mentira do evangelho da saúde e riqueza: a maturidade espiritual leva à prosperidade financeira.

O evangelho da rosperidade é apenas um dos aspectos do meu “complexo de divindade”, pois há todo tipo de áreas nas quais eu preciso abraçar a mensagem da cruz: “Eu cheiro mal, mas Deus me ama mesmo assim!” Sem esse arrependimento, minha própria arrogância provavelmente aumentará a pobreza das pessoas materialmente pobres que encontro, confirmando seus sentimentos de vergonha e inferioridade.

Naquele dia, na favela de Kibera, Deus usou os materialmente pobres, pessoas visivelmente mais fracas do que eu, para me

ensinar sobre minha própria fraqueza. Eles me abençoaram, mesmo quando eu estava tentando abençoá-los.

Uma dessas coisas não é igual à outra

Embora todos os seres humanos sejam pobres no sentido de que todos estão sofrendo os efeitos da Queda nas quatro relações fundacionais, não é legítimo concluir que não há nada exclusivamente devastador sobre a pobreza material. Pessoas de baixa renda enfrentam diariamente uma luta para sobreviver que cria sentimentos de desamparo, ansiedade, sufocamento e desespero que são simplesmente incomparáveis na vida do resto da humanidade.

O especialista em desenvolvimento Robert Chambers argumenta que os materialmente pobres estão presos por múltiplos fatores interconectados - ativos insuficientes, vulnerabilidade, impotência, isolamento e fraqueza física - que os enlaçam como insetos capturados em uma teia de aranha.[17] Imagine ser pego em tal teia. Toda vez que você tenta se mover, acaba mais atado a outro fio. Você pensa consigo mesmo, *talvez desta vez seja diferente*, então você tenta fazer uma mudança em sua vida. Mas imediatamente você se encontra ainda mais enredado do que antes. Depois de um tempo você passa a acreditar que é melhor apenas ficar parado. Isso é miserável, mas qualquer movimento adicional só traz ainda mais miséria. Você odeia a sua situação, mas você não tem escolha.

A maioria dos leitores deste livro não leva esse tipo de vida. Acreditamos que temos escolhas e que podemos fazer mudanças

e, em nossas situações, essa é uma suposição correta. De acordo com o Prêmio Nobel Amartya Sen, é essa falta de liberdade de poder fazer escolhas significativas - ter a habilidade de afetar a situação de alguém - que é a característica distintiva da pobreza.[18]

Similarmente, enquanto a “pobreza material” está enraizada no enfraquecimento dos quatro relacionamentos fundacionais - um enfraquecimento que todos experimentamos de maneiras diferentes - isso *não* significa que não haja nada de único sobre “os pobres” nas Escrituras. Embora existam lugares na Bíblia nos quais o termo “pobre” seja usado genericamente para descrever a situação geral da humanidade, há uma série de textos (veja o capítulo 1) nos quais o termo se refere muito especificamente àqueles que são economicamente destituídos. Não podemos nos safar dizendo a nós mesmos: “Estou cumprindo os mandamentos da Bíblia para ajudar os pobres amando a rica da vizinhança com o casamento conturbado”. Sim, esta senhora está passando por uma “pobreza de comunidade”, e é bom ajudá-la. Mas este não é o tipo de pessoa referida em passagens como 1João 3.17.

Os economicamente pobres são apontados nas Escrituras como estando em uma categoria particularmente desesperada e precisando de atenção muito específica (At 6.1-7). O fato de toda a humanidade ter algumas coisas em comum com os pobres materiais não nega seu sofrimento único e avassalador, nem o lugar especial que eles têm no coração de Deus, como enfatizado em todo o Antigo e Novo Testamentos.

Questões para reflexão e exercícios

Por favor, escreva respostas para as seguintes perguntas:

1. Reflita sobre o seu relacionamento com Deus, consigo, com os outros e com o resto da criação. Liste coisas específicas que você gostaria de ver melhoradas em seus quatro relacionamentos principais
2. Leia Romanos 5.6–11. Até que ponto você abraça a mensagem da cruz: o Deus Todo-poderoso morreu por você enquanto você ainda era seu “inimigo”? Quão digno é você do amor de Deus expresso por meio de Jesus Cristo?
3. De que maneira você sofre de um “complexo de divindade”, a crença de que você é superior aos outros e está bem posicionado para determinar o que é melhor para eles? Se você tiver esse problema, que etapas específicas você pode tomar para mudar isso?
4. O que realmente te motiva a querer ajudar as pessoas materialmente pobres?
5. Pense na abordagem de sua igreja ou seu ministério para pessoas materialmente pobres. Existe alguma evidência de um complexo de dividade?
6. Pense em uma situação em que você tentou ministrar aos outros. De que maneira sua abordagem ajudou você e eles a superar a pobreza da intimidade espiritual, a pobreza de ser, a pobreza da comunidade e a pobreza de mordomia? De que maneira sua abordagem realmente contribuiu para uma maior “pobreza” nos quatro relacionamentos para você e para eles?
7. Agora responda a pergunta 6 para a sua igreja, refletindo

sobre o tipo de ministério que a sua igreja busca e a maneira como ela os realiza.

8. Pense em suas respostas à pergunta no início deste capítulo: O que é pobreza? Compare suas respostas com as respostas que os próprios pobres dão. Quais diferenças você vê?
9. Você tem uma “definição material da pobreza”? Se sim, como isso influenciou a maneira como você abordou o ministério para os pobres? Que mal isso poderia ter feito?
10. Você ou sua igreja estão presos na equação mencionada neste capítulo (ver p. ***)? Se sim, que passos você pode dar para sair disso?

Pensamentos iniciais

Por favor, tome alguns minutos para escrever pequenas respostas às seguintes perguntas: 1. O que é redução da pobreza?

2. Como você define “sucesso” ao ministrar para os materialmente pobres?

Capítulo 3

Nós já estamos lá?

Precisamos ter um conceito claro de “sucesso” se quisermos ter alguma esperança de chegar lá. Assim como o nosso diagnóstico das causas da pobreza molda os remédios que buscamos, também o faz a nossa concepção do objetivo final. Com base no conceito de pobreza como estando enraizada na quebra das quatro relações fundacionais dos seres humanos, este capítulo explora o que implica o sucesso da redução da pobreza e abre caminho para que os princípios, aplicações e métodos sejam discutidos no restante deste livro.

O aprisionamento de Alisa Collins

Durante a década de 1990, Alisa Collins e seus filhos viviam em um dos conjuntos habitacionais mais perigosos dos Estados Unidos no centro de Chicago.[1] Alisa engravidou aos dezesseis anos, abandonou o ensino médio e começou a receber cheques da assistência social. Ela teve cinco filhos de três pais diferentes, nenhum dos quais ajudou na criação dos filhos. Com poucas habilidades, sem marido e redes sociais limitadas, Alisa se esforçou para criar sua família em um ambiente caracterizado por abuso generalizado de substâncias, falta de escolas, altas taxas de desemprego, violência desenfreada, gravidez na adolescência e ausência de modelos.

De tempos em tempos, Alisa tentava conseguir um emprego, mas vários obstáculos impediam-na de encontrar e manter um trabalho regular. Primeiro, simplesmente não havia muitos empregos com salários decentes para os que abandonavam o ensino médio vivendo em guetos. Segundo, o sistema de assistência social penalizou Alisa por ganhar dinheiro, tirando benefícios para cada dólar que ela ganhasse e para cada bem que ela adquirisse. Em terceiro lugar, os programas de treinamento vocacional do governo e de assistência ao emprego eram confusos para Alisa, com funcionários burocratas condescendentes. Em quarto lugar, Alisa tinha problemas de cuidados infantis que dificultavam a manutenção de um emprego. Finalmente, Alisa se sentiu inferior e inadequada. Quando tentou obter treinamento vocacional ou um emprego e enfrentou algum obstáculo, rapidamente perdeu a confiança e rapidamente recuou para sua zona de conforto de moradia pública e cheques de

assistência social. Alisa se sentia presa, e ela e sua família conversavam sobre como eles não podiam “sair” do gueto.

Como sua igreja ou ministério pode ajudar a enfrentar a pobreza de pessoas como Alisa? Como o sucesso se parece? Não há respostas fáceis para essas perguntas, mas seguir na direção certa envolve explorar o restante da grande narrativa da Bíblia. No capítulo anterior, diagnosticamos o problema da pobreza examinando os dois primeiros atos do drama bíblico: “criação” e “queda”. Vimos que os seres humanos foram criados para viver em um relacionamento correto com Deus, consigo, com os outros e com o resto da criação, e que a Queda destruiu esses relacionamentos para cada um de nós. Mas há boas notícias, porque o drama não acabou. Ainda precisamos considerar o ato restante na história: “redenção”.

O reino que está aqui e também há de vir

Vimos no capítulo anterior que a pobreza consiste em relacionamentos enfraquecidos. Além disso, vimos que o enfraquecimento dessas relações é expresso não apenas em nível pessoal, mas também nos sistemas econômicos, políticos, sociais e religiosos que os humanos criam.

Sob esta luz, como podemos diminuir a pobreza de Alisa? Considere novamente Colossenses 1.19–20: Porque Deus se agradou de ter toda a sua plenitude nele [Jesus] e, através dele, reconciliar consigo *todas as coisas*, seja na terra, seja nas coisas celestiais, fazendo a paz pelo seu sangue, derramando-se na cruz. (itálico nosso)

O reverendo Marsh estava errado. Jesus não está apenas "irradiando" as nossas almas para fora do planeta Terra na moda de Jornada nas Estrelas; em vez disso, Jesus está trazendo a reconciliação para a última gota do universo, incluindo tanto nossos relacionamentos fundacionais quanto os sistemas que emanam deles. *A pobreza está enraizada em relacionamentos quebrados, então a solução para a pobreza está enraizada no poder da morte e ressurreição de Jesus para colocar todas as coisas em um relacionamento correto novamente.*

Certamente, a plena reconciliação de todas as coisas não acontecerá até a vinda final do reino, quando haverá um novo céu e uma nova terra. Só então toda lágrima será enxugada dos nossos olhos (Ap 21.4). Há um verdadeiro mistério a respeito de quanto progresso podemos esperar ver antes de Jesus voltar, e boas pessoas podem discordar. Felizmente, o que devemos fazer

todos os dias não depende da resolução deste problema, pois a tarefa em mãos é bastante clara. O Rei dos reis está inaugurando um reino que trará a cura até a última partícula do cosmos. Como seu corpo, noiva e plenitude, a igreja deve fazer o que Jesus fez: testemunhar a realidade daquele reino vindouro usando palavras e ações antecipadas. Podemos então confiar em Deus para “estabelecer o trabalho de nossas mãos” como ele escolhe (Sl 90.17).

Como enfrentaremos?

O trabalho de Jesus se concentra na “reconciliação”, o que significa colocar as coisas de volta no relacionamento correto novamente. A igreja deve buscar a reconciliação também: Tudo isso é de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo através de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação: que Deus estava reconciliando consigo o mundo em Cristo, sem contar os pecados dos homens contra eles. E ele nos comprometeu a mensagem de reconciliação. Somos, portanto, embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo o seu apelo através de nós. Nós te imploramos em nome de Cristo: reconcilie-se com Deus. (2Co 5.18-20) Nós não somos o reconciliador, Jesus é. No entanto, somos seus embaixadores, representando o Seu reino e tudo o que isso implica para um mundo arruinado, o que leva à seguinte definição de redução da pobreza:

ENFRENTAMENTO DA POBREZA

O combate da pobreza é o ministério da reconciliação: levar as pessoas a glorificar a Deus, vivendo em relacionamento correto com ele, consigo mesmo, com os outros e com o resto da criação.

A reconciliação de relacionamentos é a bússola que orienta nossos esforços de diminuição da pobreza, moldando profundamente os objetivos que buscamos e os métodos que usamos.

O objetivo *não* é tornar os materialmente pobres ao redor do mundo em brasileiros da classe média-alta, um grupo caracterizado por altos índices de divórcio, dependência sexual, abuso de substâncias e doenças mentais. Tampouco o objetivo é garantir que os materialmente pobres tenham dinheiro suficiente. De fato, o sistema de bem-estar dos Estados Unidos assegurou que Alisa Collins e sua família tivessem dinheiro mais que suficiente para sobreviver, mas eles se sentiram presos. Em vez disso, o objetivo é restaurar as pessoas para uma expressão completa da humanidade, para ser o que Deus nos criou para sermos, pessoas que glorificam a Deus vivendo no relacionamento correto com ele, consigo mesmo, com os outros e com o resto da criação. Uma das muitas manifestações dessas relações que estão sendo reconciliadas é a redução da pobreza material:

REDUÇÃO DA POBREZA MATERIAL

A redução da pobreza material está trabalhando para reconciliar os quatro relacionamentos fundamentais fundacionais para que as pessoas possam cumprir seus chamados de glorificar a Deus trabalhando e apoiando a si mesmos e a suas famílias com o fruto desse trabalho.

Há duas coisas importantes a serem observadas nesta definição. Primeiro, a redução material da pobreza envolve mais do que assegurar que as pessoas tenham material suficiente; em vez disso, envolve a tarefa muito mais difícil de capacitar as pessoas a ganharem coisas materiais suficientes por meio de seu próprio trabalho, pois, ao fazê-lo, aproximamos as pessoas de ser o que Deus as criou para serem. (É claro, nós reconhecemos que isso é impossível para algumas pessoas por causa de deficiência ou outros fatores.) Segundo, o trabalho é um ato de adoração. Quando as pessoas procuram cumprir seus chamados glorificando a Deus em seu trabalho, louvando-o por seus dons e habilidades, e vendo tanto seus esforços como seus produtos como uma oferta para ele, então o trabalho é um ato de adoração a Deus. Por outro lado, quando o trabalho é feito para glorificar a si mesmo ou simplesmente para obter mais riqueza, torna-se adoração a falsos deuses. Como trabalhamos e para quem trabalhamos realmente importa.

Definir a redução da pobreza como a reconciliação das relações também molda os métodos que as nossas igrejas ou ministérios devem usar para atingir esse objetivo. Como veremos mais adiante neste livro, uma perspectiva de reconciliação tem implicações importantes sobre como escolhemos, projetamos,

implementamos e avaliamos nossos esforços. Mas antes de entrar nesses detalhes, o restante deste capítulo apresenta algumas implicações iniciais da perspectiva de reconciliação para nossos métodos de diminuição da pobreza.

Unidos em oração para transformação

Porque cada um de nós está sofrendo de enfraquecimento em nossos relacionamentos fundacionais, todos nós precisamos de "redução da pobreza", apenas de maneiras diferentes. Nosso relacionamento com os materialmente pobres deve ser aquele em que reconhecemos que ambos estão quebrados e que ambos precisamos da bênção da reconciliação. Nossa perspectiva deve ser menos sobre como vamos consertar os materialmente pobres e mais sobre como podemos caminhar juntos, pedindo a Deus para consertar ambos.

Pense nisso. Se o enfrentamento à pobreza é uma questão de conciliar as relações, então não temos o poder de reduzir a pobreza nem nos materialmente pobres nem em nós mesmos. Não é algo que possamos fabricar através de melhores técnicas, melhores métodos ou melhor planejamento, pois a reconciliação é, em última análise, um ato de Deus. A diminuição da pobreza ocorre quando o poder da ressurreição de Cristo reconcilia nossos relacionamentos-chave através da transformação de vidas individuais e sistemas locais, nacionais e internacionais.

Nós nos esforçamos para tal reconciliação? Certamente, porque somos "ministros de reconciliação"! Devemos fazer nosso melhor para pregar o evangelho, encontrar cura para a malária e promover moradias a preços acessíveis. Mas parte de nosso esforço é também cair de joelhos todos os dias e orar: "Senhor, seja misericordioso comigo e com meu amigo aqui, porque ambos somos pecadores". E parte de nosso esforço significa orar todos os dias: "Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu, porque sem Ti não podemos consertar nossas

comunidades, nossas nações e nosso mundo.

A fé vem pelo ouvir

Em última análise, a profunda reconciliação das principais relações que compõem a redução da pobreza não pode ser feita sem que as pessoas aceitem a Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Sim, as pessoas podem experimentar algum grau de cura em seus relacionamentos sem se tornarem cristãs. Por exemplo, embora seja tipicamente mais difícil, os incrédulos podem frequentemente parar de beber, tornarem-se cônjuges mais amorosos e melhorar como empregados sem se tornarem cristãos. E como estas coisas acontecem para os incrédulos, elas são mais propensas a ganhar coisas materiais suficientes. No entanto, nenhum dos relacionamentos fundacionais pode experimentar mudanças importantes e duradouras sem que uma pessoa se torne uma nova criatura em Cristo Jesus. Além disso, simplesmente ter coisas materiais suficientes não é o mesmo que “diminuição da pobreza”, como definimos acima. Queremos que as pessoas cumpram seu chamado “para glorificar a Deus e regozijar-se nele para sempre” em seu trabalho e em tudo o que fazem. Novamente, isso requer que as pessoas aceitem e experimentem Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

Enquanto o modelo bíblico é que o evangelho deve ser comunicado em palavras e ações, a Bíblia indica que sem a proclamação verbal do evangelho, ninguém pode ser salvo: “Como, então, eles podem chamar aquele no qual não creram? E como eles podem acreditar em quem eles não ouviram? E como podem ouvir sem que alguém lhes pregue? ”(Rm 10.14).

Uma série de questões contextuais determina a melhor maneira e o tempo apropriado para apresentar o evangelho

verbalmente, particularmente em ambientes militantes muçulmanos ou hindus. Mas sem tal apresentação, não é possível que as pessoas sejam pessoalmente transformadas em todos os seus relacionamentos, que é do que o enfrentamento da pobreza trata.

Isso implica que a igreja local, como instituição, tem um papel fundamental a desempenhar na redução da pobreza, porque o evangelho foi confiado por Deus à igreja. Isso *não* significa que a igreja local deva possuir, operar e administrar todos os ministérios. Ministérios e indivíduos paraeclesiásticos também têm um papel a desempenhar. No entanto, significa que não podemos esperar pela transformação de pessoas sem o envolvimento da igreja local e a proclamação verbal do evangelho que foi confiado a ela.

Pessoas e processos, não projetos e produtos

O objetivo é ver as pessoas restauradas a serem o que Deus as criou para ser: pessoas que compreendem que são criadas à imagem de Deus com os dons, habilidades e capacidade de tomar decisões e efetuar mudanças no mundo ao seu redor; e pessoas que administram suas vidas, comunidades, recursos e relacionamentos para trazer glória a Deus. Essas coisas tendem a acontecer em ministérios altamente relacionais e focados no processo, mais do que em ministérios impessoais e focados no produto.

Este ponto pode ser ilustrado com a história de *Sandtown*, uma área de setenta e dois quarteirões em Baltimore, Maryland, que incorpora as características típicas de um gueto do centro de uma cidade norte-americana [e brasileira]; altas taxas de abuso de drogas, gravidez fora do casamento, violência, casas dilapidadas e desemprego. Mas no meio da carnificina de *Sandtown* está a *New Song Urban Ministries and Community Church*, que criou um farol de esperança de quinze blocos na escuridão. Agora, em seu vigésimo ano, a *New Song* emprega mais de oitenta funcionários e administra um orçamento anual multimilionário para executar seus programas de moradia, emprego, assistência médica, educação e artes. Mais de duzentas casas foram reabilitadas, e há esperança aos olhos dos moradores pela primeira vez em décadas. Merecidamente, *New Song* recebeu atenção nacional como um dos principais modelos de desenvolvimento comunitário eclesiástico nos Estados Unidos.

Eu visitei *New Song* pela primeira vez em 1996, na esperança

de entender sua fórmula para o sucesso. Impressionado com todas as casas que haviam restaurado e com os numerosos ministérios que haviam iniciado, minhas perguntas se concentraram em como iniciar e operar todos os seus programas: “Como você gerencia seu ministério? Quais são os custos de cada programa? Como você arrecada o dinheiro? Quem está no seu conselho? Onde posso ler os manuais de operações? Como você encontrou os empreiteiros de habitação?

Os cofundadores de *New Song*, Mark Gornik, Allan e Susan Tibbels, pacientemente responderam minhas perguntas, mas continuaram tentando redirecionar meus pensamentos para longe de dinheiro e programas para outra coisa, que é capturada na seguinte passagem do poderoso livro de Mark Gornik:

> Nós [Mark, Allan e Susan] decidimos nos mudar para um bairro do centro da cidade - não para mudá-lo ou salvá-lo, mas para sermos vizinhos e aprender a agenda da comunidade e viver nos termos estabelecidos pelos nossos vizinhos... Mantivemos firmemente um compromisso de *shalom* de Deus para *Sandtown*, mas não tínhamos planos ou programas. Em vez de impor nossas próprias agendas, procuramos colocar nossas vidas em serviço para a comunidade... Por mais de dois anos, não trabalhávamos para reformar casas, estávamos fora e por aí na comunidade, “saindo”... Durante esse tempo, as relações fundamentais da igreja foram formadas... Tudo girava em torno de construir comunidade juntos. Assim, durante o verão, por exemplo, pelo menos uma vez por mês, todos se amontoavam em um par de vans até um parque para um piquenique. Nós íamos para o centro e às vezes viajávamos para outras cidades. A comunidade aconteceu ao

nos divertirmos juntos, compartilhando nossas vidas e aprendendo a ser seguidores de Cristo juntos.[2]

Imagine ir a um doador e pedir fundos para transformar uma cidade através de “passeios”! Sim, edifícios, programas, orçamentos e conselhos eventualmente viriam a *New Song*, mas todos eles foram estabelecidos em um processo intencional e altamente *relacional* desde o início. Quando Mark, Allan e Susan criaram amizades com os moradores de longa data, todos começaram a sonhar juntos sobre o que poderia ser feito para melhorar a comunidade. Os membros da comunidade identificaram a necessidade de melhorar a moradia como sua prioridade, e com apenas um dólar e sem experiência em habitação, decidiram formar um capítulo do *Habitat for Humanity* [Habitat para a Humanidade] para renovar casas vagas para moradores da comunidade. Gornik explica: Essa era uma estratégia comunitária que permitiria que as pessoas da comunidade - que sempre foram deixadas de fora do processo e os benefícios do desenvolvimento urbano - possuíssem, administrassem e fossem administradores de seus ambientes arquitetônicos e econômicos. Nós não começamos a planejar considerando o financiamento ou até mesmo os recursos que achamos que poderiam ser levantados. Em vez disso, começamos com o que era certo para *Sandtown* e fiel ao evangelho.[3]

Em 1990, quatro anos depois que Mark, Allan e Susan se mudaram para o bairro, a *Sandtown Habitat for Humanity* concluiu sua primeira reforma habitacional. Quatro anos para produzir uma única casa? Se o objetivo era construir uma casa, esse não era um programa muito impressionante. Mas, como Gornik explica, o objetivo era um *processo*, não um *produto*: Esse processo de

moradia é muito lento? Por que não permitir que desenvolvedores profissionais façam isso? Perguntas como essas indicavam uma percepção equivocada de nosso compromisso. *New Song* e *Sandtown Habitat* estavam construindo pessoas, líderes, comunidade, uma base econômica e capacidade, não um produto para o lucro.[4]

Uma das marcas do sucesso de Mark, Allan e Susan é que eles não dirigem mais a *New Song*. Em vez disso, a *New Song* continua a prosperar sob a liderança de membros da comunidade, *pessoas* de baixa renda que foram fortalecidas por um *processo* relacional que se concentrou em reconciliar seus relacionamentos fundacionais em vez de implementar *projetos* para produzir *produtos*.

Tudo que eu realmente precisava saber, aprendi na escola dominical (bem, quase tudo!)

Um debate de longa data na arena política diz respeito à medida que as pessoas são materialmente pobres devido a seus fracassos pessoais ou aos efeitos de sistemas quebrados em suas vidas. Os conservadores políticos tendem a enfatizar o primeiro, enquanto os liberais políticos tendem a enfatizar o segundo.[5] Qual visão está correta?

Muitos de nós aprendemos quando crianças na escola dominical que o pecado de Adão e Eva bagunçou absolutamente tudo, implicando que *ambos*, tanto os indivíduos quanto os sistemas estão quebrados. Portanto, os cristãos devem estar abertos à ideia de que indivíduos e/ou sistemas podem ser o problema, ao tentarmos diagnosticar as causas da pobreza em qualquer contexto particular. Isso aprendemos muito na escola dominical.

Infelizmente, o que poucos de nós parecem ter aprendido na escola dominical é que a redenção de Jesus é de âmbito cósmico, trazendo reconciliação tanto para os indivíduos quanto para os sistemas. E como ministros da reconciliação, seu povo precisa se preocupar com os dois também, o assunto para o qual nos voltamos agora.

Trabalhando no nível dos indivíduos: a cosmovisão importa

Ao trabalhar no nível de pessoas pobres, é imperativo que eles e nós tenhamos uma compreensão correta da natureza de Deus, de nós mesmos, dos outros e da criação, *e também* da maneira como Deus pretende que os seres humanos se relacionem com cada um deles. Outra maneira de afirmar isso é que o funcionamento correto desses relacionamentos fundamentais requer uma *cosmovisão* apropriada, que pode ser definida como o "conjunto total de crenças ou suposições que compõem a mentalidade de um indivíduo e determinam em que eles acreditam e como se comportam".[6] Nossa cosmovisão é o espetáculo através do qual vemos e interpretamos a realidade, moldando a maneira como nos relacionamos com Deus, com o eu, com os outros e com a criação, nos níveis pessoal e sistêmico. Como os exemplos a seguir ilustram, as cosmovisões defeituosas podem ser uma das principais causas da pobreza material.

Uma cosmovisão distorcida referente a Deus

Uma agência cristã de ajuda humanitária e de desenvolvimento tentou melhorar o rendimento das colheitas para agricultores pobres no Alto Plano, na Bolívia. Embora tenha sucesso em aumentar a produção, o impacto na renda dos agricultores foi muito menor do que o esperado, devido à profunda reverência dos agricultores pela Pachamama, a deusa da mãe terra que preside o plantio e a colheita. Buscando o favor de Pachamama, os agricultores compraram fetos de lhama, um símbolo de vida e abundância, para enterrar em seus campos antes de plantar. Na

época da colheita, os agricultores realizaram um festival para agradecer a Pachamama. Quanto maior a colheita, maior a comemoração. De fato, uma grande porcentagem da renda dos agricultores estava sendo gasta nos fetos e no festival da colheita, contribuindo assim para a pobreza material dos agricultores. Além disso, ao aumentar a produção agrícola sem a transformação da cosmovisão, a agência de desenvolvimento percebeu que, na verdade, aumentava a idolatria desses agricultores, já que os fazendeiros davam louvores crescentes a Pachamama por sua benevolência.

Uma cosmovisão distorcida referente ao ser

A filha de Alisa Collins, Nickcole, descreveu o impacto econômico da cosmovisão defeituosa de Alisa: “De vez em quando, mamãe tentava obter ajuda pública, mas era como se ela estivesse presa lá. Encontrar e manter um emprego foi uma luta, porque com as crianças, sem diploma colegial e pouca confiança, sei que ela tinha em mente que não conseguiria”.[7]

Além de impedi-la de procurar trabalho, os sentimentos de inferioridade de Alisa provavelmente contribuíram para sua pobreza material de maneiras mais sutis. David Hilfiker, um médico do centro da cidade, explica: “Para muitas jovens (meninas, na verdade), ter um filho pode ser a única maneira de encontrar alguém para amar e ser amada. Sexo e parto entre adolescentes no gueto... [é] sobre afirmação pessoal”.[8] Ficar grávida quando adolescente fez com que Alisa abandonasse o ensino médio. Sem um diploma e sem ninguém para cuidar de seus filhos, a gravidez

de Alisa na adolescência levou a uma ruína econômica para ela e sua família.

Uma cosmovisão distorcida referente aos outros

Um dia, “Johnny” e “Tyrone”, dois garotos de dez e onze anos, respectivamente, mataram Eric Morse, de cinco anos, deixando-o fora da janela do décimo quarto andar de um conjunto habitacional de baixa renda em um gueto de Chicago. . Eric se recusou a roubar doces para Johnny e Tyrone da loja do bairro. LeAlan e Lloyd, adolescentes que viveram suas vidas inteiras no mesmo bairro, refletem sobre o incidente:

> **LeAlan:** Se você tirasse um tempo para pensar sobre toda a morte que acontece por aqui, você ficaria louco! Mas isso mostra como a vida é valorizada agora quando crianças de dez anos matam por um pedaço de doce. A vida vale vinte e cinco centavos de dólar agora - nem isso! É engraçado, se você pensar sobre isso, mas é triste. Quero dizer, matar por um pedaço de doce!
>
> **Lloyd:** Eles foram criados assim, eu acho. Eles estavam apenas seguindo passos. Foi assim que tudo começou.
>
> **LeAlan:** Ninguém ao redor deles aprecia a vida, então por que eles deveriam fazê-lo? Olhe para o prédio [onde o crime aconteceu] - você entra e tem cheiro de urina, você sobe as escadas e está escuro, com luzes quebradas. Quando você vive na sujeira, sua mente fica imunda e você não sente nada.[9]

Carl Ellis, um acadêmico que estudou extensivamente o “niilismo do gueto”, observa que incidentes como esse emanam de uma visão de mundo da “gratificação predatória” que é adotada por alguns membros do subconjunto criminoso de populações de guetos. Essa cosmovisão vê outros seres humanos simplesmente como “presa”, que podem ser destruídos se preencherem a barriga do caçador.[10] Os crimes que emanam de tal visão de mundo obviamente contribuem diretamente para a pobreza material de suas vítimas, mas o impacto total sobre a pobreza material dos moradores do gueto é mais sutil e muito mais abrangente. Vivendo no contexto da violência, algumas crianças do gueto presumem corretamente que não viverão muito tempo. Isso pode torná-los muito voltados para o presente[11] e dar-lhes pouco incentivo para investir em seus futuros através de coisas como ser diligente na escola. E, é claro, a incapacidade de obter uma boa educação contribui para a sua pobreza material de longo prazo.

Uma cosmovisão distorcida referente ao resto da criação

Uma característica comum do animismo, a cosmovisão que domina em muitas regiões do Mundo Majoritário, é que espíritos imprevisíveis controlam o resto da criação, implicando que a criação é caótica e incontrolável pelos humanos. Isso pode levar a um fatalismo que impede que pessoas animistas exerçam domínio e melhorem seu bem-estar material.

Por exemplo, os índios Pokomchi são algumas das pessoas mais pobres da Guatemala. Através dos esforços dos

missionários, muitos dos Pokomchi se converteram ao cristianismo. Infelizmente, os missionários falharam em conseguir comunicar uma cosmovisão bíblica acerca da mordomia humana sobre o resto da criação. Assim, os Pokomchi continuaram em seu fatalismo, literalmente apenas esperando para morrer a fim de serem libertados dos horrores desta vida. Com o passar dos anos, várias organizações de desenvolvimento tentaram ajudar os Pokomchi construindo escolas e latrinas para eles, mas estas em grande parte não foram utilizadas.

Arturo Cuba, um pastor e trabalhador de desenvolvimento comunitário, decidiu enfrentar as mentiras da cosmovisão que estavam na base da cultura Pokomchi. Arturo notou que os Pokomchi não usavam instalações adequadas de armazenamento, permitindo que os ratos comessem a colheita e contribuindo para a desnutrição generalizada. Arturo perguntou aos agricultores de Pokomchi: “Quem é mais esperto, vocês ou os ratos? Vocês têm domínio sobre os ratos ou os ratos dominam suas vidas?”[12] Os agricultores admitiram que estavam permitindo que os ratos conseguissem o melhor deles. Arturo, em seguida, explicou a cosmovisão bíblica, segundo a qual os seres humanos são criados para ter domínio sobre o resto da criação. Quando os Pokomchi começaram a abraçar a cosmovisão bíblica, mudanças dramáticas aconteceram: melhores instalações de armazenamento de alimentos foram criadas, as crianças foram para a escola, as mulheres aprenderam a ler e os homens adotaram técnicas agrícolas aprimoradas.

Como esses exemplos ilustram, cosmovisões defeituosas podem ser obstáculos-chave, implicando que a transformação da cosmovisão deve muitas vezes desempenhar um papel central nos

esforços de redução da pobreza. De fato, em alguns casos, as cosmovisões das pessoas são tão distorcidas que é difícil trazer algum progresso até que as pessoas passem por uma grande mudança de paradigma. Isso tem enormes implicações para o desenho de nossos programas e ministérios e para as fontes de financiamento que escolhemos. Os governos geralmente não são bons em oferecer uma transformação de cosmovisão bíblica! A esse respeito, considere os comentários perspicazes de LeAlan e Lloyd, os adolescentes do conjunto habitacional de Chicago mencionados acima, sobre a necessidade de uma mudança de cosmovisão - não apenas mais dinheiro ou recursos - para resolver os problemas de sua comunidade:

> Agora eles estão falando sobre derrubar todos os arranha-céus e colocar todos em prédios baixos como a solução [para crianças que jogam outras crianças de janelas altas]. É verdade que é um começo. Mas “Tyrone” e “Johnny” poderiam ter jogado Eric de um apartamento vazio nos prédios baixos e ele poderia ter caído e quebrado o pescoço. Então, o que você vai fazer - tornar as casas mais baixas mais baixas? É mais do que apenas os edifícios. Você não sabe como é tirar uma vida até valorizar a vida em si. Esses garotos não valorizavam a vida. Aqueles garotos não tinham muita razão para valorizar a vida. Agora eles mataram alguém e uma parte deles está morta também.[13]

É claro que devemos sempre lembrar que nossas próprias cosmovisões também precisam de transformação. Os brasileiros cristãos foram profundamente afetados pelas visões de mundo modernistas e agora pós-modernistas, resultando em secularismo,

materialismo e relativismo, os quais contribuíram para vícios, doenças mentais e famílias destruídas em nossa própria cultura. Por exemplo, em busca de mais bens materiais como fonte de nossa felicidade, muitos casais americanos estão se esgotando, com ambos os pais trabalhando longas horas em empregos de alto estresse. No processo, as crianças e os casamentos são frequentemente negligenciados, destruindo as famílias e levando a uma série de problemas psicológicos e sociais de efeitos duradouros. Como alguns dos materialmente pobres, nossas próprias cosmovisões precisam de transformação.

Embora a transformação da cosmovisão seja frequentemente necessária para a redução material da pobreza, essa transformação é frequentemente insuficiente para diminuir a pobreza por várias razões. Primeiro, ter o conceito certo sobre como um relacionamento deve funcionar não faz com que o relacionamento funcione bem. Por exemplo, eu sei que eu deveria amar minha esposa, mas saber isso não é suficiente para me fazer sair do sofá para ajudá-la com a louça! Relacionamentos saudáveis exigem corações transformados, não apenas cérebros transformados. Segundo, Satanás e suas legiões estão trabalhando no mundo e têm a capacidade e o desejo de prejudicar nossos relacionamentos. Mesmo que todos os seres humanos tivessem a cosmovisão correta, Satanás ainda estaria à espreita, atacando a nós e ao resto da criação, causando "pobreza" em muitas manifestações (Ef 6.12).

Terceiro, um dos resultados da queda é que toda a criação é amaldiçoada (Gn 3.17-19), o que significa que as colheitas fracassam e os tsunamis acontecem mesmo quando nossas visões de mundo não são falhas. Quarto, outras pessoas às vezes

trabalham ativamente contra ou minam os esforços de uma pessoa pobre para mudar sua situação. Finalmente, a maioria dos sistemas em que os materialmente pobres vivem - sistemas que contribuem para sua pobreza - estão fora de seu controle. Transformar a cosmovisão dos materialmente pobres não transformará esses sistemas, um ponto que será elaborado na próxima seção.

Sistemas corrompidos também contribuem para a pobreza

Durante a década de 1970, a OPEP restringiu a produção e elevou os preços do petróleo em todo o mundo. Os membros da OPEP obtiveram enormes receitas em dólar, muitas das quais depositaram em bancos norte-americanos, que então emprestaram esses “petrodólares” a países de todo o Mundo Majoritário em empréstimos com taxas de juros variáveis e em dólares. O aumento do preço do petróleo causou uma inflação desenfreada nos Estados Unidos, levando o conselho monetário dos EUA a reduzir a oferta de moeda, o que fez as taxas de juros dispararem e o dólar valorizar. Confrontados com o aumento das taxas de juros e com a valorização do dólar, os tomadores de empréstimos do Mundo Majoritário não puderam mais pagar seus empréstimos. Precisando de assistência, esses países buscaram ajuda para o Fundo Monetário Internacional, que reagiu reescalonando os empréstimos enquanto os mutuários cortassem seus gastos federais, desvalorizassem suas moedas, cortassem barreiras comerciais, abolissem a indexação inflacionária dos salários e avançassem para economias de livre mercado.

Você pegou tudo isso? Parece bem complicado, não é? Os fazendeiros do Alto Plano, na Bolívia, e os índios Pokomchi, na Guatemala, também não entenderam esses eventos, e não tiveram absolutamente nada a ver com a possibilidade de que algum deles acontecesse. Ainda assim, esses eventos tiveram um tremendo impacto em toda a sua situação econômica.

Observe a figura 2.2 na página 86. A grande maioria dos sistemas econômicos, sociais, religiosos e políticos, nos quais um

indivíduo em particular vive, não é criada ou mesmo influenciada por esse indivíduo. Em vez disso, a maioria desses sistemas é o resultado de milhares de anos de atividade humana operando em escala local, nacional e internacional. Sim, esses sistemas foram e continuam a ser moldados por seres humanos, mas a maioria dos indivíduos, particularmente os materialmente pobres, tem muito pouco controle sobre eles. No entanto, esses sistemas podem desempenhar um papel enorme na contribuição para a pobreza material.

Os sistemas são particularmente complicados porque tendem a ser invisíveis quando estamos trabalhando com pessoas pobres. Por exemplo, os eventos iniciados pelas ações da OPEP impactaram todos os preços que importam aos agricultores na Bolívia - preços de fertilizantes, sementes, crédito, terra, mão-de-obra, petróleo, produção etc, e, portanto, desempenharam um papel importante no bem-estar econômico desses agricultores. Mas se alguém está trabalhando no nível da comunidade, não se observa facilmente toda essa história global e o papel que ela desempenha na pobreza dos agricultores. Tudo o que se vê são pessoas materialmente pobres que desperdiçam seu dinheiro adorando a Pachamama. É fácil concluir que a maior parte do problema está nas próprias pessoas - suas cosmovisões, comportamentos e valores - porque as falhas das pessoas são muito mais óbvias do que os sistemas caídos em que vivem.

O corrompido sistema americano

Tomemos o caso de Alisa Collins. Enquanto sua cosmovisão,

valores e comportamentos claramente contribuíram para sua pobreza material, como uma mulher negra crescendo em um gueto, ela também é vítima de poderosas forças sistêmicas que lhe deram um conjunto diferente de cartas do que as recebidas pela maioria dos norte-americanos. O gueto no qual Alisa nasceu, sem escolha própria, teve origem na migração maciça de negros do sul rural para cidades do norte de 1910 a 1960, como resultado do aumento da mecanização da agricultura do sul.[14] Séculos de escravidão e discriminação racial contribuíram para os níveis relativamente baixos de educação desses migrantes, que fugiram para o norte em busca de empregos industriais. Ao chegarem ao Norte, uma combinação de forças econômicas, políticas públicas e discriminação de moradia levaram os migrantes a se concentrarem no interior das cidades.

Apesar da superlotação, no início da década de 1950, as regiões de negros das cidades do interior dos Estados Unidos eram comunidades amplamente viáveis e estáveis; no entanto, as três décadas seguintes foram bastante desestabilizadoras. Programas federais de revitalização urbana e construção de rodovias exigiam terrenos nos centros das cidades, e os bairros negros eram frequentemente destruídos. Os negros de baixa renda foram então realocados em projetos habitacionais com financiamento público, enquanto os negros de classe média e alta foram forçados a se mudar para outros lugares. Usando um conjunto de políticas que explicitamente e implicitamente discriminavam os negros, o *Federal Housing Administration (FHA)* começou a oferecer hipotecas subsidiadas que permitiram que milhões de brancos comprassem casas nos subúrbios e fugissem das cidades. Ironicamente, os avanços no movimento pelos

direitos civis reduziram a discriminação nos domicílios suburbanos, permitindo que negros de classe média e alta se mudassem para os subúrbios também. Como resultado desse vôo suburbano, as comunidades negras remanescentes do centro da cidade perderam líderes, modelos, famílias trabalhadoras e uma sólida base econômica.

E então os trabalhos foram embora. Os Estados Unidos passaram de uma economia predominantemente manufatureira para uma economia de serviços. De 1970 a 1985, milhões de empregos bem remunerados e braçais simplesmente desapareceram do interior das cidades, mudando-se para outras partes do país ou no exterior. O desemprego em tais lugares disparou, e muitos moradores negros do centro da cidade juntaram-se aos apoios de assistência social, um sistema que os penalizou por trabalhar tirando benefícios para cada dólar que eles ganhavam.

O que veio primeiro, o indivíduo corrupto ou o sistema corrompido?

O que acontece quando a sociedade amontoa historicamente os seres humanos oprimidos, sem educação, desempregados e relativamente jovens em edifícios altos; tira seus líderes; fornece-lhes educação, cuidados de saúde e sistemas de emprego inferiores; e depois paga-lhes para não trabalhar? É realmente tão surpreendente vermos gravidezes fora do casamento, famílias desfeitas, crimes violentos e tráfico de drogas? Pior ainda, acabamos com o niilismo, porque esses sistemas corrompidos

causam sérios danos à cosmovisão das pessoas. *As cosmovisões afetam os sistemas e os sistemas afetam as cosmovisões*. As setas na figura 2.2 apontam nos dois sentidos.

Por exemplo, como Gornik explica, altas taxas de desemprego causadas por um sistema econômico corrompido podem ser devastadoras para a visão de si: Em nossa sociedade capitalista, onde a identidade é medida pelo sucesso econômico e individual, a ausência de trabalho traz vergonha e desânimo. Como a nossa sociedade também define a identidade pelo sucesso individual, a ausência de emprego significativo corrói o senso de identidade e, por extensão, a família e a comunidade. Sentir-se incapaz de sustentar uma família e a comunidade em geral - que é o que ocorre com a ausência estrutural de trabalho no centro da cidade, pode limitar severamente a maneira como se pensa, sente e age em relação ao futuro. Os efeitos disso em *Sandtown* foram severos.[15]

Mais uma vez, as cosmovisões afetam os sistemas e os sistemas afetam as cosmovisões.

Essas considerações devem nos dar uma pausa antes de decidir que sabemos qual é o problema fundamental de pessoas como Alisa Collins. A Queda realmente aconteceu, afetando tanto Alisa *quanto* os sistemas nos quais ela nasceu. Infelizmente, como pesquisas recentes têm demonstrado, os evangélicos brancos nos Estados Unidos, para os quais os sistemas têm funcionado bem, são particularmente cegos para as causas sistêmicas da pobreza e são rápidos em culpar os pobres por suas dificuldades.[16] Os evangélicos tendem a acreditar que os argumentos sistêmicos

para a pobreza equivalem a transferir a culpa pelo pecado pessoal e a desculpar o fracasso moral.

Os evangélicos estão realmente corretos quanto à Bíblia nunca permitir que as circunstâncias sejam uma desculpa para o pecado de alguém. Ponto. Sim, Alisa pecou por ter sexo extraconjugal, e isso foi um dos principais contribuintes para a sua pobreza. Mas muitas pessoas cometem o mesmo pecado sem mergulhar em décadas de pobreza. Por quê? Parte da resposta é que, por uma variedade de razões históricas e contemporâneas, os moradores do gueto estão inseridos em sistemas que são diferentes do resto da sociedade. Alguns desses sistemas são criados por eles mesmos, mas muitos deles não são.

O fato de conhecermos esse passado faz toda a diferença quando Alisa entra em nossa igreja pedindo ajuda. Alisa tem pecados e comportamentos pessoais que estão contribuindo para sua pobreza material? Sim! Mas reduzir seu problema a isso ignora o impacto abrangente da Queda em indivíduos e sistemas e nos cega para nossa necessidade de trazer a realidade da redenção de Cristo para apoiar e tolerar ambos.

Quando cosmovisões colidem

Nós não somos neutros

Ao trabalharmos com pessoas materialmente pobres, é crucial percebermos que não estamos chegando a elas como folhas em branco. Em vez disso, a maneira como agimos em relação aos materialmente pobres expressa nossa própria cosmovisão, pintando uma imagem para eles de nossa compreensão sobre a natureza de Deus, de nós mesmos, dos outros e do resto da criação. Infelizmente, nossas próprias cosmovisões estão corrompidas, nos levando a comunicar uma perspectiva, uma maneira de entender a realidade, que muitas vezes está em desacordo com uma perspectiva bíblica.

O pensador de desenvolvimento Darrow Miller resume a situação na figura 3.1.[17]

Diferentes visões da Realidade

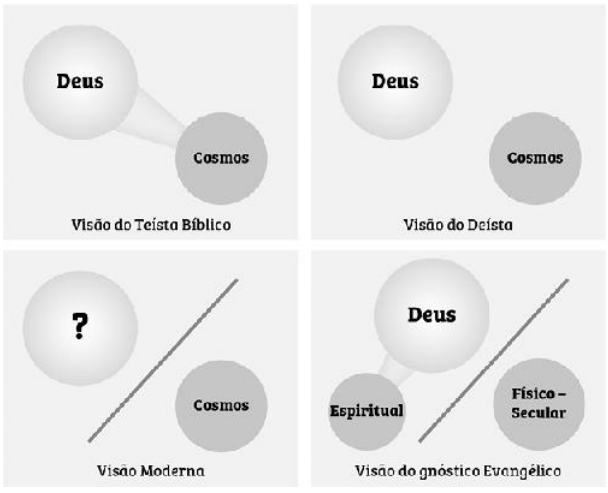


Figura 3.1

Adaptado de Darrow L. Miller com Stan Guthrie, *Discipling the Nations: The Power of Truth to Transform Cultures* [Discipulando as nações: o poder da verdade paratransformar culturas] (Seattle, WA: YWAM, 2001), figuras 1.7–

1.10, pp. 43–4.

A cosmovisão do teísmo bíblico descreve um Deus que é distinto de sua criação, mas conectado a ela, uma realidade na qual os reinos espiritual e material se tocam. De fato, Colossenses 1 descreve Deus, na pessoa de Jesus Cristo, como o Criador, Sustentador e Reconciliador de todas as coisas, incluindo o mundo material. Ele segura o universo na palma de sua mão, e está trabalhando ativamente nele para trazer as bênçãos de seu reino "até onde a maldição é encontrada".

Infelizmente, o pensamento iluminista do século 17 introduziu a visão de mundo do deísmo, uma perspectiva na qual Deus é separado do seu mundo. Embora o deísmo veja Deus como o criador do universo, ele é irrelevante para o seu funcionamento diário. O Deus do deísmo criou o mundo para operar por conta própria, enrolando-o como um relógio e permitindo que ele funcionasse de acordo com as leis naturais, sem qualquer necessidade de sua mão de sustentação. Nesta cosmovisão, os humanos são em grande parte independentes de Deus e são capazes de usar sua própria razão para entender o mundo que ele criou.

A cosmovisão moderna, às vezes chamada de "secularismo ocidental", levou o deísmo um passo adiante, eliminando a necessidade de Deus por completo. Na cosmovisão moderna, não apenas os domínios espirituais e materiais não se tocam, mas o reino espiritual nem mesmo existe! Na cosmovisão moderna, o universo é fundamentalmente uma máquina cujas origens e operações estão enraizadas em processos naturais que os humanos podem dominar por sua própria razão.

E aí está a causa raiz dos dois primeiros termos da equação na página 93:

- A definição material de pobreza emana da crença moderna de que todos os problemas - incluindo a pobreza - são fundamentalmente materiais por natureza e podem ser resolvidos usando a razão humana (ciência e tecnologia) para manipular o mundo material a fim de resolver esses problemas. De fato, do Banco Mundial a equipes missionárias de curto prazo, a um quarto da população sem-teto na rua, a abordagem ocidental para a redução da pobreza é fornecer recursos materiais e a tecnologia que desenvolvemos para dominar esses recursos.
- Os complexos de divindade dos materialmente não pobres são também uma extensão direta da cosmovisão moderna. Em um universo sem Deus, os heróis são aqueles que são mais capazes de usar sua razão para dominar o mundo material. Em outras palavras, os materialmente não-pobres são os vencedores da cosmovisão moderna, os deuses que dominaram o universo e que podem usar sua inteligência superior e as posses materiais que produziram para salvar meros mortais, a saber, os materialmente pobres.

Sob essa luz, arrepender-se dos dois primeiros termos da equação exige que nos aprofundemos ainda mais: arrepender-nos da cosmovisão moderna que fundamenta esses termos. O arrependimento nunca parece muito divertido, mas neste caso é a chave para descobrir um Deus que está conectado ao seu mundo, um Deus que é relevante para todas as facetas da nossa vida cotidiana e um Deus que pode realmente responder às nossas

orações.

Embora os cristãos rejeitem a negação modernista de Deus, como muitos outros, Darrow Miller argumenta que os cristãos norte-americanos se engajaram no sincretismo, combinando o teísmo bíblico com a cosmovisão moderna em um híbrido chamado “gnosticismo evangélico”, uma divisão sagrado-secular na qual Deus é senhor do reino espiritual - culto dominical, devoções, evangelismo, discipulado etc., mas é amplamente irrelevante para os reinos “físico” ou “secular” - negócios, artes, política, ciência e redução da pobreza. Essa divisão sagrado-secular prejudica gravemente o cristianismo nos Estados Unidos, tornando-o irrelevante para o funcionamento cotidiano de nossas vidas e culturas individuais. E como discutido no capítulo 1, muitas vezes o movimento de missões norte-americanas exportou essa divisão sagrado-secular para outras culturas, deixando de comunicar todas as implicações do reino de Cristo para todos os aspectos da vida.

Além disso, o gnosticismo evangélico frequentemente permeia os esforços de diminuição da pobreza dos cristãos. Frequentemente nós perfuramos poços, distribuímos remédios e fornecemos alimentos sem narrar que Jesus Cristo é o Criador e Provedor dessas coisas materiais. Mais tarde, oferecemos um estudo bíblico no qual explicamos que Jesus pode salvar nossas almas. Essa abordagem comunica o gnosticismo evangélico: as coisas matérias resolvem a pobreza material e Jesus resolve a pobreza espiritual. Em outras palavras, nós comunicamos “Jornada nas Estrelas de Jesus” em vez de “Colossenses 1 Jesus”. Como resultado, falhamos em introduzir as pessoas materialmente pobres ao único que pode verdadeiramente

reconciliar os relacionamentos enfraquecidos que fundamentam sua pobreza material.

Quando visões de mundo falhas - seja modernismo ou gnosticismo evangélico, colidem com as visões de mundo dos próprios pobres, os resultados podem ser devastadores...

Pachamama e Penicilina

Por exemplo, como vimos anteriormente com os agricultores bolivianos que adoravam a Pachamama, muitos dos materialmente pobres no Mundo Majoritário têm uma cosmovisão animista; eles acreditam que o mundo é controlado por espíritos poderosos e imprevisíveis. Quando os norte-americanos introduzem novas tecnologias ou recursos materiais em tais ambientes - sejam métodos agrícolas, medicina ocidental ou dinheiro, eles geralmente se revelam mais poderosos que os espíritos. Vendo isso, os agricultores bolivianos podem muito bem ir de adorar o Pachamama para adorar a penicilina! Em outras palavras, podemos inadvertidamente substituir a cosmovisão tradicional por uma cosmovisão secular “moderna”, que coloca sua fé na ciência, tecnologia e coisas materiais.[18] Ou alternativamente, os fazendeiros podem se engajar em sincretismo, simplesmente envolvendo a nova tecnologia em sua adoração à Pachamama, agradecendo-lhe por fornecer-lhes o poder na penicilina.

Uma dinâmica semelhante pode estar presente quando se trabalha com pessoas materialmente pobres nos Estados Unidos, particularmente no contexto da “Iniciativa Baseada na Fé” do governo dos EUA, que permite que organizações cristãs recebam

fundos federais para os componentes “não-espirituais” de seus ministérios. Por exemplo, uma vez eu servi no conselho de um ministério do centro da cidade que serve a uma população negra. Solicitamos fundos federais para pagar parte de nosso programa de treinamento em preparação para desempregados. Como parte deste programa, nosso ministério estava muito comprometido em usar um currículo que comunicasse uma cosmovisão bíblica relativa ao trabalho, incluindo a necessidade de Jesus Cristo nos restaurar a sermos trabalhadores produtivos.

O administrador do subsídio do governo, que por acaso era cristão, nos informou que a lei nos proibia de usar o dinheiro do governo para cobrir os custos de um currículo explicitamente focado no evangelho. Ele estava fazendo o seu trabalho em nos informar sobre esta lei. Não há problema com isso. No entanto, ele então disse: “Brian, apenas remova o material explicitamente cristão das lições. Você pode ensinar os mesmos valores que deseja ensinar - responsabilidade, pontualidade, respeito, muito trabalho, disciplina etc., sem articular sua base bíblica. Esses valores funcionam se as pessoas os veem vindo de Deus ou não”. Em essência, o administrador do subsídio estava encorajando-nos a aplicar o gnosticismo evangélico, separando Cristo de seu mundo, encorajando-nos a usar as técnicas de Cristo sem reconhecê-lo como o Criador das técnicas e sem invocá-lo para dar às pessoas o poder de empregar essas técnicas.

Decidimos não usar os fundos federais para pagar o currículo. Ensinar os valores de uma “ética do trabalho protestante” sem ensinar sobre o Criador desses valores e sobre o poder transformador de Jesus Cristo é como dar a penicilina sem nunca explicar a fonte do poder da penicilina. Sim, como a penicilina,

esses valores funcionam. Mas quão triste seria se tivéssemos acabado por comunicar com os participantes do programa: “Vocês podem se levantar por conta própria. Torne-se mais disciplinado, trabalhador e responsável, e você também pode alcançar o sonho americano de prosperidade material”. Mesmo que os participantes tivessem conseguido mudar seus comportamentos sem o ensino bíblico, o resultado poderia ter sido pessoas que depositaram sua fé nos valores da classe média e em sua capacidade de adotar esses valores. Nós teríamos substituído sua própria cosmovisão pela cosmovisão moderna, que acredita que os seres humanos podem alcançar o progresso através de sua própria força.

É interessante considerar que, neste caso, muitos dos participantes do programa de empregos já abraçaram, pelo menos a nível intelectual, a maioria dos elementos de uma cosmovisão cristã. A proeminência das igrejas na vida da comunidade negra assegurou isso. Ironicamente, se tivéssemos simplesmente transmitido valores americanos de classe média em nosso currículo, nosso “ministério” poderia ter substituído aqueles elementos de uma cosmovisão bíblica que os participantes já haviam abraçado por uma cosmovisão gnóstica moderna ou evangélica! Falhar em enraizar o currículo de uma cosmovisão explicitamente bíblica poderia ter sido devastador, mesmo se os participantes do programa obtivessem sucesso em seus trabalhos e aumentassem sua renda como resultado do programa. Lembre-se, o objetivo é que todos os envolvidos glorifiquem a Deus, não apenas para aumentar a renda das pessoas.

As dinâmicas descritas são particularmente perigosas para os cristãos no século 21. Por um lado, todos nós temos sido fortemente influenciados pela cosmovisão moderna, que acredita

que a razão e o esforço humanos são capazes de entender e controlar o mundo material sem a necessidade de compreender ou confiar em Deus. Como resultado, estamos muito propensos a colocar nossa confiança em nós mesmos e na tecnologia para melhorar nossas vidas, esquecendo que é Deus quem é o nosso Criador e Sustentador, bem como das leis que fazem a tecnologia funcionar.

Por outro lado, muitos de nós estão sendo influenciados por uma cosmovisão pós-moderna, que argumenta que a verdade absoluta não é cognoscível: “O que é verdade para mim pode não ser verdade para você. O que esta passagem da Bíblia diz para mim, pode não dizer a você.”A influência do pós-modernismo está tornando muitos cristãos temerosos de se engajar em atividades de evangelismo e discipulado, com receio de impor a outras culturas sua própria interpretação da Escritura. “Quem somos nós para lhes contar o que a Bíblia diz?”

Embora o pós-modernismo tenha fornecido algumas correções úteis ao excesso de confiança do modernismo, impedir que as pessoas comuniquem a verdade transcendente das Escrituras não é uma delas. Sim, somos criaturas finitas, frágeis e pecaminosas, profundamente influenciadas por nossos próprios contextos culturais, de maneiras que nem podemos identificar. Nós realmente precisamos ter cuidado para não impor nossas interpretações e aplicações culturais das verdades transcendentes das Escrituras a outras pessoas. Mas embora essas advertências tenham lugar, a Bíblia nunca sugere que essas realidades deveriam nos impedir de estudar, aplicar e comunicar o evangelho e suas implicações para os outros (Sl 119.105, 130; Mt 28.18-20; 2Tm 3.16–4.5). Sim, devemos ser humildes e constantemente nos

reexaminar à luz das Escrituras. Mas não devemos nos esquivar de declarar a verdade bíblica, pois nossa confiança está no poder da Palavra de Deus e na presença ativa do Espírito Santo para superar nossas inadequações.

Em resumo, no final do dia, as pessoas precisam passar da adoração à Pachamama para adorar o Criador da penicilina. Tal movimento requer uma articulação verbal do teísmo bíblico: a penicilina funciona porque o Criador a faz funcionar. Prostre-se e o adore.

Enfrentamento da pobreza material para Alisa Collins

Após décadas vivendo com cheques da assistência social, Alisa Collins subitamente começou seu ensino médio, trabalhando em período integral como professora de jardim de infância e levantando-se às 4 horas da manhã para lavar as roupas de sua família antes de ir ao trabalho. O que aconteceu? A visão de mundo de Alisa mudou *e assim* o sistema em que ela viveu mudou.

Tudo começou quando a senhora Miller, a diretora da escola local, contratou Alisa para trabalhar meio período como auxiliar de professor. A senhora Miller logo observou que Alisa tinha dons de ensino naturais e aproveitou o tempo para incentivá-la a obter a educação e a certificação necessárias para seguir uma carreira de magistério. Com a abordagem relacional e carinhosa da senhora Miller, Alisa começou a ganhar confiança. E enquanto sua cosmovisão estava mudando, duas alterações importantes também ocorreram no ambiente econômico da Alisa. Primeiro, o

Congresso aprovou a legislação de reforma da assistência social, tornando-a mais “pró-trabalho” e limitando o tempo que as pessoas poderiam permanecer nele. Alisa sabia que seus dias dependendo da assistência social estavam chegando ao fim e que ela simplesmente precisava encontrar um emprego em tempo integral. Em segundo lugar, a senhora Miller ofereceu a Alisa um emprego como professora em tempo integral, fazendo, dessa forma, com que o sistema econômico finalmente funcionasse para Alisa.

As igrejas estão numa posição única para oferecer ministérios relacionais em um nível individual tal qual pessoas como Alisa precisam. Embora seja mais difícil fazer grandes mudanças nos sistemas econômicos nacionais e internacionais, as igrejas podem frequentemente fazer mudanças suficientes nos sistemas locais para permitir que pessoas como Alisa saiam da pobreza material. Essa mudança sistêmica pode assumir a forma de defesa política, mas, na maioria das vezes, significa simplesmente mudar as opções econômicas para os materialmente pobres, para que eles tenham uma oportunidade de se sustentar. Por exemplo, donos de empresas em sua igreja podem oferecer empregos para pessoas pobres, dando-lhes uma rara oportunidade de começar de novo. Ou a sua igreja pode contratar pessoas de meio-período, dando-lhes experiência prática e uma oportunidade de desenvolver fortes hábitos de trabalho que podem levar a empregos em tempo integral em outros lugares.

É claro que as igrejas também podem oferecer a Alisa algo que a senhora Miller não poderia: uma clara articulação do evangelho do reino para que Alisa possa experimentar a mudança profunda e duradoura necessária para alcançar a redução da

pobreza em seu sentido mais amplo: *a habilidade de cumprir seu chamado de glorificar a Deus através do seu trabalho e vida.*

As partes 2, 3 e 4 deste livro irão aprofundar as maneiras pelas quais a igreja pode abordar os indivíduos e os sistemas nos quais eles vivem para serem ministros da reconciliação.

Questões para reflexão e exercícios

Por favor, escreva respostas para as seguintes perguntas:

1. Reflita sobre suas respostas às perguntas no início deste capítulo. Suas visões mudaram? Se sim, como? Seja específico.
2. Você já se sentiu preso pelas circunstâncias da vida ao ponto de acreditar que não poderia fazer nada para mudar a situação? Se sim, descreva as emoções e comportamentos que isso produziu em você. Você já sentiu vontade de desistir?
3. Quando você fica doente, o que você faz? Agora leia 2Crônicas 16.7–9, 12 e o Salmo 20.7. Qual foi o pecado de Asa? Uma das características da cosmovisão moderna é uma separação não bíblica entre os reinos espiritual e físico. Como Asa, tendemos a confiar na ciência - medicina, tecnologia, máquinas, poder *etc.* - para resolver nossos problemas e esquecer de chamar aquele que criou e sustenta o universo. Você é como Asa? Como sua visão de mundo precisa ser transformada?
4. Pense nos esforços de ministérios e missões da sua igreja. Incluem uma articulação clara e verbal do evangelho? Se não, quais são algumas coisas específicas que poderiam ser feitas para melhorar isso?
5. Mais uma vez, pense nos ministérios da sua igreja e nos esforços missionários. Eles são sobre *pessoas* e *processos* ou sobre *projetos* e *produtos*? Liste algumas coisas específicas que você poderia fazer para melhorar essas

iniciativas.

6. Responda às perguntas 4 e 5 para quaisquer ministérios paraeclesiásticos com os quais você esteja envolvido.
7. Considere sua comunidade, cidade ou região. Como os sistemas econômicos, sociais, religiosos e políticos podem ser injustos e opressivos para algumas pessoas? Se você puder, pergunte a várias pessoas materialmente pobres ou pessoas que são minorias étnicas (por exemplo, índios, negros, imigrantes) para compartilhar sua perspectiva sobre isso com você. Passe algum tempo ouvindo-os e considerando o que eles têm a dizer. Então pergunte: há alguma coisa que você ou sua igreja possa fazer para tornar esses sistemas mais justos?
8. Os ministérios para os pobres com os quais você está envolvido narram que Deus é o Criador, Sustentador e Redentor da tecnologia, recursos e métodos que você está trazendo? Ou você está comunicando inadvertidamente que o poder está na tecnologia, nos recursos e nos métodos?

Parte 2

Princípios gerais para ajudar sem machucar

Pensamentos iniciais

Por favor, escreva respostas curtas para as seguintes perguntas:

1.Pense nas pessoas materialmente pobres do Brasil que pediram a você ou à sua igreja uma ajuda financeira imediata. Em que condições você acredita que seria apropriado dar coisas ou dinheiro para essas pessoas? Seja específico.

2. Pense em qualquer ministério para os pobres que você ou a sua igreja tenha conduzido no Mundo Maioritário; por exemplo, uma viagem missionária de curta duração. Em que condições você acredita que seria apropriado para você ou sua igreja dar coisas ou dinheiro para essas pessoas? Seja específico.

3. Suas respostas para as questões anteriores são iguais ou diferentes? Por quê?

Capítulo 4

Nem toda pobreza é igualmente criada

Você liga o noticiário da noite e vê que um tsunami devastou a Indonésia, deixando milhões sem comida, roupas adequadas ou abrigo. Após um intervalo comercial, a notícia retorna e apresenta uma história sobre o crescente número de moradores de rua em sua cidade, que também estão sem comida, roupas adequadas ou abrigo. À primeira vista, as respostas apropriadas para cada uma dessas crises podem parecer muito semelhantes. As pessoas em ambas as situações precisam de comida, roupas e moradia, e fornecer essas coisas para ambos os grupos parece ser a solução óbvia. Mas há algo que nos incomoda quando refletimos sobre essas duas notícias. No fundo, parece que as pessoas nessas duas crises estão em situações muito diferentes e exigem diferentes tipos de ajuda.

Como devemos pensar sobre esses cenários? Existem princípios para nos guiar para a resposta apropriada em cada caso?

Escolha um número entre 1 e 3

Um primeiro passo útil para pensar em trabalhar com os pobres em qualquer contexto é discernir se a situação exige alívio, reabilitação ou desenvolvimento. De fato, a falta de distinção entre essas situações é uma das razões mais comuns pelas quais os esforços de redução da pobreza costumam causar danos.

“Alívio” pode ser definido como a provisão urgente e temporária de ajuda de emergência para reduzir o sofrimento

imediato de uma crise natural ou provocada pelo homem. Como mostra a figura 4.1, quando uma crise como a do tsunami indonésio atinge o ponto 1, as pessoas estão quase ou completamente desamparadas e experimentam uma queda nas condições econômicas. Há uma necessidade de parar a queda livre, para “estancar o sangramento”, e é isso que a ajuda tenta fazer. A principal característica do alívio é a dinâmica de um receptor provedor na qual o provedor presta assistência - muitas vezes material - ao receptor, que é em grande parte incapaz de se ajudar naquele momento. O curativo do bom samaritano ao homem indefeso que jazia sangrando ao longo da estrada é um excelente exemplo de alívio aplicado apropriadamente.

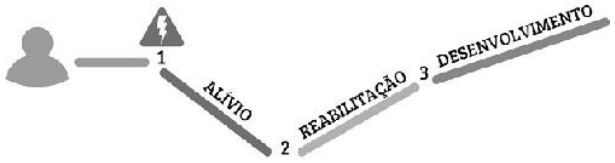


Figura 4.1

“Reabilitação” começa assim que o sangramento para; busca restaurar as pessoas e suas comunidades aos elementos positivos de suas condições pré-crise. A principal característica da reabilitação é uma dinâmica de trabalhar *com* as vítimas do tsunami à medida que eles participam de sua própria recuperação, passando do ponto 2 para o ponto 3.

“Desenvolvimento” é um processo de mudança contínua que move todas as pessoas envolvidas - tanto os “ajudantes” quanto os “ajudados” - a estarem mais próximos de um relacionamento correto com Deus, consigo mesmos, com os outros e com o resto da criação. Em particular, à medida que os materialmente pobres se desenvolvem, eles são mais capazes de cumprir seu chamado

de glorificar a Deus, trabalhando e sustentando a si mesmos e suas famílias com os frutos desse trabalho. O desenvolvimento não é feito *para* pessoas ou *pelas* pessoas, mas *com* pessoas. A principal dinâmica no desenvolvimento está promovendo um processo de capacitação no qual todas as pessoas envolvidas - tanto os “ajudantes” quanto os “ajudados” - se tornam mais o que Deus os criou para serem, indo além do ponto 3 para níveis de reconciliação que eles não haviam experimentado antes.

É absolutamente crucial que determinemos se o alívio, a reabilitação ou o desenvolvimento é a intervenção apropriada: Um dos maiores erros cometidos pelas igrejas brasileiras - de longe - é aplicar o alívio em situações em que a reabilitação ou o desenvolvimento é a intervenção apropriada.

O apoio do bom samaritano era apropriado para a pessoa do ponto 1, uma vítima que precisava de ajuda material para parar o sangramento e até evitar a morte; no entanto, a pessoa no ponto 3 não está enfrentando uma emergência, e as assistências materiais para essas pessoas não as ajudam a serem novamente mordomos produtivos. De fato, como vimos no capítulo 2, aplicar uma solução material à pessoa do ponto 3, cujo problema estrutural - como o nosso - é relacional, muito provavelmente prejudique essa pessoa e o provedor da assistência material, exacerbando o problema nos quatro relacionamentos principais para ambos.

O restante deste capítulo usa o paradigma alívio-reabilitação-desenvolvimento para aperfeiçoar alguns princípios à medida que buscamos o objetivo da redução da pobreza - pessoas de baixa renda e nós mesmos glorificando cada vez mais a Deus através da reconciliação com Deus, conosco, com os outros e com o resto da

criação.

Quem está em primeiro lugar?

Muitas das pessoas que vêm à sua igreja para pedir ajuda afirmam que estão em crise, precisando de ajuda financeira de emergência para contas de serviços públicos, aluguel, alimentação ou transporte. Em outras palavras, eles indicarão que estão no ponto 1 na figura 4.1. O socorro é a intervenção apropriada para tal pessoa? Talvez, mas talvez não. Existem várias coisas a serem consideradas.

Primeiro, há realmente uma crise? Se você falhar em fornecer ajuda imediata, haverá realmente consequências sérias e negativas? Caso contrário, o alívio não é a intervenção apropriada, pois há tempo para a pessoa agir em seu próprio nome.

Em segundo lugar, até que ponto o indivíduo foi pessoalmente responsável pela crise? É claro que a compaixão e a compreensão são consideradas aqui, especialmente quando se lembra dos fatores sistêmicos que podem desempenhar um papel na pobreza. Mas ainda é importante considerar a própria culpabilidade da pessoa na situação, pois permitir que as pessoas sintam um pouco da dor resultante de qualquer comportamento irresponsável de sua parte pode ser parte do “amor duro” necessário para facilitar a reconciliação no enfrentamento da pobreza. O objetivo não é punir a pessoa por quaisquer erros ou pecados cometidos, mas assegurar que as lições apropriadas sejam aprendidas na situação.

Em terceiro lugar, a pessoa pode se ajudar? Se assim for,

então um apoio puro quase nunca é apropriado, pois prejudica a capacidade da pessoa de ser um administrador de seus próprios recursos e habilidades.

Quarto, até que ponto essa pessoa já recebeu socorro de sua parte ou de outras pessoas no passado? Qual a probabilidade de ela estar recebendo tal ajuda no futuro? Por mais especial que sua igreja seja, pode não ser a primeira parada do trem! Essa pessoa pode estar obtendo assistência de “emergência” de uma igreja ou organização após a outra, para que seu “presente, só dessa vez” possa ser o décimo tal presente que a pessoa recebeu recentemente.

Minha família passou por essa situação há dois meses, quando uma jovem bateu na porta de nossa casa pedindo comida. Nós consentimos, mas mais tarde descobrimos que ela havia recebido assistência semelhante de outros membros de nossa comunidade por muitas semanas, e ainda a vemos indo de porta em porta pedindo comida. Quando os vizinhos procuram fornecer soluções de longo prazo, ela recusa tal ajuda. A coisa amorosa a fazer por essa mulher é que toda a comunidade retenha a ajuda, para explicar nossa razão em fazer isso, e para oferecer-lhe braços abertos, caso ela escolha um caminho para estar conosco e encontrar soluções de longo prazo.

Embora muitas dessas regras de ouro acertem um acorde intuitivo quando se trabalha com pessoas materialmente pobres nos Estados Unidos, muitos de nós ignoramos esses princípios quando trabalhamos com pessoas materialmente pobres no Mundo Majoritário. Comparado com a nossa própria situação, os níveis de pobreza no Mundo Majoritário parecem tão devastadores, e as pessoas parecem tão desamparadas. Em tais

contextos, muitos de nós são rápidos em distribuir dinheiro e outras formas de assistência de emergência, de maneiras que nunca consideraríamos ao ministrar aos pobres nos Estados Unidos.

Para ilustrar, considere a associação de poupança e crédito afiliada à *Jeovah Jireh Church*, uma congregação localizada em uma favela em Manila, nas Filipinas. Cada um dos membros desta associação de poupança e crédito vive com aproximadamente um a cinco dólares por dia. Cada membro da associação deposita no grupo apenas vinte centavos por semana, que a associação usa para fazer empréstimos muito pequenos com juros aos membros. Além disso, cada membro contribui com cinco centavos por semana para o fundo de emergência da associação, que pode ser usado para fornecer ajuda aos membros que enfrentam uma crise emergencial.

De uma perspectiva norte-americana, essas pessoas são extremamente pobres. Diante disso, é instrutivo considerar as políticas que a associação de poupança e crédito desenvolveu para seu fundo de emergência. O dinheiro do fundo é emprestado - não dado - a uma taxa de juros de 0% para os membros do grupo cujos familiares adoecem. Nenhuma assistência está disponível para pessoas que tiveram sua eletricidade ou água cortada por não pagar suas contas de serviços públicos. De acordo com o grupo, tal situação não constitui uma emergência, já que as contas de luz e eletricidade são gastos domésticos regulares para os quais todos devem estar preparados. O grupo nem sequer concederá empréstimos emergenciais para internação hospitalar em caso de parto, porque a família teve nove meses para se preparar para a chegada do bebê. Finalmente, o montante

do empréstimo do fundo de emergência é limitado ao montante das contribuições de poupança do membro que recebe o empréstimo. Os membros desta associação de poupança e crédito são duros de roer!

Agora, o que acontece quando uma igreja norte-americana encontra os membros da associação de poupança e crédito da *Jeovah Jireh Church*? Muitas vezes projetamos nossas próprias ideias sobre o que é um padrão aceitável de vida na situação e somos rápidos em adotar uma abordagem de ajuda, distribuindo dinheiro de maneira que a população local consideraria insensata e criadora de dependência. E, no processo, podemos prejudicar o julgamento, a disciplina, a responsabilidade, a administração, a poupança e as instituições locais. De fato, a pesquisa mostrou que a injeção de fundos externos nesses grupos de poupança e crédito tipicamente os colocam em colapso.[1] O ponto aqui não é que as políticas da associação de poupança e crédito da *Jeovah Jireh Church* sejam normativas para todas as igrejas e todos os contextos. O ponto é que, ao decidir se o alívio é a intervenção apropriada, devemos ter cuidado para não impor nossas próprias suposições culturais em contextos que não compreendemos muito bem.

Conforme discutido no capítulo 11, as ferramentas de avaliação podem ajudá-lo a discernir a natureza da situação de uma pessoa. Essas ferramentas podem variar de um conjunto informal de perguntas usadas em uma conversa inicial até um formulário escrito mais formal e detalhado. Essas ferramentas de avaliação ajudam a identificar o tipo de assistência que seria mais benéfica e também podem ajudar a determinar se a necessidade de ajuda é real. Além disso, essas ferramentas podem revelar a

disposição da pessoa em abordar questões de vida maiores que podem ter contribuído para a situação atual.

Em particular, é útil que sua igreja ou ministério tenha um conjunto de políticas de benevolência para orientar a tomada de decisões ao trabalhar com pessoas materialmente pobres. Essas políticas devem fluir de sua missão e visão e ser consistentes com uma perspectiva bíblica sobre a natureza da pobreza e como reduzi-la.

Quem está em primeiro lugar? É improvável que você conheça muitas pessoas nessa categoria, pois a realidade é que apenas uma pequena porcentagem dos pobres em sua comunidade ou em todo o mundo precisa desse socorro. Estes incluiriam os severamente incapacitados, alguns dos idosos, crianças muito novas e órfãs, a população sem-teto mentalmente doente e vítimas de um desastre natural. As pessoas nestas categorias são frequentemente incapazes de fazer qualquer coisa para se ajudarem e precisam de ajuda. No entanto, para a maioria das pessoas, o sangramento parou e elas não são destituídas. Agir como se fossem destituídos faz mais mal do que bem, tanto a eles como a nós mesmos. Isso não significa que não devamos fazer nada para ajudar aqueles que não são destituídos. Significa apenas que a reabilitação ou o desenvolvimento - não o alívio - é a maneira apropriada de ajudar essas pessoas. Essa ajuda poderia muito bem incluir o fornecimento de assistência financeira, mas tal assistência estaria condicionada e de maneira a apoiar a sua produtividade. Os capítulos 8 e 9 fornecem exemplos de intervenções que fazem isso complementando o trabalho e a poupança das pessoas com recursos adicionais.

Como se soletra “alívio eficiente”?

Se você determinar que a assistência é a resposta apropriada em uma determinada situação, existem alguns princípios que podem ajudar a tornar seus esforços de alívio mais eficazes.

Primeiro, o alívio precisa ser imediato. Se uma pessoa está no meio de uma crise e não pode se ajudar, uma resposta oportuna é crucial. Por exemplo, quando ocorre um desastre natural em grande escala, as vítimas não podem esperar semanas enquanto as igrejas tentam pensar no que devem fazer e garantir o financiamento. O que é verdade para desastres em grande escala é verdadeiro para a mulher espancada que bravamente vem ao escritório da igreja em busca de abrigo seguro. Enviá-la de volta para casa para esperar enquanto a igreja tenta encontrar algum abrigo alternativo não é uma boa resposta de ajuda.

A fim de fornecer ajuda oportuna, é importante envolver-se na preparação para desastres. Isso significa simplesmente olhar para frente e prever os tipos de situações de alívio imediato que a igreja ou o ministério possa encontrar. Recursos financeiros, materiais e humanos podem ser identificados e protegidos para estarem prontos para serem colocados em ação no momento certo. Por exemplo, os diáconos podem garantir que a igreja adquira ou crie uma lista de serviços disponíveis na comunidade para atender às necessidades de alívio imediato. Os diáconos também podem alinhar pessoas dentro da congregação que estariam prontas para dar de si mesmas para ajudar alguém que está no meio de uma crise. Tal ajuda pode incluir a abertura de sua casa por algumas noites, o fornecimento de transporte para um órgão assistencial, levar uma pessoa para comer fora ou trabalhar no armário de

roupas da igreja para garantir que ele seja bem organizado.

Em segundo lugar, a ajuda também é temporária, fornecida apenas durante o tempo em que as pessoas não conseguem se ajudar. Infelizmente, determinar quando parar a ajuda nunca é fácil. Por um lado, podemos cometer o erro de acabar com a nossa assistência cedo demais. Uma família sem seguro que enfrenta contas médicas em curso devido a uma emergência de saúde pode precisar de mais do que uma única doação de cem reais do fundo de benevolência da igreja. Por outro lado, se a ajuda é dada por muito tempo, pode causar danos criando dependência. Novamente, sua igreja precisa ter políticas de benevolência que definam o grau, frequência e duração dos esforços de ajuda. Embora possa haver ocasiões que exijam trabalhar fora dessas políticas, ter essas políticas pode ajudar bastante no fornecimento de ajuda de maneira apropriada.

Como você soletra “alívio eficiente”? R-a-r-a-m-e-n-t-e, I-m-e-d-i-a-t-o e T-e-m-p-o-r-á-r-i-o.

Realizando o alívio e a reabilitação de forma a desenvolver

Uma vez que os esforços de alívio tenham interrompido o sangramento, é hora de avançar rapidamente para a reabilitação, trabalhando *com* as pessoas, não *para* as pessoas, para ajudá-las a retornar aos elementos positivos de suas condições pré-crise. Novamente, a reabilitação deve ser feita de maneira consistente com a meta de longo prazo da redução da pobreza: pessoas de baixa renda e nós mesmos glorificando cada vez mais a Deus através da reconciliação das relações com Deus, conosco, com os outros e com o resto da criação.

Cerca de vinte anos atrás, minha esposa e eu ajudamos a mobilizar nossa igreja para ser voluntária em um abrigo cristão para sem-teto. A maioria dos homens que moravam no abrigo sofrera algum tipo de trauma, como um divórcio, uma morte na família ou a perda de um emprego. Voltando-se para drogas ou álcool para aliviar a dor, esses homens haviam perdido tudo e precisavam de ajuda de emergência, para sobreviver nas geladas condições do inverno de Connecticut. Fornecendo comida e camas quentes, o abrigo havia parado a queda ladeira abaixo desses homens e agora estava tentando ajudá-los a se reabilitar através de uma série de serviços de aconselhamento.

Uma vez por mês, os membros de nossa igreja compravam comida, preparavam uma refeição, serviam aos moradores do abrigo e limpavam tudo depois. Fizemos tudo, exceto oferecer comida na boca, nunca pedindo que eles levantassem um dedo em todo o processo. Uma abordagem mais desenvolvimentista teria buscado uma maior participação desses homens em sua

própria reabilitação, pedindo-lhes que exercessem a mordomia como parte do processo de começar a reconciliar seus relacionamentos-chave. Poderíamos ter envolvido os homens a cada passo ao longo do caminho, desde o planejamento da refeição até a compra da comida, a ajuda no serviço e na limpeza. Poderíamos ter feito o jantar com os homens, trabalhando e comendo lado a lado, em vez de dar a ceia aos homens, engajando-nos numa dinâmica de provedor-receptor que provavelmente confirmava nosso senso de superioridade e seu senso de inferioridade.

Fazer reabilitação, e até mesmo ajudar usando uma abordagem mais desenvolvimentista, é agora considerada a "melhor prática". Por exemplo, os *Padrões Mínimos de Assistência em Desastres e Reabilitação* incluem as seguintes diretrizes, às quais adicionamos alguns comentários.[2]

- ***Garanta a participação da população afetada na avaliação, projeto, implementação, monitoramento e avaliação do programa de assistência.*** Isso equivale a dizer que os homens no abrigo dos sem-teto precisam estar envolvidos em todos os aspectos, não apenas preparando o jantar, mas também no projeto, implementação e avaliação de todos os programas dos abrigos para sem-teto! Isso soa como loucura? Claramente, o julgamento é necessário para determinar a capacidade da população-alvo de tomar decisões sábias e assumir responsabilidades. Mas é importante trabalhar a partir de uma perspectiva de que todos somos criados à imagem de Deus, que estamos todos corrompidos e que todos podemos experimentar a reconciliação de Cristo.

Tanto quanto possível, precisamos tratar as pessoas como os administradores responsáveis que queremos que elas sejam, até mesmo pedindo suas opiniões de vez em quando! Homens desabrigados podem realmente saber algo sobre, bem, estar desabrigado.

- ***Realize uma avaliação inicial para fornecer uma compreensão da situação de desastre e para determinar a natureza da resposta.*** Isso é um pouco diferente de carregar um caminhão de voluntários de sua igreja e descer para Nova Orleans no dia seguinte ao rompimento dos diques. Requer que você conheça o contexto e a situação local ou trabalhe sob os amparos e coordenação daqueles que sabem.
- ***Responda quando as necessidades de uma população afetada não forem atendidas pelas pessoas ou organizações locais devido à sua incapacidade ou falta de vontade de ajudar.*** Note como essa abordagem é cautelosa. Se as pessoas e organizações locais são capazes e estão dispostas a ajudar aqueles que estão em crise, então fique longe! As pessoas locais normalmente terão uma melhor compreensão da melhor maneira de realizar o trabalho. Além disso, todo o objetivo do trabalho de desenvolvimento é que as pessoas locais se encarreguem de suas vidas e comunidades individuais. Apressar-se com todo tipo de conhecimento e recursos externos pode minar os quatro relacionamentos-chave nessa comunidade, um dos quais é ser um mordomo do “resto da criação”. Se eles precisarem de ajuda, forneça;

mas se não, sua doação pode machucar.

De uma perspectiva bíblica, precisamos qualificar melhor essa diretriz chamada de “melhores práticas”. Sempre que possível, os primeiros a responder a uma crise devem ser os membros da família das vítimas, sejam eles familiares geograficamente locais ou não (1Tm 5.3-4). No entanto, em muitas situações de alívio, não há tempo suficiente para envolver os membros da família, especialmente se eles vivem longe da crise. Em tais situações, as pessoas geograficamente próximas devem se tornar os primeiros socorristas.

- ***Direcione a assistência com base na vulnerabilidade e necessidade, e forneça-a de forma equitativa e imparcial.*** Note a preocupação aqui com precisão, certificando-se de que as pessoas que recebem a assistência sejam realmente vulneráveis e necessitadas. A arrecadação de recursos prejudica o desenvolvimento da responsabilidade individual e comunitária, responsabilidade e capacidade. As mulheres da associação de poupança e crédito da *Jeovah Jireh Church* compreenderam isso muito bem.
- ***Os trabalhadores humanitários devem possuir qualificações, atitudes e experiência apropriadas para planejar e implementar efetivamente os programas de assistência apropriados.*** Note que a preocupação aqui é tanto com habilidade quanto com atitude. Há situações complexas de desastre em que voluntários não treinados são mais um obstáculo do que uma ajuda, especialmente quando não estão trabalhando sob os auspícios de uma

organização experiente. Novamente, pular em um caminhão e seguir para Nova Orleans durante um grande desastre pode fazer mais mal do que bem. E uma atitude de humildade e quebrantamento é tudo. A dinâmica provedor-receptor na situação da ajuda se presta a todos os problemas que discutimos a respeito dos complexos de divindade dos provedores que interagem com o sentimento de inferioridade dos receptores. E os perigos são ainda maiores em contextos de reabilitação em que os destinatários têm a capacidade de participar de sua própria recuperação. Nesses contextos, as atitudes de cima para baixo “eu estou aqui para salvá-lo” podem prejudicar seriamente o desenvolvimento da iniciativa e da administração dos beneficiários.

Ajudas inapropriadas minam a adoração

Acredita-se que a extensa favela de Kibera, em Nairóbi, no Quênia, seja a maior favela da África. Os trabalhadores do desenvolvimento comumente se referem a Kibera como “terra arrasada”, porque décadas de organizações externas bem-intencionadas tornaram quase impossível fazer um trabalho de desenvolvimento duradouro por lá. Não reconhecendo que a intervenção apropriada em Kibera não é nem alívio nem reabilitação, organizações externas investiram recursos financeiros e humanos, incapacitando uma iniciativa local no processo. Alvin Mbola, um trabalhador de desenvolvimento comunitário queniano que tenta fortalecer as igrejas nativas em Kibera, descreve a situação da seguinte forma:

> Para muitas pessoas, a favela de Kibera, em Nairóbi, no Quênia, é um lugar sem igual. É imunda, congestionada, degradada e imprópria para habitação humana. Como a proverbial referência bíblica ao local de nascimento de Jesus Cristo, muitas pessoas acreditam que “nada de bom pode sair de Kibera”. Portanto, a maioria dos remédios voltados para Kibera é motivada pela simpatia de pessoas de fora, que costumam distribuir folhetos na tentativa de proteger os moradores contra seus problemas gigantescos.

Na realidade, muitos dos problemas de Kibera resultam de problemas crônicos que só podem ser resolvidos por meio de um relacionamento consistente e de longo prazo entre o agente de mudança e os residentes. Mudanças dentro de indivíduos e comunidades não são instantâneas; relacionamentos de longo prazo são necessários para apresentar o melhor em relação a “o

que é" e a "o que poderia ser". As pessoas em Kibera têm capacidades, habilidades e recursos que precisam ser explorados para que um desenvolvimento genuíno seja realizado, mas o processo de identificar e mobilizar esses dons e habilidades leva tempo. Infelizmente, por muitos anos, as organizações não governamentais trabalhando em Kibera possuíam a tendência de operar com base em "soluções rápidas". As frustrações se instalam porque as mudanças nos indivíduos não são tão imediatas quanto se espera. Muitas dessas organizações então fecham ou mudam para outras partes do país, deixando as pessoas em uma situação pior do que estavam antes. No processo, vidas individuais e comunitárias foram devastadas. Parece que muitos doadores estão dispostos a ofertar a qualquer aventura, desde que eles vejam fotos de Kibera uma "dilapidada".

Claro, existem algumas ocasiões em que há necessidade de trabalho de alívio em Kibera. Por exemplo, muitas vezes há incêndios, onde casas e estabelecimentos comerciais são destruídos. Pode ser necessário trazer recursos externos para fornecer ajuda e reconstruir essas casas e lojas. Mas mesmo nessas situações, deve-se ter cautela para que os esforços de alívio não sejam prolongados a ponto de prejudicarem a administração local de suas próprias vidas e comunidades.

A questão fundamental em todas estas considerações é que Deus, que é um trabalhador, ordenou o trabalho para que os seres humanos pudessem adorá-lo através de seu trabalho. Esforços de alívio aplicados inapropriadamente muitas vezes fazem com que os beneficiários se abstenham do trabalho, limitando assim seu relacionamento com Deus através de adoração distorcida ou através de nenhuma adoração.[3]

O veneno do paternalismo

Você ainda está se sentindo sobrecarregado? A redução da pobreza é mais complexa do que parece à primeira vista. No entanto, existe uma boa regra prática que é extremamente útil para eliminar grande parte da complexidade: evite o paternalismo.[4]
Evite o paternalismo.
Não faça para as pessoas o que elas
podem fazer por elas mesmas.

Memorize isso, recite-o durante todo o dia e use-o como uma guirlanda em volta do pescoço. Toda vez que você estiver envolvido em um ministério de enfrentamento da pobreza, mantenha isso em primeiro plano na sua mente, pois isso pode impedir que você cometa toda sorte de injúria.

Paternalismo vem em uma variedade de formas:

Paternalismo de recursos

O paternalismo de recursos já foi discutido neste livro. Sendo de uma cultura materialista, os brasileiros frequentemente veem a solução para a pobreza em termos materiais e tendem a despejar recursos financeiros e materiais em situações em que a real necessidade é que as pessoas locais administrem seus próprios recursos. Além disso, empresas locais legítimas podem ser prejudicadas quando pessoas de fora trazem coisas como roupas ou materiais de construção gratuitos, diminuindo o preço do qual essas empresas locais precisam para sobreviver.

Paternalismo espiritual

O paternalismo espiritual também foi discutido anteriormente. Muitos de nós presumimos que temos muito a ensinar aos materialmente pobres sobre Deus e que devemos ser aqueles pregando no púlpito, ensinando na classe da escola dominical ou liderando a escola bíblica de férias. Temos muito a compartilhar com nossos conhecimentos e experiências, mas muitas vezes os materialmente pobres têm uma caminhada ainda mais profunda com Deus e têm ideias e experiências que podem compartilhar conosco, se simplesmente parássemos de falar e ouvíssemos.

Paternalismo de conhecimento

O paternalismo do conhecimento ocorre quando assumimos que temos todas as melhores ideias sobre como fazer as coisas. Como resultado, os materialmente pobres precisam que pensemos em relação à melhor maneira de plantar, operar seus negócios ou curar doenças. Lidar com o conhecimento é uma área muito complicada no enfrentamento da pobreza, porque a verdade é que muitas vezes nós realmente temos o conhecimento que pode ajudar os materialmente pobres. Mas devemos reconhecer que os materialmente pobres também têm percepções únicas sobre seus próprios contextos culturais e estão enfrentando circunstâncias que não entendemos muito bem.

Por exemplo, durante as primeiras décadas após a Segunda Guerra Mundial, os principais economistas e fazendeiros ocidentais concluíram que os camponeses do Mundo Maioritário eram irracionais e culturalmente atrasados porque os lavradores falharam em adotar novas variedades de lavouras que apresentavam maiores rendimentos médios. Pesquisas subsequentes descobriram que os lavradores estavam, na verdade, agindo de forma muito racional. Embora as novas variedades de culturas tenham rendimentos médios mais elevados, estas novas culturas também tiveram uma variação muito maior nos seus rendimentos de ano para ano do que as variedades tradicionais dos lavradores. Para os agricultores que vivem em situações altamente vulneráveis, em que uma safra ruim pode resultar em fome para seus filhos, é melhor escolher as variedades tradicionais de baixo risco e baixo retorno do que as novas variedades de alto risco e alto retorno, particularmente em

um cenário em que os senhorios e agiotas tendem a colher a maior parte de qualquer aumento nos lucros.[5] O fracasso dos “especialistas” externos em compreender as condições da vida real levou-os a dar conselhos ameaçadores à vida dos materialmente pobres e depois a humilhar os pobres quando eles falharam em ouvir esses conselhos “especializados”.

Todos nós precisamos lembrar que os materialmente pobres são realmente criados à imagem de Deus e têm a capacidade de pensar e entender o mundo ao seu redor. Eles realmente sabem algo sobre a situação deles, e nós precisamos ouvi-los! Isso não precisa se degenerar em algum tipo de problema da nova era, “a verdade está dentro de você”. Como todos nós, os materialmente pobres muitas vezes estão errados sobre como o mundo funciona e podem se beneficiar do conhecimento dos outros. Na verdade, um ponto chave para a mudança em uma comunidade é ser frequentemente exposto a uma nova maneira de entender ou de fazer algo. Mas é reflexo de um complexo de divindade supor que temos todo o conhecimento e que sempre sabemos o que é melhor.

O paternalismo do conhecimento pode ser uma tentação particular para os empresários cristãos dos Estados Unidos, muitos dos quais demonstram uma paixão considerável por usar suas habilidades dadas por Deus para treinar empreendedores de baixa renda no Mundo Majoritário. Essa paixão é um avanço maravilhoso e tem um enorme potencial para promover o reino de Cristo ao redor do mundo. Mas o fato de uma pessoa conduzir com sucesso uma empresa de software em Boston não garante que essa pessoa tenha o melhor conselho comercial para um agricultor de mandioca altamente vulnerável vivendo com um dólar

por dia no ambiente semifeudal da Guatemala rural. Humildade, cautela e um ouvido aberto são úteis e necessários.

Da mesma forma, pastores de igrejas norte-americanas de classe média a alta podem ser suscetíveis ao paternalismo do conhecimento, cometendo o erro de pensar que seus próprios estilos de ministério são normativos para todos os contextos culturais. Igrejas de diferentes classes socioeconômicas, mesmo no Brasil, diferem dramaticamente em termos de dinheiro, oração, sermões, pessoal, música, associação, aconselhamento *etc.* Por exemplo, em uma igreja de classe baixa, as orações tendem a ser participativas, com membros individuais orando a Deus para curar problemas específicos que eles estão tendo. Em contraste, nas igrejas de classe média, o pastor tende a oferecer as orações, pedindo a Deus mais genericamente que “ajude aqueles que estão doentes”. Finalmente, nas igrejas ricas, as orações muitas vezes são feitas através de uma liturgia altamente estilizada.[6]

Onde quer que a Bíblia fale especificamente sobre a vida da igreja, ela deve ser ouvida. Mas onde a Bíblia silencia, os pastores brasileiros devem tomar cuidado para não impor seus próprios estilos de ministério culturalmente determinados em ambientes nos quais os pastores locais possam saber mais sobre a maneira mais eficaz de ministrar.

Paternalismo ativista

O paternalismo ativista ocorre quando trabalhamos para as pessoas quando elas podem agir sozinhas. Lembro-me de ir em uma viagem missionária de primavera ao Mississippi enquanto estava na faculdade. Jamais esquecerei o sentimento doentio que tive quando fiquei de pé em uma escada pintando uma casa enquanto os homens jovens e capacitados que moravam na casa estavam sentados na varanda da frente observando. Eu fiz muito mal naquele dia. Sim, a casa foi pintada, mas no processo eu minava o chamado dessas pessoas para serem mordomos de seu próprio tempo e talentos. Poderia ter sido melhor se eu tivesse ficado em casa nas férias de primavera, em vez de ter prejudicado.

Paternalismo diretivo

O paternalismo diretivo é talvez o mais difícil de romper. Nós, norte-americanos [e brasileiros] de classe média, amamos ver as coisas serem feitas da maneira mais rápida e eficiente possível. Em relação a muitas outras culturas, incluindo muitas comunidades de baixa renda nos Estados Unidos [e no Brasil], estamos propensos a assumir o controle, especialmente quando parece que ninguém está se movendo rápido o suficiente. Como resultado, geralmente planejamos, gerenciamos e direcionamos iniciativas em comunidades de baixa renda quando as pessoas nessas comunidades já podiam fazer isso muito bem. A estrutura e o ritmo poderiam ser diferentes se as comunidades de baixa renda realizassem os projetos, mas poderiam fazer um bom trabalho, no entanto.

Você pode estar se perguntando: “Então, por que eles não assumem o controle e gerenciam esses projetos se eles são tão talentosos?” Há muitas razões pelas quais as pessoas, igrejas e organizações em comunidades de baixa renda não deveriam assumir o controle, mas aqui estão os mais comuns, que devem nos estimular a parar antes de correrm os para uma comunidade de baixa renda e pegar as rédeas de qualquer projeto:

- Eles não precisam assumir o controle porque sabem que nós vamos nos responsabilizar se eles esperarem o suficiente.
- Eles não têm a confiança necessária para assumir o controle, especialmente quando os norte-americanos de classe média e alta estão envolvidos.

- Eles, como nós, internalizaram as mensagens de séculos de colonialismo, escravidão e racismo: os brancos administram as coisas e todos os outros seguem.
- Eles não querem que o projeto aconteça tanto quanto nós. Por exemplo, eles podem saber que o projeto será pouco eficaz em seu contexto, mas têm medo de nos dizer por medo de ofender-nos.
- Eles sabem que, ao nos deixarem fazer o show, é mais provável que tragamos dinheiro e outros recursos materiais para dar a eles.

Há situações em que a falta de liderança local e capacidade gerencial podem exigir que as pessoas de desempenhem essas funções, mas devemos estar muito cientes de nossas tendências como norte-americanos de classe média a alta para assumir o controle e administrar as coisas. Lembre-se, o objetivo não é *produzir* casas ou outros bens materiais, mas seguir um *processo* de caminhar com os materialmente pobres, para que sejam melhores administradores de suas vidas e comunidades, incluindo suas próprias necessidades materiais.

Claro, existem exceções a todas as regras! Há momentos em que o Espírito Santo pode nos motivar a fazer algo pelos pobres que eles podem fazer por si mesmos. Mas lembre-se que essas situações são a exceção, não a regra. Evite o paternalismo.

Encontrando seu nicho

É extremamente difícil para a mesma pessoa ou organização fornecer alívio, reabilitação e desenvolvimento, pois a dinâmica relacional em cada um desses tipos de ministério é bem diferente. Por exemplo, se a sua igreja é conhecida como o lugar para comer de graça (alívio), pode ser difícil convencer as pessoas de que elas precisam começar a trabalhar para ganhar seu pão diário (desenvolvimento). Além disso, cada um desses ministérios é exigente. Se uma igreja tenta fazer todos eles, corre o risco de se alcançar muito pouco. Portanto, pode ser melhor para a sua igreja se concentrar no socorro, na reabilitação ou no desenvolvimento.

Como você decide? Determine os tipos de serviços que já estão sendo fornecidos por organizações na comunidade na qual você deseja atender. Em seguida, descubra os bens e as necessidades dos que são materialmente pobres em sua comunidade. As pessoas estão desamparadas ou podem contribuir para a sua própria melhoria? Em muitos, se não na maioria dos casos, você descobrirá que os materialmente pobres em sua comunidade não estão em queda livre, isto é, eles não precisam de socorro imediato.

Ironicamente, você também descobrirá que a maioria das organizações existentes na sua comunidade está se concentrando em fornecer alívio. Por quê? Existem pelo menos três razões. Primeiro, muitas organizações de serviços têm uma definição material de pobreza, portanto, eles acreditam que as doações de coisas materiais são a solução para essa pobreza. Como resultado, eles geralmente fornecem socorro para pessoas que na verdade precisam de desenvolvimento. Em segundo lugar, o alívio

é mais fácil do que o desenvolvimento. É muito mais simples lançar comida de aviões ou servir sopa em tigelas do que desenvolver relacionamentos de longo prazo, que exigem tempo, com pessoas pobres, que podem ser emocionalmente desgastantes. Terceiro, é mais fácil obter doações em dinheiro para alívio do que para desenvolvimento. “Alimentamos hoje mil pessoas” soa melhor aos doadores do que “nós saímos e desenvolvemos parcerias com uma dúzia de pessoas hoje”.

Sob essa ótica, sua igreja pode decidir encontrar um nicho em desenvolvimento, optando por se concentrar em ministrar intensamente ao longo do tempo para algumas pessoas, em vez de superficialmente e rapidamente para muitas pessoas. De fato, muitas igrejas são bem resolvidas em termos de missão, foco programático, recursos financeiros, habilidades relacionais e dons básicos para o longo e às vezes exigente esforço necessário para o trabalho de desenvolvimento. Afinal de contas, a igreja é projetada pelo próprio Cristo para se dedicar a desenvolver e cultivar pessoas através de discipulado de longo prazo![7]

Se a sua igreja escolhe um nicho de desenvolvimento, pode querer colocar em suas políticas de benevolência que não mais do que, digamos, 10% do fundo de assistência será normalmente usado para trabalho de alívio, com os outros 90% indo para o desenvolvimento. Sua igreja também deve manter uma lista de organizações que oferecem alívio e reabilitação em sua comunidade, caso você encontre pessoas que realmente precisem dela. Ao compilar uma lista dessa, pode-se tentar discernir quais organizações realizam o alívio e a reabilitação “de forma desenvolvimentista” para que você possa se sentir confiante em indicar pessoas para elas.

Nem toda a pobreza é igualmente criada. Portanto, não existe uma abordagem “tamanho único”. Gaste tempo para encontrar o nicho certo para sua igreja e sua comunidade.

Questões para reflexão e exercícios

Por favor, escreva respostas para as seguintes perguntas:

1. Reflita sobre suas respostas às perguntas sobre os “pensamentos iniciais” no início deste capítulo. Existe alguma coisa que você gostaria de mudar agora sobre essas respostas? Seja específico.
2. Pense nas pessoas materialmente pobres do Brasil que sua igreja ou ministério está tentando ajudar. Essas pessoas precisam de alívio, reabilitação ou desenvolvimento? Sua igreja ou ministério está buscando a estratégia correta para essas pessoas? Se não, que mal você poderia estar fazendo a essas pessoas e a si mesmo? Que mudanças você poderia fazer para melhorar sua abordagem?
3. Pense nas pessoas materialmente pobres do Mundo Majoritário que sua igreja ou ministério está tentando ajudar. Essas pessoas precisam de alívio, reabilitação ou desenvolvimento? Sua igreja ou ministério está buscando a estratégia correta para essas pessoas? Se não, que mal você poderia estar fazendo a essas pessoas e a si mesmo? Que mudanças você poderia fazer para melhorar sua abordagem?
4. Você, sua igreja ou seu ministério é paternalista em algum de seus esforços de ajuda à pobreza? Se sim, o que você poderia fazer para mudar isso?
5. Pense nas organizações para as quais você está doando dinheiro. Elas estão almejando alívio, reabilitação ou desenvolvimento apropriadamente? Se você não sabe, tente

descobrir examinando a literatura, explorando o site ou fazendo algumas perguntas.

6. Faça uma lista de todas as organizações que ministram aos materialmente pobres em sua comunidade. Determine os serviços exatos que eles fornecem e se eles estão oferecendo alívio, reabilitação ou desenvolvimento. Para quais organizações você se sentiria confortável de indicar pessoas? Mantenha esta informação à mão para a sua igreja ou ministério usar.
7. Se você tiver relacionamentos com pessoas materialmente pobres em sua comunidade-alvo, conduza uma discussão em grupo para determinar suas qualidades e necessidades. Tente discernir o que é mais necessário nesta comunidade, se alívio, reabilitação ou desenvolvimento. Quais serviços específicos estão faltando?
8. Reflita sobre as informações que você reuniu nas perguntas 6 e 7. Qual parece ser o melhor nicho para sua igreja ou ministério?

Pensamentos iniciais

Por favor, escreva respostas curtas para as seguintes perguntas:

1. Depois de determinar se o alívio, a reabilitação ou o desenvolvimento é a intervenção correta para o seu contexto, o que você acha que deveria fazer a seguir? Quais são os próximos passos? Seja específico.
2. Liste alguns de seus próprios dons e habilidades.

Capítulo 5

Dê-me seus cansados, seus pobres e seus ativos

Agora que você determinou se o alívio, a reabilitação ou o desenvolvimento é a intervenção correta, o que você faz a seguir? Parece que o próximo passo seria determinar as necessidades do indivíduo ou da comunidade para determinar a melhor maneira de ajudar. Na verdade, muitos ministérios começam desta forma, realizando uma "avaliação de necessidades" usando uma entrevista ou uma pesquisa para determinar o que está errado e a melhor maneira de fornecer assistência. Esta abordagem baseada nas necessidades tem mérito, pois diagnosticar os problemas subjacentes é essencial para formular as soluções adequadas. No entanto, começar com um foco nas necessidades equivale a iniciar um relacionamento com pessoas de baixa renda perguntando: "O que há de errado com você? Como posso consertar você?" Apresentada a natureza da maior parte da pobreza, é difícil imaginar perguntas mais prejudiciais tanto para as pessoas de baixa renda quanto para nós mesmos! Começar com tais questões inicia a própria dinâmica que precisamos evitar, uma dinâmica que confirma os sentimentos de que somos superiores, que eles são inferiores e que precisam que os consertemos.

Começando pelos ativos, não pelas necessidades

Por estas razões, muitos especialistas cristãos em desenvolvimento comunitário descobriram os benefícios de usar “ativos como base para uma comunidade se desenvolver” (ABCD)[1] à medida que buscam promover a reconciliação das relações das pessoas com Deus, consigo, com os outros e com a criação. O ABCD é consistente com a perspectiva de que Deus abençoou cada indivíduo e comunidade com uma série de dons, incluindo coisas diversas como terra, redes sociais, conhecimento, animais, poupança, inteligência, escolas, criatividade, equipamentos de produção *etc.* O ABCD coloca a ênfase no que as pessoas materialmente pobres já têm e pede que elas as considerem no começo: “O que está certo com você? Que dons Deus te deu que você pode usar para melhorar sua vida e a de seus vizinhos? Como os indivíduos e organizações de sua comunidade podem trabalhar juntos para melhorar sua comunidade?”. Em vez de procurar fora do indivíduo de baixa renda ou da comunidade por recursos e soluções, o ABCD começa perguntando aos materialmente pobres como eles podem ser administradores de seus próprios dons e recursos, procurando restaurar indivíduos e comunidades para serem o que Deus criou para serem desde o início do relacionamento. De fato, a própria natureza da questão - quais dons você tem? - afirma a dignidade das pessoas e contribui para o processo de superação da pobreza de ser. E enquanto eles nos falam de seus dons e habilidades, podemos começar a vê-los como Deus, ajudando-nos a superar nosso senso de superioridade; isto é, nossa própria pobreza de ser.

Em contraste, o desenvolvimento baseado nas necessidades se concentra no que está faltando na vida de uma comunidade ou pessoa. O pressuposto dessa abordagem é que as soluções para a pobreza dependem de recursos humanos e financeiros externos. Igrejas e ministérios que usam uma abordagem baseada em necessidades são frequentemente rápidos em fornecer comida, roupas, abrigo e dinheiro para atender às necessidades imediatas percebidas de pessoas de baixa renda, que são frequentemente vistas como “clientes” ou “beneficiárias” do programa. O despejo de recursos externos não é sustentável e apenas exacerba os sentimentos de desamparo e inferioridade que limitam as pessoas de baixa renda de serem melhores administradores de seus talentos e recursos dados por Deus. Quando a igreja ou ministério interrompe o fluxo de recursos, pode deixar para trás indivíduos e comunidades que estão mais enfraquecidos do que nunca.

Abordagens baseadas em ativos para a redução da pobreza não devem ser vistas como negar o fato de que pessoas de baixa renda - como todos nós - têm necessidades gritantes. Algumas dessas necessidades emanam de seus pecados pessoais; algumas resultam de injustos sistemas sociais, econômicos, políticos e religiosos; e algumas vêm de desastres naturais resultantes do pecado de Adão e Eva. De fato, a queda manchou até o último ponto do cosmos. O objetivo do ABCD não é negar essas necessidades ou a profunda corrupção que os sustenta. Pelo contrário, o objetivo do ABCD é reconhecer - desde o início - que a pobreza está enraizada na fragmentação das relações fundacionais e iniciar o processo de restaurar tanto as pessoas de baixa renda quanto a nós mesmos a viver em relacionamento correto com Deus, conosco mesmos, com os outros e com o resto

da criação. O que está errado surgirá daqui a pouco, mas começando com o que é certo, podemos mudar a dinâmica que marcou a autoimagem das pessoas de baixa renda e que criou um senso de superioridade em nós mesmos.

Uma vez que os ativos tenham sido identificados, é apropriado perguntar ao indivíduo ou comunidade pobre as seguintes perguntas: “Quais necessidades você pode identificar que devem ser abordadas? Quais problemas você vê que devem ser resolvidos? Como você pode usar seus ativos para atender a essas necessidades e resolver esses problemas?”

É claro que, à medida que o processo avança, pode ficar claro que o indivíduo ou a comunidade não possui ativos suficientes para atender a todas as necessidades. Se e quando essas necessidades se tornarem urgentes, é apropriado trazer recursos externos para aumentar os ativos locais. Mas medir a magnitude e o momento apropriados desses recursos externos requer uma enorme quantidade de sabedoria. É crucial que tais recursos externos não prejudiquem a disposição ou a capacidade do indivíduo pobre, ou da comunidade, de ser dono de seus próprios dons e recursos. Ao considerar trazer recursos externos, devemos sempre fazer duas perguntas: (1) É demais? (2) É cedo demais? Seria muito melhor deixar que uma necessidade de não-emergência não fosse atendida do que atender a essa necessidade com recursos externos e paralisar a iniciativa local no processo. Mais uma vez, a redução da pobreza é uma questão de reconciliar as relações das pessoas, não de colocar curativos sobre manifestações particulares da corrupção subjacente.

Uma das dinâmicas mais difíceis de tudo isso é que até mesmo a crença de que recursos externos possam vir a surgir

pode mascarar as verdadeiras motivações das pessoas para seus comportamentos. Por exemplo, a introdução deste livro discutiu uma classe de pequenos negócios que ajudei a iniciar em uma favela em Kampala. Por que as pessoas vieram para esta aula? Foi porque eles realmente valorizaram o treinamento, ou foi porque acreditavam que saltar através dessa argola aumentaria sua probabilidade de obter algum tipo de assistência financeira de mim? Acredito que algumas pessoas valorizaram sinceramente o treinamento, mas também sei que alguns participantes pararam de vir quando ficaram convencidos de que eu não lhes daria nenhum dinheiro. Sua participação inicial e entusiasmada nas aulas mascarava sua verdadeira motivação: eles queriam dinheiro, não treinamento. Todos nós, inclusive eu, fazemos coisas estranhas na presença de dinheiro e poder. E em comunidades pobres, os de fora geralmente representam os dois, quer eles percebam isso ou não.

Em resumo, o ABCD possui quatro elementos-chave:

- Identifique e mobilize as capacidades, habilidades e recursos do indivíduo ou da comunidade. Veja pessoas e comunidades pobres como cheias de possibilidades, dadas a elas por Deus.
- Procure, tanto quanto possível, recursos e soluções provenientes do indivíduo ou da comunidade, e não de fora.
- Buscar construir e reconstruir as relações locais entre indivíduos, associações, igrejas, empresas, escolas, governo *etc.* Deus pretende que os vários indivíduos e instituições nas comunidades sejam interconectados e complementares.
- Somente traga recursos externos quando os recursos locais forem insuficientes para resolver necessidades urgentes.

Tenha cuidado ao trazer recursos que sejam em muita quantidade ou venham muito cedo. Faça isso de uma maneira que não comprometa a capacidade ou iniciativa local.

De volta à Bíblia

O motivo criação-queda-redenção descrito nos capítulos 2 e 3 fornece uma base bíblica para pensar sobre a natureza e a relação entre ativos e necessidades em indivíduos e comunidades pobres. Conforme discutimos, Colossenses 1.16–17 indica que a bondade da criação de Deus inclui “todas as coisas”, estendendo-se além do mundo natural para a cultura como um todo. Nossa predisposição básica deveria consistir em ver as comunidades pobres - incluindo seus recursos naturais, pessoas, famílias, associações de bairro, escolas, empresas, governos, cultura *etc.* como sendo criadas por Jesus Cristo e que refletem sua bondade. Assim, ao entrarmos em uma comunidade pobre, há um sentido em que estamos caminhando em solo sagrado, porque Cristo tem trabalhado ativamente nessa comunidade desde a criação do mundo! Isso deve nos dar uma atitude de respeito e um desejo de ajudar os moradores da comunidade a descobrir, celebrar e desenvolver os dons de Deus para eles. E é exatamente disso que o ABCD trata.

É claro que a Queda distorceu a bondade inerente ao projeto da criação, prejudicando os ativos. Como resultado, as comunidades têm necessidades preocupantes e urgentes: vidas individuais são corrompidas; organizações, associações,

empresas, igrejas e governos frequentemente buscam o poder mais do que o interesse público; e até os costumes ou culturas locais costumam glorificar o profano. Mas nem tudo está perdido. Colossenses 1.16–17 ensina que Cristo mantém unidas todas as coisas. Ele não permite que os efeitos do pecado destruam completamente a bondade inerente do que ele criou. Em meio à queda, os ativos persistem - embora de maneira distorcida - porque o Criador do universo os faz persistir. Nós não precisamos nos desesperar. Há muita bondade para descobrir e celebrar - muito do que o ABCD pode fazer - mesmo em um mundo decadente!

E finalmente, as boas novas do evangelho do reino é que Cristo não está apenas sustentando todas as coisas, mas está reconciliando todas as coisas. Um dia, tudo - recursos naturais, indivíduos, associações de bairro, escolas, empresas, governos *etc.* - serão libertados de sua "escravidão para a decadência" (Rm 8.21). Jesus Cristo criou, sustenta e está redimindo ativos em comunidades pobres. Como o corpo de Cristo, a igreja deve procurar fazer o mesmo.

Enganos Mzungu

Nós temos abrangido bastante terreno desde o capítulo introdutório a este livro. Lembre-se daquele capítulo que dei oito dólares a Elizabeth, uma líder de igreja em Uganda, para que ela pudesse comprar penicilina para salvar a vida de Grace, a ex-feiticeira-curandeira. Mais tarde, percebi que poderia ter causado uma enorme quantidade de danos à Saint Luke's Church e seu

pastor, aos refugiados na classe dos pequenos negócios e até mesmo à própria Grace. Considere agora tudo o que discutimos até aqui. Por que pode ter sido um erro ter pago pela penicilina? Como eu posso ter feito mal no processo de tentar ajudar? Qual teria sido uma estratégia mais eficaz para ajudar Grace? Ao considerar essas questões, nunca perca de vista o objetivo: conciliar os relacionamentos é a essência da redução da pobreza.

Grace estava claramente precisando de alívio. Deitada em agonia no chão de seu barraco, ela era incapaz de se ajudar e precisava de alguém para prestar lhe assistência. Mas eu era a melhor pessoa para fornecer tal alívio? Lembre-se de um dos princípios-chave de ajuda que aprendemos no capítulo 4: *Responda quando as necessidades da população afetada não são atendidas pelas pessoas ou organizações locais (ou membros da família) devido à sua incapacidade ou indisposição para ajudar.* Eu nunca sequer considerei esse princípio ao pegar no bolso os oito dólares para pagar pela penicilina. A ajuda foi a intervenção certa, mas eu não era a pessoa certa para oferecê-la.

Eu falhei em considerar os recursos locais que já existiam naquela favela, ativos que incluíam pequenas quantias de dinheiro, uma igreja, um pastor e os laços sociais dos cem refugiados que frequentavam a classe dos pequenos negócios. A verdade é que havia tempo mais que suficiente para caminhar de volta à igreja, onde a turma de pequenos empresários ainda estava reunida, e perguntar aos participantes o que eles poderiam fazer para ajudar Grace. Mesmo os refugiados sendo extremamente pobres, eles poderiam ter reunido os oito centavos por pessoa para pagar pela penicilina. Em suma, ao fornecer os oito dólares, violei os quatro elementos-chave do ABCD

mencionados acima.

É claro que entregar o dinheiro era muito mais fácil e muito mais rápido do que pedir aos refugiados que ajudassem Grace; e aí reside o problema de muitos esforços de ajuda à pobreza: a necessidade norte-americana de velocidade enfraquece o lento processo necessário para um desenvolvimento duradouro e eficaz a longo prazo.

Por que tudo isso importa? Grace precisava desesperadamente de relacionamentos na comunidade em geral e na Saint Luke's Church em particular. Seu antigo modo de vida criara muitos inimigos e, sendo infectada pelo HIV, Grace precisaria de sólidas estruturas de apoio à medida que o tempo passasse. De fato, Grace precisava ter sua pobreza de comunidade enfrentada se tivesse alguma chance de sobrevivência a longo prazo. Nem Elizabeth nem eu poderíamos providenciar isso para Grace a longo prazo. Logo eu deixaria o país e Elizabeth não morava nessa favela. Grace precisava dos membros da comunidade e da Saint Luke's Church para abraçá-la e considerá-la como parte. Dando eu mesmo os oito dólares, perdi uma oportunidade de facilitar tais relacionamentos entre Grace e as estruturas locais de apoio que eram cruciais para sua sobrevivência a longo prazo.

Mas eu posso ter feito mal a mais pessoas do que apenas a Grace. Meu fracasso em identificar e mobilizar ativos locais pode ter dificultado o desenvolvimento desses ativos. Por exemplo, Saint Luke's Church era uma igreja pobre que lutava para ministrar em uma comunidade pobre. Meus oito dólares eliminaram a chance de Saint Luke's Church ser o que a Bíblia chama de ser: o corpo, a noiva e a plenitude de Jesus Cristo nesta favela. Eu

neguei a Saint Luke's Church a chance de declarar as boas novas do reino de Deus em palavras e atos aos "mais pequeninos". Em vez de ajudar Saint Luke's Church a ser "sal e luz", eu me juntei a décadas de evangélicos norte-americanos ao comunicar que o mzungu - a poderosa, rica e educada pessoa branca - era o "sal e luz".

E o pastor da Saint Luke's Church? Imagine ser esse pastor, pregando fielmente semana após semana a pequenos grupos e ganhando um salário bastante incerto. E então, um dia, o circo chega à cidade na forma de um mzungu de 1,85 m com um currículo de treinamento para pequenas empresas. As classes de pequenas empresas atraem grupos maiores do que os cultos de adoração aos domingos de manhã, e estão circulando notícias de que demônios estão sendo expulsos dessas classes. E então, quando o mais novo membro de sua igreja, uma ex-feiticeira-curandeira, fica doente, o líder do circo mzungu paga para que ela obtenha o remédio de que necessita. Na verdade, quando você descobre que Grace estava doente, ela já se recuperou! E então o líder mzungu entra em um avião, deixando-o na poeira enquanto você enfrenta o dia a dia do ministério. Eu posso ter minado o pastor da Saint Luke's Church. Eu não percebi isso na época e não pretendia fazer isso. Mas eu posso ter feito isso mesmo assim.

Finalmente, havia os próprios refugiados. Seus olhos se arregalaram e seus rostos se iluminaram em todo o curso para pequenos negócios. A mensagem do evangelho foi tão libertadora e capacitadora para eles. Pela primeira vez eles entenderam que foram criados à imagem de Deus e tinham valor, e valor inerente. Mesmo que os outros os vissem como sendo de uma tribo inferior,

o criador do céu e da terra não os via dessa maneira. Eles tinham dons e habilidades e podiam ser mordomos de suas vidas e comunidades, e assim eles poderiam glorificar o próprio Deus! Exceto, é claro, que a primeira vez que surgiu um problema - como ministrar a Grace - o mzungu resolveu lidar com o problema sozinho, solapando todas as mensagens que haviam sido ensinadas no curso.

Ah, se eu pudesse ter os oito dólares de volta. Gostaria de ter encorajado Elizabeth a voltar à Saint Luke's Church para pedir aos refugiados que ajudassem Grace. Elizabeth poderia ter trazido o pastor como parte do processo de solução de problemas. Enquanto eles estavam fazendo isso, eu deveria ter entrado no táxi e saído de lá o mais rápido possível. Por quê? Toda a minha presença nesta situação, considerando tudo o que significa ser um mzungu, foi completamente debilitante dos recursos locais, sejam eles humanos, financeiros, sociais ou espirituais.

Mas e se os refugiados ou o pastor não tivessem respondido enquanto eu estava indo embora? O que teria acontecido com Grace? Duvido muito que isso pudesse ter acontecido, mas se tivesse, Elizabeth tinha oito dólares de seu próprio ministério para gastar. Tenho absoluta certeza de que Elizabeth teria interferido com seu próprio dinheiro se tivesse precisado fazê-lo - e ela era menos de fora do que eu. Meu "pular no táxi" sem fornecer ajuda financeira não colocaria Grace em risco imediato. Em contrapartida, doando os oito dólares, trazendo recursos externos muito rapidamente, perdi oportunidades de maior impacto e posso ter causado danos.

O ponto aqui não é que os recursos externos sejam sempre uma má ideia. De fato, os cristãos norte-americanos precisam dar

mais, não menos dinheiro para ajudar os pobres. Mas como esse dinheiro é dado e para quem é dado é crucial. Precisamos procurar maneiras de dar dinheiro que construa organizações locais e que verdadeiramente capacite os pobres. Meu presente de oito dólares não cumpriu esse padrão.

Abordagens semelhantes ao ABCD

O restante deste capítulo analisa três abordagens comuns ao ABCD.

Mapeamento de Ativos

Tornada popular por John Kretzmann e John McKnight, do *Asset-Based Community Development Institute* [Instituto Ativos como Base para uma Comunidade se Desenvolver] da *Northwestern University*, o Mapeamento de Ativos tornou-se uma abordagem comum para o trabalho de desenvolvimento comunitário nos Estados Unidos.[2] Um termo melhor para essa abordagem pode ser “inventariação de ativos”, já que a estratégia usa principalmente entrevistas individuais ou em grupo para catalogar os ativos em uma determinada comunidade. Planilhas preparadas são usadas para documentar os ativos em várias categorias, como as habilidades e recursos de indivíduos, empresas, associações e instituições locais. Uma vez que os ativos locais sejam “mapeados” - ou seja, um inventário tenha sido preparado - os moradores e facilitadores da comunidade podem identificar pontos fortes, estabelecer vínculos entre indivíduos e grupos existentes e determinar as melhores maneiras de potencializar esses ativos para melhorar a comunidade e resolver problemas.

Embora tudo isso pareça bastante mecânico, essa abordagem tem poder potencial como ponto de partida para o desenvolvimento de relacionamentos fortalecedores. Aprendi isso em primeira mão quando participei de um exercício de

mapeamento de recursos como parte de uma aula da escola dominical sobre desenvolvimento comunitário em minha igreja. Durante a aula de domingo, nossa turma visitou um conjunto habitacional de baixa renda com o qual queríamos desenvolver um relacionamento. Cada membro da classe foi, individualmente, de porta em porta, dizendo às pessoas: “Olá, sou da *Community Presbyterian Church*, a igreja da esquina. Estamos realizando uma pesquisa hoje para descobrir quais dons Deus colocou nesta comunidade. Quais dons e habilidades você tem?”

A verdade é que eu queria morrer. As tensões raciais ainda estão muito presentes em nossa cidade, então eu sabia que haveria pelo menos algum desconforto social tanto para os negros moradores deste conjunto habitacional quanto para mim. Além disso, minha altura pode ser bastante surpreendente e intimidante, adicionando estranheza a praticamente todos os primeiros encontros. E finalmente, as palavras que eu deveria repetir soaram totalmente piegas para mim. “Olá, eu sou da *Community Presbyterian Church*, a igreja...” Que nojo! Eu preferia estar vendendo biscoitos Princesa.[3] Eu tinha uma atitude ruim em relação a esse exercício e desejei ter escolhido participar da aula da escola dominical que estava examinando os pontos mais delicados do presbiterianismo. Mas, infelizmente, eu escolhi essa classe, então eu obedientemente marchei e bati na primeira porta.

A mulher negra de trinta e poucos anos que abriu a porta desconfiada tinha cerca de 1,57 m, dando-lhe uma vista maravilhosa da minha barriga. Ela olhou para mim do jeito que alguém olhariapela primeira vez para um marciano. Eu tentei não recuar e comecei meu discurso de vendas: “Olá, eu sou da *Community Presbyterian Church*, a igreja...”

Ela disse: “Oi?”, parecendo ainda mais incrédula do que antes. Eu sabia que ela estava pensando consigo si mesma, *o marciano pode falar, mas ele com certeza diz coisas estranhas.*

Eu engoli seco e repeti: “Que habilidades você tem? No que você é boa?”

Ela repetiu: “Oi?!” E então eu repeti minhas perguntas novamente, pedindo a Deus para adicionar joias à minha coroa por passar por tudo isso.

Superando sua incredulidade perante toda aquela situação, a moça disse timidamente: “Bem, eu acho que sei cozinhar”.

De repente, uma voz da escuridão desconhecida atrás da moça gritou: “Ela sabe cozinhar carne de porco como ninguém!”

Outra voz gritou: “Sim, ninguém sabe cozinhar tão bem quanto ela!”

Lentamente, um sorriso se espalhou pelo rosto dela e ela disse: “Sim, acho que sei cozinhar”.

Quando me dei por mim, estava sentado na sala de estar com cerca de seis negros reunidos. Eu moro no sul. Isso não acontece com facilidade. Sem saber o que fazer, voltei ao roteiro: “Olá, eu sou da *Community Presbyterian Church*...” Eles assumiram daí.

“Este é Joe, ele sabe consertar bicicletas. Sempre que uma das crianças do projeto tem uma bicicleta que precisa ser consertada, Joe é o cara”. Um sorriso se espalhou pelo rosto de Joe. “E este aqui é Mac. Como anda o seu carro? Se você tiver problemas com o seu carro, traga aqui para o Mac”. Notei que Mac começou a se sentar um pouco mais ereto na cadeira. Eles continuaram e se gabaram um do outro para mim. Tudo o que eu tinha que fazer era sentar lá e anotar tudo.

Sim, conseguimos um inventário das habilidades das pessoas

naquele dia, um inventário que depois usamos para ajudar os moradores a pensar em como resolver alguns dos seus próprios problemas. Mas, mais importante, iniciamos um processo de capacitação fazendo uma pergunta simples: que dons você tem? Quando alguém se sente marginalizado, tal questão pode ser nada menos que revolucionária.

Aprendizagem Participativa e Ação

A Aprendizagem Participativa e Ação (APA)[4] é uma mentalidade e um conjunto associado de ferramentas desenvolvidas pelos profissionais de desenvolvimento comunitário no Mundo Majoritário durante os anos 1990.[5] O APA usa uma variedade de exercícios baseados em grupo para envolver e energizar os membros da comunidade ao pensar sobre a história da comunidade, ativos, estratégias de sobrevivência e objetivos. Os processos são projetados para afirmar o conhecimento e as habilidades dos membros da comunidade, a fim de capacitá-los a assumir uma maior apropriação de seus futuros. Há uma ampla variedade de exercícios de APA, incluindo cronogramas, calendários sazonais, mapeamento de comunidades, rankings matriciais *etc.* Embora originalmente projetados para uso em comunidades rurais no Mundo Majoritário, os exercícios de APA podem ser adaptados ao contexto brasileiro e podem ser particularmente eficazes com populações acostumadas à tomada de decisões baseadas na comunidade, como imigrantes, indígenas, negros e latinos.

Investigação Apreciativa

Semelhante ao Mapeamento de Ativos e APA, a Investigação Apreciativa (IA) foca no que é certo e bom no passado de uma comunidade como um meio de criar um futuro mais positivo.[6] Com base em uma perspectiva pós-moderna que diz que os humanos constroem sua própria realidade, a IA argumenta que devemos facilitar um processo no qual as comunidades pobres narram o que funcionou bem para elas no passado. Uma vez que a comunidade tenha construído essa compreensão positiva de sua história, ela poderá usar essa narração para imaginar como a vida pode ser ainda melhor no futuro. Central para a IA é a crença de que as pessoas têm mais confiança para enfrentar um futuro desconhecido se estiverem apresentando elementos positivos de seu passado.

Os cristãos precisam rejeitar uma suposição fundamental da IA. A verdade não é socialmente construída, é divinamente construída. No entanto, as ferramentas da IA podem ser úteis, particularmente quando vistas pela perspectiva criação-queda-redenção. Deus de fato tem depositado bons dons em todas as comunidades. Enquanto o pecado trouxe um enorme rompimento, Cristo tem sustentado toda a criação - incluindo a cultura - desde o início dos tempos e está no processo de reconciliar tudo isso. Assim, todas as comunidades são uma mistura de bom e mal. Os cristãos podem usar a IA para identificar os bons dons que Deus colocou em uma comunidade e sonhar sobre como usar esses dons para consertar o que está errado, produzindo assim um testemunho maior das realidades do reino vindouro.

A abordagem da IA no ABCD pede que indivíduos e comunidades pobres considerem as questões no processo de quatro partes destacado na figura a seguir:

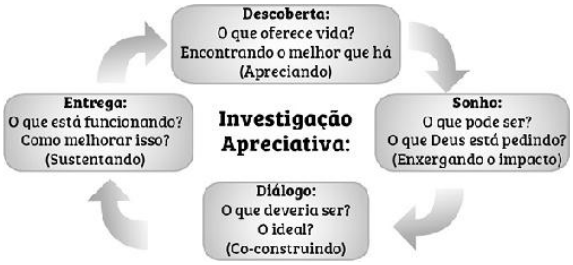


Figura 5.1

Adaptado de *Scott Johnson e James D., Ludema, Partnering to Build and Measure Organizational Capacity: Lessons from NGOs around the World (Parceria para Construir e Medir a Capacidade Organizacional: Lições de ONGs de todo o mundo) (Grand Rapids, Mich .: Comitê Cristão Reformado de Socorro Mundial, 1997), 75*.

Algumas organizações cristãs não governamentais (ONGs) que trabalham no Mundo Maioritário experimentaram resultados excepcionais com o uso da IA. Por exemplo, Bryant Myers relata que uma ONG cristã na Tanzânia queria impedir que as comunidades pobres apresentassem à ONG uma lista de coisas que eles esperavam que a equipe da ONG fizesse por eles. Desejando que as comunidades assumam maior responsabilidade por sua própria melhoria, a ONG tem usado a IA com resultados notáveis: A lista quilométrica de problemas que a comunidade gostaria que a ONG consertasse se perde no entusiasmo de descrever o que já está funcionando. A comunidade chega a ver seu passado e a si mesma sob uma nova luz. Nós sabemos coisas. Nós temos recursos. Temos muito o que nos orgulhar. Nós já estamos na jornada. Deus tem sido bom para nós. Nós podemos fazer alguma coisa. Nós não somos abandonados por Deus. Este é um passo importante para recuperar a verdadeira

identidade da comunidade e descobrir sua verdadeira vocação. Com essas descobertas, uma importante fronteira de transformação foi atravessada.[7]

Pode ser difícil para os leitores entenderem como a IA pode desencadear um processo tão poderoso, mas isso ocorre porque a maioria de nós não entende o profundo sentimento de desespero e vergonha que envolve muitas comunidades pobres em todo o mundo. A IA pode ajudar a mudar o foco de tudo que deu errado para tudo que deu certo.

A IA também pode funcionar no contexto norte-americano. Uma igreja na Flórida gerenciava mensalmente uma despensa de alimentos, na qual entregava caixas de comida a pessoas necessitadas, que precisavam, antes de conseguir comida, ouvir um devocional proferido por uma pessoa com quem não tinham relacionamento. O diretor do ministério comunitário da igreja percebeu que estavam simplesmente permitindo que os receptores persistissem na pobreza, fornecendo socorro quando o desenvolvimento era a intervenção correta; por isso, decidiram usar a IA para mudar para uma dinâmica mais poderosa. Em vez de conversar com os destinatários da comida, eles dividiram-se em pequenos grupos que consistiam em uma mistura dos destinatários e dos membros da igreja. Os pequenos grupos usaram a IA para descobrir os dons e habilidades dos atendidos. O diretor dos ministérios comunitários informa sobre os efeitos: Em vez de tentar “consertá-los”, estamos nos engajando em relacionamentos com eles. No processo, “nós” estamos descobrindo como somos empobrecidos e o quanto precisamos “deles” para ver nossa própria pobreza espiritual. Existe um verdadeiro espírito de crescimento comunitário autêntico e mais

participantes estão começando a adorar. Os membros estão pegando as pessoas e trazendo-as para a igreja e estão trabalhando com elas na elaboração de orçamentos e na busca de empregos, e o melhor de tudo, apenas desfrutando umas das outras como amigos. Eu acredito que está mudando lentamente a cultura da nossa igreja. Estamos começando a parecer mais corrompidos, mas lindos... Eu acho que as palavras de alguns dos participantes [da despensa de alimentos] foram o meu maior encorajamento de que estamos indo na direção certa. Uma senhora disse: “Eu não sinto mais que sou apenas um número na multidão. Agora eu tenho um rosto”. Outro disse: “Mesmo que eu não precise de mantimentos no próximo mês, ainda posso vir?” Começamos a usar os participantes regulares como voluntários e eles têm prazer em servir. No mês passado, um homem disse: “Eu sinto que somos uma espécie de igreja dentro de uma igreja”. Um voluntário me contou que uma pessoa com quem ele fez uma entrevista disse que a diferença entre o nosso ministério de outros com distribuição de alimentos era que os tratávamos com respeito e como se realmente gostássemos deles.[8]

O ABCD não é uma receita para o sucesso no enfrentamento da pobreza. Nada é. Mas sair com o pé direito pode fazer uma enorme diferença no desencadeamento das dinâmicas de empoderamento que são cruciais para fomentar a reconciliação - a redução da pobreza - tanto nas pessoas materialmente pobres quanto em nós mesmos.

Questões para reflexão e exercícios

Por favor, escreva respostas para as seguintes perguntas:

1. Considere sua resposta à primeira pergunta nos “Pensamentos iniciais” no início deste capítulo. Quais suposições implícitas você vê sobre si mesmo e sobre as pessoas pobres em suas respostas?
2. Descreva como se sentiu depois de listar seus dons e habilidades na segunda pergunta no início deste capítulo.
3. Que luz Filipenses 4.8 e 1Tessalonicenses 5.11 lançam sobre a perspectiva e as ferramentas do ABCD?
4. Considere o uso de Mapeamento de Ativos, APA ou IA com os indivíduos ou comunidades com os quais você deseja ministrar. Saiba mais sobre as ferramentas disponíveis que você pode usar para implementar essas abordagens.

Pensamentos iniciais

Imagine que sua igreja ou ministério queira ajudar uma pessoa pobre ou uma comunidade pobre.

A quem você pediria conselhos? Anote uma lista das pessoas que você pode consultar para projetar sua abordagem.

Capítulo 6

McDesenvolvimento: mais de 2.5 bilhões de pessoas não servidas

Querendo ajudar uma aldeia na Colômbia com sua produção de arroz, uma organização sem fins lucrativos reuniu os aldeões em uma cooperativa e comprou-lhes um debulhador, um descascador motorizado, um gerador e um trator. A produção de arroz cresceu e a cooperativa vendeu o arroz ao preço mais alto que os agricultores já haviam recebido. O projeto pareceu ser um tremendo sucesso. A organização sem fins lucrativos, em seguida, deixou a aldeia, mas vários anos depois, um de seus funcionários retornou para descobrir que a cooperativa havia sido completamente desmantelada e que todo o equipamento estava quebrado e enferrujado nos campos. De fato, alguns dos equipamentos nunca haviam sido usados. No entanto, quando o membro da equipe atravessou a vila, o povo implorou: “Se [sua organização] viesse nos ajudar novamente, poderíamos fazer muito!”[1]

A triste verdade é que esta história é extremamente comum. Em todo o mundo, é possível encontrar equipamentos doados que estão enferrujando, latrinas que nunca foram usadas, associações comunitárias que se dispersaram e projetos que se desintegraram logo após a organização sem fins lucrativos sair da cidade. Apesar de estimados US $ 2,3 trilhões em ajuda externa dispensada de países ocidentais durante a era pós-Segunda Guerra Mundial,[2] mais de 2,5 bilhões de pessoas, aproximadamente 40% da população mundial, ainda vivem com menos de dois dólares por dia.[3] E a história em muitas comunidades norte-americanas [e brasileiras] é semelhante, com uma iniciativa após a outra

falhando em atingir os objetivos pretendidos. De fato, quarenta e cinco anos depois que o Presidente Johnson lançou a Guerra à Pobreza, a taxa de pobreza nos Estados Unidos persiste teimosamente em torno de 12%, década após década, ano após ano.

Sim, houve progresso na luta global contra a pobreza, mas o custo-benefício tem sido terrivelmente baixo. Há muitas máquinas enferrujando nos campos. Por quê?

Processo de aprendizagem *versus* modelo de abordagens

Este livro já explicou uma série de razões para o lento progresso na redução da pobreza, mas outra razão precisa ser destacada: *a participação inadequada de pessoas pobres no processo*. Pesquisadores e profissionais descobriram que a inclusão significativa de pessoas pobres na seleção, projeto, implementação e avaliação de uma intervenção aumenta a probabilidade de sucesso dessa intervenção. Infelizmente, a maioria das abordagens pós-Segunda Guerra Mundial para a diminuição da pobreza tem sido altamente não-participativa, usando uma "abordagem modelo" na qual os não economicamente pobres tomam todas as decisões sobre o projeto e então fazem o projeto *para* os economicamente pobres. O objetivo final da abordagem modelo é, muitas vezes, desenvolver um produto padronizado e, em seguida, distribuir esse produto em uma escala maciça. É o "McDesenvolvimento", a abordagem baseada em franquia de *fast food* para a redução da pobreza, e resultou em mais de 2,5 bilhões de pessoas pobres não sendo bem servidas.

Embora a abordagem modelo pareça ser muito eficiente, ela geralmente falha porque impõe soluções a comunidades pobres que são inconsistentes com a cultura local, que não são adotadas e "apropriadas" pelos membros da comunidade, ou que não podem trabalhar nesse ambiente específico. O fato de o equipamento ter funcionado bem no Kansas simplesmente não significa que ele funcionará bem no contexto cultural, econômico e institucional da África Subsaariana. "Nós não estamos mais no Kansas!"

Por exemplo, o funcionário de uma organização sem fins lucrativos que trabalha em um país da América Latina descreve como a abordagem não participativa de uma equipe de missão de curta duração resultou na construção de uma casa que pode em breve se tornar inutilizada: Uma equipe veio aqui para construir a casa de um pastor com baixa renda de uma igreja local. No projeto, a equipe colocou o banheiro no meio da casa, o que vai contra a cultura local pela qual os banheiros são localizados nos fundos da casa. O pastor não viu os planos para a casa antes. Quando ele descobriu esse erro enquanto a equipe construía a casa, ele se opôs perante os líderes da equipe, sem sucesso. A equipe missionária sentiu-se feliz por ter dado ao pastor uma casa que era mais que o necessário, mas o pastor sente vergonha de sua casa e não sabe se quer morar nela.[4]

E as barreiras culturais estão em nossa própria terra, em lugares que nós talvez não consigamos antecipar. Considere o programa da *Farmers Home Administration* (FmHA)[5] que tentou oferecer empréstimos imobiliários a pessoas pobres na zona rural do sul dos Estados Unidos. A FmHA especificou que toda casa do programa seria padronizada, teria carpetes nos pisos e cozinhas pequenas com máquinas de lavar roupas inclusas. Uma pesquisa acerca da eficácia do programa verificou o seguinte: [As especificações da FmHa] sobre como as casas podem ser construídas... na verdade desafia a sabedoria e a experiência da comunidade. Muitos solicitantes [para o financiamento imobiliário] consideram que é insalubre cozinhar e lavar roupa no mesmo cômodo. Eles estão cansados de saber, máquinas de lavar de segunda mão são melhor alocadas em uma despensa ou área de serviço fora da casa. Eles sabem que existem outras vantagens

em colocar as máquinas do lado de fora. Você pode tirar suas roupas de trabalho antes de entrar em casa, e sua roupa limpa está mais perto do varal. As pessoas que vivem em estradas de terra, que trabalham na terra, ou que trabalham em fábricas de processamento de aves ou em moinhos cheios de fiapos, geralmente preferem pisos de vinil que possam ser varridos. Mas eles não podem tê-los [neste programa].[6]

Devido a esses tipos de dificuldades, muitos profissionais abandonaram a abordagem modelo em favor de uma abordagem de "processo de aprendizagem" para o desenvolvimento, uma abordagem que busca facilitar um ciclo de ação-reflexão no qual os pobres participam de todos os aspectos do projeto: propondo o melhor curso de ação, implementando a estratégia escolhida, avaliando o desempenho das coisas e determinando as modificações apropriadas. O papel de quem está de fora nessa abordagem não é fazer algo *para* ou *pelo* indivíduo ou comunidade economicamente pobre, mas procurar soluções *com* eles.

A abordagem do processo de aprendizagem aumenta a probabilidade de que o projeto funcione bem por duas razões principais. Primeiro, como todos os seres humanos, as pessoas pobres são mais propensas a ter um senso de entusiasmo e propriedade de um projeto, desde que tenham participado *integralmente*, desde o início. Quando o projeto é "deles", é mais provável que eles se sacrifiquem para que ele funcione bem e para sustentá-lo a longo prazo. Em segundo lugar, os indivíduos e comunidades pobres são altamente complexos e não são bem compreendidos pelos materialmente não-pobres. Assim, o conhecimento e as habilidades dos internos - os próprios pobres materiais, são vitais para fazer as coisas e para fazer as coisas

funcionarem bem. As pessoas que vivem nos guetos norte-americanos, nos Apalaches, nas favelas da Cidade do México e na Índia rural sabem muito sobre os contextos que os de fora nunca entenderão. É simplesmente insensato ignorar suas ideias.

Ironicamente, embora uma abordagem de processo de aprendizagem normalmente leve mais tempo para produzir resultados tangíveis do que uma abordagem modelo, a abordagem do processo de aprendizagem é frequentemente mais eficiente a longo prazo, porque é mais provável que resulte em intervenções viáveis e sustentáveis. Em outras palavras, a participação pode reduzir a probabilidade de equipamentos não utilizados enferrujarem nos campos.

Não somente um meio, mas um fim

Embora seja bom quando o equipamento é usado e a produção de arroz aumenta, ver a participação apenas como um meio de atingir esses fins perde a razão fundamental de que a participação é tão vital para a redução da pobreza: A participação não é apenas o meio para um fim, mas um fim legítimo por direito próprio.

Por quê? Tudo remonta à definição de enfrentamento da pobreza. Lembre-se, o objetivo é restaurar as pessoas no experimentar a humanidade da maneira que Deus pretendia. O importante é ajudar as pessoas a entender sua identidade como portadoras da imagem de Deus, amar seus vizinhos como a si mesmas, ser mordomos da criação de Deus e trazer glória a Deus em todas as coisas. Uma das muitas manifestações dessa reconciliação holística é que as pessoas exercem domínio sobre

suas vidas individuais e comunidades, buscando constantemente maneiras melhores de usar seus dons e recursos para resolver problemas e promover generosidade no serviço a Deus e aos outros. Assim, o objetivo não é apenas que o equipamento seja usado e que a produção de arroz cresça, mas que os pobres tenham capacitação para tomar decisões sobre a melhor maneira de cultivar, tomar decisões, avaliar os resultados de suas decisões, e então começar o processo de tomada de decisão novamente. Assim, a participação em seu sentido mais pleno não é apenas um meio para um fim, mas o fim mais importante!

É impossível realizar essa reconciliação de relacionamentos em uma abordagem modelo em que os de fora são aqueles que decidem o que fazer, como fazê-lo e quão bem funcionou. Tal abordagem enfraquece o ciclo de ação-reflexão para os pobres, negando-lhes a oportunidade de ser o que Deus os criou para ser: portadores de sua imagem que, por meio de tentativa e erro, desempenham e revelam as maravilhas da criação de Deus.

Além disso, a abordagem modelo comunica implicitamente: “Eu, o de fora, sou superior; você é inferior; estou aqui para consertar você”. Uma abordagem participativa, em contraste, pergunta aos pobres em cada etapa do processo: “O que você acha?” E, em seguida, realmente valoriza as respostas dadas. O próprio fato de que a pergunta está sendo feita é uma afirmação poderosa que diz: “Eu acredito que você tem valor, conhecimento e entendimento. Você sabe coisas sobre a sua situação que eu não conheço. Por favor, compartilhe algumas das suas ideias comigo. Vamos aprender juntos”

Vimos um excelente exemplo de um ministério usando uma abordagem de processo de aprendizagem - tanto como meio

quanto como um fim - no desenvolvimento de uma comunidade inteira. Rememore o capítulo 3, quando Mark Gornik, Allan e Susan Tibbels se mudaram para o centro da cidade de Baltimore e depois trabalharam *com* os moradores da comunidade usando um processo participativo que levou quatro anos para produzir uma única casa. Esse processo participativo criou a energia e a apropriação que eventualmente levou à reabilitação de centenas de casas nos anos subsequentes, mas essas casas foram o subproduto da meta central: *fazer com que os membros da comunidade participassem mais plenamente de tudo o que significa ser humano*.

Um processo de aprendizado também pode ser usado ao ministrar aos indivíduos um por um. Por exemplo, o diretor de uma casa e ministério para mães solteiras em Knoxville, Tennessee, descreve a abordagem de seu ministério da seguinte forma: Em vez de ter um modelo tamanho único para cada família, [nosso ministério] tenta caminhar ao lado de uma mãe solteira e seus filhos, acreditando que os pontos fortes, a história e as metas futuras da família precisam ser compreendidas e apreciadas. A mãe se reúne semanalmente com um defensor da família, que a ajuda a começar a explorar as áreas da vida de sua família que precisam de restauração. Enquanto o defensor da família facilita o processo, cada mãe solteira participa do processo trabalhando para visualizar o futuro da família e estabelecendo metas e iniciando as medidas necessárias para alcançá-las. O defensor da família então está apto a ajudar a mãe a se tornar responsável, além de contribuir com o plano de longo prazo da família por meio do desenvolvimento de recursos.[7]

As mães solteiras neste programa desejam algum dia comprar

suas próprias casas e serem autossuficientes, mas o próprio fato de essas mães estarem sonhando, planejando e se esforçando para esse fim é um grande sucesso por si só.

Uma palavra de advertência

Uma palavra de de advertência é necessária. Os argumentos seculares para participação geralmente se baseiam em duas hipóteses falhas. Primeiro, dada a crença pós-moderna de que a verdade é relativa, alguns argumentam que as pessoas pobres devem participar do processo porque precisam construir sua própria realidade. Quem somos nós de fora para impor nossas ideias aos pobres? Eles dizem. Segundo, uma fé humanista na bondade inerente dos seres humanos leva alguns a acreditar que a participação, como a democracia, necessariamente produzirá resultados positivos. Ambas as suposições estão erradas de uma perspectiva bíblica. A Bíblia ensina claramente que há verdade absoluta e que, na medida em que a conhecemos, devemos falar tal verdade em amor (Ef 4.15). Além disso, todos nós, incluindo os pobres, somos pecadores; a participação não tem capacidade de superar a corrupção básica na condição humana. Indivíduos e grupos tomam decisões ruins o tempo todo!

No entanto, uma abordagem participativa é consistente com uma perspectiva bíblica sobre a pobreza e os esforços para a sua diminuição. As verdades escriturísticas de que todos nós somos falhos e que todos nós conservamos a imagem de Deus são afirmadas por um processo que solicita e valoriza as contribuições positivas de todos, tanto de pessoas de dentro quanto de fora.

Além disso, o fato de abordagens participativas permitirem que os materialmente pobres “ensinem” aos materialmente não-pobres ajuda a superar a dinâmica inferior-superior que tipicamente caracteriza as interações entre eles. Como resultado, a dignidade do materialmente pobre é afirmada e os complexos de divindade dos materialmente não pobres são dissipados.

Tipos de participação

A Tabela 6.1 resume um contínuo de diferentes níveis de participação que são observados na prática. Lendo a tabela de cima para baixo, as abordagens mudam de fazer coisas *para* pessoas pobres (uma abordagem-modelo), para fazer coisas *com* pessoas pobres (uma abordagem de processo de aprendizagem). Quando os pobres estão completamente empoderados, eles estão na categoria “iniciados pela comunidade”, na qual os projetos estão sendo dirigidos pelos próprios pobres, e determinam o papel de quaisquer pessoas de fora em suas iniciativas. Infelizmente, os métodos-modelo “do topo para a base” que são normalmente usados na redução da pobreza tornam o modo de participação dos iniciados pela comunidade uma raridade, mas tanto a literatura existente quanto nossas próprias experiências demonstram que alcançar esse modo não é impossível.[8]

Não existe um nível de participação do tipo “tamanho único” que seja melhor para todas as igrejas, missionários e ministérios em todos os contextos. A natureza e o grau apropriados de participação dependem de uma série de fatores contextuais, incluindo a missão da organização, o tipo de intervenção

considerada e a capacidade e cultura das pessoas pobres envolvidas. É preciso sabedoria para discernir o melhor tipo e nível de participação em cada cenário. Dito isto, as pessoas de fora normalmente devem procurar promover os modos de “cooperação” ou, melhor ainda, de “co-aprendizado” de participação na esperança de alcançar o nível “iniciado pela comunidade”, o ponto no qual os de fora não são mais os atores principais.

Os cristãos entendem corretamente que a igreja é o “pilar e fundamento da verdade” (1 Tm 3.15) e que os incrédulos são pessoas que “suprimem a verdade por sua maldade” (Rm 1.18). Pela graça de Deus, nós realmente temos conhecimento que os incrédulos não têm. Infelizmente, essa realidade pode criar não apenas um sentimento injustificado de orgulho em assuntos espirituais, mas também um senso de condescendência para com os incrédulos em todos os assuntos. Muitas vezes somos “sabe-tudo” em situações em que na verdade não sabemos mais. Naturalmente, seria ridículo deixar um incrédulo determinar a melhor maneira de administrar os sacramentos só porque queremos usar métodos participativos! Nós realmente sabemos mais sobre o caminho certo para fazer isso do que eles. Ao mesmo tempo, seria igualmente ridículo supor que sabemos mais do que um incrédulo na Tailândia sobre a melhor maneira de plantar arroz em seu país. Como feitos à imagem de Deus, os incrédulos geralmente têm muitas boas ideias. Negar isso é uma afronta àquele de quema imagem eles carregam. E muitas vezes, aqueles que procuramos ajudar são irmãos que têm importantes percepções espirituais para nos ensinar.

Procure o maior nível de participação possível em cada situação.

Uma participação contínua

Modo de participação	Tipo de envolvimento de pessoas locais	Relacionamento entre os de fora e os locais
Coerção	As pessoas locais se submetem a planos predeterminados desenvolvidos por pessoas de fora.	Fazer para
Conformidade	As pessoas locais são designadas para tarefas, muitas vezes com incentivos, por pessoas de fora; os de fora decidem a agenda e dirigem o processo.	Fazer por
Consulta	As opiniões das pessoas locais são solicitadas; pessoas de fora analisam e decidem um curso de ação.	Fazer por
Cooperação	A população local trabalha em conjunto com pessoas de fora para determinar prioridades; a responsabilidade permanece com pessoas de fora para dirigir o processo.	Fazer com
Co-aprendizado	Pessoas locais e pessoas de fora compartilham seus conhecimentos para criar metas e planos apropriados, executar esses planos e avaliar os resultados.	Fazer com
Comunidade iniciada	As pessoas locais estabelecem sua própria agenda e se mobilizam para realizá-la sem iniciadores e facilitadores externos.	Responder a

Tabela 6.1

Adaptado de *B. de Negri, Thomas E., A. Ilinigumugabo, I. Muvandi e G. Lewis, Empowering Communities: Participatory Techniques for Community-Based Programme Development (Capacitando Comunidades: Técnicas Participativas para o Desenvolvimento de Programas Comunitários). Volume 1 (2): Manual do Formador (Manual do Participante) (Nairobi, Quénia: Centro de Estudos da Família Africana, 1998), 4.*

Dando voz aos que não têm voz

Em muitas comunidades pobres, há considerável diversidade em termos de etnia, raça, sexo, idade, religião e status socioeconômico. Portanto, é importante garantir que cada grupo tenha uma participação significativa, porque cada grupo pode trazer uma perspectiva única e porque a participação é um objetivo importante por si só. Em particular, é vital dar uma “voz aos que não têm voz”, procurando maneiras de garantir que os que estão à margem expressem suas opiniões durante todo o processo.

Como mencionado no capítulo 5, um dos métodos centrais que podem ser usados para engajar uma comunidade é a Aprendizagem participativa e Ação (APA), uma mentalidade e conjunto de ferramentas associadas que permitem a alguém de fora facilitar um processo de aprendizagem em comunidades pobres. O APA envolve as pessoas, criando uma maneira segura e divertida de compartilhar seus conhecimentos e construir suas próprias soluções para os problemas que estão enfrentando.

A importância de adotar uma diversidade de perspectivas no APA é ilustrada na figura 6.1, que mostra o resultado de um exercício de APA conduzido em uma aldeia rural do Paraguai. Homens e mulheres da mesma aldeia foram convidados separadamente a desenhar mapas daquela aldeia e a anotar nos mapas a frequência com que eles visitavam cada local. Claramente, os homens e mulheres tinham percepções bem diferentes de sua comunidade! Parece que “os homens são de Marte e as mulheres são de Vênus” também no Paraguai. Uma falha em incluir múltiplas vozes no processo de APA teria feito com que todos os envolvidos tivessem uma visão distorcida de como a

comunidade como um todo se via.

Alerta ao doador!

Tornou-se lugar comum nas doações de caridade perguntar: Qual é a maneira mais altamente alavancada de investir dinheiro para ter o maior impacto para o reino? A questão é legítima e muitas vezes reflete um desejo piedoso de administrar fielmente os recursos do Senhor. No entanto, os doadores precisam lembrar que conciliar as relações das pessoas com Deus, com consigo mesmas, com os outros e com o resto da criação simplesmente não é o mesmo que produzir e vender aplicações. Mudanças profundas e duradouras levam tempo. De fato, envolver completamente os pobres em um processo participativo leva muito tempo. Mas se os doadores não querem que o equipamento enferruje nos campos, eles terão que aceitar um processo mais lento, um processo no qual os pobres têm o poder de decidir se querem ou não o equipamento em primeiro lugar. Pode ajudar os doadores se eles lembrarem que criar uma capacidade de decisão nos pobres é um retorno - indiscutivelmente o principal retorno - de seu investimento.

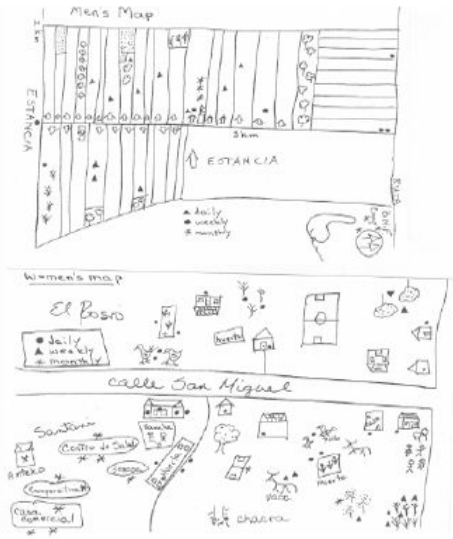


Figura 6.1

Peace Corps, Gender and Development Training: Booklet 5 (Gênero e Desenvolvimento: Caderno 5). (Washington, D.C: Intercâmbio de Informações e Cobrança do Corpo da Paz, 1998), pp. 14–15.

Questões para reflexão e exercícios

Por favor, escreva respostas para as seguintes perguntas: Reveja sua resposta à pergunta em “Pensamentos iniciais” no início deste capítulo.

a. A quem você pediu conselhos?
b. A quem você não pediu conselhos?
c. O que isso revela, se é que revela, sobre suas visões dos pobres e de si mesmo?

Exercício estendido: Indonésia reconsiderada

No “Exercício de abertura” no início deste livro, você foi convidado a elaborar um projeto para a sua igreja para ajudar no reinício de pequenos negócios na Indonésia, quatro meses após o tsunami de 2004. Nós andamos muito desde então, e agora é hora de você examinar o plano que você escreveu.

Por favor, discuta as seguintes questões com o grupo de pessoas com quem você originalmente desenvolveu o projeto para a Indonésia. Se você estiver lendo este livro individualmente, considere essas questões sozinho.

1. Que suposições implícitas sobre a natureza da pobreza e os esforços para diminuí-la estão refletidas em seu plano?
2. No capítulo 2, discutimos uma equação que captura uma dinâmica comum que está frequentemente presente quando os materialmente não pobres interagem com os materialmente pobres:

Definição material de pobreza + Complexo de divindade dos materialmente não-pobres + Sentimentos de inferioridade dos materialmente pobres = dano aos materialmente pobres e não-pobres (a) Você estava ciente de que os materialmente pobres muitas vezes têm sentimentos de vergonha e inferioridade quando você criou seu projeto?

(b) Se não, como essa consciência modificou seus planos?

(c) Você vê alguma evidência de um complexo de divindade na maneira como elaborou seu projeto?

3. No capítulo 4, discutimos algumas das implicações de uma compreensão relacional da pobreza e de sua solução. Como

essa estrutura pode alterar a abordagem que você tomou? Especificamente: (a) Você se concentrou em “pessoas e processos” ou apenas em “projetos e produtos”?

(b) Você abordou a corrupção em indivíduos e sistemas?

4. Revise a distinção entre alívio, reabilitação e desenvolvimento e considere o seguinte: (a) O design da sua viagem refletiu uma avaliação precisa de qual dessas três abordagens era apropriada para o contexto?

   (b) Você forneceu alívio no contexto em que a reabilitação ou desenvolvimento era a intervenção apropriada?

   (c) Como uma avaliação mais precisa da intervenção apropriada pode alterar os planos que você fez?

   (d) Como você poderia ter abordado seu projeto de uma perspectiva mais “desenvolvimentista”? (Revise o material do capítulo 4, “Realizando o alívio e a reabilitação, de forma a desenvolver”.) (e) Você era totalmente paternalista em sua abordagem a este projeto?

5. Você usou uma abordagem baseada em recursos ou baseada em necessidades para este projeto? Em particular, considere como o seu projeto exibiu os quatro principais elementos de uma abordagem baseada em ativos: (a) Você identificou e mobilizou as capacidades, habilidades e recursos das pessoas na Indonésia?

   (b) Na medida do possível, você procurou recursos e soluções provenientes da Indonésia e não de fora?

   (c) Você procurou construir e reconstruir as relações entre indivíduos, associações, igrejas, empresas, escolas, governo *etc.* locais?

   (d) Você só trouxe recursos externos quando os recursos locais

eram insuficientes para resolver necessidades urgentes?

6. Considere até que ponto você usou uma abordagem participativa em seu projeto: (a) Com quem você planejou falar para determinar se deve ou não fazer este projeto?

   (b) O design do seu projeto reflete a realização das coisas para os locais, por eles ou com o povo da Indonésia?

   (c) Onde sua abordagem se enquadra nas categorias de participação descritas na tabela 6.1?

   (d) Como você poderia ter selecionado, projetado, executado e avaliado seu projeto de maneira mais participativa?

7. Pare e reflita sobre suas respostas às seis perguntas anteriores:

   (a) O que você aprendeu sobre você mesmo?

   (b) Há alguma mudança que você gostaria de pedir a Deus para fazer em você?

   (c) O que você aprendeu sobre a abordagem de sua igreja?

   (d) Há alguma mudança que você gostaria de pedir a Deus para fazer em sua igreja ou ministério?

   (e) Que coisas específicas você gostaria de fazer para buscar qualquer uma das mudanças que deseja em si mesmo, em sua igreja ou em seu ministério?

A seção a seguir descreve o que realmente aconteceu quando o *Chalmers Center for Economic Development*, o centro de pesquisa e treinamento para o qual Steve e eu trabalhamos, foi solicitado a ajudar na recuperação do tsunami na Indonésia. Por favor, leia esta seção e responda as perguntas no final.

O resto da história

Quatro meses após o tsunami, uma organização cristã de assistência e desenvolvimento que trabalha na Indonésia pediu ajuda ao *Chalmers Center* para projetar um programa de recuperação de pequenas empresas. Enviamos dois jovens funcionários para a região e fornecemos suporte técnico para eles em nosso escritório nos Estados Unidos. Compartilhamos essa história não para mostrar a você como somos espertos - nossos fracassos superam nossos sucessos! - mas porque acreditamos que a história ilustra muitos dos princípios apresentados neste livro. Em vários pontos do que se segue, incluímos referências às questões e princípios relevantes na tarefa de aprendizado que você acabou de concluir. Por exemplo, “4a” no final de uma frase significa que esta frase ilustra o princípio discutido na pergunta 4, ponto a, no exercício estendido acima.

Ao considerar se aceitávamos ou não essa solicitação para trabalhar na Indonésia, ficamos muito influenciados pelo fato de que uma organização de alívio e desenvolvimento bem respeitada do local estava solicitando nossa ajuda. Essa organização tinha um excelente histórico de solicitar contribuições da população local, então sabíamos desde o início que nossa presença era em resposta aos desejos da comunidade e não algo que nós forçávamos a eles (6a-b). Embora essa abordagem participativa seja sempre importante, foi particularmente crucial neste caso, porque essa região militante muçulmana era notória por sua hostilidade em relação aos de fora em geral e aos cristãos em particular.

A região havia sido devastada, mas a espiral descendente

havia parado para a maioria. Assim, a reabilitação e o desenvolvimento, não o alívio, foram os próximos passos apropriados (4a). Na tentativa de identificar os ativos locais relevantes e os obstáculos mais significativos (5a), nossa equipe entrevistou e consultou os líderes locais de dez associações de pequenos negócios, empresários individuais e o prefeito (6), descobrindo o seguinte:

- Eles tinham um histórico forte de pessoas usando suas próprias economias para formar capital.
- Em contraste com a maioria das situações no Mundo Majoritário, um banco notável tinha um histórico de fornecer serviços de poupança e empréstimos a pessoas muito pobres e era bem confiável. Infelizmente, os escritórios do banco foram severamente danificados e o capital de empréstimos estava baixo.
- As empresas da região eram organizadas em fortes associações organizadas pelo tipo de empresa: uma associação de padeiros, uma associação de carpinteiros, uma associação de puxadores de riquixás *etc.*
- O prefeito tinha uma atitude de querer trabalhar com essas associações e com a organização cristã de alívio e desenvolvimento.
- Havia um forte sentimento de espírito de comunidade exibido em Gotong Royong, uma prática de se reunir como um grupo para resolver problemas, não muito diferente de um levantamento de celeiro dos Amish.
- Mão de obra local era abundante, pois muitos perderam seus meios de subsistência.
- Empresas locais de construção existiram, mas foram

prejudicadas pelo tsunami.
- A falta de capital foi identificada como o principal obstáculo para o reinício das pequenas empresas.

A solução óbvia em tal situação seria trazer equipes de construção para reconstruir os escritórios e estabelecer um programa de desenvolvimento de microempresas para emprestar dinheiro a essas empresas. Certo? Errado. Essa abordagem pode minar as empresas de construção locais, a cultura da poupança, o notável banco, o conhecimento e a autoridade locais e o espírito de comunidade (2, 3a, 4e, 5). Embora o nível de devastação exigisse recursos externos para restaurar a cidade e essas empresas às condições pré-tsunami, o truque era introduzir esses recursos sem prejudicar os ativos identificados (5d) e as habilidades administrativas dos indonésios (4e, 6b). Em particular, como o capital poderia ser introduzido rapidamente sem prejudicar a cultura da poupança e do banco local?

Para esse fim, foi decidido que a Fase I do programa envolveria a entrega de um capital mínimo aos proprietários de pequenas empresas, para que pudessem reativar seus negócios. No entanto, o recebimento de tais subsídios dependia do fato de os empresários apresentarem evidências de terem tido um pequeno negócio antes do tsunami, de abrir uma conta poupança no banco local e de participar de um Gotong Royong para limpar prédios e ruas, incluindo o escritório do banco local (5a-c). As evidências apresentadas foram revisadas por um comitê de líderes das associações e do governo local (4e, 6). Por definição, as primeiras doações foram dadas às empresas de construção locais para que elas - não as de fora - pudessem reconstruir os edifícios e casas devastadas, restabelecendo assim seus empreendimentos

de construção (4e, 5c).

A fase I também incluiu uma pequena série de sessões de treinamento para pequenas empresas, para os empreendedores de baixa renda. Essas lições incluíam material técnico importante e princípios bíblicos relacionados. Assim, os proprietários de pequenas empresas muçulmanas receberam uma exposição das Escrituras de uma maneira prática (3b). Conforme discutido no capítulo 3, os esforços de redução da pobreza precisam, muitas vezes, abordar tanto os sistemas quanto os indivíduos corrompidos, incluindo uma clara articulação do evangelho e uma cosmovisão bíblica.

A Fase II começou oito semanas após a Fase I e consistiu principalmente em um programa de poupança compatível para fornecer capital adicional, incentivando a poupança local e o restabelecimento do banco (5). Os beneficiários da pequena doação de capital na Fase I novamente tiveram que apresentar evidências de um padrão consistente de economia ao longo das oito semanas para o comitê de revisão local (6). As poupanças de cada indivíduo eram então equiparadas a fundos externos em uma proporção de dois para um, com os fundos correspondentes sendo colocados em suas contas de poupança no banco (5c). Outra série de aulas de treinamento para pequenas empresas, incorporando uma cosmovisão cristã, foi oferecida (3b).

Como em qualquer programa, houve altos e baixos, mas o sucesso geral foi significativo. Centenas de empresas receberam assistência, instituições locais foram fortalecidas e as avaliações de médio prazo do projeto indicaram melhorias nas relações das pessoas com Deus, consigo mesmas, com os outros e com o resto da criação (3). Além disso, a abordagem altamente participativa

permitiu que a organização cristã de assistência e desenvolvimento estabelecesse uma grande confiança nos indonésios normalmente suspeitos, resultando na organização sendo capaz de expandir o programa de recuperação de pequenos negócios para outras partes da Indonésia. Até mesmo uma grande organização humanitária internacional secular ficou impressionada com os resultados e convidou a organização cristã a apresentar uma proposta de financiamento para aumentar o programa.

Os princípios descritos neste livro não são uma fórmula mágica para o sucesso. Mas eles são poderosos e têm sido usados por Deus mesmo em cenários extremamente difíceis que são bastante hostis ao evangelho.

8. Agora que você conhece “o restante da história”, considere novamente a maneira como você elaborou o projeto de sua igreja para a Indonésia no início do livro: (a) O que é bom na maneira como você elaborou seu projeto?
   (b) Que dano seu projeto pode ter feito?
   (c) Como sua abordagem fortaleceu ou enfraqueceu os quatro relacionamentos principais?
9. Liste qualquer ação específica que você irá tomar para melhorar os atuais esforços de enfrentamento da pobreza da sua igreja.

Parte 3

Estratégias práticas para ajudar sem machucar

Pensamentos iniciais

Pense em uma viagem missionária de curta duração (uma a duas semanas) com a qual você esteve envolvido como membro da equipe, planejador, patrocinador financeiro ou de oração, *etc.*

Se você não esteve pessoalmente envolvido com essa viagem, pense em uma viagem de curta duração com a qual esteja familiarizado.

Se possível, pense em uma viagem que foi planejada para ministrar a pessoas materialmente pobres. Escreva respostas curtas para as seguintes perguntas:

1. Quais foram alguns dos benefícios percebidos da viagem? Considere todas as partes interessadas envolvidas, incluindo os membros da equipe, a igreja ou organização de envio, os anfitriões e as comunidades ou indivíduos atendidos.
2. Você consegue pensar em algum impacto negativo dessa viagem? Mais uma vez, considere todas as partes interessadas.

Capítulo 7

Realizando missões de curta duração sem feridas a longo prazo

Havia 120.000 em 1989; 450.000 em 1998; 1.000.000 em 2003; e 2.200.000 em 2006. Os números refletem um tsunami de proporções épicas, uma onda de “missionários” americanos de curta duração inundando o mundo. O custo? Os americanos gastaram US$ 1,6 bilhão em missões de curta duração (MCD) somente em 2006.[1]

O fenomenal crescimento das MCD na última década é acompanhado, ou alimentado, por uma imprensa muito positiva. Relatórios afirmam que as MCD realizam muito na comunidade anfitriã e têm um impacto positivo naqueles que vão, especialmente em termos de se tornarem mais engajados em missões através de doações e se tornando missionários de longo prazo. Embora possa haver alguma verdade nesses relatórios, uma linha de história diferente também está surgindo, uma que está questionando se as MCD são tão boas quanto anunciado.

Por exemplo, a especialista em missões Miriam Adeney relata uma história contada a ela por um amigo cristão africano:

> Elefante e Rato eram melhores amigos. Um dia, Elefante disse: “Rato, vamos dar uma festa!” Animais reunidos de longe e de perto. Eles comeram. Eles beberam. Eles cantaram. E eles dançaram. E ninguém celebrou mais e dançou mais que o elefante. Depois que a festa acabou, Elefante exclamou: “Rato, você já foi a uma festa melhor? Que explosão!” Mas Rato não respondeu. «Rato, onde você está?” Ele chamou. Ele olhou ao redor em busca de seu amigo e depois se encolheu horrorizado. Ali aos pés do elefante jazia o Rato. Seu

> pequeno corpo estava enterrado na terra. Ele havia sido esmagado pelos pés grandes de seu amigo exuberante, Elefante. “Às vezes, é assim que é fazer missão com vocês americanos”, comentou o amigo africano. “É como dançar com um elefante”.[2]

Elefante não queria fazer mal, mas não entendia os efeitos que estava tendo no Rato. O mesmo pode ser verdade para muitas viagens de MCD, particularmente para as comunidades pobres.

O termo “missões de curta duração” refere-se a viagens que variam de uma semana a dois anos, para outros locais no Brasil ou em todo o mundo. O foco deste capítulo será em viagens de duas semanas ou menos, a duração experimentada por mais de 50% dos 2,2 milhões de participantes de MCD dos Estados Unidos em 2006;[3] no entanto, muitos dos problemas discutidos também se aplicam a MCDs mais longas. Além disso, este capítulo dará uma atenção especial às MCD que procuram atender às necessidades físicas das pessoas materialmente pobres, estejam elas em casa ou no exterior. Em seguida, examinaremos a sabedoria das MCD a partir da perspectiva da mordomia e concluiremos o capítulo com sugestões para melhorar a experiência de MCD para todos. No entanto, primeiro colocamos o pano de fundo para toda a discussão, com uma rápida introdução a algumas questões transculturais importantes.

Engajamento intercultural 101

Uma das razões pelas quais as equipes de MCD às vezes dançam como o Elefante é que as equipes não sabem o que acontece quando as culturas colidem. O foco aqui não está em diferenças culturais como vestuário, comida, arquitetura, arte etc., mas sim nas diferenças nos sistemas de valores que silenciosamente levam as pessoas a reagir em padrões previsíveis. Esses sistemas de valores envolvem uma gama de coisas, incluindo a visão das pessoas sobre quem ou o que está no controle de suas vidas, da natureza do risco e da incerteza, da organização e do papel da autoridade, da natureza do tempo e do papel de indivíduos *versus* grupos. O espaço permite apenas uma discussão dos dois últimos fatores que acabamos de mencionar.

Culturas em todo o mundo exibem visões contrastantes de como o tempo funciona. A visão monocrômica vê o tempo como um recurso limitado e valioso. O tempo pode ser perdido ou salvo. Uma boa administração do tempo significa aproveitar ao máximo cada minuto. O provérbio monocrômico favorito é “tempo é dinheiro”. Cronômetros são ferramentas importantes para o sucesso. A injunção bíblica de «resgatar o tempo» traz visões de listas de tarefas sendo concluídas dia após dia.

Uma segunda perspectiva do tempo é a visão policrônica. Neste entendimento, o tempo é um recurso um tanto ilimitado. Sempre há mais tempo. Cronogramas e planos são meras diretrizes que têm pouca autoridade na definição de como se passa um dia. As tarefas geralmente ficam em segundo plano para formar e aprofundar relacionamentos. Enquanto menos bens e serviços podem ser produzidos em uma cultura policrônica,

pessoas em tais culturas frequentemente têm um senso mais profundo de comunidade e pertencimento.

A figura 7.1 mostra onde vários países se encaixam no espectro policrônico-monocrônico. Os Estados Unidos são uma cultura extremamente monocrônica, enquanto as nações do Mundo Majoritário são fortemente policrônicas. Muitas comunidades de negros e latinos de baixa renda nos Estados Unidos também são mais policrônicas do que as igrejas e pessoas de classe média alta norte-americanas.

Conceito de Tempo



Figura 7.1

Adaptado *de Craig Storti, Figuring Foreigners Out: A Pratical Guide (Yarmouth, Me .: Intercultural Press, 1999), 82*

Da mesma forma, as culturas diferem em sua compreensão do papel do indivíduo e do grupo na formação da vida. Por um lado, existem culturas individualistas, que se concentram no valor intrínseco e singularidade de cada ser humano e exibem a perspectiva igualitária de que todas as pessoas devem ser tratadas como iguais tanto quanto possível. Pessoas em culturas individualistas são ensinadas a se esforçar para ser “tudo o que elas podem ser” em termos de realização pessoal. Ser o “funcionário do mês» e o “jogador mais valioso” da equipe são vistos como prêmios positivos e motivadores. Igrejas em tais culturas enfatizam o chamado pessoal e realizam cadastros de dons espirituais e testes de personalidade.

As culturas coletivistas, por outro lado, minimizam a identidade

individual e concentram-se no bem-estar do grupo. Lealdade e auto sacrifício em benefício de outros membros do grupo são vistos como virtuosos. Pessoas em culturas coletivistas têm laços extremamente profundos com os vários grupos de que fazem parte, como a família extensa, tribo, empregador/empresa, escola *etc.* Para os cristãos em uma cultura coletivista, a importância do corpo da igreja local é muito mais profundamente sentida do que é frequentemente encontrado em culturas individualistas.

Onde vários países se encaixam no espectro individualista-coletivista é mostrado na figura 7.2. Mais uma vez, os Estados Unidos estão em um extremo, sendo muito mais individualistas do que os países do Mundo Majoritário. Muitas comunidades de negros e latinos de baixa renda nos Estados Unidos são menos individualistas do que as igrejas norte-americanas de classe média alta.



Figura 7.2

Adaptado *de Craig Storti, Figuring Foreigners Out: A Pratical Guide (Yarmouth, Me .: Intercultural Press, 1999), 52.*

O ponto aqui não é afirmar nem condenar diferentes visões do tempo ou do eu, embora acreditemos que, do ponto de vista bíblico, existem prós e contras para cada lado desses espectros. Em vez disso, o ponto aqui é simplesmente que existem grandes diferenças culturais que nós, norte-americanos, nem sempre

apreciamos totalmente. É crucial que as equipes norte-americanas [e brasileiras] de MCD superem o pensamento etnocêntrico que minimiza essas diferenças culturais ou que imediatamente assume que as normas culturais norte-americanas [e brasileiras] de classe média alta são sempre superiores às de outras culturas. Além disso, deve dar alguma pausa nas MCD norte-americanas para perceber que eles são de uma “cultura extrema”, isto é, do extremo desses espectros, criando a possibilidade distinta de que as equipes de MCD possam ter percepções muito diferentes das comunidades receptoras sobre o quão maravilhosa é a dança da MCD.

Os efeitos das missões de curta duração nas comunidades pobres

A maioria das discussões sobre as MCD tem se concentrado em seus impactos nas equipes e nas igrejas que enviam. Menos atenção tem sido dedicada a considerar os impactos das MCD nas comunidades carentes que recebem. Esta seção explora esses efeitos usando os conceitos desenvolvidos anteriormente no livro.

O principal problema com as MCD para as comunidades pobres é que elas tendem a refletir a perspectiva da "pobreza como déficit", a ideia de que a pobreza se deve ao fato de os pobres carecerem de algo. Os brasileiros frequentemente veem o "algo" como recursos materiais, mas a falta de conhecimento ou espiritualidade também é comumente citada.[4] Esta concepção de pobreza leva a estratégias de redução da pobreza em que os materialmente não pobres estão necessariamente na posição de dar o "algo" aos materialmente pobres, uma vez que os não pobres têm o "algo" e os pobres não o têm. O Capítulo 2 expressou algumas dessas dinâmicas na seguinte equação:

Definição material de pobreza + Complexo de divindade dos materialmente não pobres + Sentimentos de inferioridade dos materialmente pobres = Dano aos materialmente pobres e não pobres

Essa perspectiva de "pobreza como déficit" é especialmente problemática no contexto das MCD, já que todas as ações "doadas" precisam ser feitas em apenas duas semanas!

Em contraste, discutimos como uma compreensão mais relacional da pobreza vê tanto os materialmente pobres como materialmente não pobres como sofrendo de relacionamentos

corrompidos, embora de formas diferentes, e procura buscar processos que promovam a obra de reconciliação de Jesus Cristo nas vidas de ambas as partes.

Neste contexto, vamos agora considerar as MCD a partir da perspectiva do material dos três capítulos anteriores.

Missões de curta duração e o mote alívio-reabilitação-desenvolvimento

Muito poucas viagens MCD são feitas em situações em que o alívio é a intervenção apropriada. Mesmo quando um desastre natural ocorreu, no momento em que a equipe chega, pode muito bem ser que o “sangramento parou” e que a fase de reabilitação tenha começado. Além disso, na maioria das vezes, as MCD para as comunidades materialmente pobres nem sequer são realizadas em situações de pós-desastre, mas sim em comunidades que enfrentam problemas crônicos que precisam de desenvolvimento a longo prazo. Infelizmente, as MCD raramente diagnosticam a situação e, muitas vezes, buscam uma abordagem de alívio, embora essa raramente seja a intervenção apropriada.

Por exemplo, depois que o furacão Katrina causou estragos em partes da costa do Golfo, dezenas de milhares de cristãos correram para ajudar. Essa ajuda tomou muitas formas diversas e, em muitos aspectos, foi um grande testemunho da beleza do corpo de Cristo. Uma equipe especial de MCD, composta de jovens, foi para a área de Nova Orleans logo após o Katrina ter atingido a região e trabalhou duro para limpar estradas e casas. A mesma equipe de MCD retornou cerca de um ano depois para ajudar na reconstrução de algumas das casas danificadas. A essa altura, os moradores estavam voltando para a área. A equipe de MCD foi convidada a trabalhar na restauração da casa de propriedade de uma família que incluía vários jovens adultos do sexo masculino. Enquanto a equipe de MCD trabalhava duro todos os dias tirando o gesso, trabalhando em forramentos e muito mais, os jovens que moravam na casa sentaram-se e observaram a

equipe de MCD durante todo o dia.

A primeira viagem foi uma resposta apropriada da MCD, aplicando alívio em um contexto em que era necessário. Mas a segunda viagem, embora bem-intencionada, foi uma resposta incorreta. A família do proprietário tinha a capacidade de participar da reforma de sua casa, mas não estava disposta a fazê-lo. Teria sido melhor para a equipe voltar ao ministério local e pedir para ser transferida para trabalhar em outra casa cujos donos estivessem abertos para ajudar na sua própria recuperação.

Mesmo quando o alívio é a intervenção apropriada, a equipe de MCD pode não ser o melhor grupo para fornecer essa ajuda. Como discutido no Capítulo 4, quando as organizações locais ou ministérios estão dispostos e são capazes de fornecer a assistência de alívio necessária, é preferível que eles façam isso. Eles têm o conhecimento local sobre quem realmente precisa de ajuda e quem não precisa, e são eles que ainda estarão lá conduzindo o ministério muito depois que a equipe de MCD tiver ido embora. No mínimo, a equipe de MCD precisa ser vista como uma extensão das organizações locais e não como agentes externos independentes.

Finalmente, considere o fato de que a maioria dos contextos exige desenvolvimento - não alívio ou reabilitação - à luz das diferenças culturais discutidas anteriormente. As equipes de MCD são tipicamente monocrônicas e estão olhando para a viagem de duas semanas como uma chance de “fazer missões”. A equipe quer usar seu tempo “sabiamente”, fazendo o máximo possível. A expectativa da equipe é que muitas reuniões evangelísticas sejam realizadas, que o projeto de construção seja concluído ou que exames de saúde sejam dados a centenas ou até milhares de

pessoas. Mas fazer as coisas rapidamente não é o que o desenvolvimento significa! O desenvolvimento é um *processo* ao longo da vida, não um *produto* de duas semanas.

E enquanto a equipe da MCD está em alta velocidade monocrônica, a cultura receptora está no modo policrônico, trabalhando em um ritmo mais lento. Fazer o trabalho é menos importante do que estar junto e conhecer um ao outro. Isso pode rapidamente causar frustrações para os membros da equipe de MCD, enquanto eles observam os segundos passando enquanto pouco está sendo "feito". Não demora muito para que muitos de nós comecem a olhar para nossos irmãos e irmãs policrônicos, decidindo rapidamente que são ineptos ou até preguiçosos. E então o paternalismo entra em ação. Nós assumimos e fazemos tudo porque senão algo simplesmente não será feito, pelo menos não antes das duas semanas, o que seria um desastre do ponto de vista de muitas equipes missionárias.

Adeney resume a situação da seguinte forma:

> Por definição, as missões de curta duração têm pouco tempo para "mostrar lucro", para atingir metas pré-definidas. Isso pode acentuar nossos ídolos americanos de velocidade, quantificação, compartimentalização, dinheiro, conquistas e sucesso. Os projetos se tornam mais importantes que as pessoas. Poços cavados. Cinquenta pessoas convertidas. Tem que dar à igreja um bom relatório. Tem que provar que o tempo e as despesas valeram a pena. Para fazer o trabalho (em nossa escala de tempo), a tecnologia importada se torna mais importante do que os métodos contextualizados. O impulso individual torna-se mais importante do que o respeito pelos idosos, pelas antigas cortesias, pelo tempo. Nós

acabamos dançando como elefantes. Nós dançamos sem jeito e temos pés grandes.[5]

"Mas formamos ótimos relacionamentos em nossa viagem! Esses relacionamentos não estão de acordo com o processo de desenvolvimento?" Enquanto Deus através de seu Espírito cria laços especiais entre crentes de origens muito diferentes, os norte-americanos individualistas tendem a subestimar quanto tempo isso leva a uma cultura coletivista e a interpretar excessivamente a profundidade de suas relações com seus novos "amigos". Os norte-americanos muitas vezes acham que é fácil desenvolver relacionamentos individuais, profundos e pessoais simplesmente saindo com um indivíduo da Tailândia por uma semana. Na realidade, o tailandês provavelmente perceberá essa relação como muito superficial em comparação com suas profundas lealdades ao seu "grupo".

Missões de curta duração da perspectiva de abordagens baseadas em ativos e necessidades

Lembre-se de que é preferível concentrar-se inicialmente nos ativos de uma comunidade do que concentrar-se em suas necessidades. É crucial reconhecer e mobilizar os recursos naturais, materiais, sociais, de conhecimento e espirituais de indivíduos e comunidades antes de tentar determinar quais recursos adicionais podem ser necessários de fora.

Infelizmente, as equipes de MCD geralmente estão no modo “baseado nas necessidades”, trazendo seus conhecimentos, habilidades e recursos materiais para as comunidades pobres, a fim de realizar uma tarefa o mais rapidamente possível. De fato, não há tempo nem mesmo para a equipe de MCD identificar os recursos existentes nas comunidades beneficiárias. Como resultado, o paternalismo mostra sua cara feia, e nós minamos os recursos locais e aumentamos as pobrezas de ser, de comunidade e de mordomia.

Por exemplo, considere a seguinte observação de um funcionário americano que trabalha com uma organização indígena que está tentando trazer desenvolvimento para comunidades pobres em um país da América Latina:

> Os funcionários indígenas da minha organização conduzem estudos bíblicos semanais com crianças de comunidades de baixa renda. Esses estudos bíblicos são apenas um aspecto das tentativas gerais da minha organização de promover um desenvolvimento duradouro nessas comunidades destruídas. Depois que uma equipe missionária conduz um estudo bíblico

> em uma dessas comunidades, as crianças deixam de frequentar os estudos bíblicos da minha organização. Nossa equipe indígena me diz que as crianças param de vir porque não temos todos os materiais e artesanato extravagantes que as equipes de missionárias têm, e não damos coisas como essas equipes fazem. As crianças também passaram a acreditar que nossos funcionários não são tão interessantes ou criativos quanto os americanos que vêm nessas equipes.[6]

Similarmente, Rick Johnson escreve a partir da perspectiva de alguém que foi envolvido por décadas com missões de curta duração no México, a localização de 30% das missões norte-americanas.[7] Ao falar das muitas MCD que vêm para fazer as escolas bíblicas de férias, realizar campanhas evangelísticas, construir igrejas, escolas, casas e clínicas médicas, e distribuir bens aos pobres, afirma Johnson:

> Poucos pastores falam ou rejeitam essas ofertas de ajuda, mesmo que, por dentro, se ressentem do paternalismo e da humilhação de serem dirigidos por um grupo que muitas vezes não fala a língua, conhece a congregação ou entende a comunidade em que trabalha. Uma congregação que se esforça para aprender a depender do Senhor e a ser uma luz em sua própria comunidade pode achar fácil renunciar a suas responsabilidades e necessidades a um grupo rico que está mais do que ansioso para assumir essas responsabilidades. A iniciativa da congregação de atender às oportunidades e deveres dados por Deus pode ser reprimida por pessoas de fora bem-intencionadas.[8]

E há forças ainda mais sutis no trabalho. O valor cultural individualista das equipes de MCD pode prejudicar o

conhecimento local em um contexto coletivista. Por exemplo, uma equipe de MCD tenderá a supor que tratar cada indivíduo da comunidade da mesma maneira é obviamente a coisa certa a fazer e pode dar, digamos, comida em quantidades iguais a todos. Mas algumas sociedades coletivistas descobriram que dar uma quantidade desproporcionalmente grande de alimentos a indivíduos específicos pode aumentar as chances de sucesso financeiro para esses indivíduos, que então compartilharão seus ganhos com a comunidade como um todo. Esta estratégia de sobrevivência baseada na comunidade reflete o conhecimento indígena adquirido ao longo de séculos de luta contra os elementos. Uma falha em descobrir e apreciar esse conhecimento local pode fazer com que a equipe de MCD cause danos não intencionais ao tentar fazer o bem.

Como a equipe do MCD pode descobrir ativos locais - incluindo conhecimento sobre estratégias de sobrevivência - no contexto de uma viagem de duas semanas? A resposta a essa pergunta não é óbvia, mas um bom primeiro passo é que a viagem seja feita como parte de uma abordagem de desenvolvimento, de longo prazo, baseada em ativos sendo implementados pelos ministérios locais. A equipe missionária precisa entender como se encaixa na estratégia geral deste ministério local e tomar cuidado para não prejudicar a eficácia do ministério.

Missões de curta duração da perspectiva do desenvolvimento participativo

O Capítulo 6 abordou a importância de as pessoas participarem de seu próprio desenvolvimento. A necessidade é ir além da participação simbólica ou mesmo forçada para que comunidades, igrejas e famílias pobres participem do planejamento, implementação e avaliação das intervenções em suas vidas.

No mínimo, o princípio da participação implica que a comunidade, igreja ou organização que recebe a equipe da MCD precisa ser a principal entidade que decide o que deve ser feito, bem como a forma deve ser feito. Ainda mais importante, eles precisam ser os que solicitam a equipe. Muitos trabalhadores de campo se sentem pressionados a usar as MCD de sua agência maior, apoiando igrejas ou doadores. De fato, pesquisas têm descoberto que a maioria das organizações anfitriãs prefere que as organizações de envio lhes deem dinheiro em vez de enviar uma equipe.[9]

Eu (Steve) sei que se alguém da Suíça dissesse à minha pequena igreja de 130 pessoas na área rural da Geórgia: “Você pode escolher entre enviar treze pessoas neste verão para ajudar com a sua Escola Bíblica de Férias ou com os US$ 25.000 que custará para enviar a equipe”, nós definitivamente iríamos pegar o dinheiro. Nós usaríamos US$ 20.000 para acabar com a ampliação da igreja em que estivemos trabalhando cinco anos, para nos vermos livre das dívidas. E os US$ 5.000 restantes quase dobrariam nosso orçamento normal da Escola Bíblica de Férias, para que pudéssemos ter uma programação dinâmica também. Não é que não apreciemos o intercâmbio cultural e a

comunhão, mas temos prioridades mais prementes para o bem-estar a longo prazo de nossa igreja. Agora, se pensássemos que hospedar essa equipe suíça poderia levar a um relacionamento contínuo e mais dinheiro a longo prazo, então poderíamos estar abertos para a sua chegada, afinal!

As discussões sobre as missões de curto-prazo precisam incluir os cálculos potenciais que podem estar ocorrendo nas mentes dos materialmente pobres, nossos irmãos e irmãs em Cristo. Se eles realmente tivessem o poder social, político e econômico para falar o que pensam, talvez ficássemos um pouco surpresos com o que poderíamos ouvir. Mas eles realmente não têm esse poder. Os crentes norte-americanos de classe média e alta têm que aceitar que seu poder silenciou seus irmãos em casa e no exterior mais do que imaginamos. As pessoas que têm poder raramente pensam sobre esse poder, enquanto as pessoas que não o têm estão muito conscientes de que não o têm. Esta questão é muito mais ampla do que as missões de curta duração, mas são um grande lugar onde essas tensões são silenciosamente executadas. Nós dançamos sem jeito e temos pés grandes. Nós não queremos esmagar o Rato, mas ele é esmagado mesmo assim.

Dólares e sentido

As questões primárias sobre as missões de curta duração para as comunidades pobres precisam se concentrar nos impactos das viagens nessas comunidades. *Não é sobre nós. É sobre eles!* A discussão anterior deve nos fazer parar para refletir sobre os impactos positivos de tais missões. Mas outra questão também precisa ser considerada à medida que pesamos os pontos fortes e fracos de grande parte do atual movimento.

A igreja norte-americana precisa apreciar mais profundamente o fato de que os cristãos em casa e no exterior estão ministrando em suas *próprias* nações, grupos de pessoas e comunidades em grande escala, particularmente no Mundo Maioritário, onde a igreja continua se expandindo e amadurecendo. Deus abençoou muitos desses obreiros cristãos indígenas com talentos incríveis e fortes paixões para avançar em seu reino. Eles geralmente ministram em longo prazo em ambientes que seriam um desafio profundo até mesmo para o mais comovido vindo de fora. Além disso, a compreensão desses trabalhadores indígenas sobre as culturas e línguas locais torna-os muito mais eficazes do que os estrangeiros normalmente poderiam ser, seja a curto ou a longo prazo. Além disso, esses trabalhadores indígenas geralmente fazem esse trabalho com salários muito abaixo dos padrões tradicionais dos Estados Unidos.

A presença desses ministérios indígenas levanta algumas questões de mordomia significativa para as missões de curta duração norte-americanas. Por exemplo, uma organização altamente respeitada equipa e gerencia evangelistas nacionais em todo o continente da África. O custo anual total desses

evangelistas é de US$ 1.540 por ano para salário (US$ 1.200), bicicleta (US$ 250) e mochila, camisa de equipe e roupa de cama (US$ 90). Outra excelente organização cristã de assistência e desenvolvimento emprega trabalhadores de nível comunitário que fazem um trabalho de desenvolvimento holístico a um custo de US$ 1.500 a US$ 5.000 por ano. Compare esses números com a despesa de fazer uma viagem missionária de curta duração. Gastar US$ 20.000 a US$ 40.000 para dez a vinte pessoas ficarem no local por duas semanas ou menos não é incomum. O dinheiro gasto em uma única equipe de MCD para uma experiência de uma a duas semanas seria suficiente para sustentar mais de uma dúzia de trabalhadores indígenas muito mais efetivos *durante um ano inteiro*. E nos queixamos do desperdício de gastos do governo! As questões profundas de administração aqui não devem ser encobertas.

Alguns defensores das MCD argumentam que o dinheiro gasto em missões de curta duração é dinheiro novo para missões. Como o doador normalmente conhece a pessoa ou equipe e o presente é percebido como único e sem envolver um compromisso profundo, o dinheiro dado para tais missões é dinheiro que não seria dado para outras formas de missões, como o apoio a ministérios indígenas. Se esta é uma descrição precisa da natureza de doação a essas missões, é muito triste. Por que o povo de Deus não pode ser desafiado - do púlpito e além - a exercer uma melhor administração dos recursos do reino com a missão de dar? Embora as estratégias de maior impacto possam fornecer menos satisfação do que as MCD para o doador em termos de “envolvimento ou conexão pessoal”, não é uma boa modelagem do evangelho morrer para si mesmo para que outros possam se

beneficiar? Sim, isso vai contra a demanda cultural atual de tocar, provar e experimentar por mim mesmo. Mas o evangelho sempre exigiu normas sociais desafiadoras se elas impedem o avanço do reino de Cristo. *Não é sobre nós. É sobre ele!*

Outros defensores das MCD argumentam que tais viagens devem ser vistas como um investimento que produz grandes retornos para o reino, produzindo aumento de doações em missões, mais missionários de longo prazo e relações interculturais profundas. À primeira vista, esse argumento parece plausível. Muitos membros da equipe de MCD que retornam declaram: “Minha vida mudou e eu me tornei um participante ativo no movimento missionário de Deus!” De fato, é comum ouvir missionários de longa prazo relatarem que uma experiência missionária curta foi parte do que os levou a buscar um compromisso mais longo. E muitas equipes de MCD relatam que os relacionamentos profundos que eles formaram com as pessoas nas comunidades beneficiárias foram a parte mais significativa da viagem. Embora sem dúvida essas declarações sejam feitas com sinceridade, há evidências crescentes de que esses relatórios superestimam seriamente os impactos de longo prazo das viagens naqueles que vão.

Kurt Ver Beek, professor assistente de sociologia no *Calvin College*, com mais de vinte anos de experiência em Honduras, conduziu pesquisas sobre os impactos de longo prazo das viagens de missões de curta duração nos membros da equipe, olhando além de suas declarações iniciais para seus comportamentos reais.[10] Os dados de Beek indicam que simplesmente não há um aumento significativo nas missões de longo prazo para os membros da equipe ou para as igrejas que os enviam. Também é

difícil apoiar a alegação de aumento no número de missionários de longo prazo, dado que o número de missionários de longo prazo é razoavelmente estável apesar da explosão das MCD. E, quanto a todos esses grandes relacionamentos que se desenvolvem, a realidade é que apenas uma pequena porcentagem dos membros da equipe de MCD já teve algum contato – qualquer um - com seus novos “amigos” após o término da viagem.

Em resumo, os retornos não parecem justificar o investimento.

Sugestões para melhorar o impacto das missões de curto prazo

Há boas notícias. Há muitas coisas que sua igreja ou ministério podem fazer ao planejar, recrutar, treinar e financiar suas viagens missionárias de curta duração para aumentar os benefícios e reduzir os danos para todos os envolvidos. De fato, um número crescente de igrejas e ministérios estão buscando essas práticas.

Projetando a experiência de campo

É importante prestar muita atenção ao projeto geral da viagem em si. Aqui estão algumas dicas:

Certifique-se de que a organização anfitriã, ou seja, a agência que recebe a equipe, entenda a natureza da pobreza e pratique os princípios básicos do enfrentamento apropriada à pobreza.

Certifique-se de que a organização anfitriã ***e*** os membros da comunidade tenham solicitado uma equipe como parte de seu plano para melhorar seu ministério e suas vidas. Eles devem ter a opção real de pedir à igreja ou organização de envio que faça algo diferente de enviar uma equipe de MCD. Certifique-se de que a organização anfitriã e os membros da comunidade sejam os principais tomadores de decisão sobre o que a equipe de MCD fará ou não.

Esteja sinceramente aberto para não enviar uma equipe. As equipes de MCD têm uma capacidade significativa para causar danos tanto às equipes quanto aos destinatários. Embora sua igreja possa precisar se mover, é importante não pisar nos pobres

apenas para que sua igreja possa se envolver mais no ministério.

Projete a viagem para que seja sobre “ser” e “aprender” tanto quanto sobre “fazer”. Ficar em casas dos membros da comunidade e criar tempo para conversar e interagir com eles. Peça aos crentes locais para compartilharem suas percepções com os membros da equipe sobre quem é Deus e como ele trabalha em suas vidas; faça com que os membros da equipe compartilhem as fraquezas de suas próprias vidas e igrejas, e peça aos crentes locais que orem por eles. Se os crentes locais são materialmente pobres, isso pode ser um passo poderoso para superar quaisquer crenças implícitas que os membros da equipe possam ter no “evangelho da prosperidade” (ver a discussão no Capítulo 2).

Assegure-se de que a porção “fazer” da viagem evite o paternalismo. Lembre-se, não faça para as pessoas o que elas podem fazer por si mesmas. O objetivo é que o trabalho seja feito principalmente pelos membros da comunidade com a equipe realizando um papel de ajuda. Portanto, deve haver diretrizes ou políticas explícitas quanto a papéis e autoridade, incluindo o que fazer se os membros da comunidade não cumprem suas responsabilidades. É altamente recomendável que a equipe misisonária não intervenha e assuma essas responsabilidades.

Mantenha o número de membros da equipe pequeno. Isso promoverá mais aprendizado e interação com o ambiente de quem hospeda e diminuirá os danos causados pelo pé de elefante!

Recrutando e analisando a equipe

As mensagens e os procedimentos usados para recrutar equipes

de STM são cruciais, pois o recrutamento estabelece as expectativas iniciais para o que esperar e influencia o tipo de pessoas que se juntarão à equipe. Aqui estão algumas coisas a considerar.

Fique longe da mensagem “vá ajuda-los e salve-os” e use uma mensagem “vá como um aprendiz”. Não precisamos de mais capas de brochuras missionárias com rostos tristes e sujos de crianças e as palavras “Você vai morrer para si mesmo e tomar a iniciativa de servir?” Essa mensagem coloca muito foco no sacrifício que a equipe missionária está fazendo para mudar a vida das pessoas - um nível de mudança que simplesmente não é realista em duas semanas - e em quão desamparados os pobres estão sem a ajuda da equipe.

Não anuncie ou crie viagens MCD focadas na aventura e na diversão que a equipe terá. Promessas de atrações turísticas e excursões de compras foram encontradas na literatura de marketing para MCD. Não há nada de errado em apreciar essas coisas, apenas não rotule as férias como “missões”, nem ouse pedir que as pessoas as financiem com seus dízimos e ofertas. Fazer isso é um insulto ultrajante para os milhares de irmãos e irmãs indígenas e expatriados que se sacrificam de forma poderosa no ministério e para os próprios pobres.

Mude o nome de “Viagem missionária de curta duração” para algo como “Jornada da Visão” ou “Vá, aprenda, volte e responda”. Nomes como esses apontam para ver a viagem missionária como uma experiência de aprendizado que deve ser parte da produção de um engajamento futuro e pode ajudar a focar as viagens como um meio de alcançar um fim maior em vez de um fim em si mesmas. Além de dar às pessoas uma expectativa mais adequada

da experiência, esses títulos podem fazer com que todos parem e façam uma pergunta fundamental: quanto dinheiro realmente queremos gastar para alcançar esse tipo de experiência para nós mesmos?

Tenha cuidado como as MCD são apresentadas como parte do movimento de missões maiores. Declarações como “se você é sério sobre missões, então você precisa fazer uma viagem missionária de curta duração” são comuns. Este é um grande exagero, já que muitas, muitas pessoas servem em missões de longo prazo sem uma experiência missionária de curta duração. Além disso, tais mensagens podem dar uma impressão falsa sobre o que realmente é necessário para realizar missões sérias ou trabalho de desenvolvimento comunitário.

Faça uma apresentação substancial para os futuros membros da equipe de pelo menos várias horas que explique claramente o que é e o que não é a viagem. Dê às pessoas tempo para pensar sobre o que ouviram nesta primeira reunião e para “avaliar o custo” antes de se comprometerem com a viagem.

Exija que os possíveis membros da viagem demonstrem um interesse sério em missões, sendo ativos em sua igreja e em seus esforços locais de divulgação. Isso poderia aumentar a participação no ministério local de sua igreja, bem como diminuir o número de pessoas que fazem viagens caras como seu primeiro campo de testes para envolvimento no ministério. Além disso, o fato é que muitos de nós estão mais bem equipados para ministrar mais perto de casa, pois pode haver menos barreiras culturais e contextuais, embora essas barreiras ainda possam ser significativas à medida que começamos a ultrapassar até mesmo as diferenças socioeconômicas locais. Além disso, envolver-se no

ministério local que é focado no desenvolvimento ajuda a experimentar os altos e baixos da mudança de longo prazo. Entender essa dinâmica é muito útil para adicionar uma dose de realismo sobre o que um “de fora” pode e não pode realizar no curto espaço de uma semana ou duas em uma viagem MCD.

Treinando para o sucesso

“Aprendizagem experiencial” é uma ferramenta poderosa. É a razão principal pela qual precisamos trabalhar muito para melhorar as MCD, de modo que esse aprendizado seja aproveitado para ações futuras. Pesquisas mostram que um fator central no aumento do potencial de as MCD terem impactos positivos e de longo prazo nos membros da equipe é que haja um processo de treinamento que inclui componentes pré-viagem, em campo e pós-viagem.[11] Embora não seja uma solução para todos os problemas associados às MCD, especialmente para as comunidades anfitriãs com problemas materiais, programas de treinamento bem planejados fazem parte da fórmula de sucesso para os membros da equipe. Você precisa desenvolver um programa de treinamento de som. Subinvestir em treinamento ou ter mensagens de treinamento mal orientadas são um contribuinte significativo para MCD prejudiciais.

Torne a aprendizagem pré-viagem um requisito, não uma sugestão. Simplesmente querer ir e vir com o dinheiro não é suficiente para qualificar alguém para se juntar à equipe. Se as pessoas não quiserem gastar tempo para aprenderem antes de viajar, elas realmente terão uma mentalidade de aprendizes

durante e depois da viagem?

Inclua no treinamento pelo menos um resumo dos conceitos básicos apresentados até agora neste livro. Enfatize, em particular, que somos todos pobres, apenas de maneiras diferentes. Esse conteúdo deve ser oferecido além do treinamento típico oferecido em formação de equipe, preparação espiritual e informações específicas do país, incluindo algumas habilidades básicas de idioma.

Programe o tempo de treinamento no campo para dois itens. Primeiro, peça aos membros da equipe que reflitam e discutam as maneiras pelas quais eles podem estar vendo as ideias do treinamento pré-viagem se tornando realidade. Segundo, forneça tarefas de aprendizado mais profundas sobre os tópicos introduzidos no treinamento pré-viagem.

O aprendizado pós-viagem é absolutamente crucial. Tenha uma jornada de aprendizado bem planejada e obrigatória *por pelo menos um ano após a viagem*. Esse acompanhamento usa uma abordagem de discipulado para ajudar a traduzir a experiência de viagem cara em um evento real que muda sua vida. Combinado com uma viagem bem projetada e executada, o aprendizado contínuo intencional e necessário melhorará os impactos das MCD para aqueles que vão.

Financiando a viagem

Quem paga e o que eles pagam é importante.

Exija que todos os membros de uma MCD paguem uma parte das despesas do próprio bolso. Por quê? Lembre-se, esta é uma

experiência de aprendizado, não uma viagem para salvar o mundo. É mais provável que os alunos valorizem seu treinamento se estiverem pagando por uma parte dele. Participar por algumas horas em um evento de arrecadação provavelmente não é um sacrifício suficientemente grande para as pessoas terem uma participação satisfatória em sua experiência educacional.

Considere doar o máximo de dinheiro para organizações que estão buscando um bom desenvolvimento comunitário na comunidade anfitriã, como você faz para as despesas da sua equipe. Isso pode incluir o pagamento de salários para missionários indígenas ou agentes de desenvolvimento comunitário, mas normalmente é melhor não apoiar um pastor indígena de uma igreja, pois isso pode minar a responsabilidade da congregação de pagar o salário do pastor. Geralmente é melhor não canalizar uma quantia tão grande de dinheiro para pequenas igrejas ou para indivíduos, mas para organizações que demonstraram registros de longo prazo do ministério de desenvolvimento com fortes sistemas de responsabilidade financeira e gerencial.

Missões de curta duração podem abençoar

Nós tentamos ajudá-lo a pensar sobre algumas das questões que cercam as viagens missionárias de curta duração para que você possa ver que elas não são um esforço “neutro”. Algo bom pode sair delas, mas elas também podem fazer mal. Se a sua igreja ou ministério considerar seriamente os prós e contras das MCD, comprometa-se a perguntar profundamente qual o papel que eles devem ou não devem desempenhar na sua estratégia global de missões e implemente muitas das sugestões deste capítulo, então você percorrerá um longo caminho, maximizando os benefícios potenciais e minimizando o possível dano das MCD.

Os próximos dois capítulos descreverão algumas outras maneiras possíveis para a sua igreja ministrar a pessoas materialmente pobres, tanto em seu país como no exterior, concentrando-se em várias estratégias de “desenvolvimento econômico”, intervenções que buscam aumentar a renda e a riqueza das pessoas.

Questões para reflexão e exercícios

Por favor, escreva respostas às seguintes perguntas:

1. Analise sua resposta à pergunta em “Pensamentos iiciais” no início deste capítulo. Suas visões mudaram? Se sim, como? Seja específico.
2. Pense nas viagens MCD que sua igreja está planejando para o futuro. Liste três ou quatro coisas específicas que você pode fazer para melhorar essas viagens. Como você realizará essas mudanças em sua igreja?
3. Você consegue pensar em alguma coisa alternativa que possa fazer com suas missões ou orçamentos ministeriais que possam ter um impacto maior do que as missões de curta duração? Quais são algumas ações específicas que você tomará para investigar essas alternativas?

Pensamentos iniciais

Considere as seguintes questões:

1. Que fatores - históricos ou contemporâneos - fizeram com que sua igreja estivesse localizada onde está?
2. Quais fatores fizeram você morar no seu bairro?
3. Você conhece pessoas pobres que moram perto da sua igreja ou perto do bairro em que você mora?

Capítulo 8

Sim, em seu quintal

Johnny Price é um negro desempregado de quarenta e quatro anos. O pai de Johnny morreu quando ele tinha apenas seis anos de idade, deixando a mãe de Johnny para sustentar dez filhos com seu escasso salário de empregada doméstica. Divorciado, Johnny se esforça para criar seus dois filhos sozinho, recebendo um seguro-desemprego de apenas US$ 1.168 por mês. Com uma hipoteca mensal de US$ 700, Johnny não consegue pagar as contas. E Johnny não é único; a taxa de pobreza em sua comunidade é de 14,4%.

A pobreza nos guetos das cidades norte-americanas é devastadora, mas não é onde Johnny mora. Se você mora nos subúrbios, então Johnny talvez more na sua cidade. De fato, a população dos subúrbios de hoje está cheia de pessoas como Johnny, incluindo Jodi, que ganha US$ 6,25 por hora e depende de uma despensa de alimentos para sua sobrevivência; Rosa, que mora em uma garagem sem aquecimento e diz que metade das pessoas em sua igreja estão em situação semelhante; e Juanita, uma imigrante recém-chegada, que trabalha setenta horas por semana como empregada doméstica com salários que chegam a US$ 4,03 por hora.[1]

Pela primeira vez na história dos EUA, mais pessoas pobres vivem nos subúrbios do que nas cidades.[2] Tanto os moradores tradicionais do centro da cidade quanto os novos imigrantes estão se mudando para os subúrbios em grande número, devido à maior disponibilidade de moradias mais baratas e empregos de baixa qualificação do que os existentes nos centros urbanos. Por isso, muitas igrejas suburbanas encontram-se agora nas linhas de

frente da guerra dos EUA à pobreza, mesmo sem perceber. Bob Lupton, que tem mais de trinta anos de experiência trabalhando no centro da cidade de Atlanta como Diretor do Serviço Urbano de Consulta Familiar, descreve esta nova realidade da seguinte forma: No passado, as pessoas das igrejas suburbanas - aquelas com consciência social - foram comutadas para a cidade para servir os pobres. Eles fizeram uma parceria com nosso ministério urbano para construir casas, ensinar as crianças e doar roupas usadas. Eles viajaram para a cidade porque é onde os pobres estavam concentrados. Tudo isso está mudando agora. Ainda há muitos bairros carentes na cidade, com certeza. Mas a pobreza está gradualmente, implacavelmente se tornando suburbana ... O velho e habitual modelo de ministérios, embora ainda necessário, está em declínio. Novos métodos de servir devem ser planejados para acomodar esses “diferentes” recém-chegados que estão aparecendo em comunidades outrora seguras, nas salas de aula de escolas outrora homogêneas.[3]

Uma das características complicadas da nova pobreza suburbana é que ela é menos visível do que a pobreza tradicional do centro da cidade. Estamos todos familiarizados com os projetos habitacionais urbanos de larga escala que parecem anunciar a pobreza de seus moradores para o mundo. Em contraste, os pobres suburbanos tendem a ser menos densamente concentrados e estão espalhados em complexos de apartamentos mais antigos, casas móveis, subdivisões de unidades de tijolos de aproximadamente 1950 e habitações de baixa renda construídas atrás de shoppings.[4] Os pobres suburbanos são fáceis de ignorar.

É claro que, eventualmente, esses pobres suburbanos se tornarão mais aparentes. E enquanto se tornam, será que as

igrejas evangélicas de classe média e alta irão fugir dos subúrbios, repetindo assim os erros do século 20, quando essas igrejas fugiram da pobreza e da mistura racial dos centros urbanos?[5] Será a mensagem dessas igrejas aos pobres novamente: “Não no meu quintal!”, enquanto carregam os bancos em vans móveis e se afastam ainda mais daqueles por quem Jesus se importa tão profundamente? Ou as igrejas evangélicas, suburbanas irão abraçar as oportunidades de ministério que estão chegando à sua porta, enquanto pessoas pobres de todas as línguas, tribos e nações se movem do outro lado da rua? Eles dirão, como a igreja primitiva fez: “Sim, no meu quintal!”

É claro que, além dos novos pobres suburbanos, a pobreza continua a se manifestar em tudo, desde guetos urbanos até a região rural dos Apalaches. Portanto, independentemente de onde sua igreja esteja localizada ou de onde você mora, é muito provável que você não precise viajar muito longe para encontrar pessoas materialmente pobres. O que os cristãos norte-americanos podem fazer para lidar com essa miríade de pobrezas? Embora cada contexto seja diferente, o capítulo seguinte descreve várias estratégias de desenvolvimento econômico que podem funcionar em uma ampla gama de configurações. Mas primeiro vamos considerar o ambiente econômico geral contribuindo para a pobreza nos Estados Unidos. Ao longo da discussão, é importante manter o objetivo geral em mente: AJUDA MATERIAL À POBREZA: Trabalhando para reconciliar os quatro relacionamentos fundamentais para que as pessoas possam cumprir seus chamados de glorificar a Deus, trabalhando e apoiando a si mesmos e suas famílias com o fruto desse trabalho.

Sistemas corrompidos e indivíduos corruptos

Pessoas pobres estão frequentemente à mercê de sistemas criados pelos poderosos. Assim, os esforços de redução da pobreza precisam abordar tanto os sistemas corrompidos quanto os indivíduos corruptos, usando abordagens altamente relacionais sempre que possível. Como isso se parece na paisagem norte-americana?

Como discutido no Capítulo 3, séculos de sistemas corrompidos - alguns intencionalmente opressivos e outros não - contribuíram para a pobreza na experiência negra americana. E a maioria dos leitores está bem ciente de que a opressão histórica também tem sido um dos principais contribuintes para a pobreza dos nativos americanos. Como resultado dessas histórias, o campo de jogo não está nivelado no início do século 21. Mesmo se não houvesse discriminação presente - e existe - muitas pessoas entram neste século com desvantagens distintas, algumas das quais dificultam muito sua capacidade de funcionar em uma economia global cada vez mais integrada.

A globalização está expondo os trabalhadores norte-americanos ao aumento da concorrência de trabalhadores de baixa renda em todo o Mundo Majoritário. As economias emergentes estão expandindo seus setores manufatureiros, criando assim empregos muito necessários para as pessoas mais pobres do planeta. Correspondendo a isso, a produção norte-americana está se afastando da manufatura básica para serviços e setores intensivos em conhecimento, aumentando a demanda por trabalhadores altamente qualificados nos EUA. Infelizmente, as

oportunidades de emprego e os salários dos operários nesses setores são menores do que nos empregos tradicionais de manufatura. Assim, os operários norte-americanos estão sendo pressionados, e é provável que essa tendência continue e acelere nas próximas décadas. Além disso, a interconexão da economia global está criando maior volatilidade.

Johnny Price, o homem mencionado no início deste capítulo, é um excelente exemplo dessas dinâmicas. Johnny trabalhou por dezenove anos para um fabricante têxtil a cerca de trinta minutos de Greensboro, na Carolina do Norte. Seu salário de quinze dólares por hora, mais benefícios, era suficiente para permitir-lhe obter uma hipoteca e criar sua família em um bairro de classe média. Mas as demissões em toda a empresa forçaram Johnny a voltar para a escola na faculdade comunitária local, onde ele espera desenvolver habilidades suficientes para evitar trabalhar como balconista mal pago em uma loja de departamentos próxima.[6] Desemprego e salários baixos, emprego no setor de serviços ocupando o lugar de empregos com salários mais altos é um dos principais contribuintes para a pobreza nos Estados Unidos hoje.

É claro que os problemas de emprego das pessoas pobres não se devem apenas aos sistemas econômicos nacionais e internacionais. Muitas pessoas pobres têm problemas comportamentais que os tornam menos que trabalhadores ideais. Além disso, historicamente alguns desses comportamentos foram exacerbados por um sistema de bem-estar social que penalizou o trabalho ao remover os benefícios à medida que os ganhos das pessoas aumentavam. A legislação de reforma do Estado de Bem-Estar de 1996 aumentou muito incentivos de trabalho, baixando o

período da assistência contínua a dois anos e assistênica vitalícia a cinco anos. Além disso, o recebimento de benefícios previdenciários era subordinado ao trabalho, à procura de trabalho ou à obtenção de educação adicional ou treinamento profissionalizante. Como resultado dessas reformas, ser capaz de trabalhar é mais uma vez crucial para a sobrevivência econômica, tornando imperativo que os trabalhadores superem quaisquer características comportamentais que prejudiquem sua empregabilidade.

Habilidades que os trabalhadores precisam

A globalização econômica destaca a necessidade de um sistema educacional forte que produza trabalhadores não apenas com treinamento vocacional, mas também com habilidades gerais suficientes e capacidade básica de aprender, para que possam se adaptar a uma economia global em rápida mudança. O trabalho que uma pessoa tem hoje poderia facilmente desaparecer amanhã, então as pessoas precisam ser capazes de se adaptar, se exercitar novamente e aprender novas habilidades.

Infelizmente, não há maior perpetuação da injustiça histórica nos Estados Unidos do que financiamento para o sistema educacional público. Como as escolas públicas dependem em grande parte das receitas fiscais estaduais e municipais para cumprir seus orçamentos, as escolas nos estados e localidades mais pobres têm necessariamente menos recursos por aluno. Além disso, as fórmulas usadas para doar fundos nacionais, estaduais e locais mostraram alocar significativamente menos recursos para distritos escolares pobres, exacerbando as disparidades econômicas que já existem.[7] O resultado final são grandes variações nos gastos por aluno, com alguns distritos escolares gastando 300% a mais por aluno do que outros.[8] O financiamento inadequado de escolas em comunidades pobres é um fator que contribuir para haver graduados despreparados que então ganham salários baixos e pagam pouco em impostos escolares. E então o ciclo vicioso se repete.

Naturalmente, a falta de dinheiro não é o único problema em escolas que falham. Corações pecaminosos, cosmovisões

distorcidas e valores ruins, muitos dos quais podem ser transmitidos por meio de “culturas de pobreza”, como o niilismo do gueto, contribuem significativamente para o desempenho insatisfatório dos alunos. Mas não nos esqueçamos de que as forças locais, nacionais e até internacionais, incluindo centenas de anos de discriminação racial, contribuíram para a formação desses guetos em primeiro lugar. Mesmo se não houvesse qualquer discriminação racial atual - e existe, a praga da discriminação histórica é perpetuada através do sistema educacional americano.

A importância da acumulação de riqueza

A globalização econômica também destaca a necessidade de riqueza, não apenas renda, na luta contra a pobreza. Renda é o *fluxo* de receita que uma família recebe de seus salários, juros e dividendos. Riqueza é o *estoque* de ativos que uma família tem de sua poupança ou herança, incluindo contas bancárias, ações e títulos e patrimônio em casa.

A acumulação de riqueza desempenha três papéis distintos no enfrentamento da pobreza. Primeiro, a riqueza fornece o amortecedor que pessoas como Johnny Price precisam para sobreviver quando são demitidas de um emprego. Na maioria das recessões, os pobres são os primeiros a serem demitidos, mas têm menos recursos para sobreviver. Em um clima econômico cada vez mais volátil, a riqueza é necessária para superar a tempestade. Segundo, a riqueza gera renda adicional: ações e títulos pagam dividendos, casas valorizam e carros permitem que as pessoas trabalhem para ganhar salários. Terceiro, o processo de guardar e gerenciar a riqueza desenvolve atitudes positivas e autodisciplina, exigindo que as pessoas substituam uma mentalidade de sobrevivência “viva para o hoje” por uma mentalidade de investimento “viva para o futuro”.[9]

Infelizmente, embora a política pública tenha historicamente encorajado a acumulação de riqueza para pessoas de classe média alta, ela frequentemente desencorajou a acumulação de riqueza para os pobres. As pessoas de classe média alta são encorajadas a acumular riqueza por meio de coisas como previdência privada com imposto diferido (e muitas vezes com contribuição do empregador) (PGBL, VGBL, Seguro de Vida...) e

deduções de imposto sobre juros de hipotecas. Ao mesmo tempo, os pobres foram forçados a esgotar seus ativos antes de se qualificarem para a assistência social e foram penalizados com a perda de benefícios se, de alguma forma, conseguirem poupar e investir demais! O resultado final é que muitas famílias pobres são altamente vulneráveis a choques econômicos e incapazes de pensar em seus futuros financeiros.[10]

É claro que não há melhor exemplo de um choque econômico do que a crise das hipotecas *subprime* que abalou o mundo no final de 2008, uma crise que ilustra outra característica do sistema econômico corrompido: credores inescrupulosos, corretores de hipotecas e avaliadores tirando proveito dos financeiramente doentes e mal informados. De fato, habilidades inadequadas de gerenciamento de dinheiro - orçamentação, planejamento para o futuro e compreensão das transações financeiras - impedem que muitas pessoas pobres obtenham o máximo de seus rendimentos e construam sua riqueza.

Habitação e seguro-saúde

A crise das hipotecas *subprime* também destaca outra realidade sistêmica enfrentada por pessoas como Johnny Price: a falta de moradias a preços acessíveis. Enquanto os salários e as oportunidades de emprego para trabalhadores operários diminuem, as despesas com habitação continuaram a crescer. Mesmo antes da crise das hipotecas *subprime*, 47% das famílias de baixa renda nos Estados Unidos estavam "gravemente sobrecarregadas" pelos custos de moradia, o que significa que gastavam mais de 50% de suas rendas com suas residências, deixando apenas em média US$ 257 por mês para gastar em alimentos, US$ 29 para roupas e US$ 9 para seguros-saúde.[11]

E isso nos leva ao grande problema sistêmico que os pobres enfrentam nos Estados Unidos: acesso inadequado a seguros-saúde acessíveis. Em 2007, 42% dos adultos que trabalhavam nos Estados Unidos não tinham seguro ou estavam sub-segurados, e 37% relataram ficar sem os cuidados necessários devido ao aumento dos custos.[12] Além disso, existem disparidades socioeconômicas consideráveis. Minorias e pessoas pobres têm seguros-saúde significativamente inferiores em comparação com o resto da população.[13]

Em resumo, os pobres dos Estados Unidos poderiam se beneficiar de todos os seguintes aspectos: (1) a capacidade de trabalhar em empregos com salários dignos, (2) a capacidade de administrar seu dinheiro, (3) a oportunidade de acumular riqueza e (4) maior oferta de educação de qualidade, habitação e seguros-saúde a preços acessíveis. Além disso, como todos nós, as pessoas pobres precisam de ministérios altamente relacionais -

entregues através do corpo de Jesus Cristo - que os ajudem a superar os efeitos da queda em seus corações, mentes e comportamentos individuais.

Atendendo as necessidades

A discussão a seguir foca as maneiras de abordar as três primeiras necessidades listadas acima - emprego, gestão financeira e acumulação de riqueza - porque todas elas se enquadram no foco deste livro em ajudar as pessoas pobres a trabalhar e sustentar a si mesmas e a suas famílias com o fruto de seu trabalho; isto é, todos eles fazem parte do setor de "desenvolvimento econômico" do enfrentamento da pobreza. Além disso, essas intervenções são geralmente mais fáceis para as igrejas do que aumentar a oferta de educação, moradia e assistência médica. Não obstante, reconhecemos que aumentar a oferta desses serviços é profundamente importante e que algumas igrejas e ministérios têm perseguido com sucesso essas estratégias.

Embora cada uma das intervenções de desenvolvimento econômico discutidas no restante deste capítulo desempenhe papéis únicos, elas são semelhantes, na medida em que todas elas:

- Usam o desenvolvimento em vez do alívio, porque a grande maioria das pessoas pobres nos Estados Unidos [e no Brasil] é capaz de participar da melhoria de suas vidas;
- Melhoram alguns aspectos do sistema econômico ou permitir que pessoas pobres usem o sistema existente de forma mais eficaz;
- Usam uma abordagem baseada em ativos que se baseia nas habilidades, inteligência, trabalho, disciplina, economia, criatividade e coragem das pessoas pobres;

- Têm o potencial para ser projetado, implementado e avaliado de forma participativa;
- Proporcionam uma oportunidade de usar currículos baseados na Bíblia, permitindo uma apresentação clara do evangelho e a abordagem de questões de cosmovisão;
- Usam equipes de orientação da igreja que possam oferecer amor, apoio e encorajamento, proporcionando uma abordagem relacional que busque restaurar a dignidade das pessoas (relacionamento com o eu), comunidade (relacionamento com os outros), mordomia (relacionamento com o resto da criação), intimidade espiritual (relacionamento com Deus);
- São implementados em períodos de tempo relativamente longos, criando assim espaço para “desenvolvimento”, o processo de mudança e reconciliação contínuas, tanto para os “ajudantes” como para os “ajudados”.

Ministérios de preparação para o trabalho

Clive cresceu em um conjunto habitacional no bairro de *Cleaborn and Foote*, no centro de Memphis, Tennessee, um dos bairros mais pobres dos Estados Unidos. Clive seguiu o caminho estereotipado de muitos moradores do gueto, envolvendo-se em gangues, drogas, violência e prisão. Num determinado momento, Clive quase morreu de um ferimento de bala. Hoje, Clive é o "funcionário do mês" no depósito onde trabalhou pelo último ano. Ele também é um seguidor de Jesus Cristo.[14]

Clive é apenas uma das mais de cem pessoas a se formar em 2008 pelo programa de treinamento *Jobs for Life* (JFL) oferecido pelo *Advance Memphis*, um ministério cristão que trouxe esperança ao bairro de *Cleaborn and Foote* nos últimos dez anos. Só nos primeiros dez meses de 2008, oitenta e três graduados do curso JFL oferecido pela *Advance* encontraram emprego; e sem qualquer marketing, o curso está excluindo pessoas pobres de suas aulas de preparação para o trabalho porque a demanda é maior do que o número de assentos disponíveis. Pessoas pobres querem emprego!

A *Advance Memphis* é uma das 130 afiliadas da rede nacional *Jobs for Life*, que mobiliza igrejas e ministérios cristãos para ajudar os pobres a encontrar e manter empregos. Uma afiliada da JFL como a *Advance* coordena três componentes do ministério:

1. Treinamento em sala de aula para pessoas pobres que enfatiza o desenvolvimento de "habilidades interpessoais" por uma perspectiva bíblica. Habilidades interpessoais são capacidades gerais, não técnicas, como uma sólida ética de

trabalho, a capacidade de trabalhar em equipe e fortes habilidades de comunicação. Em contraste, “competências técnicas” incluem o conhecimento técnico necessário para trabalhos específicos; por exemplo, um mecânico de automóveis precisa saber como um motor funciona. O JFL desenvolve habilidades sociais usando um currículo baseado na Bíblia que aborda questões como planejamento de carreira, o valor inerente do trabalho, boas atitudes, integridade pessoal, respeito pela autoridade, resolução de conflitos, responsabilidade, pontualidade, vestimenta apropriada *etc.*

2. Mentores, chamados de “campeões”, fornecem apoio e incentivo aos participantes do JFL, ajudando-os a superar os obstáculos que impedem sua capacidade de concluir o curso, conseguir um emprego ou lidar com a vida. Embora a orientação individual seja possível, as equipes de orientação das igrejas serão mais capazes de manter relacionamentos por longos períodos de tempo, já que o processo de orientação pode ser exaustivo.
3. As empresas fazem convênios para fornecer entrevistas, oportunidades de trabalho e ambientes de trabalho de apoio aos graduados da JFL. Isso representa uma tremenda oportunidade para os homens de negócios cristãos servirem o reino ajudando as pessoas pobres a terem um novo começo no cumprimento dos chamados que Deus lhes deu. O ideal é que os empregadores entrem em contato com os mentores para que possam trabalhar juntos para estimular o estudante do JFL durante os altos e baixos do trabalho.

O JFL representa um exemplo poderoso de como um

ministério de preparação para o trabalho pode lidar com a corrupção dos sistemas e indivíduos, a fim de promover a reconciliação dos quatro relacionamentos principais, permitindo assim que as pessoas glorifiquem a Deus através do trabalho. Ao transmitir habilidades interpessoais, oferecer estruturas de apoio e fornecer redes para oportunidades de trabalho, o JFL torna o sistema econômico acessível a pessoas pobres. Além disso, o treinamento baseado na Bíblia e a abordagem altamente relacional abordam a corrupção no nível individual. O resultado é que mais de 80% dos participantes do JFL em todo o país mantêm emprego por pelo menos um ano após formados; uma taxa de sucesso notável.[15]

O treinamento de habilidades interpessoais em ministérios de preparação para o trabalho oferece um primeiro passo crucial para que os pobres sejam empregados. Uma pesquisa nacional solicitou que as empresas listassem as qualidades que procuravam nos beneficiários da previdência social que solicitavam cargos de nível de entrada. De uma lista de doze qualidades positivas, os empregadores foram convidados a escolher as três que consideravam mais importantes. A Figura 8.1 resume as respostas, os números ao lado de cada qualidade, especificando a porcentagem de empregadores que listou essa qualidade como um dos três que eles consideram mais importantes.[16] Note que ter conhecimento específico do trabalho, o tipo de conhecimento que seria adquirido através do treinamento de “habilidades técnicas”, foi listado como a qualidade menos importante, enquanto as qualidades que podem ser obtidas através do treinamento com “habilidades interpessoais” foram listadas como as mais importantes.

Qualidades listadas como mais importantes em candidatos para trabalho



Figura 8.1

Marsha Regenstein, Jack A. Meyer e Jennifer Dickemper Hicks, Job Prospects for Welfare Recipients: Employers Speak Out (Washington, DC: Instituto Urbano, 1998), New Federalism Issues and Options for States, Série A, No. A-25, Agosto.

Os cargos de nível de entrada não pagam bem, por isso as pessoas pobres muitas vezes precisam de treinamento adicional em capacitação para poderem aumentar seus salários. Embora as igrejas normalmente não tenham a capacidade de fornecer tal treinamento, elas podem ajudar as pessoas a identificar seus objetivos vocacionais de longo prazo e ajudá-los a aprofundar sua educação em faculdades comunitárias e escolas vocacionais. É claro que voltar para a escola custa dinheiro, um problema que será tratado mais adiante na seção sobre acumulação de riqueza.

Ministérios de educação financeira

Isaac, um negro de quase 30 anos, dirige-se para a *Title Brokers*[17] em uma minivan enferrujada que precisa de um novo silenciador. Em troca do documento do carro e um conjunto de chaves, Isaac recebe um cheque de US$ 600. No final do mês, ele deve US $750, o que equivale a uma taxa percentual anual (TPA) de 300%. Se ele não conseguir pagar dentro de noventa dias, ele deverá US$ 1.172, refletindo uma TPA de 381%. “Se eu não estivesse em uma situação tão desesperada, eu não voltaria. Estou envergonhado de estar aqui porque esses caras depenam as pessoas. Eu deveria estar investindo isso [dinheiro] em meus filhos”.[18]

A história de Isaac está se tornando muito comum. Os bairros pobres estão repletos de corretores de financiamento, corretoras que não exigem fiança, credores de crédito consignado, casas de penhores e credores que exigem carro em garantia; todos cobrando taxas de juros muito altas, muitas vezes enterrando pessoas em um ciclo de dívidas. Por exemplo, um empréstimo de duas semanas de duzentos a trezentos dólares desses credores cobra uma média de juros de mais de 400% de TPA, e a maioria dos que pegaram empréstimo consignado têm que renovar seus empréstimos várias vezes, incorrendo em taxas adicionais no processo. O mutuário médio gasta US$ 800 para pagar um empréstimo de US$ 325.[19]

Muitas pessoas pobres não entendem os termos dos empréstimos, deixando-os abertos a abusos por parte de credores inescrupulosos, muitos dos quais se envolvem em fraude direta. De fato, pesquisas descobriram que a falta de educação financeira

contribui significativamente para as pessoas serem vítimas de tais esquemas.[20]

É claro que, mesmo sem a recente explosão no número de credores predatórios, muitas pessoas pobres - e muitas pessoas em geral - carecem de conhecimento e disciplina para administrar bem seu dinheiro. Isso cria uma tremenda oportunidade para as igrejas e ministérios fornecerem educação financeira básica usando qualquer modelo de currículos baseados na Bíblia que existam disponíveis. Os tópicos geralmente abordados incluem mordomia cristã, orçamento, estabelecimento de metas, poupança, redução da dívida, registro de gastos, dízimo, impostos, serviços bancários, gerenciamento de crédito e muito mais. Um sólido programa de educação financeira deve fazer parte do kit de ferramentas de cada diácono e conselheiro da igreja. O treinamento pode ser feito individualmente ou em grupos, e uma equipe de mentores pode fornecer prestação de contas e ministério relacional, acompanhando os alunos para promover o desenvolvimento a longo prazo.

Escolher o melhor currículo não é fácil. É crucial que a sua igreja ou ministério compreenda o nível educacional de sua população-alvo, necessidades de treinamento, características culturais, estilos de aprendizagem e questões de cosmovisão. Se você estiver ministrando para uma variedade de populações, talvez seja necessário usar mais de um programa de ensino. Idealmente, o conteúdo bíblico desses currículos seria projetado para abordar as lutas espirituais e de cosmovisão específicas dos formandos de uma maneira culturalmente amigável. Programas de ensino cheios de imagens de brancos de classe média não são a melhor maneira de construir a dignidade de negros, latinos ou

indígenas americanos pobres. Sua igreja ou ministério pode querer gastar alguns recursos contextualizando os programas existentes para melhor atender sua população-alvo.

Os ministérios de educação financeira podem ajudar a mitigar o problema da empregabilidade com baixo salário, ajudando os alunos a usar o Credito de Imposto de Rendimento de Trabalho (EITC[21]) do governo dos EUA. Iniciado em 1975, o EITC oferece aos trabalhadores de baixa renda um crédito tributário para cada dólar de salário recebido. Além disso, mesmo que o trabalhador não declare imposto de renda, ele ainda é elegível para o EITC e pode receber esses fundos como um cheque de reembolso do governo federal. Atualmente, um trabalhador de baixa renda com dois ou mais filhos é elegível para um crédito a uma taxa de 40%, o que significa que um trabalhador que ganha oito dólares por hora pode obter um adicional de US$ 3,20 do governo federal. A taxa de subsídio diminui à medida que os ganhos aumentam, mas o impacto geral ainda pode ser bastante dramático. Por exemplo, um chefe de família que trabalha em tempo integral a oito dólares por hora ganha US$ 16.000 por ano, o que está abaixo da linha da pobreza para uma família de quatro pessoas. O EITC concede a essa família mais US$ 4.536, proporcionando que vivam acima da linha da pobreza.[22]

O EITC muda o sistema econômico para que um pobre possa trabalhar e sustentar a si mesmo e a sua família através desse trabalho. Beneficiando-se de um forte apoio bipartidário, o EITC foi drasticamente expandido e é agora o maior programa federal de assistência a famílias trabalhadoras de baixa renda. Em 2003, o EITC levantou 4,4 milhões de pessoas com status financeiro acima da linha da pobreza, com mais da metade dessas pessoas sendo

crianças. Sem o EITC, estima-se que a taxa de pobreza infantil seria 25% maior.[23]

Infelizmente, cerca de 15 a 25% das pessoas elegíveis para o EITC não o reivindicam.[24] Muitas pessoas simplesmente desconhecem o EITC ou não sabem como acessá-lo. As igrejas podem prestar um tremendo serviço aos pobres, ajudando-os a requerer o EITC como parte de um ministério de educação financeira.

Ministérios de acúmulo de riqueza

Veralisa estava lutando para deixar a assistência social e sustentar a si mesma e a seus dois filhos fazendo joias. Mas sua renda para o ano totalizou menos de seis mil dólares, e então ela recebeu a dolorosa notícia de que havia desenvolvido câncer, possivelmente como resultado dos produtos químicos que estava usando em seu negócio de joalheria. Uma agência do governo encaminhou Veralisa à *Covenant Community Capital*, uma organização religiosa em Houston, Texas, que ajuda famílias de baixa renda a escapar do ciclo da pobreza construindo habilidades de gerenciamento de dinheiro e ajudando-as a adquirir ativos que crescem em valor ao longo do tempo.

Veralisa se inscreveu no Programa de Contas de Desenvolvimento Individual (IDA[25]) da *Covenant Community Capital*, que premia as economias mensais de famílias pobres que trabalham, fornecendo uma combinação de economia de dois para um. Veralisa recebeu sua renda economizando alguns de seus dólares suados e participando de cursos de educação em finanças

pessoais e aulas para se tornar corretora de imóveis, que eram uma parte obrigatória do Programa IDA.

Veralisa se formou no programa quinze meses depois, negociando sua primeira casa por US$ 52.000 com um adiantamento que veio de suas próprias economias, mais fundos correspondentes do *Covenant Community Capital* e fundos adicionais de várias outras organizações. Com uma confiança renovada, Veralisa continuou a aumentar sua renda e se matriculou na Universidade de Houston. Três anos depois, o câncer de Veralisa está em remissão e ela pagou sua hipoteca.[26]

Os Programas IDA procuram construir a riqueza das pessoas pobres, incentivando-os a economizar dinheiro com a renda que recebem. As poupanças das pessoas são equiparadas em proporções que normalmente variam de um para um a três para um, desde que a poupança e os fundos correspondentes sejam usados para adquirir um ativo, como uma casa, capital de negócios, educação, um carro *etc.* Os fundos correspondentes são liberados para o fornecedor do ativo - por exemplo, um credor hipotecário - para garantir que os fundos sejam usados para a finalidade pretendida. Os fundos correspondentes para os Programas IDA podem vir de igrejas, doadores individuais, fundações, instituições financeiras e governos federais e estaduais.

Durante o tempo em que os participantes estão economizando - um período que leva em média de dois a três anos -, eles normalmente recebem uma educação financeira que busca melhorar sua capacidade de orçar e gerenciar seus recursos. Além disso, geralmente há treinamento relacionado ao ativo que o participante deseja adquirir, como treinamento de gerenciamento

de pequenas empresas ou cursos de administração do lar.

Claramente, os IDAs só podem funcionar se os pobres são capazes e estão dispostos a economizar. Esta questão foi examinada extensivamente em um estudo sistemático que acompanhou 2.364 participantes do IDA em catorze programas por quatro anos e meio. O estudo constatou que os depósitos de poupança líquidos mensais médios por participante totalizaram US$ 19,07, e que os participantes fizeram depósitos em cerca de seis em cada doze meses. Com o dinheiro correspondente, os participantes acumularam aproximadamente setecentos dólares por ano. Quando as pessoas pobres recebem incentivos de poupança que são semelhantes aos dos não-pobres, por exemplo, em planos de contribuição definida por uma taxa convencional, eles podem poupar em quantidades suficientemente grandes para adquirir o montante de que necessitam.[27]

Os Programas IDA também podem ser usados para ministrar aos jovens, ajudando-os a desenvolver padrões de poupança e a planejar seus futuros. Os currículos dinâmicos de empreendedorismo e educação financeira voltados para os jovens podem ser usados para aumentar a parcela de poupança correspondente do ministério.

Os IDAs estão dentro da capacidade da maioria das igrejas porque podem ser operados em uma escala muito pequena de um a cinco participantes. Os diáconos ou líderes ministeriais podem administrar o programa, e os fundos correspondentes podem vir de uma única congregação ou de outras igrejas em sua denominação ou rede de igrejas.

Os Programas IDA podem ser estratégias poderosas de acumulação de riqueza para pessoas de todas as idades, mas são

muito mais do que isso. Como os participantes estão no programa há vários anos, as equipes de mentoria e a equipe do programa têm ampla oportunidade de acompanhá-los em relacionamentos restaurativos, ajudando tanto os pobres quanto os mentores a terem um senso renovado de dignidade e esperança para desenvolver novos padrões de comportamento, e mais importante: para experimentar a cura de Jesus Cristo.

Questões para reflexão e exercícios

Por favor, escreva respostas para as seguintes perguntas:

1. Reflita novamente sobre as questões nos “Pensamentos iniciais” no início deste capítulo. A localização da sua igreja é um sintoma da “fuga branca” do século 20, em que famílias e igrejas de classe média alta fugiram dos centros das cidades para os subúrbios? Se assim for, como você e sua igreja devem responder a essa situação em termos de um entendimento bíblico de justiça para os pobres?
2. Descubra onde os pobres mais próximos moram na sua igreja. Boas pessoas a serem perguntadas incluem trabalhadores de serviços sociais do governo local, entidades sem fins lucrativos e agentes imobiliários. Você pode até encontrar dados do setor censitário para sua igreja a partir de dados on-line. Um tutorial para acessar esses dados está disponível no seguinte URL mantido pelo FASTEN: http://www.fastennetwork.org/Display.asp?Page=Census.
3. Depois de localizar pessoas ou comunidades pobres, comece a pensar em maneiras de começar a desenvolver relacionamentos com eles usando os conceitos e abordagens descritos nos Capítulos 5 e 6.
4. Pergunte a quaisquer empresários cristãos que você conheça se eles estariam dispostos a oferecer uma oportunidade de emprego a uma pessoa pobre. Descubra quais passos você poderia adotar como igreja para tornar essa ideia mais palatável para esses empresários.

5. Sua igreja poderia fornecer emprego temporário para pessoas pobres por meio de oportunidades para fazer trabalhos de jardinagem, limpeza, reparos etc.?
6. Visite um bairro pobre e liste o número de corretores de empréstimo, corretoras de imóveis, bancos que fazem empréstimo consignado, casas de penhores e credores que usam carro como garantia. Peça a alguns deles que lhe expliquem os termos do empréstimo.
7. Considere obter treinamento adicional em preparação para empregos, educação financeira e ministérios de acumulação de riqueza. Explore os recursos de treinamento e as oportunidades que estão disponíveis no Centro Chalmers de Desenvolvimento Econômico (www.chalmers.org).

Pensamentos iniciais

Pergunte a uma igreja, missionário ou pequeno ministério que esteja trabalhando no Mundo Majoritário as seguintes perguntas:

Você já emprestou dinheiro a uma pessoa pobre?

Você teve algum problema em receber o empréstimo?

Quais são os sucessos e fracassos que você experimentou neste processo?

Capítulo 9

Até os confins da Terra

Em 1976, um professor de economia virtualmente desconhecido visitava uma aldeia na área rural de Bangladesh durante uma fome devastadora. Lá ele encontrou Sufiya, uma mulher muito pobre que lutava para sustentar sua família tecendo bancos de bambu. Sufiya estava presa. Ela precisava pedir emprestado vinte e dois centavos por dia para comprar materiais, mas os bancos não emprestavam para ela porque ela não tinha garantias aceitáveis e seu tamanho de empréstimo desejado era muito pequeno. Como resultado, Sufiya foi obrigada a contrair empréstimos de agiotas, cujas taxas exorbitantes de juros a deixaram com apenas dois centavos de lucro ao final de uma jornada de trabalho de doze horas. Os vizinhos de Sufiya expressaram frustração semelhante, enfrentando taxas de juros que variam de 10% por semana (520% ao ano) a 10% ao dia (3.650%) ao ano. O professor enfiou a mão no bolso e emprestou a Sufiya e a quarenta e um de seus vizinhos um *total* de vinte e sete dólares. Para espanto dos observadores, os empréstimos foram integralmente reembolsados no prazo.[1] Ao contrário da sabedoria recebida, era possível emprestar dinheiro a pessoas muito pobres e receber o pagamento de volta!

Trinta e cinco anos depois, aquele professor de economia, Dr. Muhammad Yunus, ganhou um Prêmio Nobel, e o Grameen Bank, que ele estabeleceu para fornecer crédito às pessoas mais pobres de Bangladesh, tem 7,58 milhões de pobres mutuários e emprestou US$ 7,4 bilhões desde a sua fundação em 1976. Mais

de 98% dos empréstimos do Grameen foram pagos, o que significa que o dinheiro do Grameen pode ser emprestado e re-emprestado para os pobres repetidas vezes![2] Além disso, o trabalho do Dr. Yunus gerou o movimento global de microcrédito (MC), que visa atingir 175 milhões das famílias mais pobres do mundo com empréstimos e outros serviços financeiros (por exemplo, poupança e seguro) até o final de 2015.[3] De fato, MC, o que às vezes também é chamado de “desenvolvimento para microempresas”, tornou-se uma das principais estratégias para levar o empoderamento econômico a pessoas pobres no Mundo Majoritário.

Mais difícil do que parece

Grace Fellowship Church está localizada no subúrbio de uma cidade norte-americana. Durante décadas, Grace tem trabalhado com uma rede de igrejas no oeste de Uganda, tentando ajudar esta rede a atender as necessidades espirituais e físicas de suas congregações e comunidades. Ao longo dos anos, Grace gastou muito dinheiro ajudando-os a construir igrejas, administrar orfanatos e a pagar os salários dos pastores.

Como homem de negócios, John estava ficando frustrado com a abordagem de Grace em Uganda. Embora John acreditasse que a Bíblia vocacionou Grace para compartilhar sua riqueza com suas igrejas irmãs em Uganda, a situação estava começando a parecer um buraco negro. Após décadas de ajuda, a realidade é que as igrejas em Uganda não estavam nem remotamente perto de serem financeiramente autossuficientes. As congregações ainda eram pobres; as comunidades ainda eram pobres; e os pastores e funcionários precisavam de doações contínuas da Grace. Parecia que nunca terminaria.

Depois de ler sobre o Grameen Bank, John ficou muito animado. Talvez Grace pudesse ajudar a rede de igrejas ugandenses a imitar o banco fazendo pequenos empréstimos a pessoas pobres dentro e fora de suas congregações. Além de ser um grande ministério, isso poderia ajudar na renda de todos e aumentar a quantidade de dinheiro colocada no pires. Eventualmente, haveria dinheiro suficiente para financiar os salários dos pastores e funcionários e pagar pelos ministérios das igrejas. O melhor de tudo, porque o dinheiro poderia ser emprestado e re-emprestado repetidamente, o programa poderia durar perpetuamente. John sentiu como se tivesse encontrado a solução para o buraco negro.

John discutiu sua estratégia com os outros membros do ministério de missões e logo compartilharam sua empolgação. Alguns meses depois, John fez uma viagem de duas semanas a Uganda para ajudar as igrejas de lá a montar um plano de negócios para um programa de MC. John os deixou com um cheque de vinte mil dólares para começar a fazer empréstimos. Seis meses depois, todo o dinheiro foi emprestado. Doze meses depois, quase nada foi pago, e as igrejas em Uganda estavam pedindo à Grace mais dinheiro para reabastecer seu programa de MC. O buraco negro era maior do que nunca.

Embora possa haver algumas exceções em contextos específicos, a experiência da Grace Fellowship é muito comum. Muitas igrejas, missionários e ministérios dos Estados Unidos têm tentado usar o MC como parte de seu alcance global. Infelizmente, eles geralmente descobrem que imitar o Grameen Bank é muito mais difícil do que imaginavam. Os empréstimos geralmente não são pagos, drenando os orçamentos dos ministérios e fazendo

com que alguns programas entrem em colapso completo. Todos se machucam no processo: as igrejas, ministérios e missionários norte-americanos; as igrejas e ministérios parceiros no Mundo Majoritário; e - mais importante - os próprios pobres.

Este capítulo examina o ambiente econômico que os pobres enfrentam no Mundo Maioritário e sugere três maneiras altamente estratégicas para igrejas, missionários e ministérios usarem o desenvolvimento econômico para impactar as vidas dos materialmente pobres no Mundo Maioritário: (1) Use formas apropriadas de MF; (2) Apoie a formação em gestão de pequenas empresas, administração financeira doméstica e tópicos relacionados; e (3) Persista em *business as mission*.[4] Ao longo da discussão, é importante manter o objetivo geral em mente:

AJUDA MATERIAL À POBREZA:

Trabalhando para reconciliar os quatro relacionamentos fundamentais para que as pessoas possam cumprir seus chamados de glorificar a Deus, trabalhando e apoiando a si mesmos e suas famílias com o fruto desse trabalho.

Sistemas corrompidos e indivíduos corruptos

Sistemas econômicos corrompidos contribuem para a pobreza material, e em nenhum lugar isso é mais verdadeiro do que no Mundo Maioritário, onde o desemprego é desenfreado e cerca de 2,6 bilhões de pessoas vivem com menos de dois dólares por dia.[5] A grande maioria dessa pobreza é crônica, exigindo desenvolvimento de longo prazo, não alívio (veja o Capítulo 4).

A maioria dos economistas acredita que a chave para o crescimento econômico dos países do Mundo Majoritário é que esses países estabeleçam empresas de manufatura em grande escala. Quando isso acontecer, haverá mais empregos disponíveis

para os pobres e a pobreza material acabará se dissipando. O problema é que a criação de firmas manufatureiras no Mundo Maioritário não está acontecendo com rapidez suficiente para absorver as populações em expansão. Como resultado, muitas pessoas pobres dependem do trabalho autônomo em pequenas propriedades ou microempresas, empreendimentos simples que empregam menos de dez pessoas.

Muitos pesquisadores e profissionais acreditam que a principal dificuldade enfrentada pelos agricultores e microempresários pobres é a falta de acesso a capital para comprar equipamentos e outros insumos. Os bancos tradicionais não estão disponíveis em muitas regiões, e os bancos que existem normalmente não acham lucrativo fornecer empréstimos ou contas poupança para pessoas muito pobres. Como resultado, as pessoas mais pobres do planeta não têm acesso aos serviços típicos de poupança e empréstimo que o restante de nós tem como garantidos, serviços que eles precisam para adquirir o capital para seus sítios e microempresas.

Na ausência de tais serviços bancários, pessoas pobres como Sufiya são frequentemente obrigadas a pedir dinheiro emprestado a agiotas, com taxas de juros extremamente altas. Alternativamente, eles podem tentar acumular capital economizando seu dinheiro sob o colchão, mas esse dinheiro pode ser facilmente roubado. Além disso, os segredos são difíceis de manter nas favelas, e o “primo distante Jake” parece precisar de assistência financeira toda vez que algum capital é acumulado. Desejando retirar suas economias de casa, as pessoas pobres às vezes dão seu dinheiro para um “poupador-agiota”, que manterá suas economias em um “lugar seguro” até que elas precisem. O poupador-agiota não oferece esse serviço gratuitamente, cobrando

até 80% de juros por simplesmente manter o dinheiro das pessoas.[6] Imagine economizar dez dólares ao longo do ano e depois ter apenas dois dólares depois de pagar ao banco pelo depósito!

Por que as pessoas pobres estariam dispostas a pagar tanto? Empréstimos ou poupanças são necessários para acumular o capital que os pobres precisam para operar seus sítios ou microempresas, que muitas vezes são sua única fonte de renda. E sem capital, eles não podem comprar o remédio para salvar seu bebê de morrer, pagar por um casamento ou um funeral, investir na educação de seus filhos, ou remendar o telhado com vazamento sobre suas cabeças. Acessar o capital - seja emprestando ou economizando - é uma questão de vida ou morte.

Em resumo, os sistemas são corrompidos para pessoas pobres no Mundo Majoritário, muitas vezes impedindo-os de serem capazes de sustentar a si mesmos e suas famílias trabalhando. Mas é importante lembrar que não são apenas os sistemas que estão corrompidos. Como todos nós, os indivíduos pobres frequentemente sofrem de seus próprios corações rebeldes, cosmovisão defeituosa e comportamentos imorais. Um fracasso em abordar essas questões, concentrando-se apenas nos sistemas caídos que cercam os pobres, não conseguirá reconciliar as relações que estão no centro do enfrentamento da pobreza. O evangelho e suas implicações para os relacionamentos dos seres humanos com Deus, com o eu, com os outros e com o resto da criação devem ser claramente apresentados e modelados em todas as estratégias de redução da pobreza. Em particular, muitos ministérios no Mundo Maioritário precisam confrontar as mentiras do animismo, um sistema de crenças que muitas vezes

aprisiona as pessoas pobres em um fatalismo autodestrutivo, como vimos no Capítulo 3.[7]

A revolução dos microcréditos

O Grameen Bank, de Muhammed Yunus, demonstrou que era possível consertar pelo menos parte do sistema econômico corrompido. Colocando pessoas pobres em grupos de empréstimos de sua própria escolha e, em seguida, exigindo que os membros do grupo garantissem os empréstimos uns dos outros, o Grameen mostrou que era possível obter altas taxas de pagamento de empréstimos de pessoas pobres. Além disso, Grameen mostrou que se dinheiro suficiente fosse emprestado a pessoas pobres, haveria receita de juros voltando ao Grameen para permitir que o Grameen pagasse o custo de suas operações. Em resumo, o Grameen criou um “banco” viável para emprestar dinheiro a pessoas pobres.

Como John, na Grace Fellowship Church, a resposta da comunidade de doadores à invenção de Yunus foi compreensivelmente eufórica. Em vez de dar dinheiro para, digamos, um orfanato, que requer subsídios contínuos, os doadores viram a oportunidade de doar um dinheiro que seria reciclado perpetuamente à medida que os programas do MC emprestassem e re-emprestassem seus fundos de empréstimo. Como resultado, as instituições de microcredito (IMC), como o Grameen Bank, surgiram em todo o Mundo Majoritário. As IMC emprestam dinheiro de doadores e investidores para pessoas pobres, recebem o dinheiro de volta e depois o emprestam novamente. No processo, muitas pessoas pobres conseguiram ter acesso a capital a taxas de juros mais baixas do que poderiam obter dos agiotas.

O que faz as IMC como o Grameen Bank funcionarem? Existem muitas questões técnicas, mas uma característica fundamental do seu sucesso é que a IMC, como qualquer banco, deve convencer os mutuários de que ela existirá a longo prazo. Se os mutuários não acreditarem que a IMC estará lá amanhã, eles não se preocuparão em reembolsar seus empréstimos hoje, já que a IMC não estará por perto para penalizá-los por não pagarem.

Os prós e contras das IMC

IMC que funcionam bem proporcionam um serviço notável e devem ser vistas como um enorme trunfo em comunidades pobres. Elas são muito boas em injetar capital rapidamente nos pequenos ministérios, e algumas IMC estão adicionando criativamente novos serviços financeiros, como saúde ou seguro de vida. No entanto, as IMC têm algumas deficiências que devem ser observadas:[8]

- *Dificuldades na prestação de serviços de poupança.* Pesquisas descobriram que muitas pessoas pobres preferem economizar do que pedir emprestado. Isto é particularmente verdadeiro para os “extremamente pobres e indigentes”, cuja renda está bem abaixo da linha da pobreza (veja a figura 9.1 abaixo).[9] Essas pessoas são particularmente vulneráveis, tornando a poupança muito atraente para elas, uma vez que a poupança é menos arriscada do que a contração de empréstimos.[10] Infelizmente, as IMC historicamente se concentraram em emprestar dinheiro sem fornecerem opções para as pessoas pobres pouparem. Embora isso esteja mudando em alguns lugares, muitas IMC ainda são proibidas pelas

regulamentações governamentais de administrar as economias das pessoas.[11]

- *Falha em alcançar o extremamente pobre e indigente.* É difícil encontrar IMC que possa conceder empréstimos de menos de quarenta dólares. Infelizmente, os extremamente pobres normalmente não conseguem lidar com empréstimos muito grandes, normalmente desejando empréstimos na faixa de cinco a doze dólares. Lembre-se que Sufiya queria um empréstimo de apenas vinte e dois centavos por dia! Os empréstimos que são muito grandes e a ausência de serviços de poupança tornam as IMC incapazes de atender os extremamente pobres. Assim, as IMC são mais capazes de ajudar os “pobres moderados” ou os “vulneráveis não pobres”, cujos níveis de renda estão logo abaixo ou logo acima da linha da pobreza, respectivamente.
- *Falha em alcançar os pobres rurais*. É muito mais barato emprestar dinheiro em áreas com alta densidade populacional porque os custos de transporte por cliente são menores; portanto, as IMC têm dificuldade de alcançar os pobres que vivem em áreas rurais, que representam quase 75% do total dos pobres no Mundo Majoritário. [12]
- *Foco exclusivo nas empresas.* As pessoas pobres precisam de capital para suas microempresas, melhorias domésticas, emergências e eventos do ciclo de vida, como casamentos e funerais. As IMC tendem a focar estreitamente nas finanças das microempresas, ignorando o fato de que os pobres precisam de capital por uma ampla gama de razões.
- *Falta de atividades de evangelismo e discipulado*. A

pressão para permanecer operando está pressionando a maioria das IMC para reduzir custos cortando todos os serviços que não sejam empréstimos e outros produtos financeiros. Infelizmente, essa tendência às vezes tem feito com que as IMC operadas por organizações cristãs de assistência e desenvolvimento reduzam suas atividades de evangelismo e discipulado. Mas os empréstimos, por si só, não podem reconciliar as pessoas com Deus, consigo mesmas, com os outros e com o resto da criação. “A fé vem pelo ouvir”, não através do empréstimo de dinheiro!

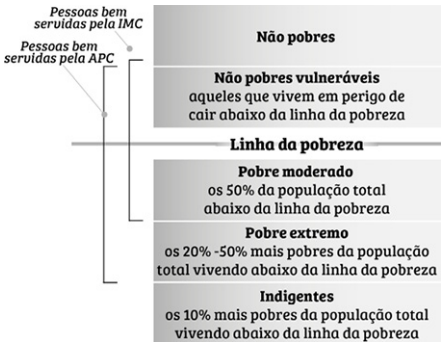


Figura 9.1

Adaptado de *Monique Cohen, The Impact of Microfinance, CGAP Donor Brief (Washington, DC: CGAP, julho de 2003), 1.*

Sendo “o corpo” no Mundo Majoritário

Como os missionários e as igrejas do Mundo Majoritário podem usar o desenvolvimento econômico para ministrar em palavras e atos, trazendo alívio da pobreza para suas comunidades? Uma vez que os missionários e as igrejas do Mundo Majoritário estão na linha de frente da redução da pobreza nesses contextos, o papel apropriado das igrejas norte-americanas [e brasileiras] é apoiar e fortalecer os ministérios desses missionários e das igrejas do Mundo Majoritário. A última seção deste capítulo sugere maneiras apropriadas para as igrejas norte-americanas [e

brasileiras] fornecerem esse apoio, concentrando-se em estratégias que sejam consistentes em evitar o paternalismo, com base nos recursos locais e usando abordagens participativas.

O modelo de provedor de MC: não tente isso em casa!

Muitos missionários e igrejas (e pequenos ministérios) no Mundo Majoritário insistem no “modelo do provedor”, no qual tentam imitar o Grameen Bank, estabelecendo uma pequena IMC para fornecer empréstimos a pessoas pobres. Isto é o que as igrejas ugandenses mencionadas anteriormente estavam tentando fazer com o dinheiro fornecido pela Grace Fellowship Church.

Infelizmente, missionários e igrejas são particularmente inadequados para fornecer empréstimos por duas razões. Primeiro, eles não têm os recursos técnicos, gerenciais e financeiros para se tornarem grandes o suficiente para tornar seu programa de empréstimos financeiramente sustentável. E como discutido anteriormente, quando os mutuários percebem que o programa não é sustentável a longo prazo, eles param de pagar seus empréstimos, fazendo com que o programa falhe. Para ser viável, as IMC bem-sucedidas precisam de milhares ou dezenas de milhares de clientes, um número que está simplesmente além da capacidade da maioria dos missionários e igrejas. Em segundo lugar, os missionários e as igrejas acham muito difícil equilibrar sua cultura da graça com a disciplina necessária para impor o pagamento do empréstimo. Quantos missionários ou pastores estariam dispostos a forçar o pagamento do empréstimo - confiscando o bem dado em garantia - de uma viúva com cinco filhos que não pagou sua dívida? Mas se o missionário ou pastor não forçar o reembolso do empréstimo para essa viúva, outros

mutuários acreditarão que não terão que pagar seus empréstimos, e o programa falhará. Microcrédito é um negócio difícil.

Muitos missionários e igrejas ignoram este aviso e acreditam que podem insistir com sucesso no modelo do provedor. Mas a paisagem é coberta com as carcaças de programas de empréstimos fracassados iniciados por missionários bem-intencionados e igrejas do Mundo Majoritário (e pequenos ministérios). A história da Grace Fellowship Church é extremamente comum. Não tente o modelo do provedor.

O modelo de promoção MC: microcrédito sem dinheiro doado!

Maria caminhou até a frente da God's Compassion Church (GCC) em uma favela de Manila e testemunhou à congregação: "Meu filho teria morrido se não fosse pela ajuda dos membros da Associação de Poupança e Crédito [da Igreja]. Consegui um empréstimo para o remédio e eles também oraram por mim e visitaram meu filho doente". Camilla então se levantou e explicou como os membros da APC a incentivaram a pedir dinheiro emprestado para que ela pudesse começar um pequeno negócio de venda de biscoitos. Como resultado deste negócio, ela tem sido mais capaz de atender às necessidades diárias de seus filhos.

A Associação de Poupança e Crédito (APC) associada à God's Compassion Church forneceu um total de quarenta e um empréstimos com juros relativamente baixos, obtendo uma taxa de reembolso de 100%. Além disso, os juros pagos sobre os empréstimos permitiram que os membros da APC ganhassem dividendos sobre suas economias, em média 50% em termos anuais.

Mas as bênçãos eram mais do que econômicas. Os membros

da APC oraram uns pelos outros e por suas famílias, e Deus continuamente respondeu suas orações: os maridos encontraram emprego, as crianças foram curadas e os relacionamentos estremecidos foram consertados. Vizinhos dos membros da APC comentaram sobre o amor e a preocupação que os membros mostravam uns aos outros, então os membros da APC convidaram esses vizinhos para participarem de suas reuniões semanais e estudos bíblicos. Estes não-membros foram autorizados pegar dinheiro emprestado da APC a uma taxa de juros muito menor do que a disponível por agiotas locais. E quando a APC iniciou seu segundo ciclo de poupança e empréstimo, esses não-membros foram autorizados a se tornarem membros.[13]

A APC da God's Compassion Church representa um poderoso ministério de palavra e ação para a família da fé e além, chamado de "modelo de promoção". Muito notavelmente, essa APC, que reflete uma abordagem alternativa ao MC, não exigia um centavo de dinheiro doado ou gestão por pessoas de fora. Uma APC é uma união de crédito muito simples, na qual as pessoas pobres economizam e emprestam seu próprio dinheiro uns aos outros. Cada membro contribui com um valor de poupança acordado para o fundo do grupo em uma reunião semanal. Os membros da APC decidem quanto do fundo do grupo emprestar, a quem será emprestado e os termos dos empréstimos. No final de um período de tempo predeterminado, geralmente de seis a doze meses, as economias de cada membro são devolvidas, juntamente com os dividendos que eles obtiveram dos juros cobrados sobre empréstimos. É microcrédito sem gerente ou dinheiro externos!

O papel da igreja ou missionário autóctone neste modelo é simplesmente promover o grupo, facilitando sua formação. A igreja

ou missionário não administra o grupo nem o dinheiro. Em vez disso, a igreja ou missionário capacita os pobres a fazerem isso por si mesmos, equipando-os para criar e administrar um sistema para poupar e tomar emprestado as quantias de dinheiro que eles precisam. Além disso, as reuniões do grupo fornecem um excelente contexto para as atividades de evangelismo e discipulado que podem ser oferecidas pelo missionário, pela igreja ou pelos próprios membros do grupo.

Promover APC provou ser uma intervenção altamente eficaz e estratégica para as igrejas e missionários autóctones no Mundo Majoritário pelas seguintes razões:

- As APC são simples de viabilizar, podem funcionar em pequena escala e não exigem que as igrejas ou missionários emprestem e peçam dinheiro.
- Além de fornecer empréstimos, as APC oferecem uma maneira de as pessoas pobres economizarem e até ganharem juros sobre suas economias.
- As APC podem trabalhar em áreas urbanas e rurais.
- O tamanho dos empréstimos na faixa de cinco a doze dólares é totalmente viável, e o tamanho dos empréstimos pode chegar a centenas de dólares. Portanto, as APC podem ministrar a múltiplos níveis de pobreza, incluindo os extremamente pobres.
- Os montantes fixos das APC podem ser usados para toda a gama de necessidades das famílias, não apenas financiando os investimentos das empresas.
- Como as APC foram originalmente desenvolvidas por pessoas pobres, promovê-las se baseia no conhecimento local. Este fato, combinado com o uso de poupança local,

torna a promoção de APC consistente com uma abordagem baseada em ativos.

- As APC podem ser promovidas usando métodos altamente participativos, permitindo que os membros do grupo façam suas próprias políticas, em vez de prescrever tais políticas para eles de uma forma planejada.[14]
- O fato de as APC poderem se originar dos ministérios de igrejas e dos missionários torna relativamente fácil manter atividades de evangelismo e discipulado, abordando, assim, o pecado no nível individual.

Existem inúmeros exemplos de igrejas e ministérios individuais que promovem APC como parte de um ministério eficaz de palavras e ações em pequena escala, mas também são possíveis programas em larga escala. Por exemplo, a Igreja Anglicana de Ruanda está atualmente tentando incluir oitenta mil pessoas em APC vinculadas à igreja como parte de seu alcance nacional e abrangente.

Quais são as desvantagens de promover APC? Dois problemas se destacam. Primeiro, pessoas pobres às vezes lutam para gerenciar bem seus grupos, manter registros precisos e impor disciplina. Muitas IMC apresentam melhor desempenho em todas essas funções. Em segundo lugar, as APC não mobilizam grandes quantidades de capital de empréstimo tão rapidamente quanto as IMC. Os membros do grupo podem ficar impacientes com o processo de economizar dinheiro para empréstimos, especialmente se seus negócios puderem obter com empréstimos maiores. No entanto, o modelo de promoção é uma alternativa viável para lidar com a corrupção, tanto no nível sistêmico quanto no individual, para todas as faixas de pobreza.

O modelo de parceria do MC: mãos dadas na luta contra a pobreza

Quando tanto as IMC como as igrejas/missionários têm uma visão abrangente, eles podem se unir no ministério, com cada parte fornecendo um componente do que é necessário para abordar os efeitos do pecado tanto no nível individual quanto sistêmico.

Durante a selvagem guerra civil na Libéria, uma IMC cristã procurou ministrar àqueles que sofriam com a carnificina. A IMC prestou serviços de empréstimo e, em seguida, fez uma parceria ativa com as igrejas locais, solicitando sua ajuda para ministrar às necessidades espirituais dos mutuários. As reuniões do grupo de empréstimos das IMC foram intencionalmente mantidas dentro ou perto das igrejas locais, a fim de tornar mais fácil para as igrejas serem capazes de ministrar a esses grupos. Os pastores e funcionários das igrejas desempenhavam papéis importantes na liderança de estudos bíblicos em grupo, visitando e aconselhando membros individuais do grupo e lembrando os mutuários de sua necessidade de pagar seus empréstimos como uma questão de integridade. Os pastores demonstraram uma grande “apropriação” desses grupos, vendo-os como parte integrante dos ministérios de suas igrejas.

Os impactos abrangentes dessa parceria foram bastante surpreendentes. As vítimas da guerra civil foram capazes de gerar renda suficiente de seus negócios para evitar a fome. Como um mutuário explicou: “Antes [do programa de MC], eu orei a Deus para tirar minha vida porque eu não queria mais sofrer. Meus filhos estavam desnutridos e reclamavam de dores de cabeça. Quando eles estavam com fome, eles franziram a testa e não conseguiam sorrir. [Agora] sempre temos algo para comer”.[15] Houve também

evidências de melhorias nos investimentos educacionais dos mutuários, assistência médica, senso de dignidade e responsabilidade, relações intertribais e maturidade espiritual.

Os pastores expressaram alegria pelo modo como essa parceria fortaleceu suas igrejas. Os mutuários das IMC que eram membros da igreja usavam suas habilidades, confiança, maturidade espiritual e renda aumentadas para aperfeiçoar toda uma gama de ministérios de suas igrejas. Como um pastor declarou: “Toda semana, durante o tempo de testemunho de nossa igreja, eu ouço louvores e expressões de gratidão a Deus [por este ministério da MC].[16]

O modelo de parceria pode ser um método poderoso para levar a reconciliação a ambos os sistemas financeiros e indivíduos, desde que a população alvo não seja os extremamente pobres, que são incapazes de administrar os empréstimos das IMC. A IMC fornece os serviços financeiros, como emprestar dinheiro e monitorar o pagamento. As igrejas e missionários podem oferecer uma gama de serviços complementares que a IMC normalmente não pode oferecer, como evangelismo e discipulado; aconselhamento individual; assistência emergencial; e treinamento em princípios de pequenas empresas, gestão financeira doméstica e assuntos relacionados, tudo por uma cosmovisão bíblica.

Infelizmente, embora o modelo de parceria possa ser uma estratégia poderosa para ministrar em palavras e ações, isso não é comumente observado na prática. Muitas igrejas e missionários não têm uma visão abrangente, acreditando que devem se preocupar apenas com as necessidades espirituais das pessoas. Além disso, algumas igrejas e missionários não gostam da cultura bancária das IMC, vendo empréstimos, juros, disciplina de

pagamento e negócios como sujos, não espirituais e impiedosos. Formação teológica sobre a natureza abrangente do reino de Cristo pode resolver essa questão. Da mesma forma, as IMC muitas vezes não têm uma visão abrangente, acreditando que a redução da pobreza pode ser alcançada apenas com a disponibilização de capital. Além disso, as IMC são compreensivelmente desconfiadas das igrejas, cujas culturas de caridade e graça muitas vezes resultaram em taxas horríveis de pagamento de empréstimos por parte dos membros da igreja. No entanto, esses obstáculos podem ser superados, tornando o modelo de parceria uma estratégia viável para abordar a corrupção nos níveis sistêmico e individual em muitos contextos.

O modelo de treinamento complementar: o homem não vive apenas com capital

O movimento do MC é baseado na premissa de que a falta de acesso ao capital é a principal restrição enfrentada pelos empresários pobres. Por isso, relativamente pouco esforço tem sido feito para oferecer treinamento a pequenas empresas a empreendedores pobres. No entanto, alguns estão agora questionando a abordagem padrão do MC, argumentando que a pobreza é multifacetada e não pode ser superada apenas pelo capital. De fato, um crescente corpo de evidências sugere que a complementação de serviços de poupança e empréstimo com tópicos e metodologias de treinamento adequados pode melhorar os negócios e a vida das pessoas pobres.[17]

O Chalmers Center for Economic Development, organização na qual os autores trabalham, tem integrado mensagens bíblicas em currículos técnicos originalmente desenvolvidos por uma organização de desenvolvimento altamente respeitada e não

sectária. Além de treinar pessoas pobres sobre princípios básicos de gestão de pequenos negócios, instrução sobre finanças domésticas e tópicos de cuidados de saúde (malária, HIV/AIDS, diarreia), as mensagens aplicam um entendimento bíblico das quatro relações principais contra as mentiras do animismo, enfatizando os temas de dignidade, mordomia e disciplina.

Embora estes currículos sejam adequados para muitos contextos de ministérios cristãos, eles são especificamente projetados para serem usados nas reuniões do grupo de APC, aumentando assim a natureza abrangente do modelo de promoção. Além disso, igrejas e missionários que buscam o modelo de parceria poderiam fornecer esse treinamento complementar para grupos de clientes de IMC, resultando em uma abordagem mais abrangente para a redução da pobreza do que as IMC podem oferecer por conta própria.

Business as Mission

Uma intervenção relacionada que ganhou popularidade renovada na última década é chamada *Business as Mission* (BAM). O BAM encontra suas raízes nos ministérios de Paulo, Áquila e Priscila, que usavam a atividade de fazer tenda como meio de apoiar seu trabalho missionário. Hoje, o BAM assume muitas formas, mas sua característica definidora é que o missionário possui e opera um negócio legítimo, com fins lucrativos, que ele ou ela usa como veículo para o ministério.[18] Em contraste, as outras intervenções descritas neste capítulo, os modelos de provedor, promoção, parceria e treinamento complementar, todas se concentram em ajudar os pobres a possuir e operar suas próprias microempresas.

O BAM oferece uma oportunidade para os empresários participarem do movimento missionário usando sua capacidade empreendedora, talento gerencial e recursos financeiros em prol do ministério transcultural. Empreendimentos que funcionam como BAM são tipicamente pequenas e médias empresas, empregando de uma dúzia a mil trabalhadores.

Embora o BAM possa ser usado por uma variedade de razões, como obter acesso a um país fechado e fornecer a renda necessária para um ministério ou oferecer um contexto natural para o desenvolvimento de relacionamentos, vários missionários estão usando o BAM como um meio de reduzir a pobreza. Dado que um dos principais problemas no Mundo Majoritário é a falta de oportunidades de emprego, faz sentido iniciar e operar empresas que possam fornecer diretamente empregos para pessoas pobres. E, ao desenvolver intencionalmente relacionamentos com funcionários, fornecedores e clientes, as oportunidades de evangelismo e discipulado são abundantes.

Embora o BAM seja tão antigo quanto o Novo Testamento, tem havido muito pouca pesquisa sistemática sobre sua eficácia como uma estratégia de solução da pobreza para o século 21. Portanto, é difícil comparar seus prós e contras em relação ao MC. No entanto, algumas observações são possíveis:

- É provável que o BAM afete menos pessoas pobres *diretamente* por dólar investido do que os modelos de promoção, parceria ou treinamento complementar. Explicar todas as razões para essa afirmação está além do escopo deste livro. No entanto, observe que as empresas BAM são mais sofisticadas do que as microempresas, exigindo maior conhecimento técnico e maiores quantidades de capital por empregado do que nas microempresas. Isso não quer dizer que o "reino do custo-benefício" seja necessariamente menor no BAM. Jesus só teve doze discípulos e eles mudaram o mundo! Mas é preciso perguntar se o BAM tem vantagens que justifiquem sua despesa adicional por pessoa pobre diretamente impactada.
- Em comparação com as microempresas, as empresas BAM trazem maior valorização da produtividade dos trabalhadores através de tecnologia melhorada e maiores quantidades de capital. Assim, embora menos pessoas sejam diretamente afetadas no BAM, as pessoas afetadas provavelmente experimentarão um aumento muito maior em suas rendas do que no MC.
- BAM não é para todos. Muitas igrejas e missionários não são talentosos em administrar empresas. Além disso, mesmo uma pessoa que é talentosa em operar uma empresa nos Estados Unidos não necessariamente terá

sucesso em fazê-lo em um país do Mundo Majoritário. A cultura e o clima de negócios em alguns contextos podem tornar as habilidades empresariais norte-americanas não completamente transferíveis. Os modelos de promoção, parceria e treinamento complementar são muito mais fáceis de seguir do que o BAM, reduzindo assim o risco de danos.

- Igrejas e missionários que buscam o BAM precisam ter cuidado para evitar subsídios que criam dependência. Por exemplo, quando os missionários que operam empresas no mundo majoritário transportam e comercializam artesanatos para igrejas nos Estados Unidos, eles criam uma situação perigosa. Quando o missionário se aposenta, pode ser impossível para o negócio pagar pelos serviços de gerenciamento, transporte e marketing que o missionário estava prestando. Como resultado, o negócio pode falhar e funcionários pobres podem ficar sem nada. As empresas BAM devem ser empresas reais, cobrindo *todos* os seus custos, explícitos e implícitos.

O papel da igreja brasileira

Tanto o mandato bíblico (1Co 12.12-31) como o desenvolvimento comunitário baseado em ativos requerem que a igreja brasileira encoraje - e não esmague - as partes do corpo que já estão em ação entre as pessoas pobres no Mundo Maioritário. Em particular, observe que os missionários e as igrejas do Mundo Majoritário são plenamente capazes de implementar os modelos de promoção, parceria e treinamento complementar.

Qual é então o papel apropriado das igrejas brasileiras? Aqui estão algumas sugestões:

- Subsidiar financeiramente o treinamento de missionários e igrejas do Mundo Majoritário para que possam implementar os modelos de promoção, parceria e treinamento complementar. No entanto, não pague todos os custos desse treinamento, pois as pessoas geralmente dão mais valor às coisas que pagaram para receber.[19]
- Torne-se um treinador de treinadores. Embora os missionários e as igrejas autóctones estejam melhor posicionados para o ministério da linha de frente para os pobres do que os cristãos nos Estados Unidos e no Brasil, alguns norte-americanos e brasileiros têm dons de ensino suficientes para ajudar a expor os que estão na linha de frente a novos modelos, ferramentas e currículos. Descobrimos que as equipes de treinamento formadas tanto por norte-americanos ou brasileiros quanto por locais podem ser um meio poderoso para apoiar e encorajar aqueles que estão na linha de frente.[18]
- Fornecer fundos para as IMC para adicionar componentes

de evangelismo e discipulado aos seus programas. Se uma IMC já é financeiramente sustentável, não doe dinheiro para capital de empréstimo, uma vez que uma IMC financeiramente sustentável pode levantar esses fundos nos mercados de capitais internacionais.

- Considere investir recursos financeiros e humanos em apoio a uma empresa BAM.
- Torne-se um defensor do MC e do BAM, encontrando organizações que compartilham sua visão e apoiando essas organizações por meio de orações, trabalho em rede e assistência financeira.

Questões para reflexão e exercícios

Por favor, escreva respostas para as seguintes perguntas:

1. Se a sua igreja tem um relacionamento com missionários ou igrejas autóctones que estão ministrando a pessoas pobres no Mundo Maioritário, pergunte-lhes se os modelos de promoção, parceria ou treinamento complementar seriam de interesse deles. Nesse caso, incentive-os, junto a membros apropriados de sua igreja, a obter treinamento adicional nesses modelos. Recursos e oportunidades de treinamento estão disponíveis no Chalmers Center for Economic Development (www.chalmers.org).
2. Você tem algum dom como treinador? Em caso afirmativo, considere, em espírito de oração, que papel você pode desempenhar como instrutor de instrutores.
3. Pergunte aos empresários em sua igreja se Deus pode

estar chamando-os para pensar em buscar ou apoiar um BAM.

Parte 4

Começando a ajudar sem machucar

Pensamentos iniciais

Por favor, dedique alguns minutos para escrever
suas respostas às seguintes perguntas:
Pense em um momento em que você realizou ações para efetuar uma mudança positiva em sua vida.
O que levou você a tomar essas ações?
Pense em um indivíduo(s) que teve um impacto significativo e positivo em sua vida. Como ele(s) fez(eram) isso? Do que você gostou em sua(s) abordagem(ns)?

Capítulo 10

Com licença, você tem um trocado?

"Muito obrigado, Jerry! Eu não sei o que eu teria feito sem você. Tenho certeza de que esta será a última vez." Quando Tony saiu do escritório, Jerry pensou: *Não, não será a última vez. Você estará aqui novamente no próximo mês e novamente no mês seguinte... Isso nunca vai acabar..*

Jerry colocou a cabeça entre as mãos e pensou em desistir de seu emprego ... *de novo*. Nos últimos oito anos, Jerry servia como Coordenador de Misericórdia da Parkview Fellowship, uma próspera congregação localizada em uma das principais vias de comunicação de uma cidade norte-americana de médio porte. Parkview é em grande parte uma igreja suburbana, visivelmente situada em uma parte economicamente vibrante da cidade. Durante anos, o pastor sênior de Parkview vinha tentando afastar a congregação de um foco doentio em si mesma, exortando-a a mostrar o amor de Cristo em "Jerusalém, Judéia, Samaria e até os confins da Terra". Embora tenha sido necessário um tempo para que a congregação acreditasse na visão, assim que o fizeram, houve uma sensação renovada de energia e excitação. Em

particular, os jovens profissionais da congregação estavam entusiasmados em fazer a diferença em sua cidade e além dela. Eles estavam determinados a fazer parte da criação de um tipo diferente de igreja em relação a onde foram criados.

Jerry estava na linha de frente na “Jerusalém” de Parkview, servindo como a principal ligação com as muitas pessoas necessitadas que entravam no prédio da igreja em busca de ajuda. Jerry realmente comprou a visão do pastor, mas ele estava ficando cada vez mais desiludido. Sua vida parecia ser um ciclo interminável de pessoas como Tony; pessoas que, por diversas razões, lutavam *constantemente* para pagar suas contas de luz, precisavam *constantemente* de ajuda para pagar suas compras e nunca pareciam mudar. Jerry se sentia como um caixa eletrônico humano, distribuindo um fluxo interminável de dinheiro para o mesmo grupo de “clientes” repetidamente. Jerry começou a se perguntar se estava apenas estimulando esse comportamento em pessoas como Tony, na verdade machucando-os no processo de tentar ajudá-los. *Temos que mudar o que estamos fazendo, pensou Jerry. Mas como? Por onde começamos?*

Logo abaixo do corredor de Jerry, um drama relacionado estava se desenrolando. Um grupo de pessoas da congregação estava sentado na sala de conferências da igreja com Dan, o pastor de missões transcuturais de Parkview.

Um deles falou. “Dan, nós amamos você, mas algo tem que mudar. Estamos escrevendo cheques para pagar equipes de missões de curta duração durante anos, mas as pessoas nessas aldeias africanas são tão pobres quanto antes de começarmos a ir para lá. Nós cavamos poços, construímos latrinas, distribuímos roupas usadas e doamos dinheiro para construir o novo prédio da

igreja, mas eles continuam nos pedindo para enviar mais equipes e mais dinheiro para mais projetos. Eles parecem mais dependentes de nós do que nunca. Esta é uma má administração do dinheiro que estamos doando para esta igreja. Algo tem que mudar! Já fizemos o suficiente."

Dan temia essa conversa há algum tempo. As ordens recebidas do pastor eram fazer com que os membros da igreja se envolvessem em missões, e o pastor tinha ficado exultante com o número de pessoas indo em viagens missionárias de curta duração. Mas Dan sabia que em pouco tempo a congregação questionaria o nível de impacto dessas viagens e dos projetos que a igreja estava financiando. Empresários da congregação ficaram particularmente frustrados, questionando os "retornos sobre o investimento" de suas doações. *Temos que mudar o que estamos fazendo*, pensou Dan. *Mas como? Por onde começamos?*

Parkview não está sozinha. Muitas igrejas e ministérios norte-americanos [e brasileiros] estão reconsiderando as abordagens que vêm adotando em relação aos materialmente pobres. Muitos estão percebendo que estão aplicando "alívio" de forma inadequada e querem mudar para o "desenvolvimento" em seu trabalho no próprio país e no exterior. Mas como eles começam? O que eles realmente devem fazer quando o despertador tocar? Quais são os primeiros passos para começar?

Infelizmente, como cada situação é diferente, não existe uma fórmula de "tamanho único" para dar início ao trabalho bem-sucedido de "desenvolvimento"; no entanto, este capítulo apresenta alguns princípios fundamentais que podem ajudar as igrejas ou ministérios a começar a usar o processo de desenvolvimento participativo baseado em ativos que foi

introduzido anteriormente no livro. O próximo capítulo descreve alguns passos concretos a serem seguidos para que sua igreja ou ministério se mova na direção certa.

Princípio #1: Gatilhos para promover a mudança humana

Lembre-se de que “desenvolvimento” é um processo de *mudança contínua* no qual as pessoas ficam mais próximas de estar em um relacionamento correto com Deus, consigo mesmas, com os outros e com o resto da criação. Isso levanta a questão: como as pessoas realmente mudam? Em última análise, a mudança positiva e duradoura é impossível sem o poder do Espírito Santo, por isso orar pela mudança é *a* ferramenta central no processo de desenvolvimento. Além disso, estudiosos e ativistas observaram alguns padrões bastante regulares na forma como os seres humanos experimentam mudanças, padrões que podem ser usados para encorajar o tipo de mudanças que estão no cerne do processo de desenvolvimento.

Ciclo de mudança para indivíduos e comunidades



Figura 10.1

Adaptado de *David A. Kolb, Experiential Learning: Experience as the Source of Learning and Development (New Jersey: Prentice Hall, 1983).*

Conforme ilustrado na figura 10.1, o contexto de mudança é a experiência de vida atual do indivíduo ou grupo. A mudança começa quando algo, um gatilho, faz com que o indivíduo ou grupo

reflita sobre sua situação atual e pense em uma possível situação futura que preferiria. Essa reflexão pode levar a uma decisão de tomar alguma ação que eles esperam que os aproxime da situação futura mais desejável. Se eles agirem, isso os levará a uma nova experiência de vida. O ciclo precisa se repetir várias vezes se as pessoas continuarem a fazer mudanças positivas em suas vidas. Portanto, uma característica central do desenvolvimento é buscar oportunidades para promover os gatilhos para uma mudança positiva.

Três gatilhos comuns de mudança para indivíduos ou grupos são: 1) uma crise recente; 2) o fardo do status quo se tornando tão avassalador que eles querem buscar mudanças; ou 3) a introdução de uma nova maneira de fazer ou ver coisas que poderiam melhorar suas vidas. O papel do ajudante em relação a cada um desses gatilhos é diferente.

Por exemplo, uma pessoa que é presa por um crime está enfrentando uma crise que pode fazê-la reconsiderar seu estilo de vida atual. O papel do ajudante nessa situação pode ser simplesmente perguntar para fazer com que a pessoa se examine e seja incentivada a pensar em começar mudanças positivas. Nunca desperdice uma crise!

A promoção do segundo fator desencadeante pode envolver a interrupção do fornecimento de “doações” para pessoas que não são extremamente pobres, de modo que elas possam sentir o fardo de sua situação atual de forma mais aguda e serem acionadas para tomar ações que melhorarão suas vidas. Por exemplo, Jerry pode ter que parar de pagar as contas de energia de Tony e se oferecer para trabalhar com Tony para encontrar soluções mais duradouras.

Ontem, assim que Steve e eu terminamos de discutir o parágrafo anterior, ouvi uma batida na porta da minha cozinha. Um homem mal vestido disse: “Olá, meu nome é William. Eu queria saber se eu poderia limpar as folhas em seu gramado para ganhar algum dinheiro para pagar o gás. Eu realmente preciso do dinheiro e seu gramado realmente precisa ser limpo”. Nós negociamos um preço justo, e ele completou metade do trabalho antes do sol se pôr. Paguei pela parte que ele havia completado e ele prometeu voltar e terminar o trabalho hoje. Mas tarde da noite passada, William bateu na minha porta pedindo por uma ajuda. (Fiquei tentado a entregar-lhe uma cópia do rascunho deste capítulo!) Recusei, mas também lhe assegurei que, se ele voltasse e terminasse o trabalho, eu pagaria a ele o restante do dinheiro.

Esta manhã, soube que William estava indo de porta em porta no meu bairro há semanas pedindo dinheiro. Meus vizinhos negaram, então agora ele aparentemente está disposto a trabalhar para ganhar algum dinheiro. Recusando-se a dar doações a William, nosso bairro tem promovido com sucesso o segundo fator de mudança: permitir que o fardo da atual situação de William o induza a trabalhar. O comportamento de William na noite passada mostrou que ele ainda está claramente interessado em doações, então precisamos ser consistentes em insistir que ele trabalhe por dinheiro se quisermos que o gatilho continue operando.

Hoje, William retornou e terminou o trabalho de limpar o jardim. Perguntei-lhe se ele queria trabalhar em tempo integral e ele disse: “Sim, tenho experiência como operador de grua, empilhador e abastecedor de avião, mas não consigo encontrar trabalho agora”. Eu disse a William que ele poderia voltar e me pedir emprego futuramente, mas ele não era bem-vindo para bater em minha

porta às 10 horas da noite pedindo dinheiro. Ele pediu desculpas por sua visita tarde da noite e me deu seu número de telefone, pedindo-me para ligar para ele quando eu precisasse de mais trabalho. Minha oração é que nosso bairro continue a permitir que o segundo estímulo funcione.

Há muitas maneiras de promover o terceiro gatilho. Qualquer uma das intervenções de desenvolvimento econômico discutidas nos Capítulos 8 e 9 poderia ser usada para introduzir novas possibilidades para indivíduos e comunidades. E a abordagem básica do ABCD discutida no capítulo 5 fornece ferramentas simples, mas poderosas, que podem ser usadas para encorajar as pessoas a considerarem novas possibilidades. Por exemplo, quando as pessoas sentem um profundo sentimento de inferioridade, pode haver um enorme impacto ao fazer a pergunta simples: “Que dons e habilidades você tem?” E quando as pessoas vivem em culturas que ficaram sem esperança por séculos, um poderoso gatilho para a mudança pode ser encontrado em perguntar: “Quais são seus sonhos?”

Note que uma vez que um gatilho cause alguma reflexão, *de forma alguma* o resto do ciclo irá resultar em ações importantes ou mudanças significativas de forma automática, ou mesmo só continuar. De fato, há uma série de obstáculos que podem atrapalhar uma mudança significativa, e uma parte importante do processo de desenvolvimento está se aproximando de indivíduos ou grupos materialmente pobres para ajudá-los a remover os obstáculos à mudança que eles são incapazes de remover por si mesmos.

Um dos obstáculos mais significativos para a mudança é a falta de pessoas que dão apoio. Todos nós fazemos melhor

quando temos pessoas nos incentivando, apoiando-nos através da oração, oferecendo um ouvido atento e prestando ajuda quando precisamos. Infelizmente, muitas vezes, quando as pessoas começam a buscar mudanças positivas, as pessoas ao seu redor se sentem ameaçadas ou com ciúmes, e elas realmente começam a lutar contra os esforços da pessoa para mudar. Isso leva ao seguinte princípio que é essencial na busca de um desenvolvimento participativo baseado em ativos.

Princípio #2: mobilizar as pessoas de apoio

Diane foi demitida de seu trabalho no sindicato e acabou servindo mesas. “Eu apenas senti muita vergonha. Eu acho que qualquer um na pobreza sente isso, porque eu trabalhei muito duro, sou muito inteligente e sou uma pessoa boa, mas eu simplesmente não consigo”. Buscando ajuda, Diane se juntou a um “círculo de apoio”, uma equipe de “aliados” que se aproximaram de Diane, proporcionando-lhe incentivo, comunidade e redes. Alguns meses depois, ela conseguiu um emprego, mas isso não acabou com seu compromisso com seu círculo de apoio. “Eu dirigia uma hora para o trabalho, trabalhava durante oito horas, dirigia uma hora para casa para pegar meus filhos e dirigíamos cerca de quarenta e cinco minutos para chegar aos Círculos.” O círculo forneceu a Diane um contexto para fazer amigos e para desenvolver habilidades de liderança. Diane explica: “Os círculos dão a você a oportunidade de retribuir ao projeto e a outras pessoas, onde outros programas de ação social não oferecem isso”. Em seu círculo, Diane aprendeu as habilidades de orçamento e gerenciamento de dinheiro. “Era um ambiente sem culpa, sem vergonha. Você diz: ‘É aqui que estou...’ Tomei decisões que não eram todas inteligentes, mas eu sabia

que tinha que assumir a responsabilidade por [minha situação] se quisesse melhorar as coisas".[1]

A história de Diane ilustra o poder das pessoas solidárias para indivíduos e famílias que buscam passar pela mudança inerente ao processo de desenvolvimento. Como um grupo de pessoas que estão sendo transformadas pelo evangelho e que são chamadas para ser ministros da reconciliação (2Co 5.18-20), a igreja local *deveria* ser a comunidade ideal para o cuidado altamente relacional de cura em feridas de pessoas e famílias.[2]

Mas a realidade muitas vezes fica muito aquém do ideal. *Tipicamente, o maior desafio que os ministérios enfrentam é um número insuficiente de pessoas que estão dispostas a investir o tempo e a energia necessários para caminhar ao longo do tempo com um indivíduo ou família necessitada.* É fácil encontrar exércitos de pessoas para se voluntariar um sábado por ano para pintar casas em ruínas. Encontrar pessoas para amar as pessoas, dia após dia, que moram nessas casas é extremamente difícil.

Além disso, tais relacionamentos não são automaticamente saudáveis e podem causar danos consideráveis quando perpetuam a dinâmica complexo de divindade-baixa autoestima, que é tão frequente quando pessoas materialmente não pobres e materialmente pobres interagem. De fato, mesmo a linguagem mais usada de "mentor" e "aprendiz" pode iniciar o relacionamento com o pé errado. Por isso, o serviço Jobs for Life (www.jobsforlife.org) usa o termo "campeões" para essas pessoas que dão apoio, e a Campanha Círculos Nacionais (www.movethemountain.org) chama-os de "aliados". Lembre-se, o objetivo é que todos cresçam e superem elementos de sua própria fragilidade. Isso exige humildade e reciprocidade para todos os

envolvidos nesses relacionamentos.

Como igrejas e ministérios podem mobilizar pessoas solidárias e fomentar relações de mentoria que sejam consistentes com os princípios e objetivos do desenvolvimento participativo e baseado em ativos?

Há várias abordagens e recursos úteis sobre orientação,[3] mas a história de Diane ilustra o poder do modelo de círculos de suporte que está ganhando força nos Estados Unidos.[4] Um círculo consiste de dois a cinco voluntários - chamados “aliados do círculo” - que acompanham uma família ou indivíduo materialmente pobre - chamado de “círculo participante” ou “líder do círculo”. Os “aliados” são pessoas dispostas a usar seus tempo, talentos, contatos sociais e profissionais, e possivelmente recursos financeiros para ajudar a família ou o indivíduo a escapar da pobreza material. O “participante” (às vezes chamado de “líder”) se compromete a usar o círculo para avançar em direção a um futuro mais positivo, incluindo a superação da vergonha e do isolamento social que está na raiz de grande parte da pobreza material.

Embora existam diferentes maneiras de formar e manter círculos, a abordagem de Beyond Welfare, uma organização não confessional em Ames, Iowa, tem vários recursos atraentes.[5]

- *Encontro com grandes grupos*: Toda semana, aliados, participantes e seus filhos, e qualquer pessoa interessada, se reúnem para jantar juntos. Depois do jantar, as crianças brincam enquanto os adultos se encontram. O conteúdo da reunião consiste em reafirmar seus princípios centrais, compartilhar sobre desenvolvimentos positivos em suas vidas e aprender sobre um tópico relevante. Este último

poderia incluir treinamento em preparação para o emprego, educação financeira ou desenvolvimento individual (ver Capítulo 8).

- *Formando c*írculos de *apoio*: Se e quando um participante quiser formar um círculo de apoio, eles perguntam aos aliados de sua escolha se eles estariam dispostos a participar do seu círculo. Os aliados são livres para aceitar ou recusar. Essa abordagem tem vários recursos atraentes para ela. Em primeiro lugar, supera o embaraço de muitas abordagens de orientação, nas quais os mentores e aprendizes, que nunca se encontraram antes, são simplesmente designados uns aos outros e instruídos a fazê-lo funcionar. E se eles não gostarem um do outro? Em segundo lugar, essa abordagem também tem a vantagem de usar uma equipe de pessoas em vez de apenas um aliado por participante. Uma abordagem baseada em equipe tem vantagens significativas, incluindo ajudar a prevenir o esgotamento voluntário, já que a "carga" é compartilhada, mobilizar uma diversidade mais ampla de dons e capacidades, e aumentar o número de contatos dos voluntários que um participante pode acessar.[6]
- *Reuniões do círculo de apoio:* Cada círculo se reúne mensalmente. O participante foi ensinado a liderar o círculo apresentando seu "caminhos para o sonho", muitas vezes na forma de um visual, sobre seus objetivos futuros. O participante e os aliados, em seguida, debatem juntos para ajudar o participante a criar as etapas que gostaria de seguir para alcançar seus objetivos. O participante então decide sobre um passo concreto a ser dado e pode

descrever qualquer assistência que deseje dos aliados. Os aliados são livres para decidir se e como gostariam de responder. O participante, com a ajuda e o apoio de seus aliados, age em sua decisão. Sua vida, então, se tornará diferente e, espera-se, melhorada. Este processo é uma aplicação do Ciclo de Mudança na figura 10.1.

Note que esses caminhos para o sonho podem estar ligados aos tópicos da reunião de grandes grupos. Por exemplo, se o grande grupo está passando por uma aula de educação financeira, o sonho da pessoa pode se concentrar em sair da dívida. Os aliados podem ajudar o participante com o orçamento, abrindo uma conta poupança *etc.*

Por uma perspectiva cristã, o “sonho” do participante é algo que deve estar aberto à discussão. Por um lado, é crucial que o sonho escolhido seja algo que o participante realmente “possui”. É a vida dele! Os aliados devem evitar tendências paternalistas para impor seus sonhos e objetivos ao participante. Por outro lado, todos nós somos propensos a objetivos e desejos pecaminosos que precisam de correção. Se o participante declara um sonho que é ímpio ou que é simplesmente irreal, o amor verdadeiro requer que os aliados ministrem à vida da pessoa, ajudando-a a estabelecer metas mais piedosas ou realistas.

Uma das características atraentes das reuniões do círculo de apoio é que existe alguma estrutura para elas. Uma pesquisa de Amy Sherman, uma das maiores especialistas em ministérios abrangentes nos Estados Unidos, descobriu que as reuniões de mentoria com foco direcionado são menos embaraçosas e nebulosas para todos os envolvidos do que aquelas que são completamente livres de qualquer estrutura ou propósito

declarado.[7] Claramente, quando usado por igrejas ou ministérios, o círculo de apoio oferece uma excelente oportunidade para evangelismo e discipulado.

Recursos úteis na formação de círculos de suporte incluem o *One Candle Power*: *Seven Principles that Enhance Lives of People with Disabilities and Their Communities* [O poder de uma vela: sete princípios que aprimoram as vidas das pessoas com deficiências e suas comunidades],[8] e o *All My Life's a Circle, Using the Tools: Circles, MAPS & PATHS* [Minha vida é um círculo, usando as ferramentas: Círculos, MAPAS & CAMINHOS].[9]

É importante ressaltar que os círculos de apoio e outras formas de orientação não devem ser vistos apenas como ajudando pessoas materialmente pobres a superar sua limitação pessoal decorrente da Queda. Lembre-se do Capítulo 2, não são apenas os indivíduos que estão corrompidos: sistemas econômicos, sociais, políticos e religiosos também são corrompidos. Essa corrupção sistêmica pode se manifestar em completa opressão – por exemplo, a era de Jim Crow nos Estados Unidos - ou em formas mais sutis de exclusão das redes essenciais para sair da pobreza. Por exemplo, a maioria das pessoas consegue emprego através de suas redes de contato. Eles aprendem sobre vagas de emprego e recebem referências de amigos que já estão empregados na empresa ou organização. Aqueles de nós que têm acesso a essas redes de contato normalmente desconhecem sua importância para nosso sucesso.

Como destacado na figura 10.2, um dos principais papéis dos aliados é usar suas redes de relacionamentos para ajudar a estabelecer conexões para os participantes nos sistemas maiores da sociedade e lidar com as injustiças que frequentemente existem

nesses sistemas. Às vezes, apenas um telefonema para a “pessoa certa” pode resultar em uma entrevista de emprego, um pedido de hipoteca sendo considerado ou uma decisão injusta sendo revista. Os cristãos norte-americanos [e brasileiros] de classe média e alta precisam estar cientes de que suas redes constituem um enorme recurso que eles podem trazer para as vidas de pessoas materialmente pobres, não apenas como um ato de “misericórdia”, mas também como um ato de “justiça”, ao abordar os sistemas corrompidos que oprimem e marginalizam muitas pessoas materialmente pobres.

Se a pobreza está enraizada em relacionamentos enfraquecidos que resultam tanto da corrupção individual quanto sistêmica, abordagens altamente relacionais são necessárias para reduzir a pobreza. A mobilização de equipes de pessoas que apoiam e de suas redes sociais é um componente essencial de qualquer ministério que busca superar uma pobreza de ser, a pobreza de comunidade, a pobreza de mordomia e a pobreza de intimidade espiritual.

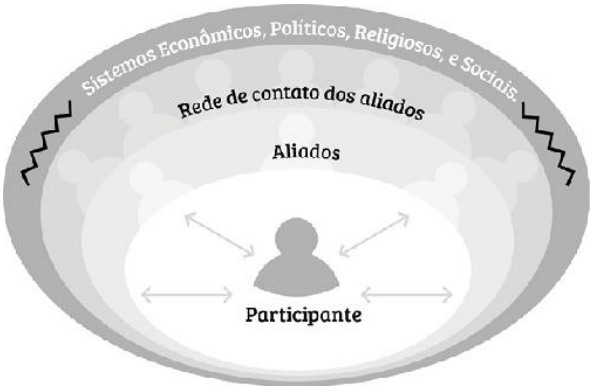


Figura 10.2

Princípio #3: procure um sucesso inicial identificável

Mudar é difícil. Para que as pessoas estejam dispostas a passar pela dor da mudança, elas devem ter o entusiasmo e incentivo adequados para motivá-las a fazer mudanças iniciais e sustentá-

las durante todo o processo. Conforme discutido no Capítulo 6, o entusiasmo e a motivação das pessoas estão diretamente relacionados ao grau de participação na seleção, projeto, implementação e avaliação da intervenção planejada. Mas a participação por si só não dará às pessoas o entusiasmo e a motivação para perseverar por muito tempo. De fato, todos nós participamos de coisas que pareciam estar indo a lugar nenhum, levando-nos a desistir.

Para motivar as pessoas, a participação normalmente deve ser acompanhada por outra coisa: *sucesso inicial sendo reconhecido em relação aos objetivos que os participantes consideram importantes.*[10] Pense no que acontece quando você inicia um programa de exercícios para perder peso. É muito mais fácil voltar à esteira quando você perde alguns quilos depois da primeira semana do que quando você não perde!

Note que alcançar um sucesso inicial identificável não é apenas importante para gerar entusiasmo e motivação para os materialmente pobres, mas também para aqueles que os estão ajudando, incluindo funcionários, voluntários, doadores e aqueles que estão assistindo ao processo para ver se eles gostariam de participar. Para criar um momento adequado, é importante fazer a bola rolar na direção certa o mais rapidamente possível.

Uma boa regra prática para alcançar um sucesso inicial identificável é “começar pequeno, começar logo e atingir o objetivo”. *Comece pequeno*, porque é difícil gerar um sucesso inicial em projetos grandes e complexos que demoram muito tempo para serem implementados. Além disso, é difícil ser verdadeiramente participativo em projetos grandes ou complexos, porque os participantes muitas vezes não têm as habilidades

necessárias para gerenciá-los, exigindo, assim, que os "profissionais" ou "especialistas" tomem todas as decisões. *Comece logo*, porque se gastar muito tempo coletando informações, analisando a situação e falando sobre o que pode ser feito, as pessoas perderão o interesse e começarão a duvidar que uma mudança real acontecerá.

Uma maneira de começar pequeno e começar logo é olhar para o que você já está fazendo para determinar se existem algumas maneiras de tornar seu projeto mais aberto ao desenvolvimento. Talvez você não precise descartar tudo e começar tudo de novo.

Por exemplo, eu (Steve) conversei com um homem que usava material e trabalho doados, frequentemente fornecidos por equipes de missões de curta duração, para realizar trabalhos de reforma em pequena escala nas casas de pessoas pobres de sua comunidade. Depois de ler a primeira edição deste livro, ele estava preocupado com o fato de estar se engajando no paternalismo prejudicial e questionando toda a sua abordagem. Nós nos conhecemos e conversamos sobre a situação. Simplesmente perguntei se poderia haver maneiras pelas quais as famílias pobres poderiam contribuir significativamente em dinheiro, materiais ou trabalho, para a reforma de suas próprias casas. Ele ajustou seu ministério para sair de um programa de alívio inadequado para uma abordagem desenvolvimentista mais baseada em ativos, na qual as famílias pobres acrescentaram alguns de seus próprios recursos àqueles de fora para melhorar suas próprias casas.

Da mesma forma, a Creekside Community Church, descrita no Capítulo 2, acabou por ajustar sua abordagem de Natal ao permitir

que pais materialmente pobres comprassem a baixo custo brinquedos doados. Os pais então deram os brinquedos para seus filhos, construindo assim sua dignidade aos olhos deles.

E Jerry pode encontrar algumas tarefas que precisam ser concluídas na propriedade da igreja ou para os idosos ou pessoas fechadas, oferecendo a Tony a oportunidade de trabalhar para pagar ao invés de dar-lhe dinheiro.

Alternativamente, se você se sentir induzido a iniciar uma nova intervenção, faça isso com apenas alguns participantes no início. Por exemplo, o Capítulo 8 discutiu a possibilidade de usar treinamento de preparação para o emprego, educação financeira ou desenvolvimento individual para ministrar de maneira abrangente. Em vez de começar um grande programa ou fundar uma nova organização sem fins lucrativos, uma igreja ou ministério poderia começar a usar uma dessas intervenções com apenas algumas pessoas. Começando pequeno e começando logo, o sucesso identificável antecipado é mais provável de acontecer. Isso, por sua vez, irá gerar entusiasmo e impulsionar o crescimento do programa a longo do tempo.

Princípio #4: aprenda o contexto na caminhada

Alguns leitores podem ficar confusos com a aparente contradição entre o conselho de “começar logo” e o conselho dos capítulos anteriores de não se precipitarem muito rapidamente com ideias, habilidades e recursos externos. Há um equilíbrio delicado aqui.

Por um lado, a velocidade da intervenção não deve ser tão rápida que não tenhamos tempo para ouvir bem, que deixemos de identificar os dons e recursos de indivíduos ou comunidades materialmente pobres, ou que nos encarregamos de todos os aspectos da intervenção. A velocidade deve ser lenta o suficiente

para permitir a identificação e mobilização de ideias, habilidades, recursos e sonhos dos indivíduos ou grupos materialmente pobres. Lembre-se, a maioria dos norte-americanos tem uma tendência de se apressar e consertar os problemas com muita rapidez, esmagando, assim, a iniciativa e domínio locais.

Por outro lado, não devemos corrigir demais essa tendência, pensando que precisamos saber tudo sobre todos em uma comunidade antes de começarmos. Se passarmos muito tempo coletando e analisando dados, as pessoas envolvidas - as organizações colaboradoras, funcionários, voluntários, doadores - perderão o entusiasmo e a motivação.

A teoria da mudança é útil aqui. O ciclo representado na figura 10.1 é assumido como um ciclo de ação e reflexão em espiral, um processo de “aprender enquanto vai”: andar com as pessoas, tentando algo *juntos*, refletir sobre a experiência *juntos*, decidir tentar algo adicional *juntos*; reflita novamente, tente novamente *etc.* Você não precisa saber tudo para iniciar o processo. Ter a atitude de um aluno humilde durante todo o processo é muito mais importante do que ter um conhecimento abrangente no início.

Princípio #5: comece com as pessoas mais receptivas a mudar

O desenvolvimento só pode ocorrer com pessoas dispostas a mudar. Se as pessoas não acreditam que são responsáveis por tomar medidas para efetuar mudanças positivas em suas vidas, é muito difícil progredir com elas.

Note que o parágrafo anterior não deve ser interpretado como significando que as pessoas materialmente pobres são sempre culpadas pelas situações em que se encontram. Os escravos americanos não escolheram estar acorrentados. As pessoas na

Indonésia não pediram um tsunami para atingi-las. Lembre-se, devido à queda da humanidade no pecado, *ambos* sistemas e indivíduos estão corrompidos. No entanto, independentemente de como os indivíduos ou as comunidades acabaram em uma situação ruim, a mordomia fiel de sua parte exige que eles tomem todas as medidas que puderem para usar seus dons e recursos para efetuar a mudança. E fidelidade de nossa parte nos obriga a fazer o que pudermos para ajudá-los a remover os obstáculos que eles não podem mover completamente por si mesmos.

Como a tabela 10.1 ilustra, indivíduos e comunidades têm graus variados de receptividade à mudança. É claro que somos chamados a amar as pessoas em todos os graus de receptividade, mas a maneira como as amamos é necessariamente diferente, porque são diferentes.

No extremo mais baixo do espectro estão pessoas que simplesmente não desejam mudar. *Alguns*, mas não todos, integrantes da população sem-teto dos Estados Unidos se enquadram nessa categoria. Se, ao nos envolvermos com as pessoas, ficar claro que elas simplesmente não estão dispostas a sequer considerar qualquer mudança, então *não* é amoroso capacitá-las a persistir no pecado, fornecendo-lhes apoios de comida, roupas ou abrigo. Em vez disso, a coisa amorosa a fazer é permitir que eles sintam o fardo de sua escolha na esperança de que isso desencadeie uma mudança positiva. Uma ressalva para isso seria se a pessoa está tão mentalmente doente que não tem a capacidade de fazer escolhas responsáveis.

Alguns leitores podem se opor à ideia de reter a assistência material, argumentando que a Bíblia nos proíbe de dizer não quando as pessoas nos pedem ajuda. O espaço não permite um

tratamento completo de tudo o que a Bíblia diz sobre essa questão difícil, e os leitores são encorajados a consultar outras fontes que trataram desses assuntos extensivamente.[11] No entanto, existem dois pontos que podem ser trabalhados aqui.

Primeiro, os versículos bíblicos isolados devem ser interpretados e compreendidos dentro de toda a linha da história da Bíblia, ou seja, o motivo criação-queda-redenção (agora e ainda não). Como explicado nos Capítulos 2 e 3, quando aplicada à situação dos pobres, essa narrativa abrangente significa ajudar a restaurar pessoas materialmente pobres para o que Deus as criou*: pessoas que podem cumprir seus chamados de glorificar a Deus trabalhando e apoiando suas famílias com o fruto desse trabalho.* Porque Deus é consistente, cada comando individual na Bíblia sobre os pobres deve apoiar essa meta abrangente.[12] E qualquer ação que prejudique esta grande obra de Deus na vida dos pobres é contrária aos propósitos de Deus.

Espectro de receptividade a mudança

	Atitudes do indivíduo materialmente pobre	Abordagem para avançar com eles
Aumento da receptividade à mudança positiva	7. "Estou disposto a demonstrar a solução para os outros e a defender a mudança". 6. "Estou pronto para tentar alguma ação". 5. "Eu vejo o problema e estou interessado em aprender mais sobre o que posso fazer".	Essas respostas são de pessoas que estão cada vez mais abertas e confiantes e que estão ávidas por aprendizado, informação e habilidades aprimoradas. É relativamente fácil avançar com elas na busca de mudanças positivas, ou seja, "desenvolvimento". Será relativamente fácil "começar logo" com elas.
	4. "Eu vejo que há um problema, mas tenho receio de mudar por medo de perder algo".	Essa pessoa tem receios, muitas vezes bem fundamentados, sobre as potenciais perdas sociais ou econômicas se houver tentativa de mudança. Suas vidas são muitas vezes altamente vulneráveis, e eles podem entender os riscos de possíveis soluções melhor do que você. Trabalhar com eles exigirá ouvir bem seus medos e preocupações, modificar soluções para reduzir riscos e criar um ambiente altamente favorável.
	3. "Eu vejo que há um problema, mas tenho minhas dúvidas de que a mudança seja possível".	Essa pessoa é cética de que mudanças positivas são possíveis. Suas dúvidas podem incluir preocupações legítimas sobre a eficácia de uma solução proposta em seu contexto ou até mesmo a capacidade do ajudante. Ou talvez eles tentaram mudar no passado e acharam muito difícil. Trabalhar com eles requer ouvir bem seus medos, trabalhar para construir a confiança e demonstrar a eles que a mudança é possível, dando exemplos de mudanças positivas a outros em um contexto ou situação similar.
Diminuição da receptividade à mudança positiva	2. "Talvez haja um problema, mas não é minha responsabilidade fazer nada sobre isso".	Essa pessoa acredita que a causa do problema e sua solução estão no colo dos deuses, ou com o governo, ou com algum agente externo. Embora as forças externas possam ser parcialmente ou mesmo totalmente responsáveis pela sua situação atual, será extremamente difícil para essa pessoa tomar medidas positivas até que ela entenda sua própria responsabilidade de agir a fim de melhorar sua situação.
	1. "Não há um problema".	Essa pessoa está satisfeita com as coisas como estão, sem ver nenhum problema e sem razão para mudar. É impossível fazer alguém assim mudar, mas permitir que ele persista nesta condição através de dinheiro é danoso. Você precisa permitir que ele experimente as consequências dolorosas de suas decisões na esperança de desencadear um desejo de mudança positiva. Pode levar muito tempo e energia para ajudar as pessoas a mudar essas atitudes, e não há garantia de que a mudança ocorrerá.

Adaptado de *Lyra Srinivasan, Tools for Community Participation, A Manual for Training Trainers in Participatory Techniques (Washington, DC: PROWWESS/UNDP, 1990), 161.*

Essa perspectiva pode nos ajudar a classificar textos que podem, à primeira vista, parecer contraditórios. Por exemplo, por um lado, há muitas passagens em que Deus instrui seu povo a cuidar dos materialmente pobres em geral e das viúvas em particular (por exemplo, Lv 19.9-10; Dt 14.28-29; Mt 25.31–46; Tg 1.27; 1Jo 3.17–18). No entanto, esse mesmo Deus também instruiu a igreja do Novo Testamento a *não* fornecer assistência material às viúvas que tivessem filhos ou netos ou a quaisquer viúvas que não tivessem mais de sessenta anos de idade, tivessem elas descendentes ou não (1Tm 5.3–16). Comentaristas

acreditam que sessenta anos de idade era provavelmente a idade máxima em que os indivíduos naqueles dias poderiam razoavelmente esperar que trabalhassem e se sustentassem.[13] Note-se que até mesmo a assistência material para as viúvas mais velhas sem descendentes não era automática, pois elas tinham que ser conhecidas por suas boas obras antes de receberem assistência material.

Deus não estava amando as viúvas? Como podemos conciliar essas passagens? Se as interpretamos no contexto da narrativa geral, o mistério desaparece. Deus quer que sejamos generosos com os materialmente pobres, tanto com nosso tempo como com nosso dinheiro. Nós devemos "gastar [nós mesmos] em favor dos famintos e satisfazer as necessidades dos oprimidos" (Is 58.10a). Mas, ao fazer isso, devemos proceder de uma maneira que não prejudique o objetivo final de restaurá-los ao que eles foram criados para ser.

De fato, 1Timóteo 5.13 indica que foi esse objetivo final que levou Deus a ordenar à igreja do Novo Testamento que retivesse o apoio material de todas as viúvas que não tivessem mais de sessenta anos, para que tal apoio não as fizesse "ociosas, mas também fofoqueiras e intrometidas", ao invés de servidoras do reino produtivas. A Bíblia *não* comanda uma "generosidade" irracional, mas sim o uso de sabedoria e prudência que mantém o objetivo final em mente: a restauração das pessoas para o que elas foram criadas para ser.

Em segundo lugar, recusar-se a fornecer auxílio a pessoas carentes de recursos materiais *não* é se afastar delas. Pelo contrário, nossa mensagem para eles deveria ser: "Nós amamos você o suficiente para lhe dar muito mais do que você está

pedindo agora. Queremos fazer parte de sua vida e caminhar com você enquanto chegamos à raiz da causa da sua situação atual, *juntos*. Isso vai nos custar muito mais do que o pouco de dinheiro que você está nos pedindo agora. Estamos ansiosos por trilhar este caminho muito mais desgastante com você, porque você vale a pena aos olhos de Deus". Isso não é se afastar deles! Se eles recusarem tal ajuda*, eles estão se afastando de nós!* E se o fizerem, a resposta apropriada de nossa parte deve ser orar por eles, permanecer abertos ao seu retorno e fazer a oferta de *verdadeiramente* ajudá-los novamente no futuro. Mas dar-lhes assistência material quando não precisam disso não é o amor que se deve fazer, e somos chamados a amar verdadeiramente nosso próximo.

Voltando à tabela 10.1, as pessoas das categorias 3 e 4 estão abertas a mudanças, mas têm preocupações que podem ser bem fundamentadas. Como discutido na seção sobre "paternalismo do conhecimento" no Capítulo 4, às vezes intervenções que nos parecem boas, como de fora, podem ser muito prejudiciais ou arriscadas. É importante ouvir com atenção as pessoas materialmente pobres que expressam essas preocupações. Eles nem sempre estão certas, mas nós também não. A intervenção ou abordagem pode precisar ser modificada à luz das informações que estão compartilhando conosco.

As categorias 5 a 7 representam as pessoas com as quais é mais fácil embarcar no processo de desenvolvimento, pois são as mais abertas a seguir as mudanças propostas. À medida que tentamos obter um sucesso inicial e reconhecível para gerar entusiasmo e motivação, muitas vezes é recomendável começar a trabalhar com pessoas nessas categorias. E, à medida que

experimentam o sucesso, ele pode ajudar as pessoas das categorias 3 a 4 a superar quaisquer receios e preocupações injustificados. E isso pode até mesmo abrir as pessoas nas categorias 1 a 2 para novas possibilidades que eles não haviam considerado antes.

É muito útil ter ferramentas que medem e revelam a receptividade das pessoas à mudança. Essas ferramentas devem revelar pelo menos duas coisas. Primeiro, o indivíduo ou grupo entende sua culpa - grande ou pequena – por colocar a si mesma nessa situação? Como discutido no Capítulo 2, a pobreza pode ser o resultado de injustiças estruturais, desastres naturais, pecado pessoal ou alguma combinação deles. É crucial que as pessoas identifiquem qualquer parte do problema que elas mesmas criam para que possam começar a abordar esses problemas. Segundo, o indivíduo ou grupo entende que eles têm a responsabilidade de tomar algumas ações para melhorar sua situação, mesmo que nem todos os aspectos da situação estejam dentro de seu poder de mudança? As ferramentas e métodos descritos no próximo capítulo podem ajudar os leitores a discernir essas duas dimensões de receptividade à mudança.

Lembre-se, não são apenas os materialmente pobres que precisam mudar. Todos nós precisamos mudar, porque somos todos pobres de maneiras diferentes. De fato, como muitas outras igrejas e ministérios norte-americanos, a Parkview Fellowship está experimentando seus próprios gatilhos de mudança, gatilhos que podem impulsioná-la para uma abordagem muito mais transformadora e fortalecedora do ministério. O próximo capítulo descreve os passos que o Parkview pode dar para aplicar os princípios descritos neste capítulo para avançar no

desenvolvimento participativo baseado em ativos, nos vários contextos em que está ministrando.

Questões para reflexão e exercícios

Por favor, escreva respostas para as seguintes perguntas:

1. Pense nas maneiras pelas quais sua igreja ou ministério tem trabalhado com pessoas materialmente pobres. Como você tem promovido gatilhos para mudanças positivas ou para miná-las?
2. Qual tem sido a história da sua igreja ou ministério de usar uma equipe de pessoas de apoio para ajudar indivíduos e famílias a mudar? Quais são algumas das coisas que você aprendeu? Se você não está usando equipes de apoio, o que você poderia fazer para mudar isso?
3. Pense em como você ou aqueles ao seu redor obtiveram seus empregos. Qual o papel que sua rede de contato desempenhou em conseguir esse emprego? Quais são algumas outras maneiras pelas quais suas redes de contato ajudaram você a fazer mudanças positivas em sua vida? Como você poderia usar suas redes para ajudar materialmente as pessoas pobres?
4. Pense em alguma iniciativa que sua igreja ou ministério tentou iniciar e que nunca decolou. Você não conseguiu “começar pequeno” ou “começar logo”?
5. Há pessoas em sua vida que você está tentando ajudar e que simplesmente não estão abertas a mudanças? Pare e ore para que o Espírito Santo toque seus corações para que eles se tornem mais abertos a mudanças positivas.
6. Você está receptivo às mudanças positivas que Deus

quer fazer em sua vida? Pare e ore para que Deus torne você mais aberto às mudanças que Ele quer fazer em você.

Pensamentos iniciais

Por favor, dedique alguns minutos para escrever suas respostas às seguintes perguntas: 1. Liste as diferentes comunidades nas quais sua igreja ou ministério e quaisquer organizações com as quais eles parceiros estão trabalhando. Quais dessas comunidades são consideradas materialmente pobres? Quais dessas comunidades não são materialmente pobres, mas contêm famílias individuais que são materialmente pobres?

2. Se a sua igreja se associa com outras igrejas ou organizações que ministram para pessoas materialmente pobres em casa ou no exterior, essas outras igrejas ou organizações apreciam a ajuda que sua igreja lhes oferece? Como você sabe?

Capítulo 11

Em seus lugares, preparados, vão!

À medida que Jerry, Dan e o resto da equipe de liderança da Parkview exploraram a melhor maneira de seguir em frente, eles perceberam que Parkview estava realmente ministrando em três cenários distintos (veja figura 11.1). Primeiro, embora Parkview não estivesse situada em uma comunidade materialmente pobre, sua localização visível na via principal tornava-a um ponto de parada natural para pessoas de toda a cidade ou para aqueles que estavam apenas de passagem. Essas pessoas poderiam ser indivíduos solitários, mas mais provavelmente eram partes de famílias nucleares ou estendidas. Em segundo lugar, por...

Contextos do ministério da Parkview Fellowship Church

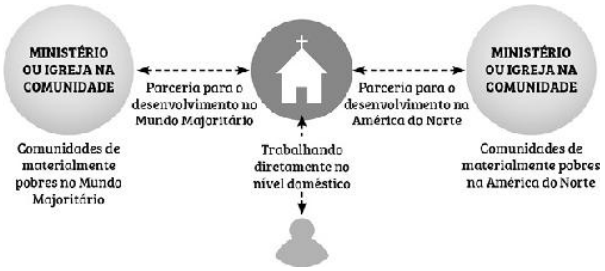


Figura 11.1

... muitos anos, a Parkview vinha fornecendo apoio financeiro e voluntários para um ministério que ficava localizado em uma vizinhança materialmente pobre, a cerca de três quilômetros de distância de Parkview, na mesma cidade. Finalmente, por muitos anos a Parkview tinha enviado equipes para trabalhar com igrejas, organizações e missionários em comunidades materialmente pobres no Mundo Majoritário.

Com a estrutura deste livro e os princípios do capítulo anterior em vista, este capítulo descreve os caminhos que a Parkview

Fellowship e seus parceiros podem seguir para buscar uma abordagem participativa mais baseada em ativos em todos os três cenários.

TRABALHANDO DIRETAMENTE NO NÍVEL DOMÉSTICO NA AMÉRICA DO NORTE



Figura 11.1A

Como muitas igrejas nos Estados Unidos, a Parkview Fellowship está localizada em uma área que não é substancialmente pobre de modo geral; no entanto, Parkview tem pessoas materialmente pobres - tanto membros quanto não membros - pedindo ajuda financeira. Essas pessoas pobres podem morar perto do prédio da Parkview Fellowship, mas elas também podem vir de toda a cidade ou até mesmo parar na rodovia. Dada a diversidade de locais em que essas pessoas com necessidades materiais vivem e o fato de que a área em que Parkview está localizada não é pobre, Parkview pode muito bem decidir se concentrar no desenvolvimento desses indivíduos e suas famílias, em vez de buscar um desenvolvimento amplo da comunidade em que está localizada. A Parkview pode usar os seguintes passos para avançar no desenvolvimento participativo baseado em ativos para esses indivíduos e suas famílias:

Primeiro passo: avaliar e mobilizar os dons da igreja ou organização

É importante conhecer os dons, habilidades e recursos que

estão presentes e disponíveis na congregação de Parkview, bem como quaisquer pontos fracos que possam impedir que esses ativos sejam mobilizados de forma eficaz. Embora os recursos financeiros possam ser úteis, o maior desafio será identificar e mobilizar pessoas solidárias e humildes que estejam dispostas, prontas e capazes de se engajar em relacionamentos duradouros e empoderadores com pessoas materialmente pobres. Conforme descrito no Capítulo 10, há uma variedade de abordagens para mentoria, mas geralmente é bom usar algum tipo de equipe de mentoria, como um círculo de suporte. É crucial que os mentores tenham sido identificados e estejam dispostos e prontos para se engajar em relacionamentos de longo prazo antes que a Parkview possa desempenhar um papel significativo no processo de desenvolvimento com pessoas materialmente pobres.

Uma abordagem para identificar e mobilizar os recursos da Parkview é simplesmente pedir aos fiéis que preencham um pequeno questionário no qual eles listam seus dons *e* disponibilidade para ajudar. Uma abordagem mais abrangente seria avaliar as experiências, a visão, as atitudes, as capacidades gerais e as fraquezas da igreja para se engajar no ministério abrangente. Em ambos os casos, Heidi Unruh, um dos maiores especialistas em ministérios eclesiásticos abrangentes nos Estados Unidos, desenvolveu um recurso muito útil intitulado *Guia de Inventário do Ministério: Avalie a Capacidade e Identidade do Ministério de sua Igreja*.[1] Lembre-se, embora uma avaliação abrangente possa ser útil, é importante “começar pequeno e começar logo” para que o entusiasmo e a motivação não sejam perdidos.

Segundo passo: aprenda sobre as

organizações e serviços existentes na área

É provável que existam muitas organizações que já prestam serviços na área de Parkview. Ao descobrir o que já está disponível, a Parkview pode evitar “reinventar a roda” e pode ajudar as pessoas materialmente pobres a acessar os serviços. Observe que Parkview não deve simplesmente encaminhar as pessoas materialmente pobres para esses outros serviços, conduzindo-os assim para fora da porta. Lembre-se, o objetivo é desenvolver relacionamentos de longo prazo que possam trazer mudanças duradouras. Jerry deveria estar dizendo: “Ei, Tony, enquanto analisávamos seu orçamento *juntos*, percebi que você estava pagando muito pela sua conta de eletricidade a cada mês. Vamos até o meu carro para irmos à companhia elétrica para ver se eles têm alguma sugestão para as coisas que poderíamos fazer para reduzir seus custos”. E então Jerry deveria andar com Tony durante o processo de descobrir como implementar algumas ou todas as sugestões da companhia elétrica.

Uma excelente fonte de informações sobre os serviços existentes é o *United Way 2-1-1 Resource Guide*, disponível em muitos locais. Se a publicação não estiver disponível para a cidade de Parkview, a Parkview pode examinar as páginas amarelas, pesquisar na Internet, falar com agências de serviço social conhecidas (por exemplo, Departamento de Serviços Sociais, Exército de Salvação), falar com outras igrejas e ministérios e conversar com pessoas, incluindo as pessoas materialmente pobres que Parkview conhece. Recursos úteis que incluem formulários e dicas para ajudar com este processo estão disponíveis no Instituto de Desenvolvimento Comunitário Baseado em Ativos da Universidade Northwestern.[2]

Terceiro passo: Adote políticas baseadas em ativos, participativas, de “primeiro Contato”

Toda igreja ou ministério precisa ter políticas e procedimentos que os orientem durante seu primeiro encontro com pessoas materialmente pobres que pedem ajuda. Essas políticas e procedimentos, que às vezes são chamados de “políticas de assistência”, precisam descrever as condições e parâmetros sob os quais a assistência material será dada e os procedimentos que serão seguidos para avançar para um engajamento mais profundo. A implementação dessas políticas requer uma ferramenta de diagnóstico que avalie o seguinte para cada indivíduo ou família: 1) Eles precisam de alívio, reabilitação ou desenvolvimento? 2) Eles estão receptivos para mudar? e 3) Eles estão abertos a um relacionamento contínuo de apoio com a igreja ou ministério?

Um excelente conjunto de recursos pode ser obtido na Diaconal Ministries Canada. Veja, em particular, suas *Diretrizes para a Assistência*, que usa um “plano de ação” como a ferramenta de diagnóstico e planejamento básico para usar com aqueles que buscam assistência material. A estrutura dessa ferramenta é consistente com uma abordagem participativa baseada em ativos, conforme evidenciado pela seguinte amostra de perguntas:[3]

- Quais são seus objetivos e sonhos para a sua vida?
- Quais pontos fortes, habilidades e recursos você pode usar para atingir esses objetivos?
- Qual é a primeira ação que você tomará para usar seus dons para alcançar seus objetivos? Em que data você fará isso?

- Como poderíamos ajudá-lo a alcançar seus objetivos?
- Você estaria disposto a ter uma pessoa de apoio para incentivá-lo a atingir suas metas?
- Quando podemos nos encontrar com você novamente para verificar como estão as coisas?

O ponto das políticas de assistência é engajar a pessoa em uma conversa guiada que ajude, tanto a eles quanto a você, a entender melhor sua situação de vida, a considerar o que poderia ser feito para melhorar essa situação, avaliar sua prontidão para avançar e explorar o papel de sua igreja ou ministério nesse processo. Se uma crise *radical* não está em jogo e a pessoa não está disposta a se envolver na construção de um plano de ação, então *ela, não você*, estão recusando ajuda.

Como resumido na tabela 11.1, este plano de ação oferece uma oportunidade para aplicar os cinco princípios descritos no Capítulo 10.

Plano de ação e os **princípios do desenvolvimento participativo baseado em ativos**

Princípios	Aplicação no plano de ação
1. Promover gatilhos para a mudança humana	O plano de ação pode servir como um gatilho, pedindo às pessoas que considerem, possivelmente pela primeira vez, suas metas futuras e os dons e recursos que podem usar para atingir esses objetivos.
2. Mobilizar o apoio de pessoas	O plano de ação pede às pessoas materialmente pobres que estejam abertas à igreja ou ao ministério, trazendo pessoas solidárias ao lado delas. Se a pessoa concordar, "aliados" podem ser designados ou um processo mais orgânico pode ser usado como em Beyond Welfare, o uso de reuniões em grandes grupos para formar círculos de apoio (ver capítulo 10). É crucial que os aliados tenham sido mobilizados com antecedência para que estejam prontos para se envolver, assim que uma pessoa materialmente pobre expressar uma abertura para um engajamento mais profundo.
3. Procure por um sucesso inicial reconhecível	O plano de ação deve começar com algumas metas de curto e médio prazo que provavelmente serão bem-sucedidas: "Vamos começar com a inscrição de seus filhos para vacinas contra a gripe"; "Eu vou pagar para limpar as folhas e isso vai te dar um dinheiro imediato".
4. Aprenda o contexto conforme a caminhada	As informações que a pessoa fornece em seu plano de ação permitem que você aprenda muito sobre elas rapidamente. Você aprenderá mais enquanto se envolve em um relacionamento contínuo com eles.
5. Comece com as pessoas mais receptivas a mudança	As pessoas que não estão dispostas a criar um plano de ação não são receptivas a mudanças. Ore por eles, mas lembre-se de que você não os está rejeitando; eles estão rejeitando sua ajuda.

Tabela 11.1

Quarto passo: explore a possibilidade de começar um novo ministério

À medida que avança pelos passos anteriores, Parkview pode ver a oportunidade de introduzir um novo ministério para ajudar a trazer mudanças duradouras para os indivíduos e famílias materialmente pobres que está encontrando. Por exemplo, à medida que os membros da Parkview acompanham as pessoas através dos planos de ação que desenvolveram, buscando acessar os serviços existentes na cidade, é provável que em breve eles vejam lacunas entre os serviços disponíveis e a assistência que os materialmente pobres precisam para seguir em frente. Essas lacunas oferecem uma oportunidade para a Parkview encontrar um nicho para um novo ministério.

Observe que essas lacunas podem ser devidas a um serviço que simplesmente não existe ou ao serviço ser inadequado para realizar os objetivos do desenvolvimento participativo focado no evangelho e baseado em ativos. Por exemplo, é provável que já

existam programas de educação financeira na comunidade, mas os programas existentes podem não ensinar os princípios da administração financeira por uma perspectiva bíblica, deixando de abordar as questões subjacentes da visão de mundo que muitas vezes estão na raiz das relações enfraquecidas das pessoas com Deus, consigo mesmas, com os outros e com o resto da criação.

Igrejas e ministérios devem “terceirizar” aos prestadores de serviços existentes aquelas características do processo em que não trazem nenhum valor distinto, no entanto, cometem um grande erro quando “subcontratam” os provedores de serviços seculares sobre os recursos do processo de desenvolvimento em que eles têm uma oportunidade única de desenvolver relacionamentos intencionais, compartilhar o evangelho ou discipular pessoas em uma cosmovisão bíblica. Por exemplo, uma característica de ajudar as pessoas com suas finanças é incentivá-las a abrir contas de poupança. Seria ridículo a Parkview abrir um banco se houver bancos existentes na área que possam fornecer contas de poupança para pessoas materialmente pobres. Como igreja, a Parkview não é particularmente dotada para possuir e operar bancos. No entanto, Parkview é claramente mais capaz de ensinar princípios bíblicos de administração financeira e de discipular pessoas materialmente pobres do que um provedor de serviços secular. Seria um erro para a Parkview perder a oportunidade de um profundo impacto nessa parte do processo de desenvolvimento.

É claro que Parkview também pode descobrir igrejas ou organizações cristãs em sua comunidade que já estão ministrando de maneiras muito focadas no evangelho. Se assim for, deve fazer o máximo para se conectar e apoiar esses ministérios, em vez de

começar algo redundante. Por exemplo, pode haver uma organização que já esteja oferecendo treinamento de educação financeira baseada na Bíblia que a Parkview possa apoiar com mentores, treinadores *etc.* A colaboração com outros crentes é uma boa administração dos recursos do reino, faz parte do nosso testemunho ao mundo e agrada nosso Pai celestial.

Como discutido no Capítulo 8, existem três intervenções de desenvolvimento econômico que provavelmente serão boas opções para a Parkview considerar: treinamento em preparação para o emprego, educação financeira e desenvolvimento individual. O Chalmers Center (www.chalmers.org) e o Jobs for Life (www.jobsforlife.org) têm treinamento e currículos sobre essas intervenções que a Parkview pode querer considerar. Como mencionado no Capítulo 10, a reunião de grandes grupos nos círculos de modelo de apoio oferece um excelente fórum para usar essas três intervenções.

Como parte do processo de exploração, a Parkview deve buscar um mapeamento de ativos bem direcionado, relacionado à intervenção que está considerando implementar. Por exemplo, se a Parkview está pensando em começar um ministério de preparação para o trabalho, ela precisa descobrir os serviços existentes na comunidade relacionados ao treinamento para vagas de emprego, a fim de criar seu nicho exclusivo e alavancar os serviços que já estão presentes. Observe que esse mapeamento de ativos direcionados é muito mais focado do que alguns exercícios abrangentes de mapeamento de ativos que tentam identificar, mobilizar e conectar toda a gama de organizações, associações, instituições e recursos existentes em uma comunidade.

A tabela 11.2 ilustra esse ponto a partir de um mapeamento de ativos direcionados que foi realizado para descobrir os serviços de treinamento e colocação de serviços existentes em uma comunidade específica. Os recursos do Instituto de Desenvolvimento Comunitário Baseado em Ativos da Unversidade Northwestern podem ajudar a projetar e implementar um mapa de ativos direcionado.[4]

PARCERIA PARA DESENVOLVIMENTO EM COMUNIDADES MATERIALMENTE POBRES NOS ESTADOS UNIDOS



Figura 11.1B

Como a equipe de liderança de Parkview considerou maneiras de ser mais desenvolvimentista em todos os seus ministérios, começou a refletir sobre sua parceria histórica com o Jubilee Center, um ministério cristão localizado em Westside, um dos bairros mais pobres da cidade. Westside tem todas as características comuns de um gueto norte-americano: desemprego, crime, famílias monoparentais, escolas frágeis, deterioração de casas, gangues e - o pior de tudo - ausência de esperança. Durante anos, a Parkview apoiara o Jubilee Center, enviando voluntários para fazer coisas *para* o Westside, sob os auspícios do Jubilee Center. Uma vez a cada trimestre, os voluntários da Parkview passavam um sábado reparando e pintando casas, catando lixo e entregando cestas básicas de porta em porta. Dado que Parkview consistia em profissionais brancos, de classe média e alta e que Westside consistia em negros de

baixa renda, geralmente havia um considerável desconforto entre os voluntários e os residentes. No entanto, a equipe do Jubilee Center, que havia crescido no Westside, sempre recebera os voluntários, de modo que os voluntários continuaram a ir, imaginando que o constrangimento era um pequeno preço a pagar por servir o Jubilee Center e sua comunidade.

Mas agora a liderança de Parkview estava tendo outras ideias. Eles perceberam que havia semelhanças entre pagar a conta de energia todos os meses *para* Tony e a assistência material que seus voluntários forneciam *para* os moradores de Westside. Eles até começaram a se perguntar se seus voluntários estavam na verdade prejudicando o trabalho do Jubilee Center, cujo objetivo declarado era promover “empoderamento, dignidade e autossuficiência”.

Jerry ligou para Michael, o diretor executivo do Jubilee Center, para compartilhar essas preocupações. Depois que Jerry terminou de explicar, houve uma longa pausa no telefone. Então, com a voz trêmula, Michael respondeu: - Jerry, nos últimos meses, a equipe do Jubilee Center tem orado sobre o que fazer. Você vê, há anos que temos sido menos do que honestos com você. Nós realmente não queremos que seus voluntários façam todas essas coisas para a nossa comunidade. Na verdade, achamos que os voluntários realmente atrapalham nosso ministério. Mas a Parkview é nossa maior doadora, e sabíamos que você queria que seus voluntários tivessem algo para fazer a cada trimestre. Temos medo de dizer a verdade por medo de que você pare de doar. E nós realmente precisamos do seu dinheiro para ajudar a cobrir nossas despesas. Sinto muito por não ser sincero com você, mas acredito que seu telefonema seja uma resposta às nossas

orações.

Jerry também se desculpou. Ele se lembrou de como o Jubilee Center parecia um pouco hesitante quando sugeriu o envio de equipes de voluntários...

Exemplo de um mapa de ativos segmentados

Porcentagem e número de associações locais envolvidas no treinamento e colocação no emprego

Atividade de Benefício da Comunidade	Ter feito o trabalho nesta área	Dispostos mas não foram feitos trabalhos nesta área	Não disposto a fazer trabalho nesta área	Dispostos a colaborar com outras grupos
Comece um programa de treinamento profissional no bairro	15% (13)	35% (30)	48% (41)	39% (33)
Participe de um programa de treinamento profissional existente no bairro	14% (12)	39% (33)	46% (39)	42% (36)
Participe de um inventário das habilidades profissionais e interesses dos moradores locais	8% (7)	44% (37)	45% (38)	42% (36)
Ajudar os empregadores nos esforços de colocação profissional	15% (13)	33% (28)	48% (41)	41% (35)
Recrutar moradores para empregos locais	19% (16)	33% (28)	44% (37)	45% (38)
Informar membros de trabalhos de bairro através de postagens / anúncios	29% (25)	29% (25)	39% (33)	48% (41)
Informe os não-membros dos cargos da vizinhança por meio de postagens / anúncios	25% (21)	31% (26)	44% (37)	47% (40)
Ajude os adolescentes locais a encontrar empregos	24% (20)	38% (32)	36% (31)	49% (42)
Conectar residentes desempregados aos empregos disponíveis de residentes empregados	29% (25)	29% (25)	38% (32)	45% (38)
Ter membros mentoriando desempregados e / ou residentes recentemente empregados	19% (16)	34% (29)	44% (37)	41% (35)

Número total de entrevistados = 85

Tabela 11.2

Nicol Turner, John L. McKnight, and John P. Kretzmann, A Guide to Mapping and Mobilizing the Associations in Local Neighborhoods (Evanston, IL: The Asset-Based Community Development Institute at Northwestern University, 1999), 40.

... há muitos anos. Mas ele insistiu. Ele recebera ordens para fazer com que mais membros se “engajassem” no ministério, e cada voluntário novo representava “sucesso” no cumprimento de seus

objetivos. Jerry pediu desculpas a Michael e os dois concordaram em se reunir em breve para determinar o melhor curso de ação.

Depois que Jerry desligou o telefone, ele colocou a cabeça entre as mãos e as lágrimas começaram a fluir. O Jubilee Center era apenas uma das muitas “parcerias” que Parkview tinha com ministérios por toda a cidade, ministérios que tinham todos dado “boas-vindas” aos voluntários de Parkview - por insistência de Jerry. *Eu só queria ajudar esses guetos a mudar*, pensou Jerry. *Mas eu tenho que mudar antes que eles possam mudar.*

Como o Jubilee Center pode usar uma abordagem participativa mais baseada em ativos em sua comunidade? Como a Parkview Fellowship pode realmente servir ao Jubilee Center? Quais são os papéis apropriados de cada organização? A seguir, vamos considerar duas boas opções que uma igreja ou ministério que está localizado em um bairro de baixa renda - como o Jubilee Center - pode buscar e o papel apropriado de igrejas apoiadoras de fora da comunidade, igrejas como a Parkview Fellowship.[5]

Parceria para o desenvolvimento no nível familiar nos Estados Unidos

A primeira opção para o Jubilee Center é ministrar no nível familiar em Westside. Se a Jubilee escolher essa abordagem, ela poderá começar em uma direção participativa baseada em ativos simplesmente seguindo as mesmas quatro etapas descritas para a Parkview na seção anterior intitulada: “Trabalhando diretamente no nível familiar nos Estados Unidos”. Isso provavelmente resultará no Jubilee Center executando um ministério - por exemplo, treinamento de preparação para empregos - no qual ele procura usar abordagens participativas baseadas em ativos com as famílias que está procurando ajudar.

O papel da Parkview nisso deve ser principalmente de apoio, permitindo que o Jubilee Center assuma a liderança, porque os membros da equipe do Jubilee são aqueles que estão trabalhando e frequentemente morando na comunidade todos os dias. Esses funcionários geralmente estão em melhor posição para entender a comunidade e desenvolver relacionamentos de longo prazo que são essenciais para trazer a mudança duradoura que está no centro do processo de desenvolvimento.

Isso não significa que a Parkview nunca possa fazer perguntas ao Jubilee Center ou fazer sugestões. Mas isso significa que a Parkview precisa abraçar a ideia de que a presença mais visível e duradoura na comunidade precisa ser o Jubilee Center, não a Parkview Fellowship. E isso significa que Parkview precisa ser extremamente sensível à dinâmica de poder envolvida, sendo uma igreja de brancos, que é a principal doadora para um ministério, cuja equipe e comunidade são formadas principalmente por negros.

Alguns papéis potenciais para Parkview incluem: oração, ajuda financeira, palavras de encorajamento, ajuda na realização de exercícios de mapeamento de ativos, fornecimento de equipes de mentoria para famílias de baixa renda, fornecimento de empregos aos moradores da comunidade, promover laços entre os membros da comunidade e as suas redes, servir no conselho do Jubilee e aconselhar - quando requerido - o diretor executivo do Jubilee.

Há um ponto muito importante que precisa ser enfatizado aqui. Alguns leitores entenderam mal a mensagem da primeira edição deste livro: “Indivíduos e igrejas com recursos financeiros devem parar de fazer cheques”. Essa *não* é a nossa mensagem. Acreditamos que indivíduos, igrejas e ministérios raramente devem

simplesmente “fazer cheques” ou distribuir dinheiro ou recursos materiais diretamente *a pessoas materialmente pobres*. No entanto, também acreditamos que os indivíduos e as igrejas que foram abençoadas com recursos financeiros, como a Parkview, deveriam aumentar drasticamente suas doações financeiras *para igrejas e ministérios que buscam o desenvolvimento participativo focado no evangelho e baseado em ativos.* As igrejas e ministérios que estão envolvidos no trabalho de desenvolvimento têm dificuldade em levantar os fundos necessários para pagar por esta abordagem altamente relacional e que exige tempo; uma abordagem em que nem sempre há medidas claras de sucesso ou de “retorno do investimento”. Os ministérios de desenvolvimento precisam desesperadamente de financiadores que entendam o que é realmente o enfrentamento da pobreza - reconciliando os quatro relacionamentos principais - e que estão dispostos a financiar o processo longo e sinuoso que deve ser usado para chegar lá. Em suma, Parkview precisa dar mais - muito mais - dinheiro para lutar contra a pobreza, mas deve fazê-lo com mais sabedoria.

Embora ministrar em nível doméstico seja uma estratégia legítima, o Jubilee Center precisa estar ciente dos impactos que seu ministério está tendo na comunidade como um todo. Bob Lupton, fundador do Family Consultation Service (FCS) [Serviço de Consultoria Familiar] do Urban Ministries em Atlanta e um dos principais especialistas cristãos em desenvolvimento comunitário nos Estados Unidos, descobriu que algumas das intervenções que o FCS estava usando para ajudar famílias estavam na verdade prejudicando a comunidade do FCS. Por exemplo, muitas das pessoas que o FCS auxiliou na obtenção de empregos e a sair de

albergues deixaram a comunidade para “pastos mais verdes”, enfraquecendo assim a comunidade como um todo. Como resultado, o FCS mudou sua abordagem de trabalhar no nível familiar para trabalhar no nível da comunidade, que é a próxima opção a ser considerada pelo Jubilee Center.[6]

Parceria para o desenvolvimento no nível comunitário nos Estados Unidos

A segunda opção que o Jubilee Center pode escolher é uma abordagem mais abrangente para o desenvolvimento da comunidade Westside. Diferentemente da Parkview Fellowship, o Jubilee Center está localizado em uma área geograficamente bem definida, cujos sistemas - famílias, escolas, empresas, igrejas, associações e instituições - simplesmente não estão funcionando no nível necessário para uma comunidade estável e próspera. Além disso, uma porcentagem significativa dos moradores de Westside está sofrendo de uma sensação de desespero e aflição, sentindo que eles são incapazes de proporcionar muitas mudanças em suas vidas (veja a “pobreza do ser” na figura 2.2). Em tal situação, o Jubilee Center pode decidir promover a transformação da comunidade como um todo através de um processo de “organização comunitária” que desenvolva a liderança local, os relacionamentos e o impulso para trazer mudanças em larga escala aos sistemas que afetam a comunidade de Westside.

Como é o processo de organização da comunidade? Não há receita única, e o processo exporá características únicas à medida que se descobrir situações específicas. Por isso, é importante manter o objetivo geral em mente. Em essência, o arranjo comunitário tenta construir uma “parceria comunitária” (às vezes chamada de “organização comunitária”), um grupo de indivíduos,

associações e instituições em uma comunidade que toma ações conjuntas para mobilizar os bens da comunidade para lidar com seus próprios problemas ao longo do tempo. Se o Jubilee Center escolher usar essa estratégia, poderá ter a oportunidade de proclamar e demonstrar as implicações do reino de Cristo para toda a comunidade e "buscar a paz e a prosperidade da cidade" (Jr 29.4–7). De fato, os cristãos devem se engajar com a comunidade como um todo - incluindo tudo, desde a delegacia de polícia até o parque e a mercearia - se quisermos dar testemunho da reconciliação de *todas as coisas* em Cristo.

Por outro lado, essa abordagem resultará em um processo que o Jubilee Center não controlará no final e no qual poderá ser simplesmente uma das muitas vozes "à mesa" à medida que a parceria da comunidade se desenvolve. Esse papel limitado, embora crucial, para o Jubilee Center é reflexo do fato de que Deus criou uma diversidade de instituições legítimas na sociedade - famílias, empresas, governos, escolas *etc.* - cada uma das quais tem seu papel apropriado a desempenhar. Nenhuma instituição deve procurar assumir as responsabilidades que Deus deu a outras. Famílias não são empresas e igrejas não são governos. Cada instituição precisa cumprir o papel que Deus lhe deu, nada mais e nada menos.[8]

Com efeito, à medida que a parceria comunitária se desdobra, ela eventualmente buscará atividades - por exemplo, construir um parque, fazer lobby perante o governo local *etc.* - que pode ser bom e legítimo, mas que não se enquadra na categoria daquilo que a maioria das igrejas consideraria "ministério". Neste ponto, qualquer igreja envolvida na parceria da comunidade pode simplesmente escolher não participar diretamente dessas

atividades, mesmo reconhecendo que tais atividades são legítimas para outras instituições da parceria. O espaço não permite uma discussão completa das questões envolvidas em encontrar os limites adequados do envolvimento da igreja institucional com a comunidade maior, e reconhecemos que os cristãos sinceros discordam sobre esta questão difícil. Aqui nós simplesmente observamos que enquanto indivíduos e grupos cristãos podem e devem estar envolvidos em toda a gama de vida de uma comunidade, uma das muitas coisas que a igreja como instituição deve considerar antes de se engajar em qualquer atividade é a extensão pela qual tal engajamento permite à igreja articular com clareza a mensagem do evangelho.[79] Portanto, a Parkview Church precisará considerar, em espírito de oração, as melhores maneiras de apoiar e incentivar as atividades de organização comunitária do Jubilee Center.

O apêndice descreve as etapas do processo de organização comunitária que o Jubilee Center pode usar para catalisar o desenvolvimento geral de sua comunidade. Além disso, o Jubilee Center pode querer usar os recursos da Comunities First Association (http://communitiesfirstassociation.org) [link em inglês], uma organização cristã que promove a organização comunitária nos Estados Unidos, bem como aqueles disponíveis no Chalmers Center (www.chalmers.org).

Como uma estranha para a comunidade, o papel da Parkview no processo de organização da comunidade é apoiar o Jubilee Center e a parceria comunitária, incluindo coisas como oração, ajuda financeira, palavras de encorajamento, ajuda na realização de exercícios de mapeamento de ativos, fornecimento de equipes de mentoria para famílias de baixa renda, fornecimento de

empregos aos moradores da comunidade, promover laços entre os membros da comunidade e as suas redes, servir no conselho do Jubilee e aconselhar - quando requerido – o Jubilee Center e a parceria comunitária.

Parceria para o desenvolvimento em comunidades materialmente pobres no mundo majoritário



Figura 11.1C

Procurando por algumas respostas em seus ministérios internacionais, Dan, o pastor de missões transculturais de Parkview, decidiu passar algum tempo no exterior, procurando uma alternativa para seu programa de missões. Ele sabia que as pessoas em Parkview estavam certas. A Parkview precisava encontrar algo que trouxesse progresso sustentável, algo que reduzisse a dependência da igreja, algo que realmente empoderasse... algo que fosse muito diferente de distribuir sapatos, conduzir escolas bíblicas de férias, construir coisas e depois voltar para casa.

Enquanto estava no Quênia procurava modelos, alguém sugeriu que Dan visitasse uma pequena igreja da tribo Masai, que estava fazendo algumas coisas interessantes. Enquanto Dan viajava pelas estradas empoeiradas e esburacadas até essa igreja, ele passou algum tempo lendo sobre os Masai. Embora houvesse muito que admirar em sua longa e distinta história, Dan ficou perturbado pela forma como as mulheres Masai são

frequentemente tratadas nessa cultura. Vistas como propriedade de seus maridos, as mulheres Masai são submetidas a trabalhos árduos, mutilação genital feminina, poligamia e baixos níveis de educação.

Assim, quando Dan chegou à igreja, ele ficou agradavelmente surpreso ao ver um grupo de mulheres Masai que cantavam e dançavam juntas. A mulher que liderava o grupo explicou a Dan que aquela era a reunião semanal de sua Associação de Poupança e Crédito (APC), uma reunião na qual essas mulheres se juntavam para economizar e emprestar seu próprio dinheiro, encorajar e apoiar umas às outras, e orar e estudar a Bíblia juntas (veja o Capítulo 9 para uma descrição mais detalhada das APC).

As mulheres Masai nesta igreja mantiveram a cabeça erguida enquanto discutiam como um trabalhador de desenvolvimento comunitário de sua denominação as havia equipado para formar esta APC, da qual elas eram donas e administradoras. A APC estava permitindo que elas economizassem e emprestassem seu próprio dinheiro e lhes proporcionava a dignidade que precisavam para iniciar e expandir seus próprios pequenos negócios. Uma mulher testemunhou: “Comprei uma vaca com meu empréstimo de 20.000 xelins do Quênia (aproximadamente R$ 1.200,00) e então a vendi. Eu consegui um bom lucro! Quando terminei este empréstimo, tomei outro empréstimo de 20.000 xelins. Eu estou tão feliz. Isso realmente me levantou. Eu comecei agora outro negócio de venda de testes práticos para os alunos para ajudá-los a se preparar para o vestibular. Com os lucros, posso pagar as mensalidades escolares dos meus filhos”.

Dan perguntou às mulheres como seus maridos viam esse grupo. Uma senhora, que se tornou comerciante de gado como

resultado da APC, sorriu quando explicou: “Como somos cristãs nascidas de novo, o Senhor ajudou esse grupo de mulheres. Meu marido está muito orgulhoso de mim. Os homens Masai não acham que nós mulheres somos capazes de fazer alguma coisa. Mas como eu tenho trabalhado duro, meu marido me vê como uma pessoa muito importante”.

E as mulheres Masai fora da igreja estão notando. Vendo o trabalho árduo e o aumento da renda dessas mulheres, as mulheres Masai não crentes estão perguntando se podem se juntar a essa APC também.

Dan fez anotações de forma efusiva durante a reunião. Quando ele se levantou para sair, uma das mulheres Masai disse: “Mas você ainda não ouviu a nossa visão para o futuro. Por favor, sente-se”. Dan obedientemente tomou seu lugar novamente enquanto a mulher continuava: “Eu sou uma Masai pura. Algumas mulheres Masai olham para todas as minhas atividades de negócios e se perguntam se eu sou uma Masai pura. Elas não acreditam que uma mulher Masai possa fazer todas essas coisas. Mas eu sou uma pura Masai. Minha oração é que no futuro eu possa ajudar as garotas Masai pelas regiões mais interioranas. Os pais Masai não querem investir na educação de suas filhas porque suas elas serão perdidas para outras famílias quando elas se casarem. Eu quero ensinar as meninas que vivem no interior, para que eu possa empoderá-las e contribuir para que se tornem como nós”.

Durante a longa viagem de volta a Nairobi, Dan refletiu sobre essas mulheres notáveis. Elas tinham deixado de ser propriedade de seus maridos para adquirir um novo status, pelo qual eram respeitadas por seus maridos e elogiadas por seus filhos. Elas

eram produtivas e até queriam se tornar missionárias, ajudando as meninas Masai a entender que elas também tinham dignidade e capacidade. *Estas são as mulheres de Provérbios 31*, pensou Dan.[9]

Isso parecia ser exatamente o tipo de modelo que Dan estava procurando: empoderamento local, sem dependência, mudança duradoura. Quando Dan voltou a Nairobi, ele passou algum tempo falando com os líderes da denominação da qual a congregação Masai era membro. Ele aprendeu que essa não era uma história isolada, mas parte de uma iniciativa em grande escala que a denominação estava usando para equipar centenas de igrejas pobres em todo o Quênia, estimulando que elas usassem seus próprios recursos - humanos, financeiros, espirituais e sociais -, proporcionando mudanças duradouras para seus membros e suas comunidades.[10] Dan ficou impressionado com a forma como os de fora eram invisíveis em tudo isso. Onde quer que olhasse, via o povo queniano fazendo todo o trabalho neste ministério. Até mesmo o capital de empréstimo nas APC vinha das próprias mulheres Masai, mulheres que estavam nos degraus mais baixos da sociedade. Conforme Dan investigou ainda mais, ele descobriu que a igreja ocidental tinha sido o pivô de tudo aquilo, só de uma forma diferente da que Parkview estava acostumado a fazer.

Dan retornou aos Estados Unidos e estava determinado a aplicar o que aprendeu a um novo relacionamento que a Parkview estava formando com a Shekinah Church, uma congregação de cerca de oitenta pessoas localizada em uma pequena cidade na África Ocidental. Tanto a congregação como a cidade eram muito pobres, com mais da metade das pessoas vivendo com menos de dois dólares por dia. Quando Dan começou a compartilhar suas

ideias com Jerry, eles perceberam que havia enormes semelhanças entre as abordagens que Parkview precisava realizar com o Jubilee Center e com a Shekinah Church. E embora o gueto de Westside fosse muito diferente da cidade da África Ocidental, os processos e princípios gerais que o Jubilee Center e a Shekinah Church precisavam usar eram, na verdade, muito semelhantes.

Antes de explicar essas semelhanças, é importante destacar três questões que a Parkview precisará prestar mais atenção em suas parcerias com o Mundo Majoritário do que em suas parcerias nos Estados Unidos.

Que horas são?

Como discutido no capítulo 7, existem diferenças consideráveis nas noções de tempo entre a Parkview Fellowship e seus parceiros no Mundo Majoritário. Embora tais diferenças também possam existir entre a Parkview e a equipe do Jubilee Center e da comunidade em Westside, elas quase somem em comparação com a lacuna entre Parkview e seus parceiros do Mundo Majoritário. A implicação disso é que a Parkview precisa realmente desacelerar suas expectativas de quão rápido as coisas vão acontecer no Mundo Majoritário. Se isso não acontecer, Parkview tenderá a ficar frustrada e será tentada a assumir o controle em áreas onde não deveria, assumindo erroneamente que a falta de mudança significa falta de habilidade por parte de seus irmãos e irmãs perante o Mundo Majoritário.

Do eu para o nós

Como o Capítulo 7 mencionou, vindo de uma cultura individualista, Parkview precisará estar ciente tanto dos desafios quanto das possibilidades das culturas mais coletivistas no contexto do Mundo

Majoritário. Uma implicação disso é que Parkview precisa ser particularmente sensível ao papel dos líderes comunitários nas culturas coletivistas. Uma falha em reconhecer sua autoridade pode rapidamente fazer com que qualquer iniciativa seja rejeitada. Outra implicação é que as pessoas nas sociedades coletivistas estão muito acostumadas a discutir e fazer coisas em grupos, o que significa que normalmente há uma fonte mais pronta de “pessoas que dão apoio” do que em muitos lugares nos Estados Unidos.

O efeito Donald Trump

Imagine que Donald Trump, uma das pessoas mais ricas dos Estados Unidos, apareça na assembleia anual de sua igreja. Ele se senta atrás e ouve como a liderança da sua igreja apresenta seus planos para o próximo ano. Pouco antes de a congregação ser convidada a votar sobre adotar ou não o plano, Trump levanta a mão e diz: “Eu gostaria de fazer uma pequena sugestão. Eu conheço algumas igrejas que construíram ginásios como meio de divulgação comunitária. Parece-me que essa estratégia pode funcionar para a sua igreja também”.

Se a sua igreja é como a maioria das igrejas, um ginásio de repente se tornaria parte do seu plano anual, mesmo que ele não estivesse na tela do radar alguns minutos antes! Por quê? Porque todo mundo acha que Trump pode estar disposto a pagar por esse ginásio. E quem sabe, conforme ele se envolve mais com sua congregação, ele pode estar disposto a pagar por ainda mais coisas, incluindo as coisas que você realmente queria no início.

Então você adiciona um ginásio ao seu plano anual e, com um bom nível de certeza, Trump paga por ele. Mas então ele segue para contribuir com outra igreja, e agora sua igreja está sobrecarregada com um ginásio que na verdade não deseja e que não tem recursos financeiros ou humanos suficientes para manter. Como resultado, os ministérios que sua igreja realmente queria fortalecer sofrem e o ginásio se deteriora com o tempo. Tudo isso porque Donald Trump simplesmente fez uma sugestão!

Aqui está o arremate: até mesmo o brasileiro médio que anda na maioria das igrejas ou comunidades materialmente pobres no Mundo Majoritário é Donald Trump nesse contexto. Isso mesmo, você é Donald Trump! “Sugestões” se tornam “novas direções”

muito rapidamente, e os resultados podem ser tão prejudiciais ao longo do tempo quanto o ginásio. Observe que, embora essa dinâmica estivesse presente no relacionamento da Parkview com o Jubilee Center, ela é muito mais evidente no relacionamento da Parkview com seus parceiros no Mundo Maioritário.

Qual é a solução para isso? Não há respostas fáceis, mas aqui estão algumas sugestões:[11]

- Trabalhe duro para desenvolver relacionamentos verdadeiros e transparentes com seus parceiros ao longo do tempo. Ficar com eles, mesmo quando eles falham, gera confiança.
- Seja menos visível. Apoie treinadores autóctones de igrejas autóctones para que “Donald Trump” não seja visto ou ouvido.
- Seja extremamente hesitante em fazer “sugestões”. Ouça mais e fale menos.
- Certifique-se de que as pessoas locais - tanto os seus parceiros ministeriais quanto as pessoas que eles estão servindo - estão contribuindo com seu próprio tempo, dinheiro ou outros recursos para o projeto. Isso ajuda a medir sua receptividade à mudança e seu grau de entusiasmo e motivação. Quando custa às pessoas participarem de algo, elas “sentem na pele” e são mais hesitantes em dizer sim a algo que elas na verdade não querem. Mesmo as pessoas mais pobres devem ser convidadas a contribuir com algo de valor para elas se quiserem receber algum tipo de benefício. O ginásio poderia não ter sido almejado se todos os membros da congregação tivessem sido obrigados a contribuir com US$

500 para sua construção.

O *The Beauty of Partnership Study Guide* [A Beleza da parceria – Guia de estudo] e seus vídeos são excelentes recursos para preparar os norte-americanos [e brasileiros] para as alegrias e desafios das parcerias transculturais.[12] Além disso, os "Padrões de Lausanne: afirmações e acordos para dar e receber dinheiro na missão" fornecem diretrizes muito úteis para promover transferências saudáveis de recursos materiais em nível transcultural, dentro do corpo de Cristo (www.lausannestandards.org). [link em inglês]

Parceria para o desenvolvimento no nível familiar no Mundo Majoritário

Semelhantemente ao Jubilee Center, uma opção para a Shekinah Church é ministrar no nível das famílias dentro e fora de sua congregação, em vez de tentar afetar sua comunidade como um todo. O processo geral para a Shekinah é similar também:

- Avalie e mobilize os próprios dons e recursos de Shekinah.
- Avalie os ativos existentes na comunidade de Shekinah.
- Crie um projeto ou ministério.
- Implemente o projeto ou ministério.
- Avalie e celebre.

Shekinah Church pode usar as ferramentas de Aprendizagem Participativa e Ação (APA) para orientar esse processo. O APA, que anteriormente era chamado de avaliação rural participativa (ARP), é tanto uma metodologia quanto uma mentalidade, usando técnicas que buscam uma inversão de poder daqueles que a possuem recursos para aqueles que não possuem, permitindo

assim que as vozes daqueles que não possuem possam ser ouvidas. Por exemplo, o APA utiliza técnicas visuais (por exemplo, imagens desenhadas no solo) em vez de técnicas que exigem habilidades verbais ou alfabetização (por exemplo, gráficos escritos nas paredes) no processo de planejamento, permitindo que pessoas tímidas ou analfabetas participem.[13] Dada a dinâmica de poder que existe entre Parkview e Shekinah e as que podem existir dentro da própria Shekinah ou de sua comunidade, o APA pode ser uma abordagem útil para incentivar o desenvolvimento participativo baseado em ativos.

A Iniciativa Umoja ("união" em suaíli) da Tearfund, uma organização cristã de alívio e desenvolvimento no Reino Unido, produziu recursos disponíveis para download que usam ferramentas de APA para ajudar igrejas e ministérios no Mundo Majoritário através do processo de cinco etapas descrito acima.[14] Concentre-se no "Estágio 1: capacitando e equipando a Igreja" para ajudar Shekinah a ministrar em nível familiar. Outras ferramentas de APA disponíveis podem ser encontradas em *Técnicas participativas das comunidades de capacitação para o desenvolvimento de programas baseados na comunidade*.[15] Treinamento em APA e técnicas relacionadas estão disponível através de cursos online da Village Earth (villageearth.org) [link em inglês]. Além disso, quando Shekinah chegar ao "Passo 3: conceber um projeto ou ministério" acima, pode ser necessária assistência técnica adicional. Por exemplo, se Shekinah decidir que seu projeto será usar Associações de Poupança e Crédito como a usada pela Igreja Masai, podem ser necessários treinamento e conteúdo adicionais para iniciar essas associações.

Qual é o papel da Parkview Fellowship nesse processo? Mais

uma vez, Parkview deveria apoiar e não liderar, encorajando Shekinah a usar seus próprios dons e recursos. Papéis apropriados para Parkview incluem:

- Subsidiar o treinamento de Shekinah no processo de APA. Shekinah deve pagar algo pelo treinamento que está recebendo. As opções de treinamento incluem organizações de assistência e desenvolvimento que trabalham na área, organizações de treinamento na região que se especializam em APA, agências governamentais locais ou missionários norte-americanos [e brasileiros] ou agentes de desenvolvimento comunitário que foram treinados na teoria e na prática.
- Apoio em oração e encorajamento.
- Ajudar a encontrar assistência técnica adicional, se necessário, na concepção do projeto ou ministério (etapa 3).
- Fornecer assistência financeira limitada para projetos somente quando os recursos locais forem insuficientes. Alguma contribuição local deve ser obrigatória.

Este é, em grande parte, o papel que uma organização de missões norueguesa assumiu em seu relacionamento com a denominação queniana à qual a Igreja Masai pertencia. Em resposta a um pedido da denominação queniana para assistência técnica, os noruegueses pagaram por um consultor que equipou um membro da denominação queniana, um facilitador de desenvolvimento comunitário, com o conhecimento e as habilidades necessárias para ajudar as congregações pobres em toda a denominação a usar seus próprios dons e recursos. Os

noruegueses forneceram alguma assistência financeira para ajudar a pagar o salário e as despesas deste facilitador queniano, permitindo-lhe acompanhar as igrejas quenianas à medida que desenvolviam os seus próprios ministérios sem qualquer apoio financeiro externo.[16, 17]

Parceria para o desenvolvimento no nível comunitário no Mundo Majoritário

Uma estratégia alternativa para a Shekinah Church é tentar catalisar um processo que traga mudança para toda a cidade em que está localizada, não apenas para as famílias individuais às quais Shekinah está ministrando. Essa abordagem é semelhante à segunda opção descrita acima para o Jubilee Center, ou seja, a estratégia de promover uma "parceria comunitária" que busca mobilizar os indivíduos, associações e instituições da comunidade como um todo. Embora esse processo seja geralmente mais lento e confuso do que se Shekinah simplesmente trabalhasse por conta própria, isso poderia resultar em mudanças mais amplas para a cidade, permitindo que Shekinah represente o amor e a reconciliação de Cristo em uma escala maior.

O processo que Shekinah deve usar para catalisar essa mudança é semelhante ao descrito para o Jubilee Center no apêndice. A principal diferença é que o APA é a principal ferramenta, em vez de instruções educativas e mapeamento de ativos.

Os recursos descritos anteriormente para Shekinah usar no nível familiar também podem ser usados para trabalhar no nível da comunidade.[18] E o papel de Parkview é o mesmo, assumindo um papel de apoio e não de liderança. Em particular, Parkview pode querer ajudar a pagar o salário e as despesas de um trabalhador

comunitário autóctone para facilitar o processo de APA para Shekinah e sua comunidade, mas somente se houver pelo menos algumas contribuições de Shekinah e de quaisquer organizações ou denominações maiores que estejam envolvido neste processo.

O passo mais importante

Não existe uma fórmula mágica que a Parkview e seus parceiros possam usar para garantir mudanças duradouras em qualquer um dos contextos em que estejam trabalhando. O desenvolvimento é fundamentalmente um processo confuso que depende, em última instância, da obra reconciliadora de Jesus Cristo (Cl 1.19-20) e do poder do Espírito Santo. O desenvolvimento não é algo que possa ser “colocado em uma garrafa” e “derramado” quando e onde quisermos que aconteça. No entanto, os processos e recursos descritos neste capítulo podem orientar os leitores ao longo da longa e sinuosa estrada que é a jornada de desenvolvimento. Mas, como a “Palavra Final” no final deste livro nos lembra, há mais um passo - o passo mais importante - que deve ser dado antes que a jornada possa começar.

Questões para reflexão e exercícios

Por favor, escreva respostas para as seguintes perguntas:

1. Sua igreja ou ministério já tem políticas de assistência? Eles são consistentes com uma abordagem de desenvolvimento participativo baseada em ativos? Se não, quais são os passos que você pode tomar para seguir nessa direção?
2. Sua igreja ou ministério faz parceria com outras igrejas e ministérios em sua área ou em outras partes do mundo? Se não, por que não? Quais são as implicações de João 17.20–23 e Filipenses 2.1–11 sobre a importância de dar as mãos a outros cristãos e sobre a atitude que devemos levar a tais parcerias? Quais são algumas ações específicas que sua igreja ou ministério poderia tomar para ser um parceiro melhor?
3. Sua igreja, seu ministério ou você, como indivíduo, talvez, inconscientemente, trouxe o efeito “Donald Trump” em suas parcerias? Se sim, o que você pode fazer para reverter esse problema?
4. Sua igreja ou ministério precisa se arrepender de qualquer maneira que tenha agido em relação a seus parceiros? Pense em maneiras pelas quais você poderia perguntar a seus parceiros se sua igreja, seu ministério ou você, individualmente, colocou pressões indesejadas neles. Como você pode tornar “seguro” para eles dizer a verdade?
5. Há alguma maneira pela qual sua igreja, seu ministério ou seus parceiros estejam ajudando famílias a partir de contribuições da comunidade como um todo? O que você

ou seus parceiros podem fazer para trabalhar mais efetivamente com as comunidades nas quais você ministra?

6. Pense nos três contextos ilustrados na figura 11.1. Em qual desses contextos a sua igreja ou ministério está trabalhando ou se associando? Para cada contexto, quais são as etapas específicas que você irá tomar para seguir os caminhos descritos neste capítulo a fim de seguir uma direção participativa mais ativa?

Uma palavra final:

o passo mais importante Este livro tentou introduzir os leitores aos princípios e práticas do enfrentamento da pobreza nos níveis nacional e comunitário. Ao longo do caminho, o livro descreveu uma série de ferramentas, técnicas, intervenções e processos que igrejas e ministérios podem usar para trabalhar com pessoas materialmente pobres de forma mais eficaz. Acreditamos que todos esses métodos são extremamente úteis, e pedimos aos leitores que os utilizem diligentemente em seu país e no exterior.

Mas há uma etapa que é mais importante do que usar conversas de aprendizado, mapeamento de recursos, APA ou qualquer outra técnica ou ferramenta que tenhamos discutido. De fato, é o passo mais importante, o passo que deve ser empregado desde o início e repetido durante todo o processo de enfrentamento da pobreza. É o passo do arrependimento... *nosso arrependimento.*

No Capítulo 2, descrevemos a equação que frequentemente define a relação entre materialmente pobre e materialmente não pobre, colocando ambas as partes em atitudes e comportamentos tipicamente destrutivos: Definição material de pobreza + Complexo de divindade dos materialmente não pobres + Sentimentos de inferioridade dos materialmente pobres = Dano aos materialmente

pobres e não pobres Lembre-se de que os dois primeiros termos nesta equação requerem arrependimento por parte dos materialmente não pobres. De fato, como descrito anteriormente, sem esse arrependimento, nossos esforços para ajudar os materialmente pobres provavelmente causarão danos a eles e a nós. Sem esse arrependimento, nossos esforços para ajudar os pobres continuarão a ser caracterizados por fornecer recursos materiais *para* pobres, em vez de andar *com* eles de maneira humilde e relacional, enquanto pedimos ao rei Jesus que fixe as causas de ambas as nossas pobrezas.

Note que tal arrependimento não é apenas uma técnica que devemos usar para ajudar os materialmente pobres; antes, esse arrependimento é necessário para superarmos nossa própria pobreza. De fato, assim como a pobreza material é uma manifestação de ruptura mais profunda, vimos no Capítulo 3 que a "compreensão material da pobreza" e os "complexos de divindade" que tantas vezes caracterizam norte-americanos materialmente não pobres são sintomas de algo mais profundo, algo que atinge no âmago do nosso ser: a cosmovisão moderna que danificou profundamente a civilização ocidental sem que percebêssemos.

Como descrito no Capítulo 3, muitas vezes a igreja no Brasil tem sincretizado o teísmo bíblico e a cosmovisão moderna, resultando em "gnosticismo evangélico", uma visão de mundo que confina Deus a um reino espiritual desconectado do resto da criação. Em sua essência, o gnosticismo evangélico falha em entender quem Jesus Cristo realmente é, substituindo o Jesus bíblico por um "Jesus de Jornada nas Estrelas", que ilumina nossas almas deste mundo, um mundo no qual ele é fundamentalmente desinteressado, um mundo do qual ele está

fundamentalmente desconectado. O “Jesus de Jornada nas Estrelas” não tem nada a ver com a nossa existência *humana* diária, prometendo um dia transportar apenas as nossas almas para fora daqui em alguma existência nova, desumana e não-humana chamada céu; uma existência que, francamente, não soa muito atraente para a maioria de nós, porque somos humanos e só podemos imaginar como é ser humano!

Em contraste, o “Jesus de Colossenses 1” é o Criador, Sustentador e Reconciliador de todas as coisas, o Rei cujo reino está eliminando todas as nossas doenças e toda a nossa pobreza. O “Jesus de Colossenses 1” não nos pede para deixarmos de ser humanos neste mundo ou no próximo. Em vez disso, o “Jesus de Colossenses 1” se preocupa com nossos corpos, se preocupa com nossas almas e se preocupa com o mundo inteiro que esses corpos e almas estão experimentando. Como Tim Keller afirma: Jesus, ao contrário do fundador de qualquer outra fé importante, mantém a esperança para a vida humana comum. Nosso futuro não é uma forma de consciência etérea e impessoal. Nós não vamos flutuar pelo ar, mas sim comer, abraçar, cantar, rir e dançar no reino de Deus, em graus de poder, glória e alegria que não podemos imaginar no momento.[1]

Se você é um cristão brasileiro a quem Deus abençoou com recursos materiais, há boas notícias para você. Pois, ao dar os primeiros passos para ajudar os materialmente pobres - a saber, arrependendo-se da cosmovisão moderna - você pode descobrir uma solução para a *sua* fome mais profunda: o “Jesus de Colossenses 1”, o Rei que está conectado ao seu mundo, o Rei que cura todas as suas doenças, o Rei que reconcilia você com Deus, consigo mesmo, com os outros e com o resto da criação: o

Rei que pode tornar você e o materialmente pobre verdadeiramente humanos novamente.

Você vê, em um mundo caído, somos todos mendigos sem teto. Como Keller explica, cada um de nós - seja materialmente rico ou pobre - anseia, como o Filho Pródigo, voltar para casa para uma festa, um banquete no qual todas as nossas necessidades físicas são plenamente satisfeitas e todos os nossos relacionamentos são completamente restaurados, um banquete em que experimentamos tudo o que significa ser humano pela primeira vez. Nós, mendigos, podemos todos voltar para casa para aquela festa maravilhosa, não através de recursos materiais ou tecnologia superior - os deuses do modernismo - mas abraçando o "Jesus de Colossenses 1", o Mestre do único banquete que pode verdadeiramente satisfazer.[2]

Neste monte o Senhor dos Exércitos preparará um farto banquete para todos os povos, um banquete de vinho envelhecido, com carnes suculentas e o melhor vinho.

Neste monte ele destruirá o véu que envolve todos os povos, a cortina que cobre todas as nações; destruirá a morte para sempre. O Soberano Senhor enxugará as lágrimas de todo o rosto e retirará de toda a terra a zombaria do seu povo.

Foi o Senhor quem vos fala!

Isaías 25.6-8

Apêndice

O processo organizacional comunitário nos Estados Unidos

Conforme ilustrado na figura A.1, a dinâmica central do processo de organização comunitária envolve a movimentação repetida através de três atividades interativas.[1] O objetivo do processo é criar uma "parceria comunitária", um grupo de indivíduos, associações (incluindo igrejas) e instituições que cooperam para usar o patrimônio da comunidade para resolver problemas e trazer mudanças positivas para a comunidade, ou seja, buscar o "desenvolvimento". O tamanho da parceria comunitária pode começar pequeno e crescer com o tempo, dependendo da visão de seus membros. Este apêndice discute as principais etapas envolvidas em cada parte desse processo de repetição.

Descobrindo o cuidado

"Descobrir Cuidados" refere-se a descobrir a(s) questão(ões) pelas quais as pessoas na comunidade estão *motivadas a agir* para abordá-las. Essas questões refletem as preocupações, os sonhos e os dons dos próprios membros da comunidade, e não dos de fora que estão tentando ajudá-los. Muitas vezes, aqueles que buscam ajudar uma comunidade ficam frustrados quando os membros não estão interessados em agir de acordo com suas sugestões. Em tais situações, os ajudantes frequentemente concluem que os membros da comunidade são simplesmente desmotivados e não estão interessados em melhorar suas próprias

vidas. Esse pode até ser o caso, mas outra possibilidade é que os membros da comunidade simplesmente se preocupem - ou seja, estão dispostos a tomar atitudes em relação a - questões diferentes das sugeridas pelos auxiliares.

O processo organizacional comunitário



Figura A.1

Adaptada de Mike Green with Henry Moore and John O'Brien, When People Care Enough to Act: ABCD in Action (Toronto, Ontario: Inclusion Press, 2006), 93.

As etapas para "Descobrindo o cuidado" são as seguintes:

Descobrindo o cuidado - primeiro passo: o Jubilee Center realiza conversas de aprendizagem

Um membro da equipe do Jubilee Center - às vezes chamado de "organizador comunitário" - deve começar a conduzir conversas de aprendizagem, que são a principal ferramenta de organização da comunidade.[2] Uma conversa de aprendizagem é uma entrevista altamente relacional, cara a cara, de 45 a 60 minutos, dos indivíduos, associações e instituições da comunidade que se concentra em descobrir com o que as pessoas se importam

suficientemente para agir. Além disso, essas conversas iniciais de aprendizagem permitem que a equipe do Jubilee Center desenvolva relacionamentos mais fortes com a comunidade, explore interesses mútuos, encontre mais pessoas para entrevistar e identifique “líderes que conectam”, que são discutidos mais abaixo.[3] É pouco sábio que os voluntários da Parkview Fellowship ajudem a conduzir essas conversas iniciais de aprendizagem, uma vez que é importante que o “rosto” do Jubilee Center esteja claramente na frente e no centro durante os primeiros estágios da construção de relacionamentos.

Descobrindo o cuidado – segundo passo: o Jubilee Center forma um grupo de “líderes que conectam”

Ao refletir sobre as conversas de aprendizagem, o Jubilee Center deve ser capaz de identificar os “líderes que conectam” da comunidade, indivíduos que são a chave para mobilizar os ativos da comunidade a fim de promover mudanças mais amplas. Bons líderes que conectam possuem as seguintes qualidades:

- Eles têm a capacidade de influenciar os indivíduos, associações ou instituições da comunidade.
- Eles se importam o suficiente para agir sobre um ou mais dos principais problemas que são importantes para a comunidade como um todo.
- Eles estão abertos a compartilhar seus conhecimentos, conexões ou poder para o bem maior em vez de tentar limitar o acesso a fim de preservar seu próprio status.

O organizador da comunidade do Jubilee Center deve

perguntar aos líderes que conectam se eles estão dispostos a trabalhar juntos para formar uma “parceria comunitária” que irá cuidar de alguma questão que precise ser abordada em sua comunidade. O organizador da comunidade deve compartilhar os resultados das conversas iniciais sobre as principais questões que a comunidade (indivíduos, associações e instituições) demonstre estar mais interessada em resolver. Exemplos típicos podem incluir questões como crimes violentos, desemprego, baixo índice de casa própria, evasão escolar, agiotas *etc.*

Descobrindo o cuidado - terceiro passo: o grupo de “líderes que conectam” considera conduzir mais conversas de aprendizagem

É imperativo que os líderes que conectam estejam em constante contato com os indivíduos, associações e instituições que estão dispostos a agir e com as questões que eles estão dispostos a abordar. Pode ser que as conversas originais de aprendizagem e o conhecimento desses líderes que conectam sejam suficientes para mobilizar a massa crítica de pessoas necessárias para lidar com um problema. Se não, então os líderes que conectam, com a ajuda do organizador da comunidade, devem conduzir mais conversas de aprendizagem para: 1) identificar indivíduos, associações e instituições das redes dos líderes que conectam e da comunidade em geral, para se juntar a eles na parceria comunitária; e 2) reunir mais informações para ajudar a identificar o primeiro problema - a questão prioritária - que a parceria comunitária buscará solucionar.

Realizando uma ação significativa

Novamente, é importante não levar anos coletando e analisando dados. Entusiasmo e motivação são construídos quando ações são tomadas de modo a produzirem mudanças visíveis.

É importante tomar ações significativas o mais rapidamente possível.

Realizando uma ação significativa - primeiro passo: o grupo do líder que conecta escolhe um problema prioritário

Com base nas prioridades da comunidade expressas nas conversas de aprendizagem e em seu próprio conhecimento e disposição para agir, os líderes que conectam escolhem uma questão prioritária para a parceria comunitária abordar. O facilitador do Jubilee Center deve incentivar o grupo a escolher uma estratégia que tenha as seguintes características:

- Há uma alta chance de um sucesso inicial e reconhecível. Lembre-se, comece pequeno, comece logo e tenha sucesso. “Acabar com a fome no mundo” não é uma boa questão prioritária. “Acabar com empréstimos predatórios em nossa comunidade” é.
- Pode mobilizar e conectar os indivíduos, associações e instituições dentro da comunidade mais profundamente do que antes.
- Pode forjar novas conexões com ativos externos à comunidade.

Realizando uma ação significativa – segundo passo: o grupo do líder que conecta forma a parceria comunitária para abordar o problema prioritário

Uma vez que a questão prioritária tenha sido escolhida, o grupo de líderes que conectam pode usar as informações das conversas de aprendizagem e seu próprio conhecimento para convidar as pessoas a se unirem à parceria comunitária para agir sobre a questão prioritária. A parceria comunitária geralmente terá um nome, por exemplo, “A parceria para a esperança”, mas não precisa se tornar uma organização formal sem fins lucrativos nesse ponto. Os convidados representam indivíduos, associações e instituições que expressaram a vontade de agir em relação à questão prioritária. Mais uma vez, não é necessário reunir toda a comunidade, mas sim uma massa crítica de pessoas para se movimentar. Em particular, é importante que os indivíduos materialmente pobres que provavelmente terão interesse na questão prioritária sejam incluídos na parceria, pois sua voz precisa ser ouvida.

Realizando uma ação significativa - terceiro passo: a parceria comunitária pesquisa uma estratégia potencial para abordar a questão prioritária

Com a ajuda do organizador da comunidade, a parceria comunitária precisa descobrir o que os outros fizeram para abordar com sucesso a questão prioritária. Por exemplo, se a parceria da comunidade estiver lidando com a questão dos empréstimos predatórios, ela pode conversar com bancos e cooperativas de

crédito, consultar consultores financeiros, buscar soluções na Internet, participar de conferências relevantes *etc.* No processo, a parceria pode descobrir estratégias específicas e intervenções que possam funcionar bem em sua comunidade. Por exemplo, no caso de credores predatórios, eles podem descobrir que outras comunidades utilizaram com sucesso o treinamento de educação financeira para ajudar pessoas de baixa renda a evitar esses credores. Eles também podem identificar alguns currículos e programas de treinamento existentes que possam considerar introduzir em sua comunidade.

Realizando uma ação significativa - quarto passo: a parceria comunitária realiza um mapeamento de ativos direcionados a comunidade

Embora os membros da parceria comunitária já estejam cientes de alguns dos ativos da comunidade, como resultado das conversas de aprendizagem e de seus próprios conhecimentos, a parceria comunitária deve conduzir um mapa de ativos direcionado da comunidade, relacionado à estratégia que eles estão considerando. Para obter uma descrição dos mapas de ativos específicos, consulte a "*Etapa quatro: explore a possibilidade de iniciar um novo ministério*" na seção do Capítulo 11 intitulada "Trabalhando diretamente no nível familiar nos Estados Unidos". Por exemplo, no contexto da abordagem, tratando dos credores predatórios, um mapa de ativos direcionados deve procurar a presença de instituições financeiras mais legítimas na comunidade e os serviços que são ofertados, serviços de educação financeira existentes *etc.*

Observe que o objetivo deste mapa de ativos direcionados não é reunir informações abrangentes sobre todos os recursos que já existem na comunidade (Lembre-se do Princípio #4 do Capítulo 10: “Aprenda o contexto na caminhada”). De fato, muitas iniciativas de mapeamento de ativos cometem o erro de levar meses ou anos para coletar e processar volumes de dados que nunca são usados. Em vez disso, os propósitos deste processo são duplos: 1) assegurar que a intervenção proposta não seja redundante com o que já existe; 2) permitir que a parceria comunitária desenvolva relacionamentos com indivíduos, associações e instituições relevantes, mobilizando-os para abordar a questão prioritária. Este é um bom lugar para os voluntários da Parkview Fellowship ajudarem, contribuindo com a coleta e resumo de dados.

Realizando uma ação significativa – quinto passo: a parceria comunitária lança um projeto

Levando em conta tudo o que aprendeu com sua pesquisa e com o mapeamento de ativos direcionados, a parceria comunitária projeta e lança um projeto a ser desenvolvido. Isso pode envolver o início de uma nova organização, ou, de preferência, ter uma ou mais associações existentes (incluindo igrejas) e instituições para implementar o projeto. É imperativo que o projeto escolhido e seu desenho sejam consistentes com os princípios de desenvolvimento participativo baseado em ativos. Em particular, seria terrivelmente lamentável se a parceria da comunidade escolhesse um projeto que oferecesse “alívio” a pessoas que precisassem de “desenvolvimento”, por exemplo, fornecendo comida grátis a pessoas fisicamente sadias.

O projeto pode fornecer uma oportunidade para o Jubile Center envolver-se mais profundamente no ministério. Por exemplo, se o projeto escolhido for para que as associações da comunidade usem a educação financeira para aumentar a capacidade das pessoas de evitar credores predatórios, o Jubilee Center pode se oferecer como um dos locais que oferecem essas aulas. E quando isso acontece, o Jubilee Center deve empregar todos os princípios do desenvolvimento participativo focado no evangelho, baseado em ativos, incluindo o uso de um programa de ensino baseado na Bíblia que aponte para Jesus Cristo como o reconciliador de todas as coisas, com equipes de mentoria funcionando na igreja. Em outras palavras, quando o projeto for implementado no endereço do Jubilee Center, ele terá a mesma aparência que teria se fosse simplesmente adotada a estratégia de trabalhar no nível familiar, e não no nível da comunidade! A diferença é que, ao desenvolver a parceria comunitária, o Jubilee Center pode ter catalisado um processo que pode começar a tratar de uma série de questões para trazer mudanças em grande escala para a comunidade com o tempo.

Realizando uma ação significativa - sexto passo: a parceria comunitária avalia e celebra

No final do primeiro ciclo do projeto, a parceria comunitária deve se reunir para avaliar o sucesso que o projeto tem tido e celebrar qualquer triunfo. É crucial que as vozes de todos os membros da parceria sejam ouvidas, especialmente as pessoas materialmente pobres que participaram do projeto.

Fazendo conexões

No processo de “Descobrindo o cuidado” e “Realizando ações significativas”, os membros da parceria comunitária vão se aprofundando em seus relacionamentos uns com os outros e desenvolvendo novas relações. Essas conexões mais profundas, e também as novas, dão a oportunidade de aproveitar a experiência para descobrir novos “cuidados”, ou seja, motivações adicionais para agir, que podem levar a outra rodada do ciclo.

Qual o próximo passo?

Neste ponto do ciclo, a parceria comunitária deve responder a duas perguntas.

Primeiro, eles devem abordar a questão prioritária inicial em um nível mais profundo ou devem assumir uma questão inteiramente nova? Aprofundar-se poderia simplesmente significar impactar mais pessoas com a intervenção original, ou poderia significar expandir a intervenção inicial. Por exemplo, se o projeto inicial oferecesse treinamento em educação financeira, aprofundar-se poderia significar mais treinamento em educação financeira por ano, ou poderia significar a adição de contas individuais de desenvolvimento ao programa de educação financeira. Qualquer ação reduziria ainda mais a alavancagem dos credores predatórios. Alternativamente, a parceria comunitária poderia decidir assumir uma questão totalmente nova.

Segundo, eles devem usar as conexões que fizeram para expandir o tamanho da parceria da comunidade ou devem manter a parceria comunitária no mesmo tamanho? Muitos teóricos e profissionais argumentam que o objetivo é continuar a aumentar o tamanho da parceria comunitária, de modo que ela tenha o poder de efetuar mudanças em grande escala nas instituições e estruturas sociais que afetam os membros da comunidade.

Observações finais

Nós fizemos um grande percurso, mas este livro é muito introdutório. Todo tópico que introduzimos precisa ser descompactado e explorado. Nós encorajamos você a buscar uma aprendizagem ainda mais profunda através das organizações e recursos que mencionamos no texto e nas notas. Em particular, o *Chalmers Center for Economic Development* do *Covenant College* oferece recursos adicionais e treinamento sobre os tópicos introduzidos neste livro (www.chalmers.org).

É nossa oração que Deus use este livro de alguma maneira para equipar sua igreja para pregar as boas novas do reino de Deus - em palavras e ações - para os pobres, um grupo que inclui, em certo sentido, cada um de nós.

Os autores

Agradecimentos

As ideias neste livro refletem uma colaboração de uma década entre os autores e os outros membros do Chalmers Center for Economic Development, uma equipe interdisciplinar que tem trabalhado em conjunto para ajudar as igrejas ao redor do mundo a ministrar às necessidades econômicas, espirituais e sociais dos pobres. Nós nos beneficiamos muito com o processo do “ferro-afiar-ferro” que ocorre naturalmente quando pessoas com diferentes forças e fraquezas tentam resolver problemas juntos, e queremos agradecer a cada membro da equipe do Chalmers Center, tanto do passado quanto do presente, pelas maneiras que contribuíram para as ideias deste livro.

É claro que numerosas outras vozes falaram em nossas vidas por períodos de tempo ainda maiores, incluindo pesquisadores, acadêmicos, praticantes e pessoas pobres. Somos extremamente gratos a todos por sua paciência contínua em nos ajudar a aprender e a crescer.

Gostaríamos de agradecer ao Covenant College, onde nós dois lecionamos no Departamento de Economia e Desenvolvimento Comunitário. Somos profundamente gratos ao conselho, administração, corpo docente, funcionários e estudantes que se unem para criar uma comunidade rica que diariamente procura descobrir as implicações do “Jesus de Colossenses 1”.

Somos profundamente gratos pelo apoio financeiro que generosos doadores deram ao Chalmers Center ao longo dos anos. Sem esses recursos, muitas das ideias contidas neste livro não poderiam ter sido filtradas. Em particular, este livro foi escrito com fundos doados por Dick e Ruth Ellingsworth.

Gostaríamos de agradecer à Universidade Cristã de Uganda, que gentilmente hospedou Brian Fikkert e sua família por cinco meses em 2006. Muitas das histórias e experiências descritas neste livro surgiram durante a pesquisa de Brian e durante suas viagens do período sabático.

Desejamos agradecer a toda a equipe da *Moody Publishers*, especialmente Dave DeWit, Tracey Shannon e nossa paciente editora, Cheryl Dunlop.

Obrigado a nossas esposas e filhos por nos aturarem de maneiras que reconhecemos e de maneiras que não reconhecemos. Haverá muitas joias nas coroas das nossas esposas um dia.

Finalmente, somos gratos a Jesus Cristo, que está reconciliando todas as coisas, até nós.

Steve Corbett
Brian Fikkert
Lookout Mountain, Georgia

Janeiro 2012

Notas

Capítulo 1

Por que Jesus veio à Terra?

1 Partes deste capítulo foram adaptadas com permissão de uma publicação anterior: Brian Fikkert, *Educating for Shalom: Missional School Communities* [Educando para Shalom: comunidades da escola missional], capítulo 18 em *Schools as Communities: Educational Leadership, Relationships, and the Eternal Value of Christian Schooling* [Escolas como comunidades: liderança educacional, relacionamentos e o valor eterno da educação cristã] (Colorado Springs: Purposeful Design Publications, 2007), 357-76.

2 Timothy J. Keller, *Ministries of Mercy: The Call of the Jericho Road* [Ministérios de Misericórdia: o chamado da estrada de Jericó], 2ª ed. (Phillipsburg, N.J .: Presbyterian and Reformed, 1997), 52-53.

3 Charles Marsh, *The Last Days: A Son's Story of Sin and Segregation at the Dawn of the New South* [Os últimos dias: a história de pecado e segregação de um filho no alvorecer do novo sul) (New York: Basic Books, 2001), 44.

4 Robert Marsh, "*The Sorrow of Selma* [O Sofrimento de Selma], citado em Os últimos dias: história de pecado e segregação de um filho no alvorecer do novo sul, de Charles Marsh (Nova York: Basic Books, 2001), 51.

5 Dennis E. Johnson, *The Message of Acts in the History of Redemption* [A mensagem de Atos na história da redenção] (Phillipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed, 1997), 87–89.

6 No original, os autores se referem à igreja dos Estados Unidos. Com o objetivo de tornar a experiência do leitor brasileiro devidamente contextualizada, acrescentamos uma referência à igreja brasileira. Em outros lugares, mudamos para fazer referência diretamente à igreja brasileira ou aos cristãos de modo geral, quando uma referência específica à igreja norte-americana ou aos cristãos norte-americanos não causa prejuízo à compreensão do texto. [N. do E.]

7 Jeffrey D. Sachs, *The End of Poverty: Economic Possibilities for Our Time* [O fim da pobreza: possibilidades econômicas para o nosso tempo] (New York: Penguin Press, 2005), 28.

8 Os valores estão em equivalência com o poder de compra em dólares em 1993. Os valores são estimativas usando dados do Banco Mundial, *World Development Indicators* 2008 (Washington, D.C .: Banco Mundial, 2008).

9 Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Relatório do Desenvolvimento Humano 2007/2008 (Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2007), 25.

10 Segundo dados do IBGE, a renda média do brasileiro em 2018 foi de R$ 1.373,00 mensais. Os dados estão disponíveis no site do IBGE: ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/ [N. do E.]

11 Mark R. Gornik, *To Live in Peace: Biblical Faith and the Changing Inner City* [Para viver em paz: fé bíblica e a cidade interior em mudança] (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 2002), 73.

12 Rodney Stark, *The Rise of Christianity: A Sociologist Reconsiders History* [A ascensão do cristianismo: um sociólogo reconsidera a História] (Princeton, N.J.: Princeton Univ. Press, 1996), 155.

13 Ibid., 166.

14 Ibid., 84.

15 Philip Jenkins, *The Next Christendom: The Coming of Global Christianity* [A próxima cristandade: o future do cristianismo global) (Oxford: Oxford Univ. Press, 2002), 92.

16 Marvin N. Olasky, *The Tragedy of American Compassion* [A tragédia da compaixão americana] (Wheaton, Ill.: Crossway, 1992).

17 George Marsden, *Fundamentalism and American Culture* [Fundamentalismo e a Cultura Americana] (Oxford: Oxford Univ. Press, 1980).

18 James F. Engel e William A. Dyrness, *Changing the Mind of Missions: Where Have We Gone Wrong?* [Mudando a concepção de missões: onde nós erramos?) (Downers Grove, Ill.: InterVarsity,

2000), 23.

Capítulo 2

Qual o problema?

1 Banco Mundial, *Hear Our Voices: The Poor on Poverty*, DVD [Ouça nossas vozes: os pobres sobre a pobreza] (New York: Global Vision, 2000).

2 Como citado em Deepa Narayan com Raj Patel, Kai Schafft, Anne Rademacher e Sarah KockSchulte, *Voices of the Poor: Can Anyone Hear Us?* [Vozes dos pobres: alguém pode nos ouvir?] (Nova York: Oxford Univ. Imprensa para o Banco Mundial, 2000), 65.

3 Ibid., 37.

4 Ibid., 70.

5 Ibid., 38.

6 Ibid., 39.

7 Ibid., 35.

8 Ibid., 43.

9 Ibid.

10 Ibid., 50.

11 Há muitos locais e tipos diferentes de pobreza nos Estados Unidos, incluindo guetos nas cidades, comunidades rurais, imigrantes e a nova pobreza suburbana.

12 Cornel West, *Race Matters* [Raça importa] (Nova York: Vintage Books, 1993), 1920.

13 Definir o que é um nível "suficiente" de coisas materiais é um exercício não trivial que vai além do escopo da presente discussão.

14 Há sólido suporte bíblico para a natureza fundamental desses quatro relacionamentos. Mateus 22.37–40 nos ensina a amar a Deus e aos outros tanto quanto a nós mesmos, dizendo que toda a lei e os profetas se atêm a esses mandamentos. E o primeiro mandamento para os seres humanos em Gênesis 1.28 é administrar o resto da criação.

15 Bryant L. Myers, *Walking with the Poor: Principles and Practices of Transformational Development* [Caminhando com os pobres: princípios e práticas do desenvolvimento transformacional) (Maryknoll, N.Y .: Orbis Books, 1999), p. 86.

16 Diretor nacional da Visão Mundial na Índia. [N. do E.]

17 Jayakumar Christian, *Powerlessness of the Poor: Toward an Alternative Kingdom of God Based Paradigm of Response* [Impotência dos pobres: rumo a um paradigma de resposta alternativo baseado no reino de Deus] (Pasadena, Calif.: Ph.D. do Seminário Teológico Completo, 1994).

18 Robert Chambers, *Rural Development: Putting the Last First* [Desenvolvimento rural: posicionando o ultimo como primeiro] (London: Longman Group, 1983).

19 Amartya Sen, *Development as Freedom* [Desenvolvimento como liberdade] (Nova York: Anchor Books, 1999).

Capítulo 3

Já estamos lá?

1 A história de Alisa Collins pode ser vista em *Tod Lending, Legacy*, DVD (Chicago: Nomadic Pictures, 1999).

2 Mark R. Gornik, *To Live in Peace: Biblical Faith and the Changing Inner City* [Para viver em paz: fé bíblica e o centro da cidade em mudança] (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 2002), 170-73.

3 Ibid., 175.

4 Ibid., 177.

5 No contexto político dos Estados Unidos, a polarização política que seria equivalente a esquerda e direita no Brasil é expressa como um embate entre liberais e conservadores. Nisto, os Estados

Unidos se distanciam do contexto europeu, onde os liberais são aqueles que defendem mais liberdade econômica. Em termos de política partidária, nos Estados Unidos o partido democrata representa os liberais e progressistas e o partido republicano, os conservadores (moral e politicamente). No Brasil, a direita é composta por liberais e conservadores, sendo que os conservadores podem ser também economicamente liberais, enquanto a esquerda é identificada como progressista, termo que se refere a reivindicações políticas tanto morais quanto econômicas [N. do E.]

6 Scott D. Allen e Darrow L. Miller, *The Forest in the Seed: A Biblical Perspective on Resources and Development* [A floresta na semente: uma perspectiva bíblica sobre recursos e desenvolvimento] (Phoenix: Disciple Nations Alliance, 2006), 15.

7 Conforme citado em *Lending, Legacy* [Empréstimos, Legado]

8 David Hilfiker, *Urban Injustice: How Ghettos Happen* [Injustiça urbana: como os guetos acontecem] (New York: Seven Stories Press, 2002), 50.

9 LeAlan Jones e Lloyd Newman com David Isay, *Our America: Life and Death on the South Side of Chicago* [Nossa América: vida e morte no lado sul de Chicago] (Nova York: Washington Square Press, 1997), 97.

10 Carl Ellis, *The Rise of Ghetto Nihilism* [A ascensão do niilismo do gueto], apresentação feita no Segundo Instituto Anual de Desenvolvimento Econômico Cristão do *Chalmers Center for Economic Development*, *Covenant College*, Lookout Mountain, Geórgia, maio de 2004.

11 Ver Ruby K. Payne e Bill Ehlig, *What Every Church Member Should Know About Poverty* [O que todo membro de igreja deveria saber sobre pobreza] (Baytown, Texas: RFT Publishing, 1999).

12 Esta história é tirada da Aliança das Nações Discípulas, Ministério de Aturo Cuba entre os Pokomchi na Guatemala (Phoenix: Disciple Nations Alliance, 2004), 2.

13 Jones e Newman, *Our America* [Nossa América], 141.

14 Esta seção baseia-se no seguinte: Hilfiker, *Urban Injustice* [Injustiça urbana]; William Julius Wilson, *The Truly Disadvantaged: The Inner City, the Underclass, and Public Policy* [O verdadeiramente desfavorecido: o centro da cidade, a subclasse e política pública] (Chicago: Univ. Of Chicago Press, 1987); e William Julius Wilson, *When Work Disappears: The World of the New Urban Poor* [Quando o trabalho desaparece: o mundo dos novos pobres urbanos] (Nova York: Knopf, 1996).

15 Gornik, *To live in peace* [Para viver em paz], 45–46.

16 Michael O. Emerson e Christian Smith, *Divided by Faith: Evangelical Religion and the Problem of Race in America* [Divididos pela fé: a religião evangélica e o problema de raça na América] (Nova York: Oxford Univ. Press, 2000).

17 Darrow L. Miller com Stan Guthrie, *Discipling the Nations: The Power of Truth to Transform Cultures* [Discipulando as nações: o poder da verdade para transformar culturas] (Seattle, WA: JOCUM, 2001), 31-46.

18 Veja Myers, *Walking with the Poor* [Caminhando com os pobres], capítulo 8, Para uma discussão útil sobre esse ponto.

Capítulo 4

Nem toda pobreza é igualmente criada **1** Jessica Murray e Richard Rosenberg, *Community-Managed Loan Funds: Which Ones Work?* [Fundos de empréstimos gerenciados pela comunidade: quais funcionam?] Grupo Consultivo de Assistência aos Pobres, Nota de Foco 36, de maio de 2006.

2 Projeto Esfera, Carta Humanitária e Padrões Mínimos em Resposta a Desastres, edição revisada de 2004, disponível em www.sphereproject.org (link em inglês).

3 Alvin Mbola, *Bad Relief Undermines Worship in Kibera* [O mau alívio prejudica a adoração em Kibera], Mandato, Chalmers Center for Economic Development, 2007, n. 3, disponível em www.chalmers.org.

4 Esta é uma modificação da definição de paternalismo encontrada em Roland Bunch, *Two Ears of*

Corn: A Guide to People-Centered Agricultural Improvement [Duas espigas de milho: um guia para a melhoria agrícola centrada nas pessoas] (Oklahoma City: World Neighbours, 1982).

5 Ver Michael P. Todaro e Stephen C. Smith, Desenvolvimento Econômico, 9ª ed. (Nova Iorque: Addison, Wesley, Longman, 2006).

6 Ruby K. Payne e Bill Ehlig, *What Every Church Member Should Know About Poverty* [O que cada membro da igreja deve saber sobre a pobreza] (Baytown, Texas: RFT Publishing, 1999).

7 Um excelente exemplo de uma igreja que passou do alívio ao desenvolvimento em seu ministério é descrito em Tara Bryant, *Broken but Beautiful* [Quebrado, mas belo], Mandato, *Chalmers Center for Economic Development*, 2007, n. 1, disponível em www.chalmers.org.

Capítulo 5

Dê-me os seus cansados, os seus pobres e os seus ativos **1** Em inglês, a expressão é asset-based community development. Optamos por uma tradução que mantivesse o sentido e a ordem das letras na sigla. [N do E.]

2 John P. Kretzmann e John L. McKnight, *Building Communities from the Inside Out: A Path Toward Finding and Mobilizing a Community's Assets* [Construindo comunidades de dentro para fora: um caminho para encontrar e mobilizar ativos da comunidade] (Chicago: ACTA Publications, 1993).

3 No original, os autores mencionam os Girl Scout cookies, um equivalente dos biscoitos sortidos Princesa nos EUA. [N. do E.]

4 No original, *Participatory Learning and Action* (PLA). [N. do E.]

5 Robert Chambers, *Whose Reality Counts? Putting the Last First* [Qual realidade conta? Colocando o último em primeiro lugar] (London: Intermediate Technology Publications, 1997).

6 David L. Cooperrider e Suresh Srivastva, *Appreciative Inquiry in Organizational Life* [Investigação Apreciativa na vida organizacional] Pesquisa em Mudança Organizacional e Desenvolvimento, 1987, n. 1, 129-69.

7 Myers, *Walking with the poor* [Andando com os pobres], 179.

8 Bryant, *Broken, but beautiful* [Corrompido, mas belo].

Capítulo 6

McDesenvolvimento: mais de 2,5 bilhões de pessoas não servidas **1** Roland Bunch*, Two Ears of Corn: A Guide to People-Centered Agricultural Improvement* [Duas espigas de milho: um guia para desenvolvimento agrícola centrado nas pessoas], 18-19.

2 William Easterly, *The White Man's Burden: Why the West's Efforts to Aid the Rest Have Done So Much Ill and So Little Good* [O fardo do homem branco: Por que os esforços do Ocidente para ajudar o resto fizeram tanto mal e tão pouco bem] (New York: Penguin Press, 2006), 4.

3 Shaohua Chen e Martin Ravallion, "O mundo em desenvolvimento é mais pobre do que pensávamos, mas não menos bem-sucedidos na luta contra a pobreza" (Washington, DC: Grupo de Pesquisa para o Desenvolvimento do Banco Mundial, 2008), agosto, Documento de trabalho sobre pesquisa de políticas 4703, 20.

4 Anônimo, "*Short-Term Missions Can Create a Long-Term Mess"* [Missões de curta duração podem criar uma bagunça a longo prazo", Mandato, *Chalmers Center for Economic Development*, 2007, n. 3, disponível em www.chalmers.org.

5 Agência americana semelhante ao INCRA no Brasil. A agência dos EUA deixou de funcionar em 2006. [N. do E.]

6 Lissette M. Lopez e Carol Stack*, "Social Capital and the Culture of Power: Lessons from the Field"* [Capital social e a cultura do poder: lições do campo], capítulo 2, em *Social Capital and Poor Communities* [Capital social e comunidades pobres], ed. Susan Saegert, J. Phillip Thompson e Mark R. Warren (Nova York: Russell Sage Foundation, 2001), 39.

7 Daniel Watson, *A Family's Journey Toward Restoration* [A jornada de uma família rumo à restauração], Mandato, *Chalmers Center for Economic Development*, 2008, n. 2, disponível em

www.chalmers.org.

8 Ver, por exemplo, Laura Hunter, *A Participatory Party in Mozambique* [Um partido participativo em Moçambique], Mandato, *Chalmers Center for Economic Development*, 2008, n. 2, disponível em www.chalmers.org.

Capítulo 7

Fazendo missões de curta duração sem feridas a longo prazo 1 Os dados deste parágrafo são de Roger Peterson, endereçados em uma plenária em *Short-Term Missions Long-Term Impact?* [Missões de curta duração, impacto a longo prazo?], uma conferência co-patrocinada pela *Interdenominational Foreign Missions Association* e pela *Evangelical Missiological Society*, 28 de setembro de 2007, Minneapolis.

2 Miriam Adeney, "*When the Elephant Dances, the Mouse May Die*" [Quando o elefante dança, o rato pode morrer], Missões de curta duração hoje, edição inaugural, 2000.

3 Fala de Peterson em sua plenária.

4 Myers, *Walking with the poor* [Andando com os pobres], 65-66.

5 Adeney.

6 Anônimo, "*Short-Term Missions Can Create a Long-Term Mess"* [Missões de curta duração podem criar uma bagunça de longo prazo), Mandato.

7 Fala de Peterson em sua plenária.

8 Rick Johnson, *Going South of the Border, A Case Study: Understanding the Pitfalls and Proposing Healthy Guidelines* [Indo para o sul da fronteira, um estudo de caso: entendendo as armadilhas e propondo diretrizes saudáveis], Mission Frontiers, janeiro de 2000.

9 Kurt Alan Ver Beek, *Lessons from a Sapling: Review of Research on Short-term Missions, Study Abroad and Service-Learning* [Lições de um rebento: revisão de pesquisas sobre missões de curta duração, estudo no exterior e serviço-aprendizagem], documento de trabalho no *Calvin College*, Grand Rapids, Michigan, 2006.

10 Ibid.

11 Randy Friesen*, "The Long-Term Impact of Short-Term Missions"* [O impacto de longo prazo das missões de curta duração), Missões Evangélicas Quarterly 41 (4), 2005, 448–54.

Capítulo 8

Sim, no seu quintal!

12**1** Eval Press, *The New Suburban Poverty* [A nova pobreza suburbana], The Nation, 23 de abril de 2007.

13**2** Alan Berube e Elizabeth Kneebone, *Two Steps Back: City and Suburban Poverty Trends 1999-2005* [Dois passos para trás: tendências da cidade e da pobreza suburbana 1999–2005] (Washington, D.C .: Brookings Institution, dezembro de 2006), *Living Cities Census Series*

14**3** Bob Lupton, *Suburbanation of poverty* [Suburbanização da pobreza], Perspectivas Urbanas, Ministérios FCS, março de 2008, disponível em www.fcsministries.org.

15**4** Ibid.

16**5** Harvie M. Conn, *The American City and the Evangelical Church, A Historical Overview* [A cidade americana e a igreja evangélica, uma visão geral histórica] (Grand Rapids, Mich .: Baker, 1994).

617 Imprensa, *The New Suburban Poverty* [A nova pobreza suburbana].

18**7** *Education Trust, Funding Gaps* 2006, Washington, D.C., 2006.

19**8** Escritório do Censo dos EUA, Finanças da Educação Pública: 2006, Washington, D.C., abril de 2008.

20**9** Ver Ruby K. Payne e Bill Ehlig, *What Every Church Member Should Know About Poverty* [O que cada membro da igreja deve saber sobre a pobreza] (Baytown, Texas: RFT Publishing, 1999).

1021 Ver Michael Wayne Sherraden, *Assets and the Poor: A New American Welfare Policy* [Ativos e

os pobres: Uma nova política de bem-estar Americana] (Armonk, N.Y .: M. E. Sharpe, 1991); e Thomas M. Shapiro e Edward N. Wolff, editores, *Assets for the Poor, the Benefits of Spreading Asset Ownership* [Ativos para os pobres: os benefícios da disseminação da propriedade de ativos] (New York: Russell Sage Foundation, 2001).

1122 Centro Conjunto para Estudos de Habitação da Universidade de Harvard, The State of the Nation's Housing 2008 (Cambridge, Massachusetts: President e Fellows of Harvard College, 2008), 4.

23**12** Comissão do Fundo Commonwealth sobre um Sistema de Saúde de Alto Desempenho, *Why not the best?* [Por que não o melhor?] Resultados do Scorecard Nacional sobre Desempenho do Sistema de Saúde dos EUA, 2008 (New York: Commonwealth Fund, julho de 2008), 12.

24**13** Ibid., 36.

25**14** Michael Rhodes, *Jobs, Money, and Jesus: The Gospel in Inner-City Memphis* [Empregos, dinheiro e Jesus: o evangelho no centro da cidade Memphis] Mandato, Chalmers Centro de Desenvolvimento Econômico, 2008, n. 3, disponível em www.chalmers.org.

26**15** Do site *Jobs for Life*: www.jobsforlife.com.

27**16** Marsha Regenstein, Jack A. Meyer e Jennifer Dickemper Hicks, *Job Prospects for Welfare Recipients: Employers Speak Out* [Perspectivas de emprego para beneficiários do Estado de Bem-Estar: os empregadores falam] (Washington, DC: Urban Institute, 1998), *New Federalism Issues and Options for States* [Novas questões do federalismo e opções para os estados], Série A, No. A-25 de agosto.

28**17** Banco popular de empréstimo dos EUA, similar ao BMG no Brasil. [N. do E.]

29**18** Dean Foust, *"Predatory Lending: Easy Money"* [Empréstimos predatórios: dinheiro fácil], BusinessWeek, 24 de abril de 2000.

30**19** *Predatory Payday Lending Traps Borrower* [Armadilhas dos empréstimos consignados predatórios] (Durham, N.C.: Center for Responsible Lending, 2005).

31**20** Danna Moore, *Survey of Financial Literacy in Washington State: Knowledge, Behavior, Attitudes, and Experience* [Pesquisa sobre alfabetização financeira no estado de Washington: conhecimento, comportamento, atitudes e experiência] (Pullman, Wash: Centro de Pesquisas em Ciências Econômicas e Sociais da Washington State University, 2003), Relatório Técnico No. 03-39.

32**21** Sigla em inglês para o programa *Earned Income Tax Credit*. [N. do E.]

33**22** Bradley R. Schiller, *The Economics of Poverty and Discrimination* [A economia da pobreza e discriminação], 10ª ed. (Upper Saddle River, N.J .: Pearson Education, 2008), 291.

34**23** Steve Holt, *The Earned Income Tax Credit at Age 30: What We Know* [O crédito de imposto da renda de ganho aos 30 anos: o que sabemos] (Washington, D.C .: Brookings Institution, 2006), Programa de Políticas Metropolitanas, Resumo da Pesquisa, fevereiro.

35**24** Ibid., 11.

36**25** Sigla em inglês para o programa *Individual Development Account*. [N. do E.]

37**26** Stephan Fairfield, *A Penny Saved Is a Penny Matched* [Um centavo economizado é um centavo] Mandato, Chalmers Centro de Desenvolvimento Econômico, 2008, n. 1, disponível em www.chalmers.org.

38**27** Margaret Clancy, Mark Schreiner e Michael Sherraden, *Final Report: Saving Performance in the American Dream Demonstration* [Relatório final: salvando o desempenho na demonstração dos sonhos americanos] (St. Louis, Mo .: Centro de Desenvolvimento Social, na Universidade de Washington, 2002).

Capítulo 9

Até os confins da Terra 39**1** Muhammad Yunus, *Banker to the Poor: Micro-Lending and the Battle Against World Poverty* [Banqueiro para os Pobres: Micro-Empréstimos e a Batalha Contra a Pobreza Mundial) (New York: Public Affairs, 1999).

40**2** Grameen Bank, Atualização Mensal do Banco Grameen, Declaração nº: 1, Edição nº 345, de 11

de outubro de 2008.

41**3** Veja o site da Reunião de Cúpula de Microcrédito em www.microcreditsummit.org.

42**4** Significa “negócio como missão”. Optamos por preservar a expressão em inglês por se tratar de um conceito difundido dessa forma, inclusive no Brasil. Para saber mais, recomendamos o episódio 268 do podcast Bibotalk, que trata do assunto de forma bastante didática. [N. do E.]

43**5** Shaohua Chen e Martin Ravallion, *The Developing World Is Poorer Than We Thought, But No Less Successful in the Fight Against Poverty* [O mundo em desenvolvimento é mais pobre do que pensávamos, mas não menos bem sucedidos na luta contra a pobreza] (Washington, D.C .: Banco Mundial, 2008), Documento de trabalho sobre pesquisa de políticas 4703, 20.

44**6** Stuart Rutherford. *The Poor and their Money* [Os pobres e seu dinheiro] (Nova Deli: Oxford Univ. Press, 2000).

45**7** Uma excelente discussão pode ser encontrada em Gailyn Van Rheenen, comunicando Cristo em contextos animistas (Grand Rapids, Mich .: Baker, 1991).

46**8** Para uma revisão útil dos problemas enfrentados pelas IMFs cristãs, ver David Bussau e Russell Mask, Desenvolvimento de microempresas cristãs: uma introdução (Oxford, UK: Regnum, 2003).

47**9** A linha da pobreza é o nível de renda que divide os “pobres” dos “não pobres”. A linha de pobreza internacional que é comumente usada é de um dólar americano por dia.

48**10** Veja Brian Fikkert, *Christian Microfinance: Which Way Now? working paper #205* [Microfinanças cristãs: qual o caminho agora? Documento de trabalho #205], Centro Chalmers para o Desenvolvimento Econômico no Covenant College, www.chalmers.org.

49**11** Por vezes, as MFIs afirmam oferecer serviços de poupança quando, na realidade, as MFIs exigem que os mutuários depositem dinheiro em depósito junto da MFI como garantia para empréstimos. Essas “economias” normalmente não são acessíveis pelos clientes das MFIs até que seus empréstimos sejam pagos, tornando esse dinheiro inútil para aliviar emergências.

50**12** Martin Ravallion, Shaohua Chen e Prem Sangraula, *New Evidence on the Urbanization of Global Poverty* [Novas evidências sobre a urbanização da pobreza global] (Washington, D.C.: Banco Mundial, 2007), Documento de trabalho sobre pesquisa de políticas 4199.

51**13** Brian Fikkert, *Fostering Informal Savings and Credit Associations, Attacking Poverty in the Developing World: Christian Practitioners and Academics in Collaboration* [Promovendo associações informais de poupança e crédito, Atacando a pobreza no mundo em desenvolvimento: cristãos práticos e acadêmicos em colaboração], ed. por Judith M. Dean, Julie Schaffner e Stephen L. S. Smith (Monróvia, Calif .: World Vision and Authentic Media, 2005), capítulo 6, 77-94.

52**14** Ver Laura Hunter, *A Participatory Party in Mozambique* [Um partido participativo em Moçambique], Mandato, Chalmers Centro de Desenvolvimento Econômico, 2008, no. 2, disponível em www.chalmers.org.

53**15** Como citado em David Larson, *A Leap of Faith for Church-Centered Microfinance, working paper #204* [Um salto de fé para o microfinanciamento centrado na igreja, documento de trabalho # 204], Centro Chalmers para o Desenvolvimento Econômico no Covenant College, www.chalmers.org, 10.

54**16** Ibid., 13.

55**17** Dean Karlan e Martin Valdivia, *Teaching Entrepreneurship: Impact of Business Training on Microfinance, Clients and Institutions* [Ensinando empreendedorismo: impacto do treinamento empresarial em microfinanças, clientes e instituições], documento de trabalho no Departamento de Economia da Universidade de Yale, em outubro de 2008; Jennefer Sebatad e Monique Cohen, *Financial Education for the Poor, Financial Literacy Project, working paper no. 1, Microfinance Opportunities* [Educação financeira para os pobres, projeto de alfabetização financeira, documento de trabalho nº. 1, oportunidades microfinanceiras), abril de 2003; Bobbi Gray, Benjamin Crookston, Natalie de la Cruz, e Natasha Ivans, *Microfinance Against Malaria: Impact of Freedom from Hunger’s Malaria Education When Delivered by Rural Banks in Ghana,* [Microfinanças contra a malária: impacto da liberdade da educação contra a malária da fome quando entregue por bancos rurais em Gana, o

documento de pesquisa no. 8, Liberdade da Fome], janeiro de 2007.

56**18** Ver Tetsuanao Yamamori e Kenneth A. Eldred, editores*, On Kingdom Business: Transforming Missions through Entrepreneurial Strategies* [Negócios do reino: transformando missões através de estratégias empreendedoras] (Wheaton, Crossway, 2003); Steve Rundle e Tom Steffen, Grandes Empresas da Comissão (Downers Grove, Ill .: InterVarsity, 2003).

57**19** O treinamento está disponível em vários formatos no Centro Chalmers para o Desenvolvimento Econômico (www.chalmers.org). Entre em contato com o Centro Chalmers para descobrir maneiras de subsidiar o treinamento de missionários e igrejas indígenas.

58**20** O programa *Global Fellowship of Trainers* do *Chalmers Center* prepara as pessoas para se tornarem treinadores de treinadores. Encontre mais informações em www.chalmers.org. [Link em inglês.]

Capítulo 10

Com licença, você tem um trocado?

1 Scott C. Miller, *Until It's Gone: Ending Poverty In Our Nation, In Our Lifetime* [Até acabar: eliminando a pobreza em nossa nação, em nossa geração) (Highlands, TX: aha! Process, Inc. 2008), pp. 19–20.

2 Infelizmente, muitas igrejas precisam reconsiderar até que ponto suas culturas - atitudes, estilos de adoração, vestuário, idioma, normas e composição racial - as tornam altamente inacessíveis para as pessoas materialmente pobres.

3 A Rede de Assistência Técnica Fé e Serviço possui muitos recursos úteis. Particularmente, veja o Kit de Ferramentas de Programa de Aconselhamento: Equipando sua organização para o alcance eficaz, disponível em www.urbanministry.org/wiki/mentoring-programs-toolkit equipando sua organização com alcance efetivo.

4 Miller, *Until It's Gone: Ending Poverty In Our Nation, In Our Lifetime* [Até acabar: eliminando a pobreza em nossa nação, em nossa geração].

5 Veja Mike Green com Henry Moore e John O'Brien, *When People Care Enough to Act: ABCD in Action* [Quando as pessoas se importam o suficiente para agir: ABCD em ação] (Toronto, Ontario: Inclusion Press, 2006), pp. 44–53.

6 Amy L. Sherman, *Establishing a Church-based Welfare-to-Work Mentoring Ministry: A Practical "How-To" Manual* [Estabelecendo um Ministério de Mentoria do Bem-estar do Trabalho baseado na igreja: um manual prático "como fazer"] (Washington DC: Hudson Institute, 2000).

7 Amy L. Sherman, *The ABCs of Community Ministry: A Curriculum for Congregations* [O ABC do Ministério da Comunidade: um currículo para congregações] (Washington DC: Hudson Institute, 2001).

8 Cathy Ludlum, *One Candle Power: Seven Principles that Enhance Lives of People with Disabilities and Their Communities* [Um poder da vela: sete princípios que aprimoram a vida das pessoas com deficiência e suas comunidades] (Toronto, Canadá: Inclusion Press International, 2002).

9 Mary A. Falvey, Marsha Forest, Jack Pearpoint e Richard L. Rosenberg, *All My Life* é um círculo, usando as ferramentas: Círculos, MAPAS e CAMINHOS (Toronto Canadá: Inclusion Press International, segunda edição, 2003).

10 Esta seção baseia-se fortemente em Roland Bunch, *Two Ears of Corn: A Guide to People-Centered Agricultural Improvement* [Duas espigas de milho: um guia para a melhoria agrícola centrada nas pessoas] (Oklahoma City, OK: World Neighbours, 1982), pp. 21–36.

11 Veja, por exemplo, Craig Blomberg, *Neither Poverty Nor Riches: A Biblical Theology of Material Possessions* [Nem pobreza nem riquezas: uma teologia bíblica de posses materiais] (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999).

12 Para uma discussão sobre a importância de interpretar textos individuais dentro do contexto da narrativa geral da Bíblia, ver Dan McCartney e Charles Clayton, *Let the Reader Understand: A Guide to Interpreting and Applying the Bible* [Deixe o leitor compreender: um guia para interpretar e aplicar a Bíblia] (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishers , 2002).

13 Blomberg, *Neither Poverty Nor Riches* [Nem pobreza nem riquezas], 209.

Capítulo 11

Em seus lugares, preparados, vão!

1 Heidi Unruh, *Ministry Inventory Guide: Assess Your Church's Ministry Capacity and Identity, from the Congregations, Community Outreach, and Leadership Development Project* [Guia de mapeamento do ministério: avalie a capacidade e identidade do ministério de sua igreja, desde as congregações, comunidade externa e projeto de desenvolvimento de liderança], 2007, disponível em www.urbansermons.org/f/ministry-inventory-guide-assess-your -churchsministry-capacity-and-identity.

2 Em particular, ver Nicol Turner, John L. McKnight e John P. Kretzmann, *A Guide to Mapping and Mobilizing the Associations in Local Neighborhoods* [Um guia para mapear e mobilizar as associações em bairros locais] (Evanston, IL: Instituto de Desenvolvimento Comunitário Baseado em Ativos da Northwestern University, 1999). Veja especialmente os capítulos 1–2.

3 Diaconal Ministries Canada, *Guidelines for Benevolence* [Diretrizes para a benevolência] (Burlington, Ontário: Diaconal Ministries Canada), disponível em www.diaconalministries.com/resources/pguidelines.html.

4 Em particular, ver Nicol Turner et al., *A Guide to Mapping and Mobilizing the Associations in Local Neighborhoods* [Um guia para mapear e mobilizar as associações em bairros locais]. Veja especialmente os capítulos 3–4.

5 Uma discussão mais abrangente sobre parcerias eficazes no contexto norte-americano pode ser encontrada em Ronald J. Sider, John M. Perkins, Wayne L. Gordon e F. Albert Tizon, Linking Arms, *Linking lives: How urban-suburban partnerships can transform communities* [Conectando vidas: como parcerias urbanas-suburbanas podem transformar comunidades] (Ada, MI: Baker Books, 2008).

6 Robert D. Lupton*, Compassion, Justice, and the Christian Life: Rethinking Ministry to the Poor* [Compaixão, justiça e a vida cristã: repensando o ministério para os pobres] (Ventura, CA: Regal Books, 2007), pp. 104–09.

7 Alguns leitores podem reconhecer isso como a ideia de "esferas de soberania" desenvolvida por Abraham Kuyper.

8 Para uma discussão útil sobre esse ponto, ver Tim Keller, *"The Gospel and the Poor"* [O evangelho e os pobres], Themelios, dezembro de 2008, p. 33 (2).

9 Esta história é adaptada de Brian Fikkert, *Proverbs 31 Women in Tribal Dress* [As mulheres de Provérbios 31 em vestimenta tribal], Mandato, *Chalmers Center for Economic Development*, 2007, n. 2.

10 Leitores interessados podem aprender mais sobre este notável ministério em Roy Mersland, *Innovations in Savings and Credit Groups—Evidence from Kenya* [Inovações em grupos de poupança e crédito - evidências do Quênia], Small Enterprise Development, "vol. 18, não. 1 de março de 2007, 50-56.

11 Todos esses princípios estão presentes no programa ASSET da *Chalmers Center* (*Advancing Stewardship, Social Enterprise and Training*). Para mais informações, acesse www.chalmers.org.

12 Werner Mischke, editor, *The Beauty of Partnership Study Guide* [Um guia de estudo da beleza da parceria], Edição Standard (Scottsdale, AZ: Mission One, 2010), disponível em www.beautyofpartnership.org.

13 Para mais sobre isso, veja Robert Chambers, *Whose Reality Counts? Putting the Last First* [Qual realidade conta? colocando o último em primeiro] (London, UK: Intermediate Technology Publications, 1997), pp. 154–56.

14 Francis Njoroge, Tulo Raistrick, Bill Crooks e Jackie Mouradian, *Umoja: Transforming Communities Facilitator's Guide and Co ordinator's Guide* [Umoja: transformando as comunidades Guia do facilitador e Guia do coordenador] (Teddington, Reino Unido: Tearfund, 2011), disponível em http://tilz.tearfund.org/Churches/Umoja.

15 Bérengère de Negri, Elizabeth Thomas, Aloys Ilinigumugabo, Ityai Muvandi e Gary Lewis,

Empowering Communities: Participatory Techniques For Community-Based Programme Development [Empoderando comunidades: técnicas participativas para programas de desenvolvimento comunitário], Volumes 1 e 2, Manual do Instrutor e Manual do Participante (Nairobi, Quênia: O Centro de Estudos da Família Africana, em colaboração com o Centro de Programas de Comunicação da Universidade Johns Hopkins e a Academia de Desenvolvimento Educacional, 1998), disponível em http://pcs.aed.org/empowering.

16 Veja Mersland, *Innovations in Savings and Credit Groups—Evidence from Kenya*. [Inovações em grupos de poupança e crédito - evidências do Quênia].

17 O Centro Chalmers está explorando um modelo semelhante na África Ocidental, embora com algumas modificações importantes, bem como em seu programa *ASSET* (*Advancing Stewardship, Social Entrepreneur and Training*). Vá para www.chalmers.org.

18 Veja Francis Njoroge *et al. Umoja: Transforming Communities Facilitator's Guide and Co-ordinator's Guide* [Umoja: transformando as comunidades Guia do facilitador e Guia do coordenador). Etapas 2-5 neste guia são particularmente relevantes para orientar o processo de organização da comunidade. Outras ferramentas úteis de APA podem ser encontradas em Jules N. Pretty, et al., Aprendizagem e ação participativa: um guia do instrutor.

Uma palavra final: o passo mais importante 1 Timothy Keller, *The Prodigal God: Recovering the Heart of the Christian Faith* (O Deus pródigo: recuperando o coração da fé cristã) (Nova York: Dutton, 2008), p. 104.

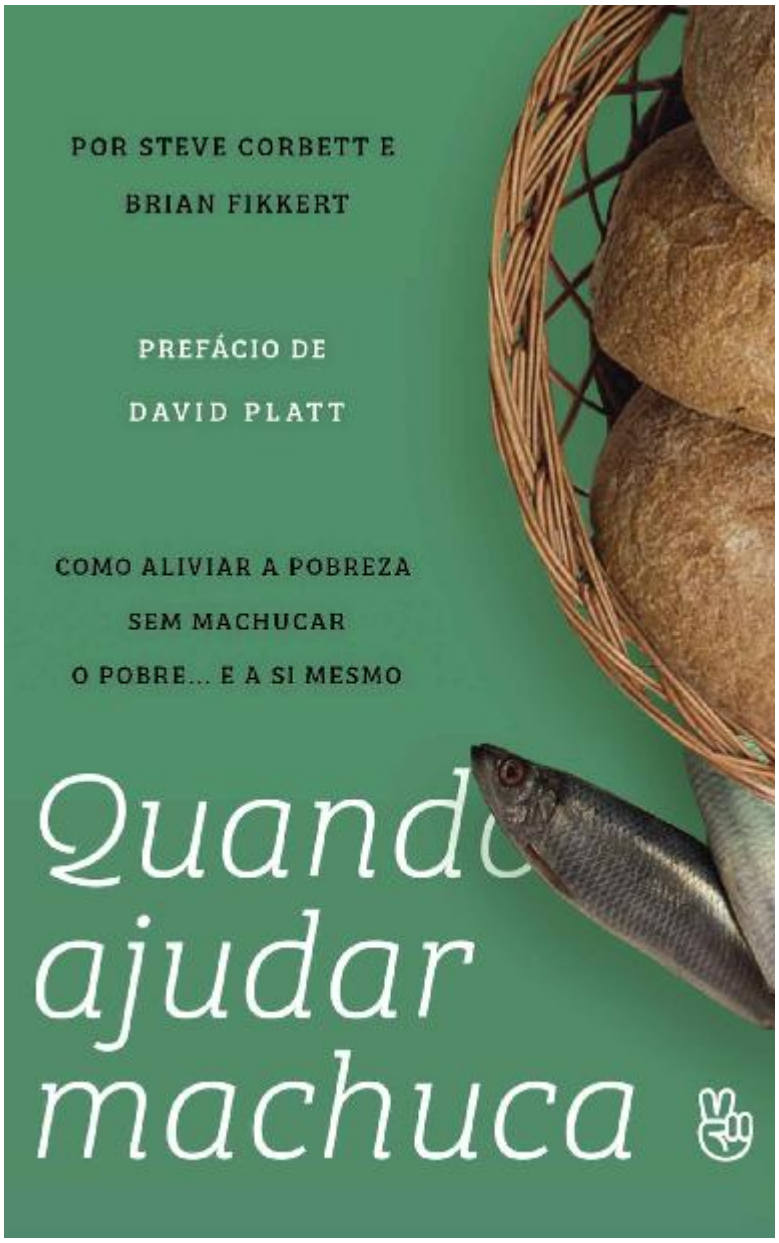
2 Ibid., 107, 132-33.

Apêndice

1 Esta seção baseia-se fortemente em Mike Green com Henry Moore e John O'Brien, *When People Care Enough to Act: ABCD in Action* [Quando as pessoas se importam o suficiente para agir: ABCD em ação] (Toronto, Ontario: Inclusion Press, 2006).

2 Ibid. 96–100 discute as qualidades de um bom organizador da comunidade.

3 Ibid. 102–04 descreve os principais elementos de uma conversa de aprendizado e fornece exemplos.


POR STEVE CORBETT E
BRIAN FIKKERT
PREFÁCIO DE
DAVID PLATT
COMO ALIVIAR A POBREZA
SEM MACHUCAR
O POBRE... E A SI MESMO
Quando
ajudar
machuca